

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

PATRÍCIA MATOS RODRIGUES

AMOR E SEXUAÇÃO:
DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO

RIO DE JANEIRO

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA PSICANALÍTICA

PATRÍCIA MATOS RODRIGUES

AMOR E SEXUAÇÃO:
DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção de título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos

RIO DE JANEIRO

2015

Rodrigues, Patrícia Matos

R696a Amor e Sexuação: do moderno ao contemporâneo /
Patrícia Matos Rodrigues. -- Rio de Janeiro, 2015.
223 f.

Orientadora: Tania Coelho dos Santos.

Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio
de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa de
Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica, 2015.

1. Amor. 2. Sexuação. 3. Gozo. 4. Semblante. 5.
Contemporaneidade. I. Coelho dos Santos, Tania,
orient. II. Título.

PATRÍCIA MATOS RODRIGUES

AMOR E SEXUAÇÃO:
DO MODERNO AO CONTEMPORÂNEO

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial à obtenção de título de Doutor em Teoria Psicanalítica.

Aprovada por:

Profa. Dra. Tania Coelho dos Santos – Orientadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Profa. Dra. Andréa Martello
Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

Dra. Maria Cristina da Cunha Antunes

Profa. Dra. Rita Maria Manso de Barros
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ

Profa. Dra. Rosa Guedes Lopes
Universidade Veiga de Almeida – UVA

Rio de Janeiro

2015

RESUMO

RODRIGUES, Patrícia Matos. **Amor e sexuação**: do moderno ao contemporâneo. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Essa pesquisa estuda os fundamentos do amor e da sexuação, a partir da psicanálise. Do moderno ao contemporâneo, de Freud a Lacan, as estruturas da sexuação revelam o gozo característico de cada sexo. A castração ultrapassa o entendimento acidental e instaura uma realidade lógica que origina a repartição sexual. O discurso analítico trata das relações amorosas e dos impasses sexuais. A análise deve levar cada um a inventar o saber relativo ao sexual. A psicanálise busca conjugar o saber e a verdade, a partir do axioma lacaniano “não há relação sexual”. A inexistência da relação sexual não impede a ligação amorosa. Ela é a condição para os relacionamentos. Na contemporaneidade, crescem os discursos que propõem a separação do corpo anatômico e da ordenação psíquica da sexualidade. Trata-se de uma nova moral sexual. A conclusão é que não é possível minimizar as consequências que advêm dessa disjunção. A responsabilidade é sempre sexual. Quando não há equivalência entre os sexos, encontramos o amor. A vacilação dos semblantes fez aumentar o mal-estar na vida amorosa. Há uma solidão generalizada. Os ideais de liberdade de desejo e de liberdade sexual fracassam. A tese propõe uma visão contra cultural. Questiona os discursos sociais pós-modernos. Defende que os semblantes não são apenas produtos culturais. Não acredita na validade de todo e qualquer semblante. Revela que a indiferenciação entre os sexos tem consequências na vida cotidiana. A pesquisa não compactua com o declínio científico na prática psicanalítica. O desejo de saber é um desejo científico. Ao final de uma análise, espera-se uma relação positiva com a castração, com o desejo, o amor e o gozo. Frente aos impasses do amor e da sexuação, há a possibilidade de estabelecer uma nova aliança com a vida e a satisfação. A aposta é que o analista na contemporaneidade deve se ocupar em resgatar os semblantes. Eles são necessários, indispensáveis e intransferíveis.

Palavras-chave: Amor. Sexuação. Gozo. Semblante. Contemporaneidade. Psicanálise. Freud. Lacan.

RESUMÉ

RODRIGUES, Patrícia Matos. *Amour et Sexuation: du moderne au contemporain*. Rio de Janeiro, 2015. Tese (Doutorado em Teoria Psicanalítica) – Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

Cette recherche étudie les fondements de l'amour et de la sexuation chez la psychanalyse. Du moderne au contemporain, de Freud à Lacan, les structures de la sexuation révèlent la jouissance caractéristique de chaque sexe. La castration dépasse la compréhension accidentelle et établit une réalité logique qui engendre la répartition sexuelle. Le discours analytique traite les relations amoureuses et les impasses sexuelles. L'analyse doit mener chacun à inventer le savoir en ce qui concerne le sexuel. La psychanalyse cherche à combiner la connaissance et la vérité, sur la base de l'axiome lacanien "il n'y a pas de rapport sexuel". L'inexistence du rapport sexuel ne empêche pas la liaison amoureuse. Cela est la condition pour les relations. À l'époque contemporaine, il croît les discours qui suggèrent la séparation entre corps anatomique et la organisation psychique de la sexualité. Il s'agit d'une nouvelle morale sexuelle. La conclusion est qu'on ne peut pas minimiser les conséquences en découlant de cette disjonction. La responsabilité est toujours sexuelle. Quand il n'y a pas d'équivalence entre les sexes, nous trouvons l'amour. La vacillation des semblants a augmenté le malaise dans la vie amoureuse. Il y a une solitude généralisée. Les idéaux de liberté de désir et de la liberté sexuelle échouent. La thèse propose une vision contre-culturelle. Elle remet en question les discours sociaux postmodernes. Soutient que les semblants ne sont pas seulement des produits culturels. Ne croit pas à la validité de ne importe quel semblant. Révèle que la indifférenciation entre les sexes a des conséquences dans la vie quotidienne. Cette recherche n'approuve pas le déclin scientifique dans la pratique psychanalytique. Le désir de savoir, c'est un désir scientifique. À la fin de l'analyse, on attend à un rapport positive avec la castration, avec le désir, l'amour et la jouissance. Face aux impasses de l'amour et de la sexuation, il y a la possibilité d'établir une nouvelle alliance avec la vie et la satisfaction. Le pari est que l'analyste dans la contemporanéité doit s'occuper de secourir les semblants. Ils sont nécessaires, essentiels et non-transférables.

Mots-clés: Amour. Sexuation. Jouissance. Semblant. Contemporanéité. Psychanalyse. Freud. Lacan.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	PARA LER FREUD	15
2.1	O SURGIMENTO DA PSICANÁLISE: a “limpeza de chaminé”	15
2.2	CASO DORA POR FREUD: “não pode haver fumaça sem fogo!”	19
2.3	A ERÓTICA DE FREUD	27
2.3.1	A fantasia masculina: “não quero nada de meu pai; devolver-lhe-ei tudo quanto gastou comigo”	28
2.3.2	O gozo masculino: quando amam não desejam e quando desejam não podem amar	30
2.3.3	A fantasia feminina: o pai é quem tem o direito ao amor da mulher	33
2.4	A ANATOMIA É O DESTINO: as consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos	34
2.5	A HERANÇA DO ÚTERO: a pequena mulher “vira mocinha” e torna-se mãe	40
2.6	A SEXUALIDADE FEMININA	42
2.7	O CARÁTER DE EXCEÇÃO	44
2.8	FEMINILIDADE	46
2.9	COMO TERMINAM AS ANÁLISES EM FREUD?: estamos “pregando ao vento?”	49
3	PARA LER FREUD COM LACAN	53
3.1	O PRIMEIRO ENSINO DE LACAN	56
3.1.1	O desejo do homem é o desejo do outro	57
3.1.2	O que é ser uma mulher?	61
3.1.3	Caso Dora por Lacan	63
3.1.4	Só se dá o que não se tem	66
3.1.5	<i>Penisneid</i>: um pequeno amargo na boca	70
3.1.6	Minha mãe tem e o meu vai crescer: a significação do falo	77
3.1.7	O que deseja uma mulher?	79

3.1.8	De que serve ser sábio em amor?	80
3.1.9	A mulher: mais verdadeira e mais real	82
3.2	O SEGUNDO ENSINO DE LACAN	87
3.2.1	Que valor tem para ti meu desejo?	88
3.2.2	Você nunca está satisfeita com nada	93
3.2.3	Ela reina e ele não governa	97
3.2.4	Por trás de um grande homem sempre existe uma grande mulher	98
3.2.5	Seja homem! ... Tenha modos!	101
3.2.6	Ela está lá à toda!	109
3.3	O TERCEIRO ENSINO DE LACAN	115
3.3.1	A lógica da escrita das fórmulas da sexuação	116
3.3.2	Não há responsabilidade senão sexual	119
3.4	A ANÁLISE TERMINÁVEL DE LACAN	120
4	PARA LER LACAN COM MILLER	123
4.1	A TEORIA DO PARCEIRO: “a assombração sabe para quem aparece!”	123
4.2	O PARCEIRO-DEVASTAÇÃO: “você me ama?”	134
4.3	A PARTILHA SEXUAL	135
4.4	O SILÊNCIO E A TAGARELICE	142
4.5	MULHERES E SEMBLANTES: A INQUILINA E A CAIXA-FORTE	144
4.6	LÓGICAS DA VIDA AMOROSA	148
4.7	A MULHER CONTEMPORÂNEA EXISTE?	153
4.8	O OSSO DA ANÁLISE É DURO DE ROER!	156
5	PARA LER FREUD, LACAN E MILLER COM AS ANALISTAS MULHERES	162
5.1	A VELHA MORAL SEXUAL: Freud explica!	163
5.1.1.	Maio de 1968	167

5.1.2	Quanto você vale para sua mãe?: a maior paixão da mulher	168
5.1.3	Uma Dora contemporânea	177
5.2	UMA NOVA MORAL SEXUAL: alguma coisa está fora da ordem...	185
5.2.1	Por que você não arruma namorado?	187
5.2.2	Filhos! Melhor não tê-los!? Mas se não tê-los, como sabê-los?	193
5.2.3	Procuram-se os homens	195
5.2.4	O amor no tempo em que “todo mundo dorme com todo mundo”	198
5.2.5	Esquecer a natureza?	202
5.2.6	Qualquer maneira de amor valerá?	204
5.3	O ANALISTA NA CONTEMPORANEIDADE	207
6	CONCLUSÃO: o analista quando “uma gata não consegue encontrar seus filhotes!”	211
	REFERÊNCIAS	217

Ao Flávio...

Ao Tiago...

... porque são as minhas razões para viver!

À vó Geni (*in memoriam*)...

À vó Wanda...

... porque são as minhas inspirações para viver!

Afinal, cada um tem suas próprias razões e inspirações para viver.

AGRADECIMENTOS

À Tania Coelho dos Santos: pela orientação na tese e na vida. Por seus passos fortes e firmes, por seu olhar lá na frente e pela generosidade com que transmite sua experiência teórica e clínica. Ainda, por dedicar grande parte de sua vida na formação de analistas.

Aos parceiros do ISEPOL: cada um, a seu modo, contribuiu na execução da pesquisa. Um livro, um texto, uma indicação, um sorriso, algumas palavras, os incentivos, os exemplos, o carinho e o entusiasmo. Em especial, à Fernanda Oliveira Queiroz de Paula: parceira de viagens, de desejos e revisora de parte do texto da tese. Ao Douglas Nunes Abreu: por tantas portas abertas e pelos empréstimos de textos e livros essenciais. À Lúcia Helena Cunha dos Santos: pela trajetória em comum e por minimizar algumas dificuldades nesses quatro anos de pesquisa. À Flávia Lana Garcia de Oliveira: pelo carinho e pela competência na tradução do resumo da tese. À Rosa Guedes Lopes, à Rachel Amim Freitas e à Fernanda Saboya Rodrigues Almendra: por sempre terem me acolhido com tanto carinho.

Às professoras Andréa Martello, Maria Cristina da Cunha Antunes, Rita Maria Manso de Barros e Rosa Guedes Lopes: pela competência e por participarem da banca examinadora.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica: pela aposta na qualificação e aprimoramento dos pesquisadores interessados na psicanálise.

Aos funcionários do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, Alice e José Luiz: pela disponibilidade nas orientações administrativas.

À CAPES: pelo fomento de parte da pesquisa.

AGRADECIMENTOS AFETIVOS

À minha mãe: pelo amor.

Ao meu pai: pelo incentivo.

Aos meus irmãos: pela amizade.

Ao meu marido: por não me deixar recuar, por compreender minhas ausências, por respeitar e incentivar meus caminhos, pelo seu amor e companheirismo.

Ao meu filho: por ter chegado na metade dessa pesquisa e tornado a vida mais alegre.

Aos meus sogros e à minha cunhada: pelo incentivo e pela presença confortante.

À Marilha: por me substituir tão bem e me proporcionar tranquilidade para pesquisar e trabalhar.

Aos poucos e bons amigos e aos familiares: pela torcida.

1 INTRODUÇÃO

Ao final da dissertação de mestrado, evoquei Freud para tratar da conclusão daquele momento de caminhada. Frente aos questionamentos que restavam, uma resposta me permitiu concluir.

Nossa resposta assemelha-se à resposta dada pelo Filósofo ao caminhante, na fábula de Esopo. Quando o caminhante perguntou quanto tempo teria de jornada, o Filósofo simplesmente respondeu ‘Caminha!’ e justificou sua resposta aparentemente inútil, com o pretexto de que precisava saber a amplitude do passo do caminhante antes de lhe poder dizer quanto tempo a viagem duraria.¹

Pois bem. É chegada a hora de um novo passo e de continuidade da jornada. Nesse reinício do percurso, evoco o amor. Diante do sentimento de desamparo humano (*Hilflosigkeit*), pesquisei três saídas nas obras freudianas: a religião, a ciência e a arte. Ao final, faltou o amor. Uma saída particular e permeada de mal-entendidos. A parceria amorosa e as vicissitudes próprias da sexuação. Seria o amor a quarta saída dos seres humanos frente ao desamparo freudiano e o real lacaniano? Essa é a pergunta que me fez caminhar, a partir daquele momento.

Frente a ela, outra indagação, dessa vez feita a Jacques Allain-Miller, me orienta: “A psicanálise ensina alguma coisa sobre o amor?”. “Muito!”²: é sua primeira resposta. A partir disso, surgem outras questões pertinentes ao tema, especialmente sobre a posição feminina frente ao amor. Aliás, a posição que permite verdadeiramente o amor, como veremos no decorrer desse trabalho.

Essa tese pretende abordar o gozo masculino a partir de sua correlação com o gozo feminino. Freud começou pela sexualidade masculina, uma vez que, por razões estruturais, é onde encontramos as condições de forma exemplar. Por parte dos homens, verificamos um automatismo do funcionamento de traços e sinais. Enquanto que da parte feminina, há mais enigma.

A partir de quais lugares baseio minha tese? Na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) realizei a minha formação acadêmica cujo ensino da psicanálise ocorre em conjunção com a transmissão da psicanálise e a formação do psicanalista. O objetivo dessa tese de doutorado é, portanto, a qualificação para o ensino, a melhoria da escrita e a extração da clínica cotidiana enquanto um campo de investigação e pesquisa. A orientação da tese é da

¹ FREUD, S. Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise) [1913] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1969, v. XII, p. 169-170.

² MILLER, J.A. Entrevista. In: **Psychologies Magazine**, n. 278, out. 2008.

Prof. Dra. Tania Coelho dos Santos, professora do Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica da UFRJ e presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana (ISEPOL). O princípio lacaniano que Coelho dos Santos veicula através do ISEPOL diz que o sujeito sobre o qual a psicanálise opera é o sujeito da ciência. Ela acredita em uma tênue relação de disjunção e conjunção entre o sujeito e a ciência. A clínica psicanalítica surgiu a partir do discurso da ciência: o corpo histérico, o sujeito do inconsciente, os novos sintomas e as novas identificações.

Coelho dos Santos acredita que o debate contínuo da prática psicanalítica com a ciência permite diferenciar “[...] o ponto de conjunção com a ciência que investiga, inventa e constrói o real, do ponto de disjunção da falsa ciência que apenas inventaria, padroniza, adapta e conforma.”³ Portanto, essas são as bases fundamentais da parte teórica e clínica dessa pesquisa de doutorado.

A presença da psicanálise na universidade e na cultura norteia o meu trajeto. A psicanálise compartilha com a ciência o saber de que o real é impossível porque não há a relação sexual. Há uma origem desconhecida do saber no gozo. Cabe ao psicanalista recolher as manifestações inconscientes desse desconhecimento. O analista opera com os atos falhos, com os chistes, os lapsos, os sonhos e com os sintomas. Por isso, “a formação do espírito científico é uma das condições da educação de um psicanalista capaz de ler o inconsciente como desvio, como *Witz*, como invenção do sentido, como sintoma que irrompe no saber estabelecido.”⁴

Coelho dos Santos propõe a distinção dos pensamentos de Freud e Lacan e a promoção da importância de um retorno a Freud. Sigo sua proposta de abordar os principais pontos do ensino de Lacan, a partir de sua referência a Freud, assim como distinguir o que surge enquanto sua conceitualização própria. Todavia, a referência a Freud é uma tônica constante. Essa orientação localiza a moral sexual da época freudiana dentro da modernidade. A modernidade foi um período influenciado pelo Iluminismo no qual o homem passou a se reconhecer como um ser autônomo e universal. Por meio da razão, ele atua sobre a natureza e a sociedade. No cenário contemporâneo, localizamos uma nova moral sexual. Em meu trabalho, utilizo Lacan, Jacques Alain-Miller e algumas analistas para interpretar a contemporaneidade. Aponto, especialmente, a vacilação da perspectiva da universalidade e

³ COELHO DOS SANTOS. A redução da lei à norma: efeitos sobre a singularidade dos corpos. In: **ASEPHallus**, ano 1, n. 1. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, nov. 2005-abr 2006. Disponível em <www.isepol.com/asephallus/numero_01/editorial.htm>. Acesso em: 14 jan. 2015.

⁴ **INSTITUTO SEPHORA DE ENSINO E PESQUISA DE ORIENTAÇÃO LACANIANA (ISEPOL)**. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.isepol.com/>. Acesso em: 13/12/2014.

dos papéis sexuais. A nova moral sexual contemporânea propaga a liberdade sexual, a liberdade de desejar e a multiplicação dos interesses e dos modos de gozo.

A partir de 2001, Jacques Alain-Miller orientou as pesquisas de Coelho dos Santos para que os diferentes momentos de teorização de Lacan fossem estabelecidos. “Consideramos o primeiro ensino de Lacan como sendo um movimento de interpretar, traduzir, ordenar e dar intelegibilidade conceitual à obra de Freud.”⁵ Portanto, essa também é a direção que sigo em meu trabalho. Durante a pesquisa, utilizei a divisão milleriana do ensino lacaniano para melhor apreensão dos diversos conceitos de interesse para meu tema.

O último ensino de Lacan ocupa um lugar de destaque em sua obra. Recortei suas principais noções para desenvolvê-las a partir do trabalho claro e esclarecedor de Miller. Este extraiu o último ensino lacaniano para construí-lo como uma teoria diferenciada do conjunto das obras anteriores. Se o primeiro Lacan ensinou a acentuar a função do simbólico na produção de um sujeito como gozo mortificado pelo significante, seu último ensino nos convida a tomar o significante como defesa contra a invasão do gozo, enfatizando sua potência vivificadora do corpo.⁶

A formação de psicanalistas e pesquisadores possibilita a transmissão dos fundamentos teóricos da psicanálise. Busco desenvolver na tese uma linguagem acessível que possa articular o conhecimento teórico com a renovação das práticas psicanalíticas. Há uma reparação constante nos fundamentos da prática psicanalítica e o profissional dessa área necessita do exercício da pesquisa. A pesquisa em psicanálise exige a atualização da experiência clínica através de ferramentas teóricas que possibilitem a abordagem das novas modalidades de sofrimento psíquico e de mal-estar.

Do moderno ao contemporâneo, me proponho a pensar os fundamentos do amor e da sexualização. No capítulo “Para ler Freud”, investigo o surgimento da psicanálise enquanto um novo campo de saber sobre o sexual. Trabalho a importância do caso clínico de Dora para o desenvolvimento da teoria psicanalítica. Categorizo a erótica freudiana mostrando o comportamento no amor e o gozo dissimétrico de homens e mulheres. Desenvolvo a expressão freudiana que afirma que a anatomia é um destino, a partir das consequências psíquicas oriundas da bipartição sexual. No que diz respeito à sexualidade feminina, busco as referências mais importantes sobre o que Freud nomeou de herança do útero e de feminilidade. Além disso, trabalho o caráter de exceção como um modo dominante de organização da

⁵ INSTITUTO SEPHORA DE ENSINO E PESQUISA DE ORIENTAÇÃO LACANIANA (ISEPOL). Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.isepol.com/>. Acesso em: 13/12/2014.

⁶ Ibid.

constituição subjetiva dos sujeitos contemporâneos. Por fim, debato o final de análise na perspectiva freudiana e a relação desse processo com o complexo de castração.

Em “Para ler Freud com Lacan”, acompanho a periodização proposta por Miller, que divide as obras lacanianas em três ensinamentos. Essa tábua de orientação percorreu da primeira formalização da sexualidade até o último ensinamento, englobando os anos de 1953 a 1980. O primeiro ensinamento de Lacan tem a forma de um seminário de textos de Freud. O principal desenvolvimento está centrado na afirmação de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem desde as obras freudianas. A sexualidade e o inconsciente mantêm uma relação de dependência com a linguagem. A linguagem é a condição do inconsciente. O discurso do Outro é o saber inconsciente.

No segundo ensinamento de Lacan, o autor desenvolve seus próprios termos e suas noções. Trabalho com as teses lacanianas que revelam o objeto causa de desejo em articulação com o inconsciente estruturado como a linguagem e a produção do sujeito de desejo. O terceiro ensinamento é considerado o seu ensinamento propriamente dito. O real se transformou na categoria fundamental. Lacan estabeleceu uma significantização do gozo. Reduziu o gozo ao seu semblante: ao falo enquanto significante da diferença sexual. Com isso, temos uma vivificação do corpo.

A seguir, no capítulo “Para ler Lacan com Miller”, indico que é preciso tomar Freud para ir além de Lacan. Essa é a perspectiva de Miller. Mostro como ele retoma o último ensinamento laciano, desenvolve questões relativas à partilha sexual e propõe a noção de parceiro-sintoma. A partir dessa proposição, a relação do sujeito no casal foi promovida ao seu papel central. A psicanálise surge como aquela que deve se ocupar da recomposição subjetiva do casal frente a uma contemporaneidade que vive a perda dos ideais.

Por fim, em “Para ler com as analistas mulheres”, convoco as analistas mulheres para desenvolver os aspectos do amor e da sexualidade. Propus desvendar a relação feminina enigmática com o gozo. São elas que, fundamentalmente, se preocupam com a sexualidade, o amor, o desejo e o gozo. Localizei aquelas que considero as mais geniais e que possuem uma capacidade incomum de estabelecer a articulação teórico-clínica no campo da psicanálise. Tania Coelho dos Santos, Dominique Laurent, Esthela Solano Suárez, Marie-Hélène Brousse, Maria Cristina da Cunha Antunes, Judith Miller e Márcia Zucchi falam sobre a antiga e a nova moral sexual. Na primeira parte, trabalho a partir de ideias que são mais centradas na clássica teorização psicanalítica. Posteriormente, alcanço a discussão que as analistas fazem sobre os novos laços sociais e os sintomas mais contemporâneos.

Então, seguindo a orientação do filósofo da fábula de Esopo: caminhemos! Nessa tese, minha pretensão é o desenvolvimento da formação analítica. O maior objetivo pode ser resumido com um ideal encontrado no direcionamento que Coelho dos Santos oferece aos analistas em formação no ISEPOL: “retomar o discurso analítico com novos parceiros e novos custos.”⁷

⁷ INSTITUTO SEPHORA DE ENSINO E PESQUISA DE ORIENTAÇÃO LACANIANA (ISEPOL). Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.isepol.com/>. Acesso em: 13/12/2014.

2 PARA LER FREUD

Quem poderia apresentar melhor Freud do que ele mesmo? Iniciaremos com uma descrição excessivamente humilde, porém interessante do próprio autor:

Você com frequência me superestima, pois não sou realmente um homem de ciência, nem um observador, nem um experimentador, e nem um pensador. Não sou nada além de, por temperamento, um conquistador – um aventureiro, se você quiser traduzir a palavra – com a curiosidade, a audácia e a tenacidade próprias desse tipo de ser. Essas pessoas são tidas em alta conta caso sejam bem-sucedidas, caso tenham realmente descoberto algo; em outras circunstâncias, são postas de lado. E isso não é inteiramente injusto.⁸

Falas como essas de Freud nos revelam que ele, por muitas vezes, ainda não havia alcançado a grandeza do caráter científico de seu trabalho. Em outros momentos, ele nos revela certa ingenuidade e surpresa em suas expectativas a respeito da recepção que suas descobertas sobre as causas sexuais da neurose tiveram entre os colegas.

De início não percebi a natureza singular do que descobrira. [...] Tratei minhas descobertas como contribuições comuns à ciência e esperei ser recebido com o mesmo espírito. Mas o silêncio com que minhas comunicações foram recebidas, o vácuo que se formou em torno de mim, as insinuações que me chegaram fizeram-me pouco a pouco compreender que não se pode esperar que concepções sobre o papel desempenhado pela sexualidade na etiologia das neuroses tenham a mesma receptividade que outras comunicações. Compreendi que a partir de então eu fazia parte daqueles que haviam ‘perturbado o mundo’ [...]. Concluí que fora meu destino descobrir relações particularmente importantes e estava preparado para aceitar o destino que algumas vezes acompanha tais descobertas.⁹

Freud foi realmente um dos homens que perturbaram o mundo. Ele marcou a história da humanidade, ao apresentar suas ideias marcadas por uma reflexão teórica própria e precisa. Sua maior importância, conforme desenvolveremos a seguir, consistiu no fato de ter revelado uma dimensão da mente que determina os caminhos dos sujeitos. Esses caminhos são movimentados por um motor inconsciente que não reflete apenas a espontaneidade interior, mas também as marcas da tradição e da cultura.

2.1 O SURGIMENTO DA PSICANÁLISE: a “limpeza de chaminé”

O neurologista Freud fundou a psicanálise enquanto um novo campo de saber. Esse campo de saber inédito não deriva da psiquiatria, nem da psicologia e sim da descoberta da causa sexual da neurose. As possibilidades para tal criação foram precipitadas por uma

⁸ JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989, p. 349.

⁹ Ibid., p. 277.

contingência que marca significativamente o início da psicanálise, a saber: o encontro com Breuer e sua paciente Anna O.

Em dezembro de 1880, Breuer começou a tratar de Bertha Pappenheim, uma paciente que ele consagrou sob o pseudônimo de Anna O. Breuer ocupou-se dela por um ano e meio e em 1882, pela primeira vez, falou dela com Freud. Esse é o caso fundador da psicanálise. Freud atribuiu o caso a Breuer, mas, certamente, foi ele quem levou adiante as ideias aprendidas com Anna O. com mais persistência e curiosidade.

Ele tentou ainda sensibilizar o colega médico Charcot para os sintomas histéricos recolhidos através do caso, mas este mostrou desinteresse pelo assunto. Obstinado e questionador dos efeitos da hipnose, Freud retomou com Breuer a investigação sobre o caso. A maior virtude desse encontro contingente com Anna O. esteve no fato de que ela inventou a técnica psicanalítica. Ela nomeou o procedimento do seu tratamento como “cura pela fala” ou “limpeza de chaminé”. A associação livre surgiu como um método catártico que despertava lembranças inconscientes importantes e liberava pensamentos e emoções recalçadas.¹⁰

Anna O. adoeceu aos 21 anos, após a doença do pai, a quem ela era muito dedicada. Durante os meses nos quais cuidou dele, ela passou a apresentar diversos sintomas de incapacidade. Entre eles, a falta de apetite e uma tosse nervosa. Posteriormente, o quadro se agravou e ela manifestou um estrabismo convergente, dores de cabeça, agitação, perturbações da visão, paralisias parciais e perda de sensibilidade. Com o estado terminal do pai e seu consequente falecimento, seus sintomas ficaram ainda mais intensos: lapsos mentais, sonolência, alterações de ânimo, alucinações com cobras, caveiras e esqueletos e dificuldades na fala.¹¹

A passagem mais importante do tratamento pode ser localizada em um sintoma de hidrofobia – não conseguir beber água – em Anna O. Breuer relatou a Freud que, sob hipnose, ela teve a lembrança de que havia flagrado sua dama de companhia oferecendo água a um cachorro no copo e este episódio lhe provocou nojo. Após essa lembrança, a hidrofobia desapareceu e Breuer passou a adotar esse método como tratamento. Anna O. apresentou uma considerável melhora e se tornou uma ativista social pioneira que liderava causas feministas e organizações de mulheres judias.¹²

¹⁰ FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria [1893]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. II, p. 73.

¹¹ *Ibid.*, p. 65.

¹² GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 76.

Não pretendemos analisar o caso de Anna O. em sua profundidade, mas sim recuperá-lo para ressaltar que foi através do aprendizado com ele que Freud pôde recolher os ensinamentos da catarse e se libertar do método hipnótico. O que Freud recolheu de toda a experiência com a paciente de Breuer foi que a cura pela fala demandava que se falasse para um outro. E, mais essencial ainda, é que esse outro ocupa um lugar de cunho amoroso.

Este ensinamento derivou da relação de enamoramento de Anna O. por Breuer. Ela apresentou um quadro de gravidez histérica. Esse episódio foi retomado por Freud somente alguns anos depois, em 1932, quando ele escreve uma carta para o escritor Stefan Zweig na qual relatava um fato que Breuer lhe havia confidenciado:

No fim do dia em que todos os seus sintomas haviam sido postos sob controle, ele foi novamente chamado até ela, encontrou-a perturbada, contorcendo-se com câimbras abdominais. Ao ser indagada sobre o que se passava, ela respondeu: ‘Está chegando o filho do Dr. B.’¹³.

Este episódio provocou o afastamento de Breuer do caso. Freud declarou que o colega tinha nas mãos a chave do caso, mas que a deixara cair. Breuer sentiu-se desconcertado e encaminhou a paciente para uma colega. Freud recolheu essas considerações para pensar sobre a causa sexual das neuroses e levar adiante sua hipótese sobre as fantasias e os desejos inconscientes em jogo no processo analítico. Posteriormente, ele chamará esse processo de enamoramento de transferência.

Depois de despertado o interesse pela histeria, através de Anna O., Freud dizia que passou a usar a hipnose de outra maneira, ou seja, falava do método catártico.¹⁴ O caso de Frau Emmy von N. foi o primeiro no qual Freud afirmou ter utilizado de forma extensa o novo método de catarse. Em 1892, ele tratou de Fräulein Elisabeth von R. e caracterizou essa como a sua primeira análise completa de uma histeria. No fim desse mesmo ano, ele também iniciou o tratamento de Miss Lucy R. Houve ainda o trabalho com Katharina, porém a esse não foi designada nenhuma data. Todos esses casos clínicos foram publicados por Freud sob o título “Estudos sobre a Histeria”.¹⁵

O que nos relata não é simplesmente a história da superação de uma sucessão de obstáculos; é a história da descoberta de uma sucessão de obstáculos que têm de ser

¹³ GAY, Peter. **Freud**: uma vida para nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 77.

¹⁴ FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria [1893]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. II, p. 16.

¹⁵ *Ibid.*, p. 16-17.

superados. A própria paciente Anna O., de Breuer, demonstrou e superou o primeiro desses obstáculos – a amnésia característica da paciente histérica.¹⁶

Freud pôde deduzir a hipótese do inconsciente e, paulatinamente, se desligar do método da hipnose. Cada vez mais, ele praticava o método da associação livre. Ao final de “Estudos sobre a Histeria”, ele começava a reconhecer a transferência que, futuramente, passaria a ser um instrumento importante da técnica analítica, como veremos, a seguir, na análise mais profunda do caso Dora.

Podemos resumir as primeiras ideias psicanalíticas sobre a histeria em uma frase: “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências.”¹⁷ Breuer e Freud sustentaram, inicialmente, que nos pacientes histéricos a emoção não é descarregada e formava uma lembrança que ficava isolada da consciência. Depois, a lembrança emotiva era manifestada através dos sintomas histéricos que funcionavam como símbolos dessa lembrança recalçada.¹⁸

As experiências traumáticas derivavam sua força patogênica de grandes quantidades de excitação que ficavam recalçadas. Por outro lado, Freud e Breuer entendiam que havia a necessidade do organismo em manter uma relação de constância da quantidade de excitação. Breuer chamava esse mecanismo de princípio de constância. Podemos localizar nesse trabalho introdutório uma concepção dinâmica dos processos mentais.¹⁹

Breuer e Freud acabaram se afastando depois desse primeiro trabalho em conjunto. Algumas divergências os levaram a isso, mas, especialmente, uma posição vacilante e hesitante de Breuer em relação às suas próprias descobertas. Em uma carta a Fliess, de 8 de novembro de 1895, cerca de seis meses após a publicação de “Estudos sobre a Histeria”, Freud desabafou:

Não há muito, Breuer fez um longo discurso a meu respeito no *Doktorenkollegium*, no qual anunciou sua conversão à crença na etiologia sexual das neuroses. Quando chamei-o de lado para agradecer-lhe, ele destruiu meu prazer dizendo: ‘Ainda assim não creio nisso’. Você pode compreender isso? Eu não posso.²⁰

No entanto, a decepção não impediu Freud de prosseguir e até mesmo de reconhecer a importância de Breuer para a invenção da psicanálise. Após a morte de Breuer, ele declarou: “na época em que ele ficou sob a minha influência e estava elaborando os “Estudos” para

¹⁶ FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria [1893]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. II, p. 23.

¹⁷ Ibid., p. 48.

¹⁸ Ibid., p. 25.

¹⁹ Ibid., p. 27.

²⁰ Ibid., p. 34.

publicação, seu julgamento do significado da obra parecia estar confirmado. Creio que esta é a coisa mais importante que nós dois temos a dar ao mundo”²¹.

Freud superou essa tarefa inicial e produziu considerações e concepções ainda melhores e mais significativas. Seguiremos em busca desses desdobramentos, sem esquecermos que, para Freud, começar com os “Estudos sobre a Histeria” sempre foi seguir o caminho que ele mesmo trilhou.²²

O próximo passo que daremos com Freud será no caso Dora. Se, nesse primeiro momento, tratamos da “limpeza da chaminé”, veremos que o inventor da psicanálise seguiu com esse significante, ao dizer a seus pacientes, e isso retorna especialmente para Dora, que “onde há fumaça, há fogo”.

2.2 CASO DORA POR FREUD: “não pode haver fumaça sem fogo!”²³

Freud escreveu a maior parte de seu trabalho “Fragmento da análise de um caso de histeria” em 1901, porém ele foi realmente publicado em 1905. Trata-se de uma obra na qual ele registrou o caso clínico que ficou conhecido como caso Dora. Foi o primeiro e o mais controverso dos casos de Freud – Hans, Homem dos Ratos, Schreber e Homem dos Lobos vieram depois.

Neste trabalho, as ideias sobre a sexualidade, por muito tempo dispersas, começavam a constituir uma teoria mais abrangente. Antes disso, em 1895 e 1896, Freud publicou, respectivamente, “Estudos sobre a Histeria”, como vimos, e “A Etiologia da Histeria”. Ele reconhecia sua tentativa de estudar o mecanismo sobre o qual a histeria se desenvolvia, mas assumia que precisava fundamentar os conceitos anteriormente apresentados. Ele se propunha, ao analisar o caso Dora, a compreender os processos psíquicos da histeria e a resolução de sintomas histéricos, além de traçar sua base sexual e orgânica determinante. Passaremos para uma breve apresentação e sistematização do caso clínico.

DURAÇÃO DO TRATAMENTO: Dora se tratou com Freud durante três meses e tinha, na época, dezoito anos.

ROMANCE FAMILIAR: A família de Dora estava organizada da seguinte forma:

²¹ FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria [1893]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. II, p. 36.

²² Ibid., p. 39.

²³ FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria [1905 [1901]]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII, p. 70.

1 – Pai: figura dominante na cena familiar, com cerca de cinquenta anos, industrial próspero e inteligente. Ele apresentava um quadro de tuberculose e a visão prejudicada por conta de um descolamento de retina. Ele havia sido paciente de Freud em decorrência de uma crise confusional seguida de sintomas de paralisia e ligeiras perturbações mentais. Freud o diagnosticara como portador de uma doença vascular difusa somada a sequelas de uma infecção sifilítica que contraíra antes do casamento. Em razão desse primeiro contato, quando a filha adoece, seis anos mais tarde, ele procurou pelo médico. Freud ressaltou que Dora demonstrava uma afeição grande pelo pai, principalmente, devido a seu quadro delicado e frágil oriundo das doenças graves que o afligiam.

2 – Mãe: Freud só a conheceu através dos relatos de Dora e de seu pai. Destes, ele recolhia que ela era fútil e inculta. Apreendeu que ela era uma dona de casa fanática e obsessiva, especialmente depois que o marido adoeceu. Ele nomeou o fenômeno de “psicose doméstica”. É marcante o fato de que ela se colocou como alheia ao quadro de doenças do marido e também da vida dos filhos. Em função disso, Dora não tinha uma relação de amizade com a mãe e a criticava severamente. A relação das duas piorava quando a mãe queria envolver Dora nos trabalhos e cuidados da casa.

3 – Irmão: único irmão e era mais velho que Dora cerca de um ano e meio. Em sua infância, Dora tinha o irmão como um modelo, mas, quando conversou com Freud, relatou que, nos últimos anos, mantinha relações tensas e distantes com ele. Outro fato relevante da dinâmica familiar estava no fato de que o irmão sempre tomava o lado da mãe nas discussões familiares, assim como Dora ficava do lado do pai.²⁴

Após a apresentação da configuração familiar de Dora, podemos traçar um panorama do que chamaremos de sua neurose infantil.

NEUROSE INFANTIL: Aos oito anos, ela começou a apresentar seus primeiros sintomas neuróticos: uma dispneia crônica – dificuldade de respirar – com o agravamento do quadro em algumas ocasiões. É relevante dizer que o primeiro episódio da crise aconteceu após um passeio nas montanhas. Este fato será analisado por Freud e o desenvolveremos no decorrer dessa sistematização. No momento em que ela foi tratada por outro médico, ele atribuiu a dispneia ao cansaço. Aos doze anos, ela sentiu fortes dores de cabeça unilaterais, nos moldes de uma enxaqueca, além de acessos de tosse nervosa. Notamos que esses sintomas se

²⁴ FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria [1905 [1901]]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII, p. 18-19.

precipitaram juntamente com a aproximação da adolescência. A enxaqueca desapareceu aos dezesseis anos. Porém, a tosse nervosa continuou como um sintoma perturbador que a deixava completamente sem voz. Depois de descrita a neurose infantil, passemos agora para o motivo que levou Dora, finalmente, ao encontro de Freud.

MOTIVO QUE ORIGINOU O TRATAMENTO: Os pais de Dora encontraram uma carta de despedida na qual ela dizia não suportar mais a sua vida. Apesar do pai não acreditar na seriedade da intenção suicida da filha, ele ficou muito abalado. Durante uma conversa, ela apresentou uma crise de perda de consciência e o pai a obrigou a se consultar com Freud.²⁵

Estabelecemos um primeiro quadro do caso clínico que nos revela a duração do tratamento, a estrutura familiar, a neurose infantil e o acontecimento que originou o tratamento. Freud dizia que era um caso comum de neurose histérica – uma “*petite hysterie*.”²⁶ No entanto, com o surgimento de algumas revelações do pai de Dora, emergiram tramas subjetivas que justificavam os sintomas histéricos de Dora. Seguimos com o relato do pai de Dora, que ocorreu antes que Dora e Freud pudessem conversar.

RELATO DO PAI DE DORA: O pai contou a Freud que ele e a família, especialmente Dora, tinham uma grande amizade com os membros da família K – Frau K. e Herr K., que chamaremos de Sra. K. e Sr. K. A Sra. K. cuidou do pai de Dora durante uma de suas graves doenças e esta, por sua vez, se ocupava dos dois filhos pequenos da família K. O Sr. K. dedicava uma grande atenção a Dora, passeava com ela e a presenteava. Tal fato era visto como natural pelos pais de Dora e justificado na relação de gratidão que havia entre as famílias. Quando Dora estava com dezesseis anos, durante umas férias de verão, ela contou à sua mãe que o Sr. K. havia-lhe feito uma proposta amorosa, durante um passeio no lago. Ao ser acusado, o Sr. K. negou o fato e explicou que a Sra. K. havia contado a ele que Dora se interessava por assuntos sexuais e que devia ter se excitado com livros que lhe despertaram a imaginação da cena do lago.²⁷ O pai de Dora acreditou que o episódio era uma fantasia dela, mas não desconsiderava que ele tivesse profunda relação com os sintomas da filha. Ela pedia que o pai rompesse a amizade com os K., mas ele se negava devido ao sentimento de gratidão que os enlaçava. Ele relata ainda que a Sra. K. era infeliz com o marido e que ele próprio não tinha maior consideração pelo Sr. K. No entanto, confidenciou a Freud que a relação não passava de amizade, uma vez que ele não gozava de boa saúde. Freud decidiu adiar seu

²⁵ FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria [1905 [1901]]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v.VII, p. 21.

²⁶ *Ibid.*, p. 21.

²⁷ Nessas férias de verão, Dora lia “Fisiologia do Amor”, de Mantegazza.

juízo até obter as revelações de Dora. A espera foi importante. Passemos ao relato que Dora faz a Freud.

RELATO DE DORA: Dora relatou a Freud que, aos quatorze anos, o Sr. K. agarrou-a e beijou-a. Ela revelou ter sentido repugnância e fugido, momentaneamente, dele. Depois disso, ela passou um pequeno período se alimentando mal e com aversão pelos alimentos. Também relatou uma alucinação sensorial em que dizia sentir a pressão do abraço do Sr. K. Outro sintoma foi a evitação de ver qualquer homem conversando de maneira carinhosa com uma mulher.²⁸

Dora também disse a Freud que estava certa de que seu pai e a Sra. K mantinham um caso de amor. Relatou uma série de acontecimentos que justificavam sua convicção acerca desse relacionamento amoroso. Para ela, seu pai a entregava como prêmio ao Sr. K por este fazer vista grossa ao relacionamento entre seu pai e a Sra. K. Com isso, ela justificava a difícil relação com seu pai, nos últimos tempos.

Outro fato mencionado por Dora diz respeito a não acreditar que o pai fosse tão doente e frágil como demonstrava. Ela também percebia que a Sra. K. caía doente sempre que seu marido retornava de viagem, a fim de evitar as relações sexuais entre eles. Dora relatou a cena do lago na qual o Sr. K. diz: “você sabe que nada recebo de minha mulher” e ela não o deixa terminar, pois o esbofeteia.²⁹

Confidenciou ainda que a governanta que cuidava dos filhos dos K. havia lhe contado que o Sr. K. fizera-lhe propostas amorosas e que ela se entregara a ele. Ele dizia à governanta que nada recebia de sua esposa, assim como falou à Dora. No entanto, depois disso, ele não quis mais saber da jovem e ela pediu demissão do emprego. Depois de recordarmos os pontos mais importantes deste caso clínico, passaremos a recensear as interpretações simbólicas. Estas são as construções de Freud a partir da elaboração do caso clínico.

INTERPRETAÇÕES SIMBÓLICAS DE FREUD PARA O CASO:

1 – SOBRE A CENA DO BEIJO: Freud analisou o comportamento de Dora como uma inversão de afeto associada a um deslocamento da sensação. De acordo com ele, frente a uma situação que deveria ter despertado na jovem a excitação sexual e a sensação genital, ela apresentou nojo e repugnância. Ele definiu os três sintomas de Dora – repugnância, alucinação sensorial e evitação de homens em conversa afetuosa com mulheres – como sintomas que tinham como causa, respectivamente, a repressão na zona erógena oral, um

²⁸ FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria [1905 [1901]]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII, p. 27.

²⁹ *Ibid.*, p. 96.

deslocamento da excitação clitoridiana e uma fobia que a protegia da percepção recalçada. Para ele, portanto, era uma cena histórica.

2 – SOBRE O ROMANCE DO PAI DE DORA E DA SRA. K: Freud disse que não havia, frente a tantas evidências apresentadas por Dora, como não acreditar que o romance era verdadeiro. Para ele, o pai de Dora e o Sr. K. eram coniventes com a situação porque não queriam ser perturbados em seus planos, respectivamente, com a Sra. K e com a Dora. No entanto, ele também argumentou que, ao descobrir a verdade desse caso ilícito, Dora se tornou cúmplice. Antes da cena do lago, ela realizou muitas manobras para auxiliar o pai e a Sra. K. a esconderem o caso amoroso, inclusive cuidando dos filhos da família K. Outro fato relevante é que Dora foi alertada sobre o que acontecia por uma governanta de sua família, mas não podia acreditar naquela mulher. Dora preferiu afirmar que a governanta era apaixonada por seu pai – o que parecia verdade – e, por isso, inventava tais histórias. Freud observou que a governanta e Dora faziam a mesma coisa: se ocupavam dos filhos para terem acesso aos pais. Assim como a governanta era apaixonada pelo pai de Dora, Freud admitiu que esta também estivesse apaixonada pelo Sr. K. Apesar das evidências, Dora negou tal fato, quando Freud lhe comunicou esta interpretação.

3 – SOBRE OS SINTOMAS DE DORA: Freud propôs que, assim como seu pai e a Sra. K., Dora usava, desde a infância, as suas próprias doenças para demonstrar seus afetos. Sobre os acessos de tosse e a afonia, ele fez as seguintes perguntas:

- Qual a duração média de seus acessos de tosse?
- De três a seis semanas.
- Quanto tempo duravam as ausências do Sr. K.?
- De três a seis semanas também.³⁰

Ele concluiu que ela adoecia quando ele estava ausente e melhorava quando ele voltava, em oposição ao movimento que a Sra. K. fazia com relação ao marido. A afonia de Dora admitia a seguinte interpretação simbólica: quando o homem que ela amava estava ausente, ela renunciava à fala. A palavra perdia o valor, na medida em que ela não podia falar com ele. Por outro lado, a escrita ganhava importância. Era o único meio de comunicação com ele em sua ausência.³¹

Quanto ao uso da doença para conseguir alguns benefícios, Freud também disse a Dora que ela usava os desmaios, as crises de consciência e a simulação do suicídio como

³⁰ FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria [1905 [1901]]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII, p. 37.

³¹ Ibid., p. 38.

forma de conseguir que seu pai se afastasse da Sra. K.³² Outra explicação de Freud para as tosse de Dora foi localizada em suas falas contraditórias de que seu pai era “um homem de posses” (dinheiro) e, por outro lado, “um homem sem recursos” (impotente). Frente ao questionamento dessa contradição, Freud recebe dela a resposta de que sabia que havia entre homens e mulheres a satisfação sexual através do sexo oral. Ele associou que eram precisamente as partes da garganta e da boca que ficavam irritadas em seus sintomas. Segundo ele, as tosse cessaram depois dessa interpretação.³³

Freud considerava que Dora agia com seu pai como se estivesse no lugar de esposa. A reação dela seria esperada vinda de sua mãe, e não dela. Ele interpretou que Dora tinha sido bastante apaixonada pelo pai em sua infância. Acreditava que esse sentimento fora reavivado, de forma exagerada, quando precisou recalcar a paixão pelo Sr. K. Isso fez com que ela se tornasse uma mulher muito ciumenta.³⁴

Ele interpretou também que a jovem realizava uma espécie de supradeterminação: uma complicação de motivos que se acumulavam e se uniam nas atividades mentais. Em especial, ele acreditava que a moça nutria um sentimento de ciúme também pela Sra.K. Ele indicou que isso dizia respeito a uma corrente homossexual comum em meninas na puberdade e que é precursora da paixão por um homem. Ele supunha que Dora, além de ser apaixonada pelo Sr. K., também era apaixonada pela Sra. K., de uma forma mais profunda e inconsciente.³⁵ Surge a questão: qual era a verdadeira origem da relação de Dora com a Sra. K? Veremos como esse questionamento é importante no desenvolvimento sexual de Dora e quais as contribuições que Lacan propiciou ao caso clínico. Analisaremos, do ponto de vista de Lacan, o caso Dora, no próximo capítulo.

Freud também analisou um primeiro sonho de Dora no qual concluiu que a moça amava o Sr. K. e que tinha muito desejo de se entregar a ele.³⁶ No entanto, não analisaremos o sonho inteiramente a fim de que o relato não se prolongue mais do que o necessário para a introdução das ideias freudianas sobre a mulher e a histeria. Para ele, duas perguntas se colocaram como importantes no início do desenvolvimento de sua teoria sobre a histeria. São

³² FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria [1905 [1901]]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII, p. 43.

³³ Ibid., p. 45.

³⁴ Ibid., p. 53.

³⁵ Ibid., p. 59-60.

³⁶ Ibid., p. 61.

elas: “O caso de Dora deve ser encarado como etiologicamente típico?”; “Representa ele a única espécie de causalidade?”³⁷

SOBRE A CENA DO LAGO: Freud analisou que a bofetada que Dora deu no Sr. K. não significava uma negativa. Era uma cena de ciúmes relativa ao caso que ela sabia que ele tivera com a governanta. Nas palavras de Freud: “Já que me tratou como a uma criada, não farei mais caso de você, seguirei meu próprio caminho e não me casarei.”³⁸ Ele acreditava que Dora, ainda que de forma inconsciente, continuava amando o Sr. K.

Depois desse percurso, perguntamos o que Dora ensinou a Freud sobre as histéricas. Levantaremos algumas conclusões de Freud ao longo do processo de escrita do caso clínico. Inclusive, procuraremos abordar o fracasso do caso como um fator de extrema importância para o desenvolvimento dos estudos psicanalíticos.

O QUE O CASO DORA ENSINOU A FREUD SOBRE AS HISTÉRICAS? A primeira conclusão de Freud sobre o quadro histérico foi a existência de uma grande relação entre os sintomas apresentados e o corpo das mulheres. Para ele, a repetição de uma submissão somática³⁹ é uma característica do sintoma histérico. Tal repetição demonstra que há um significado psíquico e que ele é diferente em cada caso. A decifração do sintoma pode ocorrer ao buscar sua significação psíquica.⁴⁰

Outra conclusão de Freud diz respeito ao ganho secundário das histéricas. Os sintomas histéricos frequentemente revelam que há, de forma secundária, um apelo para a obtenção de alguma vantagem. Eles são endereçados a alguém. De acordo com Freud, toda doença neurótica – cair doente – envolve uma economia de esforço psíquico. A fuga para a doença seria um ganho primário que apresenta também seus ganhos secundários.⁴¹

Freud ressaltou que não havia a necessidade de que os vários significados de um sintoma histérico fossem compatíveis uns com os outros. Muitas vezes, um único sintoma histérico expressa diversos significados simultaneamente. O autor recuperava o significado que deu, em seus escritos anteriores, à palavra conversão. Nesse momento, ele podia traduzir a conversão como uma excitação puramente psíquica em termos físicos.⁴²

Segundo o analista, um pensamento era excessiva e intensamente consciente ao passo que sua contrapartida era recalcada e inconsciente. A negativa de um paciente quando um

³⁷ FREUD, S. Fragmento da análise de um caso de histeria [1905 [1901]]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII, p. 78.

³⁸ Ibid., p. 107.

³⁹ Termo pouco usado por Freud em suas obras e que revela a relação da histeria com os órgãos do corpo.

⁴⁰ Ibid., p. 38.

⁴¹ Ibid., p. 40-41.

⁴² Ibid., p. 51.

conteúdo inconsciente lhe é apresentado à sua percepção consciente tem relação com a força e a severidade do recalque. Ele confirmou sua hipótese sobre a interpretação dos sonhos com Dora. Concluiu que os sonhos dela eram também um desejo representado como satisfeito e que, como na maioria dos casos, havia uma ligação com a infância.⁴³

O fracasso do caso Dora foi decisivo para a história da psicanálise. Dizemos fracasso porque a jovem abandonou a análise no momento em que Freud tinha expectativas de um tratamento mais longo e que fosse finalizado. Frente a essa decepção, ele buscou explicações para o caso que permitiram avanços na técnica psicanalítica. Entre esses progressos, ele trabalhou, especialmente, o conceito de transferência.

A maior peculiaridade do caso de Dora está no fato de que Freud não dominou a transferência antes que ela pudesse interromper o processo. Para o inventor da psicanálise, era evidente que, inicialmente, ele ocupava o lugar do pai na imaginação dela. Ele relatou que deveria ter se atentado para o aviso que havia em seu primeiro sonho. Acreditava que, através desse sonho, ela dizia que abandonaria o tratamento, assim como deixou a casa dos K. Mas ele concluiu, posteriormente, que julgou que ainda teria muito tempo e também bastante material de análise. Ele considerou que a transferência o apanhou desprevenido.

Devido ao que havia de desconhecido em mim que a fazia lembrar-se de Herr K., ela vingou-se de mim como desejara vingar-se dele, abandonando-me do mesmo modo como se sentira abandonada e enganada por ele. Assim ela atuou uma parte essencial de suas lembranças e fantasias, em vez de reproduzi-las no tratamento.⁴⁴

Freud se embaraçou com a questão da transferência no que diz respeito ao fato de que as histéricas se enamoram pelo médico. Ele já havia assistido isso com Breuer e Anna O., mas somente com Dora pôde aprofundar a temporalidade lógica que estava em jogo na transferência. Vemos um salto dos momentos inaugurais da psicanálise para esse momento de elaboração do caso Dora, no qual Freud apresenta um amadurecimento teórico e clínico.

Ele ainda trabalhava com uma relação simétrica entre homens e mulheres. Acreditava que os objetos amorosos eram escolhidos naturalmente – uma menina estava destinada a gostar de meninos. Nesse ponto preciso, localizamos a falha de Freud no caso Dora. A pergunta que Freud não se ateu foi: qual a verdadeira relação de Dora com a Sra. K.?

O que ficou obscuro nesse ponto e que o analista não conseguiu desvendar? Veremos que Freud não tinha ferramentas teóricas para responder a essa questão, nesse momento.

⁴³ FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria [1893]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. II, p. 82-83.

⁴⁴ Ibid., p. 116.

Somente em 1925, ele levou em conta as relações assimétricas no complexo de Édipo dos meninos e meninas com o pai e a mãe. Não saber disso prejudicou o correto entendimento do tratamento de Dora.

No capítulo 3, retomaremos o caso Dora à luz da releitura de Lacan. Por ora, seguiremos com as perguntas que estão subjacentes na análise freudiana do caso: o que quer uma mulher?; qual é a fantasia feminina? No próximo passo, veremos que ele começa a se aproximar dessa resposta.

2.3 A ERÓTICA DE FREUD

Passaremos a analisar os trabalhos de Freud que foram compilados com o nome de “Contribuições à Psicologia do Amor – parte I, II e III”, e escritos, respectivamente, em 1910, 1912 e 1917. Nesses textos, ele analisou as condições para amar e o comportamento no amor de homens e mulheres. Tratou dos impasses relativos a cada sexo e observou a dissimetria entre eles com uma grande precisão clínica e teórica.

No entanto, salientamos que ele ainda não havia sistematizado a dissimetria do complexo de Édipo. Podemos supor que essas construções, que analisaremos agora, são um grande passo para a revisão de suas ideias a partir de 1925. Apesar disso, podemos afirmar que Freud fez, nesse momento, um esforço para pensar a relação sexual, ainda que a partir de seus impasses e dificuldades. Essas contribuições foram chamadas por Miller de “Psicologia da vida amorosa ou erótica de Freud”⁴⁵ e deram origem ao subtítulo que escolhemos para continuar nossas discussões.

Lacan retoma as ideias de Freud sobre a vida erótica de homens e mulheres em “A significação do falo” e, por isso, muitos autores, inclusive Miller, consideram esse texto como a quarta contribuição à psicologia do amor. Analisaremos o texto sobre a significação do falo no capítulo 3 e retomaremos essa discussão.

Ressaltamos ainda que, no capítulo 4, recuperaremos as principais ideias que Miller desenvolveu a partir desses textos e expressaremos com mais clareza quais são, na opinião dele, as verdadeiras contribuições da psicologia amorosa freudiana para pensar as perspectivas psicanalíticas mais atuais. Vejamos as ideias freudianas.

⁴⁵ MILLER, J. A. **Conferencias porteñas**: tomo I Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010a., p. 235.

2.3.1 A fantasia masculina: “não quero nada de meu pai; devolver-lhe-ei tudo quanto gastou comigo”

De acordo com Freud, a ciência também precisa se dedicar ao mesmo material que os artistas, porém o cientista não pode tratar o assunto com o mesmo prazer. Para ele, “a ciência é, afinal, a renúncia mais completa ao princípio de prazer de que é capaz nossa atividade mental.”⁴⁶ Ele propunha o tratamento essencialmente científico para o campo do amor. Escreveu esses três trabalhos que têm por objetivo desvendar de forma científica a esfera amorosa.

Na primeira parte de suas “Contribuições à Psicologia do Amor”, ele trabalhou especificamente a escolha de objeto nos homens. Para ele, os homens apresentam claramente algumas condições que se colocam como necessárias ao amor. A primeira dessas condições é a existência de uma terceira pessoa prejudicada. O homem não consegue desejar uma mulher livre de um compromisso, pois prefere aquela que pertença a outro homem.⁴⁷ Essa precondição fornece um comportamento do amor cuja base pode localizar a oportunidade de gratificar impulsos de rivalidade e hostilidade em direção ao homem que possui a mulher escolhida.

A segunda obrigação que um homem pode se impor para a escolha de objeto foi chamada por Freud de “amor à prostituta”. Salientamos que não se trata de uma mulher que ele necessariamente precise pagar pelos serviços sexuais, mas sim que ela expresse algum traço de má reputação: uma mulher considerada “puta” ou uma mulher “fácil”. Nesse caso, bastaria que a infidelidade e a integridade da mulher fossem postas em dúvida para que ela fosse desejada.⁴⁸ A consequência no comportamento do amor de homens capazes de tal escolha esbarra na experiência do ciúme, que parece ser uma necessidade para os amantes desse tipo.

Freud considerava que homens propícios a fazer essa escolha de objeto apresentavam um acentuado desvio do padrão de normalidade, já que o comportamento esperado seria que um homem deseje uma mulher com traços de integridade sexual. Segundo ele, esses homens precisam dispensar grande energia mental, muitas vezes prejudicando outros interesses da vida

⁴⁶ FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I) [1910] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. XI, p. 149.

⁴⁷ Ibid., p. 150.

⁴⁸ Ibid., p. 150.

cotidiana, numa espécie de relação compulsiva com o objeto.⁴⁹ Esse tipo de amante apresenta a necessidade de salvar a mulher e lhe oferecer a companhia como forma de dignificá-la.

Freud acreditava que as escolhas de objeto e os comportamentos específicos no amor relatados acima tinham a mesma origem dos amores de pessoas consideradas normais: “derivam da fixação infantil de seus sentimentos de ternura pela mãe e representam uma das consequências dessa fixação.”⁵⁰

No primeiro caso, em que haja um terceiro prejudicado, Freud acreditava que a fonte de tal condição poderia ser facilmente derivada da trama edípica. Neste enredo é bastante conhecido o fato de que, para o menino, o pai é sempre um terceiro que sai prejudicado. Encontramos homens que são extremamente fieis e supervalorizam uma única mulher e, por outro lado, outros que buscam a satisfação desejada em uma série infindável de mulheres. Mas ambos os comportamentos estão relacionados com a busca inalcançável pelo protótipo materno.

O outro tipo de escolha de objeto poderia, à primeira vista, parecer de origem diferente. Porém, Freud analisou que elas têm a mesma origem. Para ele, com a aproximação da puberdade, o menino adquire o esclarecimento completo do ato sexual, inclusive entendendo que os pais também o realizam. Esse esclarecimento reativa seus impulsos psíquicos e ele retoma a afeição infantil pela mãe e passa a odiar o pai, além de atribuir a marca da infidelidade à mãe. Esse romance familiar, em 1910, foi nomeado por Freud pela primeira vez como complexo de Édipo. Anteriormente, ele havia tratado o conceito como complexo nuclear.⁵¹

O homem cuja escolha de objeto tem relação com a “puta” deriva do complexo de Édipo duas fantasias. Em relação à mãe, uma fantasia terna de salvá-la em função da vida que ela lhe deu. Freud acreditava que o homem retira dessa trama psíquica a escolha de objeto por uma mulher infiel, que necessita de sua proteção e de seu salvamento. Em relação ao pai, a de protegê-lo do perigo e de garantir-lhe a vida. O salvamento paterno nasce de um pensamento inconsciente semelhante ao seguinte: “não quero nada de meu pai; devolver-lhe-ei tudo quanto gastou comigo.”⁵² O menino quita sua dívida com o pai.

⁴⁹ FREUD, S. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I) [1910] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. XI, p. 151.

⁵⁰ Ibid., p. 152.

⁵¹ Ibid., p. 154.

⁵² Ibid., p. 156.

2.3.2 O gozo masculino: quando amam não desejam e quando desejam não podem amar

Freud se propôs a analisar a impotência masculina e a correlacionou com características do objeto sexual feminino que originavam tal inibição. Para ele, havia uma falha entre a corrente afetiva e a corrente sensual. A primeira, a corrente afetiva, teria estreita relação com a escolha de objeto primária da criança. É uma corrente que se manifesta ao longo de toda infância e que contém traços de erotismo, mas que não se destinam a objetivos sexuais. Essa corrente afetiva se encontra com a corrente sensual durante a fase da puberdade. Nessa fase, podemos pensar em uma verdadeira vida sexual. No entanto, os novos objetos ainda têm como modelo os primitivos objetos infantis.

Um homem deixará seu pai e sua mãe – segundo o preceito bíblico – e se apegará à sua mulher; então se associam afeição e sensualidade. O máximo de intensidade de paixão sensual trará consigo a mais alta valorização psíquica do objeto – sendo esta a supervalorização normal do objeto sexual por parte do homem.⁵³

Porém, existem dois fatores que podem fazer esse processo do desenvolvimento libidinal falhar: a quantidade de frustração da realidade e a quantidade de atração. A quantidade de frustração da realidade tem relação com o fato de que o novo objeto pode não ser permitido nem parecer adequado. Juntamente com isso, é preciso avaliar a quantidade de atração que os objetos infantis exercem para o sujeito. Se esses dois fatores forem fortes, a neurose entra em funcionamento no sujeito e as fantasias incestuosas inconscientes trazem à tona os impasses em relação a um novo objeto sexual. A atividade masturbatória, oriunda das fantasias incestuosas inconscientes, pode ser uma grande fonte de fortalecimento da fixação infantil. Nesse caso, considerado por Freud como mais grave, o homem pode se ver numa relação de impotência total.

Em relação à impotência psíquica, o que ocorre é que a atividade sexual é caprichosa e evita a corrente afetiva. Há uma restrição na escolha do objeto: “quando amam, não desejam, e quando desejam, não podem amar.”⁵⁴ Tal operação diz respeito ao fato de que, nesse caso, os homens procuram por objetos que não precisem amar. A impotência psíquica pode aparecer sempre que um objeto apresente alguma característica, mesmo que não perceptível, do objeto incestuoso ou proibido.

Essa é a principal característica da neurose obsessiva, que Freud ainda não havia desenvolvido. No que diz respeito aos homens, esse processo psíquico em relação à escolha de

⁵³ FREUD, S. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) [1912] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. XI, p. 165.

⁵⁴ *Ibid.*, p. 166.

objeto tem grande influência no psiquismo. A principal manobra defensiva que um homem realiza para lidar com essa divisão diz respeito a um processo de depreciação do objeto feminino.

[Temos] reservada a supervalorização, que normalmente se liga ao objeto sexual, para o objeto incestuoso e seus representantes. Logo que se consuma a condição de depreciação a sensualidade pode se expressar livremente e podem se desenvolver importantes capacidades sexuais e alto grau de prazer.⁵⁵

Freud fez essa preciosa consideração sobre o psiquismo masculino. Clinicamente, a depreciação tem como consequência um constante e repetitivo lamento feminino de que os homens são grossos, insensíveis e rudes, de maneira geral. A inapropriada união das correntes afetiva e sensual é responsável por esse pouco refinamento nas formas de comportamento de amor nos homens. Eles retêm “[...] suas finalidades sexuais perversas, cuja não realização é sentida como uma grave perda de prazer e cuja realização, por outro lado, só parece possível com um objeto sexual desprezado.”⁵⁶

Freud concluiu que a impotência psíquica é muito mais comum do que se imaginava. Ele afirmou que a extensão da impotência psíquica revelaria o comportamento característico do amor do homem civilizado. Inclusive, ele engloba nesse conjunto os homens que realizam o ato sexual, mas que não derivam dele um prazer especial. Ele nomeou esses sujeitos de homens anestésicos e os correlacionou com as mulheres frígidas.⁵⁷ Na erótica freudiana, o comportamento amoroso do homem está marcado pelo caráter de impotência psíquica. A impotência psíquica aparece como uma condição universal da civilização.

[O homem] assegura-se de prazer sexual completo apenas quando se pode dedicar sem reserva a obter satisfação, o que, com sua mulher bem educada, por exemplo, não se atreve a realizar. É esta a origem de sua necessidade de um objeto sexual depreciado, de uma mulher eticamente inferior, a quem não precise atribuir escrúpulos estéticos, que não o conheça em seu outro círculo de relações sociais e que ali não o possa julgar. É a esta mulher que prefere dedicar sua potência sexual, mesmo quando toda sua afeição pertença a uma mulher de natureza superior.⁵⁸

O psicanalista buscou a relação do que ocorre no desenvolvimento feminino. Ele analisou a frieza feminina. As mulheres se deparam com outro impasse: elas têm dificuldade de desconectar a atividade sensual e a proibição. Para ele, isso as torna psicologicamente frígidas. Além disso, ele não recolheu nenhum vestígio de que uma mulher tenha que depreciar seu

⁵⁵ FREUD, S. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) [1912] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. XI, p. 166-167.

⁵⁶ Ibid., p. 167.

⁵⁷ Ibid., p. 168.

⁵⁸ Ibid., p. 168.

objeto. Por outro lado, elas têm como marca de seu posicionamento na relação essa condição de proibitividade. Isso porque, segundo ele, ao contrário dos homens, “as mulheres civilizadas geralmente não transgridem a proibição de atividade sexual durante o período em que têm que esperar e, assim, estabelecem a ligação íntima entre proibição e sexualidade.”⁵⁹

Na relação com o homem, a mulher se encontra em uma posição incômoda, pois é tão ruim para ela que um homem impotente a aborde assim como o fato dele a supervalorizar inicialmente e a subvalorizar depois da relação sexual. Freud ressaltou que, de maneira geral, o valor psíquico das necessidades eróticas se reduz quando elas são satisfeitas. Os obstáculos intensificam a libido e, portanto, o desejo. Para ele, se a resistência natural não for suficiente, os sujeitos inventam barreiras convencionais para gozar do amor.

Freud interrogou os fatores que não proporcionam à libido sexual sua satisfação. Concluiu que há dois fatores em jogo nessa insatisfação. Primeiro, o objeto final nunca pode recuperar o objeto primordial, que é perdido desde sempre. Podemos nos relacionar com uma série sem fim de objetos substitutos, mas eles não poderão oferecer a satisfação completa. Nesse argumento freudiano, podemos nos deter um pouco para interrogar se essa é a maneira que ele encontrou de defender a posição, desenvolvida anos mais tarde por Lacan, como veremos, de que não existe a relação entre os sexos. Em Freud, a aproximação da satisfação está marcada pela castração. À medida que o homem avança para a satisfação, ele encontra a marca do impossível.

O segundo fator que impede a satisfação diz respeito à afirmação freudiana de que as pulsões sexuais são incompatíveis com a educação. “O que a educação pretende fazer [delas] parece inatingível, a não ser à custa de uma ponderável perda de prazer; a persistência dos impulsos que não puderam ser utilizados pode ser percebida na atividade sexual, sob a forma de não-satisfação.”⁶⁰

A erótica de Freud expressa o traço de impossibilidade no que diz respeito à relação entre as pulsões sexuais e a civilização, tanto para os homens como para as mulheres. A insatisfação é uma consequência necessária quando se trata de submeter a pulsão sexual às exigências da cultura. No entanto, o prognóstico não é somente desfavorável. Na visão de Freud, a capacidade que os sujeitos têm de sublimar suas pulsões sexuais dá origem a importantes realizações culturais.⁶¹

⁵⁹ FREUD, S. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) [1912] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. XI, p. 170.

⁶⁰ Ibid., p. 172.

⁶¹ Ibid., p. 172-173.

2.3.3 A fantasia feminina: o pai é quem tem o direito ao amor da mulher

Em “O tabu da virgindade”, Freud trabalhou, especialmente, a vida erótica das mulheres. Nesse texto, ele analisou a importância que se dava à virgindade feminina e o estado de sujeição no qual uma mulher se colocava diante do homem que a desvirginasse. A expressão – “sujeição sexual” – foi apresentada pelo psiquiatra alemão von Krafft-Ebing, em 1892, para descrever o alto grau de dependência de uma pessoa para com outra com a qual mantém um relacionamento sexual. Ele acreditava que essa dependência variaria em intensidade e poderia chegar até a perda total da vontade independente, colocando o sujeito a mercê de toda sorte de sacrifícios. Ressaltava também que certo grau de sujeição sexual era necessário para que um casamento pudesse se sustentar.

Precisamente, quanto a esse fato, Freud concordava com suas opiniões. “Certa medida de sujeição sexual é, de fato, indispensável para a manutenção do casamento civilizado e para manter afastadas as tendências à poligamia que o ameaçam.”⁶² Segundo o autor, esse estado de sujeição era encontrado com maior frequência nas mulheres do que nos homens. Apesar disso, ele ressaltou que em homens de sua época isso poderia ser mais encontrado do que antigamente. Ele supunha ainda que tal sujeição sexual era oferecida às mulheres com as quais um homem tivesse superado uma situação de impotência psíquica.⁶³

Freud acreditava que muitos tabus sexuais encontrados na vida dos povos primitivos mantinham suas forças na vida cotidiana do homem civilizado. Para ele, as diferenças entre os sexos e o insistente mistério sobre a alma das mulheres poderia explicar, em parte, certo grau de desprezo dos homens em relação às mulheres e a rejeição narcísica delas por eles.

Contudo, o maior motivo para a insatisfação e a frigidez feminina poderia ser encontrado na evolução da libido. Ele acreditava que a fixação da libido é localizada no pai e o marido é apenas um substituto deste. O marido nunca é o homem certo. O pai é quem “tem direito ao amor da mulher, o marido quando muito ocupa o segundo lugar.”⁶⁴

A perda da virgindade, para Freud, ativaria na mulher a inveja do pênis envolvida no complexo de castração. A reação paradoxal da mulher pode ser a frigidez. Esta seria localizada nesse “protesto masculino.”⁶⁵ Quando uma mulher, mais tarde, realiza sua escolha de objeto, esses impulsos primordiais são reativados e retornam como impasse na relação com os

⁶² FREUD, S. O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III) [1918 [1917]] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. XI, p. 179-180.

⁶³ Ibid., p. 180.

⁶⁴ Ibid., p. 188.

⁶⁵ O termo protesto masculino foi desenvolvido por Alfred Adler, psicólogo austríaco, em 1910, para designar o desejo masculino – inveja do pênis – encontrado em muitas neuroses femininas.

homens. A escolha de objeto é marcada pelo narcisismo original feminino. Por trás da inveja do pênis “[...] manifesta-se a amarga hostilidade da mulher contra o homem, que nunca desaparece completamente nas relações entre os sexos e que está claramente indicada nas lutas e na produção literária das mulheres ‘emancipadas.’”⁶⁶

O primitivo tabu da virgindade e as consequências psíquicas da perda da virgindade para a mulher – entre elas, a frigidez – mantêm seus resquícios no mundo civilizado. Além da perda da virgindade conduzir a mulher à sujeição sexual ao homem, ela também desencadeia a reação de hostilidade. Esta pode ser apresentada sob a forma de inibições na vida erótica feminina. Essa consequência psíquica poderia esclarecer um fenômeno clínico bastante confirmado: muitas vezes, o segundo casamento pode ter melhor resultado do que o primeiro, pois a reação arcaica foi esgotada com o primeiro objeto amoroso.⁶⁷

Desvendamos as principais ideias freudianas a respeito da lógica amorosa de homens e mulheres. Podemos levantar, a partir da análise desses três textos freudianos, as seguintes questões:

- 1 – Como se pode gozar de uma mulher?
- 2 – Freud descobre com sua erótica os impasses entre homens e mulheres?
- 3 – Essa é a porta de entrada para os aforismas lacanianos “A mulher não existe” e “A relação sexual não existe”?
- 4 – Qual a relação entre amor e gozo?

Continuaremos com Freud e nos propomos, paulatinamente, nos capítulos subsequentes, alcançar as respostas a essas questões que nos surgem nesse momento.

2.4 A ANATOMIA É O DESTINO: as consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos

Vamos retomar mais um pouco o percurso freudiano. Em suas obras iniciais, Freud mostrava-se embaraçado com respeito à vida sexual feminina. Em certo momento, acreditou que somente a vida sexual dos homens pudesse ser pesquisada e que a obscuridade na dinâmica feminina ficaria intacta no decorrer de seus estudos. Essa perspectiva foi somente inaugural, porém o levou, em vários momentos, a tratar como semelhantes os processos psíquicos que envolviam os homens e as mulheres. Podemos situar historicamente que entre 1897 até 1919, Freud via o desenvolvimento sexual de ambos os sexos como idênticos,

⁶⁶ FREUD, S. O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III) [1918 [1917]] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. XI, p. 190.

⁶⁷ Ibid., p. 191-192.

ressaltando que a diferença apontada por ele era o fato de que na menina o pai era o objeto de amor e no menino tratava-se da mãe.

O que mais importava nesses anos, e durante toda a guerra, era que Freud descrevia uma evolução semelhante da vida sexual dos meninos e das meninas, diferenciada apenas por pressões sociais. Como seres sexuais, conforme então Freud via a questão, os homens e as mulheres são mais ou menos espelhos uns dos outros.⁶⁸

Em 1919, no artigo “Uma criança é espancada”, Freud, ao analisar as fantasias de espancamento durante a infância, fez distinções sobre a vida sexual dos meninos e das meninas. Essas diferenças foram construídas, à medida que ele se aprofundava nos processos mentais inconscientes. Um ano depois, em 1920, com proposições análogas ao do artigo de 1919, ele relatou um caso de homossexualismo feminino. Nesse trabalho, ele voltou a se mostrar em dúvida sobre a conformidade entre os dois sexos e seguiu sua pesquisa sobre o tema. Afirmava, em 1920:

A psicanálise possui uma base comum com a biologia, ao pressupor uma bissexualidade original nos seres humanos (tal como nos animais). Mas a psicanálise não pode elucidar a natureza intrínseca daquilo que, na fraseologia convencional ou biológica, é denominado de ‘masculino’ e ‘feminino’: ela simplesmente toma os dois conceitos e faz deles a base de seu trabalho. Quando tentamos reduzi-los mais ainda, descobrimos a masculinidade desvanecendo-se em atividade e a feminilidade em passividade, e isso não nos diz o bastante.⁶⁹

Podemos situar também, apesar das ideias ainda serem apresentadas de forma desvinculadas, o trabalho realizado por ele em 1923, em “O Ego e o Id”, no qual ele discorreu sobre a saída do complexo de Édipo. Neste momento, ele ainda abordava o desfecho da atitude edipiana na menina e no menino de maneira similar. Afirmava que o complexo de Édipo estava envolvido em uma duplicidade: positivo e negativo. Acreditava na bissexualidade original presente na criança. Isto equivalia a dizer que um menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objetal afetuosa pela mãe, mas que, ao mesmo tempo, também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe. Para ele, este era o elemento complicador introduzido pela bissexualidade que

⁶⁸ GAY, Peter. **Freud**: uma vida para nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 467.

⁶⁹ FREUD, S. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher [1920]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVIII, p. 211.

tornava tão difícil obter uma visão clara dos fatos em vinculação com as primitivas escolhas de objeto e as identificações.⁷⁰

No entanto, Freud faz um salto nas ideias que vinha desenvolvendo até então e essa mudança acentuada de discurso propiciou que ele pudesse efetivamente estabelecer uma concepção mais apurada da vida sexual feminina. Em 1925, no artigo “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, ele realizou uma revisão significativa de suas ideias primordiais e apresentou noções inéditas sobre o desenvolvimento psicológico feminino. Devemos situar esse texto como uma fronteira que revira os trabalhos posteriores sobre o tema e que fizeram com que ele repensasse, especialmente, a proposição acerca da semelhança da vida mental de homens e mulheres.

Nesse artigo, o autor retratou claramente sua posição até então, ao dizer que, examinando as primeiras formas mentais assumidas pela vida sexual das crianças, ele tinha como hábito pensar através da ótica do menino. Mas percebeu que as meninas não se desenvolviam de forma semelhante.⁷¹

O ineditismo deste artigo está no fato de que ele propõe que o complexo de Édipo nas meninas tem o caráter de uma formação secundária derivada de uma longa pré-história. Ele apontou que o complexo de castração não opera na menina como temor e sim como desejo de possuir o pênis.

Elas notam o pênis de um irmão ou companheiro de brinquedo, notavelmente visível e de grandes proporções, e imediatamente o identificam com o correspondente superior de seu próprio órgão pequeno e imperceptível; dessa ocasião em diante caem vítimas da inveja do pênis.⁷²

Inaugura-se na vida mental das meninas o que ele denominou de inveja do pênis e este processo está cercado de consequências psíquicas. A menina precisa enfrentar a realidade de sua condição mutilada. Freud não considerava que os temores da angústia de castração do sexo masculino deveriam ser vistos como um privilégio invejável. Mas, de acordo com ele, sentir medo de perder o que se tem era menos perturbador do que se deparar com o fato de que não se tem nada a perder.

Ele estabeleceu precisamente a diferença entre os comportamentos dos dois sexos. Em relação aos homens, ele afirmava que, quando um menino, pela primeira vez, observa a região

⁷⁰ FREUD, S. O ego e o id [1923]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX, p. 47-48.

⁷¹ FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX, p. 310.

⁷² *Ibid.*, p. 313.

genital de uma menina, ele hesita ou se mostra desinteressado. Algumas vezes, nega o que viu. Somente mais tarde, quando possuído de alguma ameaça de castração, é que essa observação se torna importante para ele. Então, ele relembra a cena e o desperta uma forte agitação, que o leva a acreditar na realidade da ameaça que havia ignorado, até aquele momento.⁷³

A menina apresenta uma reação mais imediata frente à diferença sexual. “Faz seu juízo e toma sua decisão num instante. Ela o viu, sabe que não o tem e quer tê-lo.”⁷⁴ O autor também retificou suas convicções anteriores de que o interesse sexual das crianças não se relacionava com a diferença entre os sexos.

A constatação da diferença passou a ser vista como o fator essencial para a inveja do pênis ou para o complexo de masculinidade. “Assim, uma menina pode recusar o fato de ser castrada, enrijecer-se na convicção de que realmente possui um pênis e subsequentemente ser compelida a comportar-se como se fosse um homem.”⁷⁵

Freud ressaltou quatro importantes consequências da inveja do pênis. A primeira delas diz respeito à possibilidade de que ela desenvolva um sentimento de inferioridade que pode terminar com uma insistência em “ser como um homem”.

Quando ultrapassou sua primeira tentativa de explicar sua falta de pênis como uma punição pessoal para si mesma, e compreendeu que esse caráter sexual é universal, ela começa a partilhar do desprezo sentido pelos homens por um sexo que é inferior em tão importante aspecto, e, pelo menos no sustentar dessa opinião, insiste em ser como um homem.⁷⁶

Outro efeito examinado por ele é o deslocamento dessa inveja para o sentimento de ciúme, tão presente na vida mental das mulheres. Ele afirmava que o ciúme não se limitava ao sexo feminino, contudo acreditava que ele desempenhava um papel muito maior na vida mental das mulheres do que na dos homens. Como terceiro resultado, deparamos com a dificuldade afetiva de uma menina para com sua mãe, sendo esta responsabilizada pela insuficiência do órgão genital.

A forma pela qual isso historicamente ocorre consiste, com frequência, no fato de que a menina, logo após ter descoberto que seus órgãos genitais são insatisfatórios, começa a demonstrar ciúmes de outra criança, baseando-se em que sua mãe gosta

⁷³ FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX, p. 313-314.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 314.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 315.

⁷⁶ *Ibid.*, p. 315.

mais dessa criança do que dela, o que serve de razão para ela abandonar sua ligação com sua mãe.⁷⁷

A marca mais importante, a seu ver, é a supressão da masturbação na vida sexual das mulheres. Para ele, a masturbação está mais afastada da natureza das mulheres. A masturbação é uma atividade masculina. A eliminação da sexualidade clitoridiana constitui condição necessária para o desenvolvimento da feminilidade. Segundo Freud, na fase da puberdade, essa supressão da masturbação nas meninas levará a uma menor quantidade de sexualidade masculina nelas, dando início para o desenvolvimento da feminilidade.

O desenvolvimento da feminilidade tem como base o reconhecimento da distinção anatômica entre os sexos. Uma menina se afastaria da masculinidade e seria conduzida para o caminho de sua feminilidade quando “ela abandona seu desejo de um pênis e coloca em seu lugar o desejo de um filho; com esse fim em vista, toma o pai como objeto de amor. A mãe se torna o objeto de seu ciúme. A menina transformou-se em uma pequena mulher.”⁷⁸

No entanto, a ligação da menina com seu pai, em um momento posterior, precisa ser abandonada. O resultado desse processo é que ela pode se identificar com o pai, retornando para seu complexo de masculinidade. Freud reafirma a ideia principal de que o complexo de Édipo nelas é uma formação secundária: “enquanto, nos meninos, o complexo de Édipo é destruído pelo complexo de castração, nas meninas ele se faz possível e é introduzido através do complexo de castração.”⁷⁹

A contradição se esclarece se entendemos que o complexo de castração inibe e limita a masculinidade e incentiva a feminilidade. A diferença entre o desenvolvimento sexual dos homens e das mulheres passa a ser considerada como uma consequência inteligível da distinção anatômica entre seus órgãos genitais e da consequente situação psíquica daí derivada. Precisamente, corresponde à diferença entre uma castração que foi executada, no caso delas, e outra que simplesmente foi ameaçada, no caso deles.

Freud apontava que existem consequências psíquicas inerentes a cada sexo. No caso das mulheres, veremos que alguns traços de caráter podem ser localizados nessas diferenças psíquicas. Nas meninas falta o motivo para a demolição do complexo de Édipo. Para elas, o efeito da castração consistiu em forçar a criança à situação do complexo de Édipo. Foge ao destino que encontramos nos meninos. Nas mulheres, o complexo pode ser lentamente

⁷⁷ FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX, p. 316.

⁷⁸ Ibid., p. 318.

⁷⁹ Ibid., p. 318.

abandonado, recalçado ou seus efeitos podem insistir com bastante obstinação na vida mental normal.

Tal observação levou Freud a afirmar, ainda que hesitasse, que “para as mulheres, o nível daquilo que é eticamente normal, é diferente do que ele é nos homens. Seu superego nunca é tão inexorável, tão impessoal, tão independente de suas origens emocionais como exigimos que o seja nos homens.”⁸⁰ Ele considerava que havia uma especificidade nos traços de caráter das mulheres. Entre estes, ele afirmou que elas apresentavam menor senso de justiça e menor aptidão para transpor as exigências da vida. Além disso, ele acreditava que elas são mais influenciadas em seus julgamentos por sentimentos de afeição ou hostilidade. Freud propunha que esses traços estruturais poderiam ser explicados pela modificação na formação de seu superego.

Ele ainda sustentava que não recuaria frente às negações das feministas, que encaravam os dois sexos como completamente iguais em posição e valor. “Mas a posição antifeminista de Freud não resultava do fato de se sentir velho ou de querer ser chocante. Pelo contrário, ele havia passado a considerá-la como uma consequência inevitável das histórias sexuais diferentes dos homens e das mulheres: anatomia é destino.”⁸¹

Ele admitia que, naturalmente, a maioria dos homens também estava muito aquém do ideal masculino e que todos os indivíduos humanos, em resultado de sua disposição bissexual e da herança cruzada, combinam em si características tanto masculinas quanto femininas. Afirmava que a masculinidade e a feminilidade puras eram construções teóricas de conteúdo incerto.⁸²

Ressaltamos que a afirmação freudiana de que a anatomia é o destino refere-se a um real localizado no corpo com o qual, através de um processo lógico e trabalhoso, cada um vai se localizar subjetivamente como homem ou como mulher. A assunção do sexo não é algo natural, portanto. Destacamos que essa frase foi mal interpretada por muitos analistas. Acolheram a frase como se Freud tivesse entendido que a anatomia bastasse para pensar a posição psíquica de homens e mulheres. Para ele, o destino tem relação com uma realidade intransponível e não com uma significação prévia dos sexos.

⁸⁰ FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX, p. 319-320.

⁸¹ GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 468.

⁸² FREUD, S. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX, p. 319-320.

O que ocorre é uma exigência de trabalho psíquico enquanto consequência da relação com o corpo. Notamos que Freud usava bastante a expressão “trabalho”, uma vez que ele sempre sustentou que não há relações e regulações dadas e sim exigências de trabalho psíquico. Nas obras freudianas, portanto, o corpo deve ser tomado como um corpo significante. Por isso, ele nos fala das consequências psíquicas, pois não há um processo inaugural natural. Para Freud, “no princípio, era o nada”. A luz freudiana consistiu em apresentar as consequências psíquicas derivadas desse encontro com o real. Na prática psicanalítica, recolhemos diariamente que homens e mulheres não mantêm a mesma relação com o falo.

Continuaremos com uma solução apontada por Freud para que a “pequena mulher” possa encontrar um destino para a sua feminilidade. Investigaremos o que ele nomeou de herança do útero.

2.5 A HERANÇA DO ÚTERO: a pequena mulher “vira mocinha” e torna-se mãe

Freud estabeleceu a ideia de aproximação entre o desfecho da sexualidade infantil e a forma adulta na qual a sexualidade se apresenta. Ele ressaltou que o mais marcante nessa aproximação é o fato de que para ambos os sexos a questão sempre girará em torno do órgão genital masculino. Ele inaugurava a primazia do falo.

Inicialmente, a criança acredita que são apenas pessoas desprezíveis do sexo feminino que perderam seus órgãos genitais. Especialmente, a mãe e outras mulheres a quem ela respeita, retêm o pênis por um tempo mais longo nas fantasias infantis. Para a criança, ser mulher ainda não é equivalente a não ter um pênis. Posteriormente, quando a criança retoma os problemas da origem e do nascimento dos bebês, ela adquire o conhecimento que apenas as mulheres podem gerar filhos. Então, a mãe perde o pênis para a criança.⁸³

Em função desse processo psíquico em relação ao fato biológico, Freud passou a pensar as maneiras diversas como meninos e meninas lidarão com a descoberta da ausência do pênis. Em geral, ele apresentou a castração como um sentimento de punição. Ele assinalou que no desenvolvimento sexual da infância passamos por três transformações significativas.

Em um primeiro momento, há a introdução da antítese que marca a relação de sujeito e objeto. Depois, na denominada fase pré-genital, temos como par de opostos as dimensões de

⁸³ FREUD, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade [1923a]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIX, p. 183.

ativo e passivo. Somente na puberdade alcançamos a oposição entre masculino e feminino derivada do fato de se possuir um órgão genital masculino ou ser castrada. A masculinidade alia fatores de sujeito e atividade em função da posse do pênis. Por sua vez, a feminilidade agrupa os elementos de passividade e de objeto.

Diante desse quadro de conseqüências psíquicas frente à anatomia, Freud apontou um caminho para o desenvolvimento da sexualidade infantil da menina. Ele afirmou que uma “pequena mulher” poderia consentir que sua vagina fosse reconhecida com a qualidade de verdadeiro “lugar de abrigo para o pênis.”⁸⁴ A superação da ignorância da vagina e a sua conseqüente valorização pela menina é o que Freud vai nomear de “herança do útero.”⁸⁵

Ele colocou a herança do útero como a saída do impasse da histeria.⁸⁶ A mulher ultrapassa o complexo de castração, na medida em que aceita a falta decorrente da ausência do falo. Com esse consentimento feminino há a possibilidade de desempenhar o papel sexual na vida amorosa adulta.

Essa aceitação da especificidade feminina pode aparecer nas meninas no momento da primeira menstruação – menarca. A maneira como cada uma vai aceitar a introdução na vida fértil nos dá o tom de sua situação psíquica quanto ao consentimento feminino. Quer dizer, se a menina aceita o fato com alegria pela capacidade de fertilidade e reprodução – “vira mocinha” – ou se, por outro lado, acolhe esse momento como um fardo penoso e passível de dores e sofrimentos. Se uma pequena mulher aceita “virar mocinha”, ela tem mais chances de alcançar sua herança do útero sem tantas defesas históricas. A herança do útero é a vertente positiva da castração.

Porém, uma pergunta contemporânea emerge aqui: como trabalhar com a sexualidade feminina quando vivemos uma era cujo lema “Filhos? Melhor não tê-los!” ganha intensidade? Em recente matéria no jornal “Tribuna de Minas”, algumas mulheres foram ouvidas sobre a opção de não ter filhos. A justificativa para a reportagem foi apresentada em dados numéricos. Em 2013, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) divulgou que, entre 2002 e 2012, aumentou de 14% para 19% o número de casais sem filhos. Na reportagem, duas mulheres declararam:

⁸⁴ FREUD, S. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade [1923a]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIX, p. 184.

⁸⁵ *Ibid.*, p. 184.

⁸⁶ COELHO DOS SANTOS. Sobre a clínica da psicanálise de orientação laciana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro-sinthoma. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XII, n. 1, p. 9-26, jan.jun. 2009a., p. 12.

Na minha adolescência, achava que, com 25 anos, estaria casada, teria meu primeiro filho e seria totalmente independente. Completo 30 no ano que vem e estou longe de ser essa ‘adulta’ que imaginei que seria. Não tenho condição financeira para ter filhos, estou solteira e não sou tão independente assim. Hoje, tenho outros planos para minha vida e ainda vou precisar dedicar alguns anos dela a estes projetos. Um filho atrasaria todos eles ⁸⁷.

Tenho 33 anos e estou naquela fase em que todas as parentes e amigas estão tendo filhos, então a pressão só aumenta... Parei de postar no Facebook as fotos com os bebês de amigos no colo, pois não aguentava mais as piadinhas do tipo ‘já tá treinando pro seu, né?’. É impressionante as necessidades das pessoas de provar que a maternidade é o único caminho certo para a mulher jovem ⁸⁸.

Não pretendemos alcançar a resposta para a questão nesse momento introdutório. O questionamento será retomado em nosso debate sobre a mulher contemporânea, que ganhará corpo ao longo dessa tese. Vejamos, a partir de agora, como Freud desenvolveu a questão feminina em seus mais importantes trabalhos sobre o tema e que podem ser localizados na maturidade de suas obras, a saber: “Sexualidade Feminina” e “Feminilidade”.

2.6 A SEXUALIDADE FEMININA

No ano de 1931, no trabalho intitulado “Sexualidade Feminina”, Freud retomou suas principais ideias desenvolvidas no artigo “Algumas Consequências Psíquicas da Distinção entre os Sexos”, de 1925. Porém, ele localizou mais atentamente a fase pré-ediapiana – a fase de ligação exclusiva à mãe – do desenvolvimento da menina e a caracterizou como uma fase intensa e longa. Ele acrescentou às suas noções anteriores o fato de que há elementos ativos na relação da menina com sua mãe e no percorrer da construção da feminilidade.

Freud comparou a fase pré-ediapiana da mulher com a descoberta arqueológica da civilização mino-micênica, que é historicamente anterior à grega. Afirmou que “nossa compreensão interna dessa fase primitiva, pré-ediapiana, nas meninas, nos chega como uma surpresa, tal como a descoberta, em outro campo, da civilização mino-micênica por detrás da civilização da Grécia.” ⁸⁹

Até esse artigo, ele ainda não havia dado a importância devida à fase pré-ediapiana nas meninas. Ele apontava que essa é uma fase primitiva, duradoura, intensa e que podia explicar

⁸⁷ PESSOA, Júlia. ‘Filhos? Melhor não tê-los!’. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 21 set. 2014. Disponível em <<http://www.tribunademinas.com.br/filhos-melhor-nao-te-los>>. Acesso em: 21 set. 2014.

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ FREUD, S. Sexualidade feminina [1931]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI, p. 234.

os mais variados acontecimentos da vida sexual de uma mulher. A força dessa relação é transmitida para o pai quando ocorre a troca do objeto original para este.

No final da fase pré-edipiana, a menina passa a censurar sua mãe por não ter lhe dado um pênis e, muitas vezes, ainda crê que isso seja um infortúnio individual. Freud ressaltou que a libido de uma criança é devoradora e tende a trazer à tona frustrações e desapontamentos que dão lugar a uma atitude agressiva para com sua mãe, tornando a relação ambivalente.

O autor rejeitou que a expressão “complexo de Electra” pudesse ser usada para caracterizar o desenvolvimento feminino, já que não acreditava mais que ocorria de forma análoga a atitude edipiana dos dois sexos. Para ele, “é apenas na criança do sexo masculino que encontramos a fatídica combinação de amor por um dos pais e, simultaneamente, ódio pelo outro, como rival.”⁹⁰

Frente ao reconhecimento da castração, ele propôs três linhas no desenvolvimento das meninas. A primeira delas ele nomeou de revulsão geral à sexualidade, ou seja, “a menina, assustada pela comparação com os meninos, cresce insatisfeita com seu clitóris, abandona sua atividade fálica e, com ela, sua sexualidade em geral, bem como boa parte de sua masculinidade em outros campos.”⁹¹

A segunda saída encontrada pela menina pode levar a um complexo de masculinidade. Ela se enche de fantasias nas quais crê que ainda adquirirá um pênis como o dos meninos. Por fim, “só se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo.”⁹² Trata-se de um processo longo e alcançado através do reconhecimento da castração.

Freud localizou a sexualidade feminina dentro dos limites da sexualidade infantil e do narcisismo primário. A sexualidade feminina é derivada do complexo de Édipo e tem como principal marca a ineficácia da ameaça de castração para a menina. Ela não tem nada a perder e isso resulta em um caráter tipicamente feminino. Para recapitular as consequências mais importantes, podemos situar a estrutura da sexualidade feminina que viemos apresentando até o momento:

- 1 – Amnésia histérica;
- 2 – Sujeição sexual;

⁹⁰ FREUD, S. Sexualidade feminina [1931]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI, p. 263.

⁹¹ Ibid., p. 264.

⁹² Ibid., p. 264.

- 3 – Ausência da angústia de castração;
- 4 – Inveja do pênis/Protesto masculino/Reivindicação do falo;
- 5 – Hostilidade com o homem;
- 6 – Passividade;
- 7 – Intenso narcisismo original;
- 8 – Relação pré-edípica como relação secundária;
- 9 – Sentimento de inferioridade;
- 10 – Sentimento de ciúme;
- 11 – Nível ético menor que o dos homens;
- 12 – Superego flexibilizado pelas emoções;
- 13 – Julgamentos marcados pela afeição ou hostilidade;
- 14 – Menor senso de justiça;
- 15 – Menor aptidão para as exigências da vida.

Esses são alguns traços gerais que Freud analisou em suas obras. Ressaltaremos, a seguir, um desses traços, que ainda não tratamos nessa tese e que analisaremos em separado, na medida em que entendemos que ele é um traço tipicamente feminino, mas que cresce na contemporaneidade. Analisaremos o caráter de exceção.

2.7 O CARÁTER DE EXCEÇÃO

Freud, em 1916, em “Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico”, tratou do caráter de exceção. Ele afirmou que esse tipo de caráter é encontrado em pessoas que se negam a evoluir do princípio do prazer para o princípio de realidade. São, portanto, sujeitos que acreditam que já renunciaram e sofreram muito e que, por isso, têm o direito de serem poupados de várias exigências.⁹³

Existem pessoas que recusam a se submeter a qualquer necessidade desagradável ou que se aplica a todos. Frente a isso, elas realizam reivindicações de compensação. Para Freud, todos nós poderíamos justificadamente exigir reparações ao nosso narcisismo. Qualquer pessoa poderia encontrar motivos para ser compensada por contingências da natureza, pela história infantil ou congênita.

⁹³ FREUD, S. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico [1916]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 352-353.

No entanto, ele ressaltou que, especialmente, as mulheres reivindicam privilégios e acreditam estarem isentas de uma série de condições comuns. Para ele, a explicação tem como base o complexo de castração.

[...] As mulheres se consideram como tendo sido prejudicadas na infância, como tendo sido imerecidamente privadas de algo e injustamente tratadas; e a amargura de tantas filhas contra suas mães provém, em última análise, da censura contra estas por as terem trazido ao mundo como mulheres e não como homens.⁹⁴

A inveja do pênis comanda, de forma geral, o caráter das mulheres. Essa seria um traço considerado normal em seu caráter. Porém, após os movimentos de maio de 1968, que promoveram uma crítica generalizada aos modos de exercício do poder fundados na autoridade, esse tipo de caráter sofreu uma generalização. O declínio da autoridade paterna é um conceito que tem apoio tanto na experiência da clínica psicanalítica – resultando no surgimento de novas patologias – quanto nas concepções sociológicas que ressaltam os efeitos da rejeição ao modo de organização social que privilegiava as diferenças sexuais e geracionais.⁹⁵

Contemporaneamente, os indivíduos acreditam que não precisam renunciar a uma satisfação imediata em nome de uma dívida para com o pai, o ideal do eu ou com os laços fundados na diferença sexual e geracional. A renúncia ao direito a uma satisfação pulsional absoluta, ao direito de ser tratado como um eu ideal e a identificação ao ideal do eu não é o modo de organização dominante da constituição subjetiva dos sujeitos contemporâneos.⁹⁶

Freud indicava que há um modo de subjetivação do direito à satisfação pulsional como um direito absoluto. Sendo assim, lançamos uma pergunta nesse capítulo introdutório que nos guiará na continuação de nossa pesquisa: podemos pensar, a partir dessa perspectiva, que na contemporaneidade assistimos a uma feminização do caráter dos sujeitos?

Pretendemos retomar essa indagação no último capítulo, a partir de alguns fragmentos clínicos. A seguir, buscaremos a concepção freudiana sobre o conceito de feminilidade.

⁹⁴ FREUD, S. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico [1916]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 356.

⁹⁵ COELHO DOS SANTOS, T.; AZEREDO, F. A. M. Um tipo excepcional de caráter. **Psychê**, São Paulo, ano IX, n.16, p. 77-95, jul. dez. 2005, p. 81.

⁹⁶ *Ibid.*, p. 82.

2.8 FEMINILIDADE

Na Conferência XXXII – “Feminilidade”, Freud se propôs a investigar o “enigma da natureza da feminilidade”.⁹⁷ Anteriormente, em “A questão da análise leiga” (1926), Freud havia se referido à vida sexual das mulheres adultas como um “continente negro” para a psicologia. Para ele, em decorrência da inveja do pênis, as mulheres sofrem profundamente e essa é a origem de várias reações femininas enigmáticas.⁹⁸

As metáforas freudianas – “continente negro”, “período mino-meceniano”, “enigma da feminilidade”, entre outras – são tentativas de ressaltar a importância do período primitivo de desenvolvimento psíquico feminino e revelam características arcaicas e estruturais da sexualidade feminina.

Em “Feminilidade”, o autor afirmou que a primeira distinção que se faz ao encontrar um ser humano é saber se se trata de um homem ou de uma mulher. Todavia, as características da masculinidade e da feminilidade estão para além desta distinção anatômica inicial. O autor lembrou que não há como correlacionar o comportamento feminino com passividade e o masculino com atividade.

Freud indagou o que é a mulher. No entanto, ele afirmou que também a psicologia não estava pronta para responder e solucionar algo tão enigmático. O que ele propôs foi que a psicanálise se encarregasse de trabalhar no desenvolvimento e na formação de uma mulher desde a infância.

O desenvolvimento sexual feminino, para ele, não acontece sem que haja uma luta no que tange a adaptação da constituição à função, sendo que todo esse processo ocorre ou se completa até a fase da puberdade. Novamente ele advertiu sobre os processos pulsionais que trazem consequências para a natureza feminina. De acordo com ele, uma menina é, em geral, menos agressiva, desafiadora e autossuficiente. Em razão disso, ela parece ter mais necessidade de obter carinho e de ser mais dependente e dócil.

Provavelmente, é apenas como consequência dessa docilidade que ela pode ser ensinada mais facilmente e com maior rapidez a controlar suas excreções. Isso na medida em que a urina e as fezes são as primeiras dádivas que as crianças dão a quem cuida delas e, por sua vez, controlá-las é a primeira concessão a que pode ser induzida a vida pulsional das crianças.

⁹⁷ FREUD, S. Conferência XXXIII: Feminilidade. [1932]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XXII p. 140.

⁹⁸ FREUD, S. A questão da análise leiga [1926]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XX, p. 242.

[...] A supressão da agressividade das mulheres, que lhes é instituída constitucionalmente e lhes é imposta socialmente, favorece o desenvolvimento de poderosos impulsos masoquistas que conseguem, conforme sabemos, ligar eroticamente as tendências destrutivas que foram desviadas para dentro. Assim, o masoquismo, como dizem as pessoas, é verdadeiramente feminino.⁹⁹

Ele percebia que as meninas são mais inteligentes e mais espertas do que os meninos da mesma idade. Isso se deve ao fato de que ele acreditava que elas saem mais ao encontro do mundo externo e, ao mesmo tempo, formam catexias objetais mais intensas.¹⁰⁰

No entanto, Freud salientou que o desenvolvimento da menina está marcado por uma sobrecarga devido a duas tarefas pelas quais ela necessita avançar. A primeira diz respeito à mudança de zona erógena da menina. Inicialmente, o clitóris desempenha o papel de principal zona erógena e a mulher precisa transferir essa sensibilidade para a vagina.

A segunda tarefa consiste na mudança de objeto, uma vez que a menina precisa deixar seu primeiro objeto – a mãe – e transferir o amor para seu pai. “Para a menina, também, o seu primeiro objeto deve ser sua mãe. Na situação edipiana, porém, a menina tem seu pai como objeto amoroso, e espera-se que no curso normal do desenvolvimento ela haverá de passar desse objeto paterno para sua escolha objetal definitiva.”¹⁰¹

A menina precisa mudar de zona erógena e de objeto, enquanto o menino mantém ambos. Na fase pré-edipiana, a vinculação da menina com a mãe é forte e o pai é visto como um rival que incomoda a harmoniosa relação entre elas. No entanto, essas fixações são transferidas com a mesma intensidade para seu pai, mais tarde, durante a fase edipiana. Todavia, antes disso, a menina vive fantasias com sua mãe que se apresentam das mais variadas formas, mas que faz com que a relação libidinal dela com a mãe atravesse as três fases da sexualidade infantil, se expressando por desejos orais, sádico-anais e fálicos. Através da observação analítica, durante o período fálico, a menina demonstra o desejo de ter um filho da mãe. Também há o desejo correspondente dela mesma ter um filho. O afastamento da menina de sua mãe vem carregado por sentimentos de ódio e hostilidade.

A censura contra a mãe, que remonta à época mais remota, é a de que esta deu à criança muito pouco leite – censura que lhe é feita como falta de amor. [...] Mais parece que a avidez da criança pelo primeiro alimento é completamente insaciável, que a criança nunca supera o sofrimento de perder o seio materno.¹⁰²

⁹⁹ FREUD, S. Conferência XXXIII: Feminilidade. [1932]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XXII, p. 143-144.

¹⁰⁰ Ibid., p. 145.

¹⁰¹ Ibid., p. 146-147.

¹⁰² Ibid., p. 151.

A voracidade da criança pode ser ampliada caso surja um novo filho, pois “as exigências de amor de uma criança são ilimitadas; exigem exclusividade e não toleram partilhas.”¹⁰³ Freud apontou para um fator específico na relação da menina com a mãe, uma vez que “todos esses fatores – as desfeitas, os desapontamentos no amor, o ciúme, a sedução seguida da proibição – afinal também estão atuantes na relação do menino com sua mãe e, ainda assim, não são capazes de afastá-lo do objeto materno.”¹⁰⁴

A especificidade, mais uma vez, pode ser localizada no complexo de castração e sua consequente inveja do pênis que fazem parte da pré-história da mulher. A descoberta de que a mãe e ela própria são castradas representa um marco decisivo no crescimento da menina. “Daí partem três linhas de desenvolvimento possíveis: uma conduz à inibição sexual ou à neurose, outra, à modificação do caráter no sentido de um complexo de masculinidade, a terceira, finalmente, à feminilidade normal.”¹⁰⁵ A inibição sexual ou a neurose se revela através da percepção da menina de sua castração e o recalque de sua atividade fálica.

Na ausência do temor de castração, falta o motivo principal que leva o menino a superar o complexo de Édipo. As meninas permanecem nele por um tempo indeterminado; destroem-no tardiamente e, ainda assim, de modo incompleto. Nessas circunstâncias, a formação do superego deve sofrer um prejuízo; não consegue atingir a intensidade e a independência, as quais lhe conferem sua importância cultural, e as feministas não gostam quando lhes assinalamos os efeitos desse fator sobre o caráter feminino em geral.¹⁰⁶

O complexo de masculinidade se define pela recusa da menina frente ao fato de ser castrada. A negação conduz a uma identificação com sua mãe fálica ou com seu pai. Assim, “[...] a essência desse processo é que, nesse ponto do desenvolvimento, evita-se a afluência da passividade que abre caminho à mudança rumo à feminilidade.”¹⁰⁷

A “feminilidade madura” traz uma consequência psíquica derivada do narcisismo que impele as mulheres para a necessidade de serem amadas. Essa necessidade, segundo Freud, é, em proporção, mais forte do que a de amar e se constitui como uma característica muito importante na vida mental das mulheres. Isso resulta em escolhas objetais de parceiros seguindo o ideal narcisista, ou seja, o homem que a menina queria ser ou aquele que segue o tipo paterno.

¹⁰³ FREUD, S. Conferência XXXIII: Feminilidade. [1932]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XXII, p. 152.

¹⁰⁴ Ibid., p. 153.

¹⁰⁵ Ibid., p. 155.

¹⁰⁶ Ibid., p. 159.

¹⁰⁷ Ibid., p. 159.

Em 1935, Freud reforçou a ideia de que a menina realiza uma mudança tanto em seu objeto sexual quanto em sua zona genital dominante. O desenvolvimento da feminilidade é um processo que tem início na fase pré-edipiana e que é de difícil percurso, podendo mesmo chegar a esgotar inteiramente as possibilidades de uma mulher frente a um novo desenvolvimento. Ele desenvolveu até este ponto preciso o estudo da feminilidade.

Freud analisou a feminilidade e afirmou que seu estudo lhe parecia incompleto e ainda fragmentado. Declarou que “se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e mais coerentes.”¹⁰⁸

A feminilidade é uma questão tanto para homens quanto para mulheres. Na defesa quanto ao real da feminilidade, os homens se defendem da castração e as mulheres reivindicam o falo. Freud apreendeu esse ponto em seus trabalhos clínicos, apesar de ter inicialmente generalizado o desenvolvimento de homens e mulheres. A especificidade da feminilidade tem relação o “repúdio da feminilidade” que nos remete a algo intratável e que tornaria as análises intermináveis, como trabalharemos no próximo item.

2.9 COMO TERMINAM AS ANÁLISES EM FREUD?: estamos “pregando ao vento”¹⁰⁹?

Em um de seus últimos escritos puramente técnicos, “Análise Terminável e Interminável”, Freud examinou o final da análise e a eficácia terapêutica da psicanálise. Propôs-se a investigar, especialmente, os impasses e as barreiras da análise. A primeira questão que ele se colocou foi: “existe algo que se possa chamar de término de uma análise – há alguma possibilidade de levar uma análise a tal término?”¹¹⁰

Para ele, existem dois motivos para que uma análise pudesse ser considerada concluída. O primeiro diz respeito à cura do paciente, ou seja, que ele não estivesse mais sofrendo de sintomas, ansiedades e inibições. Em segundo, o analista poderia julgar que o tratamento havia sido tão bem sucedido que não correria mais o risco de um retorno do processo patológico. Fora essas duas formas de conclusão da análise, ele a considerava incompleta ou inacabada.

Freud se questionava sobre a possibilidade de alguém ser tratado a ponto de alcançar um nível de normalidade absoluta. Quer dizer, um nível em que o paciente se mantivesse

¹⁰⁸ FREUD, S. Conferência XXXIII: Feminilidade. [1932]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XXII, p. 165.

¹⁰⁹ FREUD, S. Análise terminável e interminável [1937]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XXIII, p. 250.

¹¹⁰ Ibid., p. 252.

estável. Quanto a isso, ele considerava que o prognóstico de casos de origem traumática era melhor do que aqueles de origem constitucional. Em suas palavras: “somente quando um caso é predominantemente traumático é que a análise alcançará sucesso em realizar aquilo que é tão superlativamente capaz de fazer [...]. Só em tais casos pode-se falar de uma análise que foi definitivamente terminada.”¹¹¹

De maneira geral, Freud estabeleceu três fatores decisivos para o sucesso ou não do processo analítico:

- 1 – a influência dos traumas;
- 2 – a força constitucional das pulsões;
- 3 – as alterações do ego.

Perguntava-se sobre a possibilidade de um paciente se livrar de forma permanente de uma exigência pulsional. Para ele, tal resolução seria impossível e indesejável. Ele propunha o que nomeou de amansamento pulsional. A pulsão seria colocada em harmonia com o ego e não mais buscaria caminhos independentes para sua satisfação. Em “O problema econômico do masoquismo”, o analista utilizou o termo amansamento para se referir a ação pela qual a pulsão de morte não provocaria mais danos à libido.

Em especial, sobre as mulheres, ele propunha que durante a menopausa – assim como na adolescência – haveria uma espécie de reforço fisiológico no qual a influência das pulsões se tornaria mais forte devido a fragilidade fisiológica do período. Freud considerava os fatores quantitativos e econômicos das análises negligenciado frente aos qualitativos, dinâmicos e topográficos.

Ele afirmava que a normalidade é uma ficção ideal: uma pessoa considerada normal era apenas normal na média. A justificativa freudiana para essa afirmação pode ser encontrada na força da pulsão de morte. Segundo ele, sua teoria dualista previa que a pulsão de morte reivindica uma sociedade com Eros. Eles se associariam em uma ação concorrente ou mutuamente oposta. Eros se esforçaria para combinar o que existe em unidades cada vez maiores e a pulsão de morte dissolveria essas combinações e destruiria a origem delas. A pulsão de morte foi definida por ele como “o impulso que tem o ser vivo a retornar a um estado inanimado.”¹¹² Haveria uma impossibilidade de simbolizar a pulsão de morte. O amansamento pulsional não poderia ser satisfatório, na medida em que lidamos com um excesso pulsional que resiste e escapa.

¹¹¹ FREUD, S. Análise terminável e interminável [1937]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XXIII, p. 252.

¹¹² Ibid., p. 280.

Para Freud, um analista não pode prescindir de ter entre suas qualificações um bom grau de normalidade e de correção mental. Ele situou a psicanálise entre as profissões impossíveis. As outras seriam a função de governar e a de educar. O que elas têm em comum, para ele, é o fato de que o resultado insatisfatório já pode ser previsto com relativa antecedência. Ele faz parte da característica principal que permeia essas profissões. Para o autor, a análise de si mesmo seria um fator primordial. O analista deveria se submeter ao processo terapêutico com frequência.

Todo analista deveria periodicamente – com intervalos de aproximadamente cinco anos – submeter-se mais uma vez à análise, sem se sentir envergonhado por tomar essa medida. Isso significaria, portanto, que não seria apenas a análise terapêutica dos pacientes, mas a sua própria análise que se transformaria de tarefa terminável em interminável.¹¹³

Freud advertiu que não pretendia afirmar que a análise era um processo sem fim. Para ele, o objetivo de uma análise deveria ser a garantia de melhores condições psicológicas para as funções do ego. De acordo com ele homens e mulheres desenvolvem um “repúdio da feminilidade”. Este se torna uma fonte de resistência para a análise. No homem, ele destacava uma luta contra sua atividade passiva frente a outro homem como a principal característica de resistência. A atitude passiva implica na aceitação da castração e os homens, de maneira geral, recalcam esse processo. Essa aceitação só ocorre tendo, em contrapartida, supercompensações excessivas.

Por outro lado, a mulher desenvolve como resistência a inveja do pênis. Para o analista, nas mulheres pode ocorrer o recalque da castração que, dependendo da intensidade, vai determinar sua cota de feminilidade. Nos melhores casos, a mulher pode conseguir apaziguar o desejo de masculinidade e tomá-lo como o desejo de um bebê ou de um marido.

A concepção freudiana de feminilidade (*Weiblichkeit*) é tomada como esse ponto de ‘incurável’, uma vez que é a própria causa do aparelho psíquico, sendo o ponto de origem e de limite do mesmo. Desse modo, a feminilidade, assim como a pulsão de morte, não possui um significante que a designe.¹¹⁴

Os impasses para que uma análise pudesse ser finalizada encontram seu ponto de apoio na relação com o complexo de castração. O rochedo da castração tem como base os restos das relações com o mesmo sexo. Freud relatava que se sentia impotente e com a

¹¹³ FREUD, S. Análise terminável e interminável [1937]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XXIII, p. 283-284.

¹¹⁴ QUEIROZ DE PAULA, Fernanda Oliveira. **Da castração como rochedo freudiano à vertente feminina da sexualização lacanianiana**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGTP, 2013, p. 55.

sensação de que estivesse “pregando ao vento”. Não havia encontrado sucesso em “persuadir uma mulher a abandonar seu desejo de um pênis, com fundamento de que é irrealizável”¹¹⁵ e nem mesmo em “convencer um homem de que uma atitude passiva para com homens nem sempre significa castração e que ela é indispensável em muitos relacionamentos na vida.”¹¹⁶

Em relação às mulheres, ele acreditava que o desejo impossível de um pênis as levava a sofrer com os quadros depressivos. Essa falta, tão penosa para elas, exerce uma influência que perturba e dificulta o tratamento analítico. Por fim, ele defendia que dominar esse grande enigma do sexo era o desafio da psicanálise e que cabia ao psicanalista a aposta de reexaminar e alterar essa atitude encontrada como um rochedo frente à castração.

O enigma da feminilidade que Freud se dispôs a desvendar ficou sem um esclarecimento. Apesar de acreditarmos que ele foi bastante criativo e inventivo, ao estabelecer a vertente positiva da castração, ele terminou suas obras com a questão sobre a feminilidade obscura.

[...] A sexuação foi toda pensada por Freud desde o início a partir do modelo masculino. Tudo o que ele desenvolveu sobre o complexo de Édipo e a maneira como pensou a identificação, o lugar do objeto, foi tudo desenvolvido pela lógica masculina. Quando ele se dá conta de que não há simetria entre os sexos, ele larga essa questão do feminino na mão das metáforas mais frouxas: mulher como continente negro da feminilidade, o repúdio da feminilidade para ambos os sexos, o problema da mulher é o período mino-micéniano da sua relação com a mãe, não se sabe o que uma mulher quer, etc. Para Freud, se a mulher se interessa por essas histórias edípicas é pela via da reivindicação fálica. Ele reduz a questão feminina à reivindicação fálica, ao mesmo tempo em que se surpreende, pois isso não dá conta. Elas reivindicam o falo e todos os equivalentes que lhes são propostos não resolvem nada. Por isso, a questão da sexualidade feminina em Freud fica como enigma, fica como problema sem solução.¹¹⁷

¹¹⁵ FREUD, S. Análise terminável e interminável [1937]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XXIII, p. 286.

¹¹⁶ Ibid., p. 286.

¹¹⁷ COELHO DOS SANTOS. **Sinthoma: corpo e laço social**. Rio de Janeiro: Editora Sephora/UFRJ, 2006a., p. 153-154.

3 PARA LER FREUD COM LACAN

Não se supera Freud tampouco. Não se faz tampouco – com que interesse? – a cubagem, o balanço. Utiliza-se. Movemo-nos em seu interior. Guiamo-nos com o que ele nos deu como direções. O que aqui lhes apresento é uma tentativa de articulação da essência de uma experiência na medida em que foi guiada por Freud. Não é absolutamente uma tentativa de cubar ou de resumir Freud.¹¹⁸

Escolhemos essas palavras de Lacan para iniciar o terceiro capítulo da tese. Elas nos revelam a relação que ele estabeleceu com Freud e seu ensino. O próprio Lacan associava o seu nome ao de Freud. Ele tomou Freud como um sujeito suposto saber, na medida em que acreditava que ele era aquele ao qual se poderia supor um saber sobre os processos inconscientes. “Ele sabia, e nos deu esse saber em termos que se podem dizer indestrutíveis, uma vez que, depois que foram emitidos, suportam uma interrogação que, até o presente, jamais foi esgotada.”¹¹⁹

Lacan demonstrava que tinha com o ensino freudiano uma relação de bastante respeito. Ele passou grande parte de sua vida ocupado com essa parceria que ele nomeou como “Freud e eu”. Entendia que havia retomado e legalizado, com as ferramentas da linguística, o inconsciente freudiano.

No decorrer de seu ensino, ele propôs o uso da prática lógica do campo matemático. Acreditava que na matemática não havia erro subjetivo e, então, ela poderia ser utilizada para a construção de uma linguagem isenta de equívocos. Defendia que a linguagem deveria ser pura escrita. “Ao equívoco fundamental do discurso comum opõe-se aqui a função do isomorfismo, que constitui um certo número de domínios que caem sob o domínio de uma única e mesma fórmula escrita.”¹²⁰

Com o uso da prática lógica, Lacan deu prosseguimento aos processos de formalização da obra freudiana. Ele defendia que a lógica tinha estreita relação com o conteúdo do inconsciente. Entendia ainda que Freud fez uso dessa prática e que isso poderia ser verificado em algumas articulações propostas ao longo de suas obras.¹²¹

¹¹⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise** [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991, p. 253.

¹¹⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 220.

¹²⁰ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro** [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 94-95.

¹²¹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 46.

Ele declarava que não tinha a pretensão de explicar tudo. Assinalava que seu objetivo era “fazer com que haja psicanalistas que não sejam imbecis.”¹²² O objetivo de seu ensino era a formação dos analistas. Pretendia oferecer um direcionamento dentro da perspectiva que ele nomeou de “acontecimento Freud”. Com essa expressão, ele ressaltava a originalidade de Freud e seu papel capital para a psicanálise. Defendia que ninguém havia dado mais peso do que ele a um retorno a Freud. Enfatizava também que a descoberta da função do inconsciente provocou uma mudança radical no campo da verdade e da ética. Nas palavras dele:

Se em minha vida limitei-me a comentar minha experiência e a interrogá-la em suas relações com a doutrina de Freud, foi precisamente no intuito de não ser um pensador, mas de interrogar um pensamento já constituído, o de Freud, levando em conta aquilo que o determina, ou seja, aquilo que, hegelianamente falando, constitui ou não sua verdade.¹²³

Lacan não desejava reinventar a psicanálise. O começo de seu ensino é apresentado através de um retorno a Freud. Dizia ainda: “eu não procuro, eu acho, isto quer dizer que, no campo de Freud, basta a gente se abaixar para colher o que há para achar.”¹²⁴ Ele questionava as condições de possibilidade da psicanálise. “E qual foi a resposta? A psicanálise só é possível se, e somente se, o inconsciente está estruturado como uma linguagem. O que se chama o ensino de Lacan é o desenvolvimento dessa hipótese até suas últimas consequências.”¹²⁵

Ele acreditou que o inconsciente freudiano encontrava coerência a partir de sua afinidade estrutural com a linguagem. Freud nunca fez essa afirmação, mas essa é uma interpretação de Lacan das obras freudianas. “De fato, porém, sua metapsicologia nunca foi mais que uma análise da estrutura radical da linguagem, o que podemos chamar de uma lógica do significante.”¹²⁶

Escolhemos Jacques Alain-Miller para apresentar Lacan, na medida em que ele foi encarregado pelo próprio para estabelecer os textos dos seus seminários. Após a dissolução da *École Freudienne* de Paris, Miller foi indicado por Lacan como o “ao-menos-um que me lê”.¹²⁷ Nas palavras de Miller, quem é Lacan?

¹²² LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro** [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 159-160.

¹²³ *Ibid.*, p. 270.

¹²⁴ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 205.

¹²⁵ MILLER, Jacques-Alain. **Percursos de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988a., p. 12.

¹²⁶ *Ibid.*, p. 14.

¹²⁷ *Ibid.*, p. 7.

É um analista que se obrigou a si mesmo a dar razões, toda semana, em público, de sua prática. Não conheço discurso que recorra menos à fé cega, ao princípio de autoridade ou ao entusiasmo. O discurso de Lacan é uma argumentação que pretende ser demonstrativa em um campo em que o obscurantismo, o recurso ao pensamento mágico são regra. Lacan, certamente, introduziu a recompilação de seus Escritos com uma referência ao Século das Luzes e à ambição racionalista. Por isso, de fato, é o oposto do retrato que dele se difundiu. Seu ensino está animado por um ideal de simplicidade, como demonstra a redução de material que realizou progressivamente no vocabulário freudiano, até introduzir – em número restrito – os termos de uma álgebra muito cômoda quando se conhece seu manuseio.¹²⁸

Essa é a tese de Miller: a obra de Lacan é fundamentalmente simples. Mas ele reconhece que essa afirmação é paradoxal, ou seja, parece contrária ao senso comum. Admite que a escrita de Lacan seja permeada de aforismos que escondem a articulação total do raciocínio. Ele também defende que este escrevia de modo a aproveitar as retóricas e as homofonias da língua francesa na tentativa de ilustrar a primazia do significante.

O próprio Lacan, certa vez, admitiu: “com efeito, meu estilo é um problema.”¹²⁹ Reconheceu também: “escrevo depressa. Nunca tinha dito isto a mim mesmo. Um texto, como indica o nome, só pode ser tecido em se dando nós. Quando damos nós, há alguma coisa que sobra e fica pendurada.”¹³⁰

Miller não desconhece as dificuldades que podem ser encontradas no discurso lacaniano. Para ele, o principal impasse está no fato de que Lacan desenvolveu um pensamento altamente sistematizado e, por outro lado, apresentava um estilo evasivo e repentino. “Pode-se dizer que quando Lacan emprega uma palavra, nunca se está seguro se se deve entendê-la segundo o uso habitual, corrente da língua. É que ele operou uma refundição na linguagem que, de fato, exige estudo.”¹³¹

Além disso, as referências teóricas de Lacan são muito amplas e diversas. Elas passeiam entre a literatura, a ciência, a topologia e a lógica. “Com efeito, deve-se seguir suas referências e, se me permitem a expressão, quebrar a cabeça. Isso quer dizer que é uma obra extremamente opaca para os leitores apressados.”¹³²

¹²⁸ MILLER, Jacques-Alain. **Percorso de Lacan**: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1988a., p. 15.

¹²⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro** [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 89.

¹³⁰ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 163-164.

¹³¹ MILLER, Jacques-Alain. **Percorso de Lacan**: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1988a., p. 15.

¹³² *Ibid.*, p. 16.

Miller acredita que a obra de Lacan é extensa e permeada de sucessões que aparentam que ele mudou bastante de opinião. Porém, ele defende que Lacan se cercou de esquemas, grafos e fórmulas que o freavam, apesar de ter passado por pontos em que realizou diferentes leituras.

É um tipo de trabalho que causou impacto na intelectualidade francesa. Em Paris, as modas não duram muito tempo, o existencialismo de Sartre esteve em moda, no máximo, durante dez anos; Lacan já tem trinta anos de moda e, apesar de seus esforços, os intelectuais franceses não conseguiram dizer que já o esgotaram.¹³³

Para demonstrar a sua tese de que o ensino de Lacan é simples, Miller se propôs a fazer uma apresentação das obras lacanianas que sirva como uma tábua de orientação. Seguiremos em nossa tese essa divisão apresentada por ele. Lacan acreditava que começou um pouco tarde e data o início de seu ensino a partir de 1953. Mais precisamente, com o texto “Função e campo da palavra e da linguagem em psicanálise”. Antes disso, ele se dedicou à medicina e à psiquiatria e escreveu artigos sobre a clínica psiquiátrica. Nessa área, seu trabalho mais conhecido foi sua tese sobre a psicose paranoica, em 1932.

A divisão que Miller fez das obras de Lacan engloba a seguinte periodização:¹³⁴

- 1 – Primeiro Ensino: 1953 a 1963
- 2 – Segundo Ensino: 1964 a 1974
- 3 – Terceiro Ensino: 1975 a 1980

Acompanharemos essa divisão para apresentar as ideias de forma sistematizada. Discutiremos, a seguir, de forma geral, o que encontramos no primeiro ensino laciano.

3.1 O PRIMEIRO ENSINO DE LACAN

O primeiro ensino de Lacan engloba os trabalhos entre os anos de 1953 a 1963, ou seja, entre os Seminários 1 ao 10. Nesse período, o ensino laciano tem a forma de seminários de textos de Freud. A cada ano, ele se dedicou a um conceito ou a uma obra do autor. O marcante nesses dez primeiros anos é que Lacan validou sua premissa de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem desde as obras freudianas. Recolhemos ainda que a categoria essencial da experiência, nesse primeiro ensino, é a do simbólico.

Nesse momento inicial, a sexualidade e o inconsciente mantêm uma relação de dependência com a linguagem. A primazia do simbólico resulta em uma estrutura de linguagem que mortifica o corpo, pois este é reduzido ao significante. O corpo tem sua

¹³³ MILLER, Jacques-Alain. **Percursos de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988a., p. 16.

¹³⁴ *Ibid.*, p. 16-18.

imagem constituída a partir do significante. A linguagem é a condição do inconsciente. O discurso do Outro é o saber inconsciente.

Ao longo do capítulo, veremos, mais detalhadamente, o percurso de Lacan dentro dessa perspectiva que norteou o seu primeiro ensino.

3.1.1 O desejo do homem é o desejo do outro ¹³⁵

Em seus primeiros seminários, Lacan se propôs a revisitar os escritos técnicos de Freud. Tratou, dentre outros temas, da relação do sujeito com seu semelhante como algo que necessariamente estrutura a constituição humana. Para ele, cada sujeito tem uma função na ordem de suas relações simbólicas e, portanto, nas relações humanas.

A localização do sujeito no mundo simbólico, que ele definiu como o mundo da palavra, é essencial. “Esse domínio central da experiência analítica, nós o reencontramos indicado em todo lugar na obra de Freud, nunca nomeado, mas indicado em todos os seus passos.” ¹³⁶ Lacan defendia que a troca de palavras entre os sujeitos tem uma dupla função: o reconhecimento dos pactos que os unem e o próprio comunicado que, por sua vez, vem carregado de apelos e acordos com o objeto.

“Cada vez que um homem fala a outro de maneira autêntica e plena, há, no sentido próprio, transferência, transferência simbólica – alguma coisa se passa que muda a natureza dos dois seres em presença.” ¹³⁷ Logo, a relação objetal tem relação com a palavra. O parceiro fundamental dos seres humanos é a relação ao outro. Por isso, podemos ser definidos como seres libidinais.

Lacan formalizou a noção fundamental de que a identificação ao outro permite ao sujeito situar com precisão a sua relação imaginária e libidinal com o mundo em geral. “O objeto amado é, no investimento amoroso, pela captação que ele opera do sujeito, estritamente

¹³⁵ No ensino lacaniano, há o outro e o Outro. “Há dois outros que se devem distinguir, pelo menos dois – um outro com A maiúsculo e um outro com a minúsculo, que é o eu. O Outro, é dele que se trata na função da fala” (LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** [1954-1955]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 297.)

O pequeno outro é o igual, o semelhante e o grande Outro é do do campo simbólico e da linguagem. Até 1955, a imagem do pequeno outro é a própria imagem antecipada do eu. É onde o corpo da criança encontra a unidade, a totalidade e com o qual faz sua identificação imaginária. O Outro é do campo do significante. Revela a origem do sujeito através da trama familiar e da cultura. É uma identificação simbólica. Ela surge através de um significante mestre, S1, com o qual o sujeito se identifica. A entrada do sujeito no simbólico passa essencialmente pelo assujeitamento ao significante do Outro. Em nossa tese utilizamos os dois termos, conforme o momento da proposição do ensino lacaniano. A constituição do sujeito e de sua subjetividade é efeito tanto da identificação imaginária com o pequeno outro quanto com o significante do grande Outro.

¹³⁶ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud** [1953-1954]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986, p. 107.

¹³⁷ Ibid., p. 130.

equivalente ao ideal do eu.”¹³⁸ Ou seja, o objeto amado produz um efeito imaginário de estabilização da imagem corporal. Temos como resultado um corpo vestido pelo ideal do eu.

Com base no texto freudiano sobre o narcisismo, Lacan buscou uma definição sobre o que é o amor, em termos psicanalíticos. De acordo com ele:

O amor é um fenômeno que se passa ao nível do imaginário, e que provoca uma verdadeira subdução do simbólico, uma espécie de anulação, de perturbação da função do ideal do eu. O amor reabre a porta – como escreve Freud, que não usa meias medidas – à perfeição. [...] Ou, em outras palavras, quando se está apaixonado, se é louco, como diz a linguagem popular.¹³⁹

Ele retomou a ideia freudiana da ocorrência de uma captação narcísica no processo amoroso semelhante à loucura, uma vez que acontece uma desregulação do aparelho psíquico. “É isso, o amor. É o seu próprio eu que se ama no amor, o seu próprio eu realizado ao nível imaginário. Não é todos os dias que se encontra o que é feito para dar a justa imagem do seu desejo.”¹⁴⁰

Ele estabeleceu a relação do amor com o desejo. Relembrou o axioma de Hegel: “o desejo do homem é o desejo do outro”. Essa máxima embasou também a clássica noção lacaniana de estágio de espelho. Ele definiu essa concepção como um momento do desenvolvimento infantil em que a criança passa a reconhecer a sua própria imagem no espelho.

O sujeito localiza e reconhece originalmente o desejo por intermédio não só da sua própria imagem, mas também do corpo do seu semelhante. É exatamente aí, nesse momento, que se isola a consciência enquanto consciência de si. É na medida em que é no corpo do outro que ele reconhece o seu desejo que a troca se faz. Quando o desejo passa para o outro lado, ele assimila o corpo do outro e se reconhece também como corpo.

Lacan recuperou a afirmação freudiana de que o desamparo é a fonte de todos os motivos morais. O ser humano nasce com traços fetalizados. O aparelho nervoso está inacabado no nascimento. Essa prematuração do nascimento marca uma falta estrutural. O homem atinge o acabamento da sua libido antes de encontrar o objeto dela. É por isso que se introduz uma falha especial que perpetua a relação ao outro. É uma relação infinitamente mais mortal para ele do que para qualquer outro animal. Essa relação de impotência e,

¹³⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud** [1953-1954]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986, p. 149.

¹³⁹ Ibid., p. 166.

¹⁴⁰ Ibid., p. 167.

consequentemente, dependência do outro, justifica outra máxima lacaniana de que “estamos todos de acordo em que o amor é uma forma de suicídio.”¹⁴¹

A passagem da fase imaginária para uma etapa simbólica ocorre no momento em que essa relação com o outro é nomeada pelo sujeito. É o momento em que o homem se torna humano. A junção das dimensões imaginária e simbólica é uma necessidade fundamental, uma vez que a linguagem encontra-se imediatamente ligada às experiências primitivas.

A relação imaginária primordial enquadra o erotismo possível, mas ela o transcende, uma vez que o desejo pode ser nomeado e reconhecido. “Não há amor funcionalmente realizável na comunidade humana, se não é por intermédio de um certo pacto, que, seja qual for a forma que toma, tende sempre a se isolar numa certa função, ao mesmo tempo no interior da linguagem e no exterior.”¹⁴²

O eu, de acordo com Lacan, é privado de posição absoluta no sujeito, já que ele “[...] assume o estatuto de miragem, como o resto, não é mais do que um elemento das relações objetais do sujeito.”¹⁴³ A imagem do outro é constitutiva do eu e o desenvolvimento psíquico está calcado nessas identificações ideais.

Lacan diferenciou o amor como paixão imaginária do amor como dom ativo. Este se define como aquele no qual o objetivo do sujeito é ser amado. O desejo de ser amado é o desejo de que o objeto amante seja tomado como tal. Amar um ser para além do que ele parece ser. O dom ativo do amor visa o outro no seu ser.

O amor, não mais como paixão, mas como dom ativo, visa sempre, para além da cativação imaginária, o ser do sujeito amado, a sua particularidade. É por isso que pode aceitar dele até muito longe as fraquezas e os rodeios, pode mesmo admitir os erros, mas há um ponto em que pára, um ponto que só se situa a partir do ser – quando o ser amado vai muito longe na traição de si mesmo e persevera na tapeação de si, o amor não segue mais.¹⁴⁴

O que comumente se denomina amor tem uma definição precisa na perspectiva psicanalítica. No primeiro ensino de Lacan, a dimensão narcísica é central no encontro com o outro. “É no outro que ele reencontrará sempre o seu eu-ideal, donde se desenvolve a sua

¹⁴¹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud** [1953-1954]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986, p. 175.

¹⁴² Ibid., p. 202.

¹⁴³ Ibid., p. 225.

¹⁴⁴ Ibid., p. 315.

dialética das suas relações ao outro.”¹⁴⁵ Lacan estabelecia que o eu é um objeto que essencialmente preenche uma função imaginária. No entanto, o eu não é apenas uma função. A partir do momento em que o mundo simbólico está fundado, ele próprio pode servir de símbolo. Em suas palavras: “ensino-lhes que Freud descobriu no homem o peso e o eixo de uma subjetividade que ultrapassa a organização individual como soma das experiências individuais, e até mesmo, como linha do desenvolvimento individual.”¹⁴⁶

Outra noção central no primeiro ensino é a de que o inconsciente é o discurso do outro:

[...] É o discurso do circuito no qual estou integrado. Sou um dos seus elos. É o discurso do meu pai, por exemplo, na medida em que meu pai cometeu faltas as quais estou absolutamente condenado a reproduzir – é o que se denomina superego. Estou condenado a reproduzi-las porque é preciso que eu retome o discurso que ele me legou, não só porque sou o filho dele, mas porque não se pára a cadeia do discurso, e porque estou justamente encarregado de transmiti-lo em sua forma aberrante a outrem. Tenho de colocar a outrem o problema de uma situação vital onde existem todas as probabilidades que ele também venha a tropeçar, de forma que este discurso efetua um pequeno circuito no qual se acham presos uma família inteira, um bando inteiro, uma facção inteira, uma nação inteira ou a metade do globo. Forma circular de uma fala, que está justo no limite do sentido e do não sentido, que é problemática.¹⁴⁷

Para que haja relação ao objeto é preciso que já exista relação narcísica do eu ao outro. Isso porque o objeto tem a estrutura de uma repetição. Assim como para Freud, Lacan admitiu que nunca é o mesmo objeto que o sujeito encontra. O sujeito insiste em produzir objetos substitutos, mas se depara com a impossibilidade do reencontro primitivo.

O que importa é saber em que ponto devemos nos situar na relação com o nosso parceiro. “Ora, se algo é evidente, é o fato de haver neste fenômeno único que é a relação inter-humana duas dimensões diferentes, ainda que elas se enlacem continuamente – uma é a do imaginário, a outra a do simbólico.”¹⁴⁸

No alcance metafísico de sua obra, Freud realizou uma construção teórica simbólica, ao colocar como causa da busca de objeto uma perda primordial. A forma de constituição do objeto foi retomada por Lacan a partir da descoberta freudiana. “O objeto humano se constitui sempre por intermédio de uma primeira perda. [...] O sujeito tem sempre de reconstituir o

¹⁴⁵ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud** [1953-1954]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986, p. 321.

¹⁴⁶ Ibid., p. 58.

¹⁴⁷ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** [1954-1955]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 118.

¹⁴⁸ Ibid., p. 138.

objeto, ele procura reencontrar-lhe a totalidade a partir de sei lá que unidade perdida na origem.”¹⁴⁹

O passo de Freud é visto por Lacan como revolucionário, ao apreender que as relações entre os seres humanos se estabelecem realmente para alguém do campo da consciência. É o desejo inconsciente que efetua a estruturação primitiva do mundo humano. No plano libidinal, o objeto é apreendido sempre através do crivo da relação narcísica.

O nome é o tempo do objeto. A nomenclatura constitui um pacto, pelo qual dois sujeitos ao mesmo tempo concordam em reconhecer o mesmo objeto. [...] se os sujeitos não se entenderem sobre este reconhecimento, não haverá mundo algum, nem mesmo perceptivo, que se possa manter por mais de um instante.¹⁵⁰

A relação da satisfação do sujeito está relacionada com a satisfação do outro. Lacan sistematizou as ideias freudianas desenvolvidas em “Sobre o narcisismo: uma introdução”, de 1914, para lembrar a situação primitiva das modalidades da vida amorosa do homem e da mulher. “O que ele ama é a mulher que o alimenta e o homem que a protege.”¹⁵¹

Desde o início de seus trabalhos, ele esteve ocupado em estabelecer a formalização da sexualidade, apesar de alcançar sua maturidade no último ensino, como veremos. Todavia, ainda nos deparamos com o impasse que encontramos em Freud. Quer dizer, não há possibilidade de satisfação e felicidade no amor, na medida em que estamos marcados pela impossibilidade e pela insatisfação. Nessa primeira concepção lacaniana, a dimensão do objeto perdido desde sempre e a de que nada do que se encontra é da ordem do que se quer é marcante.

Seguiremos, então, interessados na solução positiva do autor para essa dificuldade. No próximo item, recolheremos contornos menos gerais e partiremos para pensar a relação de sujeito e objeto no que diz respeito, especialmente, a problemática feminina.

3.1.2 O que é ser uma mulher?

Lacan determinou que o elemento fundamental de uma neurose é o Outro¹⁵² da fala. A linguagem tanto nos fundamenta no Outro quanto nos impede de entendê-lo. Por isso, “o

¹⁴⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** [1954-1955]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 174.

¹⁵⁰ Ibid., p. 215.

¹⁵¹ Ibid., p. 155.

¹⁵² Recuperamos mais um momento no qual Lacan explica a relação entre o Outro e o outro: “Nós nos endereçamos de fato aos A1, A2, que é aquilo que não conhecemos, verdadeiros Outros, verdadeiros sujeitos. Eles estão do outro lado do muro da linguagem, lá onde, em princípio, jamais os alcanço. São eles que fundamentalmente visio cada vez que pronuncio uma fala verdadeira, mas sempre alcanço a’ [o eu], a’’ [o outro], por reflexão. Visio sempre os sujeitos verdadeiros, e tenho de me contentar com as sombras. O sujeito está

sujeito não sabe o que diz, e pelas mais válidas razões, porque não sabe o que é.”¹⁵³ Em função disso, a estrutura de uma neurose é essencialmente uma questão. “O que é ser uma mulher?” é um questionamento que está para todos, sejam mulheres ou homens.

Para a mulher, conforme vimos, a assunção de seu sexo não ocorre de forma simétrica à do homem durante a vivência do complexo de Édipo. Ela passa por um desvio suplementar, pois não se identifica diretamente com a mãe e sim com o pai. Diferentemente de Freud, Lacan acreditava que essa aparente desvantagem feminina quanto ao acesso à identidade de seu próprio sexo poderia ser entendida como um ganho. Isso porque “na histeria, transforma-se numa vantagem, graças à sua identificação imaginária com o pai, que lhe é perfeitamente acessível, em virtude especialmente de sua posição na composição do Édipo. Para o homem, em compensação, o caminho será mais complexo.”¹⁵⁴

A dissimetria entre os sexos está situada no plano simbólico, na medida em que depende do significante. Não há uma simbolização do sexo da mulher como tal, uma vez que o imaginário propicia somente a ausência ou o vazio no lugar de um símbolo fálico. É o símbolo fálico que, no processo do complexo de Édipo, faz com que a mulher siga no atalho paterno rumo à identificação. Lacan salientou que ela segue durante um período a mesma direção que o menino. A justificativa para essa semelhança está no fato de que há uma prevalência da forma imaginária do falo que é, por sua vez, tomada como o elemento simbólico central do Édipo.

Como o complexo de castração ocupa o lugar central no que diz respeito à realização do Édipo, encontramos uma dissimetria significativa. “Essa dissimetria significativa determina as vias por onde passará o complexo de Édipo. As duas vias fazem eles passarem na mesma vereda – a vereda da castração.”¹⁵⁵ Porém, a dissimetria revela um impasse: o falo é um símbolo que não apresenta um correspondente de igual valor.

Nessa ordenação simbólica, a menina toma a imagem do outro sexo para se identificar e fazer advir a realização subjetiva de seu sexo. “O sexo feminino tem uma característica de ausência, de vazio, de buraco, que faz com que aconteça ser menos desejável que o sexo

separado dos Outros, os verdadeiros, pelo muro da linguagem. Se a fala se fundamenta na existência do Outro, o verdadeiro, a linguagem é feita para remetermos de volta ao outro objetivado, ao outro com o qual podemos fazer tudo o que quisermos, inclusive pensar que é um objeto, ou seja, que ele não sabe o que diz.” (LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** [1954-1955]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 308.) Ver também nota de rodapé 135.

¹⁵³ Ibid., p. 308.

¹⁵⁴ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3: as psicoses** [1955-1956]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 197.

¹⁵⁵ Ibid., p. 201.

masculino no que ele tem de provocante, e com que uma dissimetria essencial apareça.”¹⁵⁶ A realização da posição sexual é um arranjo simbólico.

Na estruturação da neurose vemos um cruzamento recíproco entre o imaginário e o simbólico. Isso porque é na ordem do imaginário que ocorre a relação de identificação com o outro, com um objeto. Porém, posteriormente, através da simbolização a que é submetida no complexo de Édipo, a realização genital ocorre. O homem se viriliza e a mulher aceita sua função feminina.

O encontro entre o imaginário e o simbólico no complexo de Édipo fez com que muitos psicanalistas insistissem nos traços comuns entre os processos subjetivos de meninos e meninas. Até mesmo Freud, inicialmente, trabalhou esses traços como simétricos, conforme apresentamos no capítulo anterior. No entanto, ele retificou suas posições e depois sempre perseverou na dissimetria entre os sexos.

Quanto a isso, Lacan discutiu o que Freud não considerou ao analisar Dora. No Capítulo 2, nos propusemos a retomar essa discussão. Escolhemos esse momento para levantar as primeiras afirmações dele sobre o caso Dora. Relembramos que a pergunta que Freud não se ateu foi: qual a verdadeira relação de Dora com a Sra. K.?

3.1.3 Caso Dora por Lacan

Lacan realizou, em várias de suas obras, algumas contribuições ao caso Dora, analisado por Freud em 1901. Sabemos que Freud considerava que a relação de Dora com a Sra. K. passava por uma vertente homossexual. De acordo com Lacan, Dora realizou um aprofundamento na dialética do imaginário e do simbólico no complexo de Édipo. Através de sua neurose, ela, como toda histérica-mulher, formulava a questão: o que é ser uma mulher?

Quando Dora se vê interrogar a si mesma sobre *o que é uma mulher?*, ela tenta simbolizar o órgão feminino como tal. Sua identificação com o homem, portador do pênis, é para ela, nessa ocasião, um meio de aproximar-se dessa definição que lhe escapa. O pênis lhe serve literalmente de instrumento imaginário para apreender o que ela não consegue simbolizar.¹⁵⁷

Para Lacan, ao apontar a cumplicidade de Dora na relação do pai com a Sra. K., Freud realizou uma manobra essencial porque precisamente pôs em evidência que, até um determinado momento, aquela posição fora sustentada de maneira bastante eficiente pela

¹⁵⁶ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3: as psicoses** [1955-1956]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 202.

¹⁵⁷ Ibid., p. 203, grifo do autor.

própria jovem. Ela se mostrara muito mais do que complacente para com aquela posição singular, na medida em que protegeu os encontros do pai e da dama. Como vimos, Dora cuidava, inclusive, dos filhos da Sra. K. Por outro lado, à medida que Freud foi adiante na estrutura do caso, ficava evidente que Dora tinha uma ligação especial com a Sra. K., que foi sua confidente, e que, como tudo indica, foi muito longe com ela em suas confidências.¹⁵⁸

Lacan se pergunta: onde foi que Freud tropeçou? Ele não viu que o Sr. K. somente significava alguma coisa para Dora enquanto ela acreditava que a outra mulher – a Sra. K. – era importante para ele. A paixão de Dora foi rompida com a frase dele: “Você sabe que nada recebo de minha mulher”. Ou seja, “você sabe que minha mulher não é importante para mim.” Dora esbofeteia o Sr. K. e rompe a posição de cúmplice com a situação.

“Freud termina por perceber que neste balé a quatro – Dora, seu pai, o Sr. K. e a Sra. K –, é a Sra. K. o objeto que verdadeiramente interessa a Dora, na medida em que ela própria está identificada com o Sr. K..”¹⁵⁹ Para Lacan, Freud cometeu um equívoco, ao não se perguntar quem deseja em Dora e sim o que ela desejava.

O caso clínico é bastante rico e Freud percebeu, posteriormente, que fracassou em razão de uma resistência da paciente a admitir a relação amorosa que a ligava ao Sr. K. Freud sugeriu isso a Dora com todo o peso da insistência e da autoridade. Ele indicou, em uma nota, que houve um erro de sua parte e que deveria ter compreendido que o apego homossexual à Sra. K era a verdadeira significação do estabelecimento da posição primitiva de Dora.

Porém, o importante não é apenas que Freud reconheça seu tropeço, pois, apesar disso, ao longo de todo o caso ele se mantém na dúvida de qual é o objeto real do desejo de Dora. Lacan se questionou: em que termos devemos articular a posição do problema? Para ele, estava claro que o Sr. K tinha uma importância predominante para Dora e que havia um laço libidinal estabelecido com ele. No entanto, ambigualmente, o laço libidinal de Dora com a Sra. K. também desempenhava grande peso. Como compreender ambos?

[...] A histérica é alguém que ama por procuração, e vocês vão encontrar isso numa multiplicidade de casos clínicos; a histérica é alguém cujo objeto é homossexual: a histérica aborda este objeto homossexual por identificação com alguém do outro sexo. Esta é uma primeira abordagem, de certo modo clínica.¹⁶⁰

¹⁵⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto** [1956-1957]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 140.

¹⁵⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3: as psicoses** [1955-1956]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 200.

¹⁶⁰ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto** [1956-1957]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 140-141.

Dora formulava a seguinte questão: o que meu pai ama na Sra. K? A Sra. K. é alguém que o pai ama, além da própria filha. O que Dora insistentemente questionava era o que causava o desejo do pai na Sra. K. A questão era importante porque Dora, como histérica exemplar, queria saber, fundamentalmente, o que é ser uma mulher. Essencialmente, estamos nessa dimensão durante a exibição de todos os sintomas do caso. Dora se interrogava – o que é uma mulher? – e a Sra. K. era quem encarnava a função feminina para ela. Dora estava interessada em saber quais os atributos que a Sra. K. tinha que atraia o desejo de seu pai. Lacan estabeleceu que o desejo da histérica é sustentar o desejo do pai.

A complacência tão manifesta de Dora para com a aventura do pai com aquela que é a mulher do Sr. K., que ela o deixe fazer-lhe a corte, é exatamente o jogo pelo qual é o desejo do homem que lhe é preciso sustentar. Também a passagem ao ato, a bofetada da ruptura, logo que um deles, o Senhor K., lhe diz, não – *Eu não me interesso por você*, mas – *Eu não me interesso por minha mulher*, mostra que lhe é preciso que esse laço seja conservado preso a esse elemento terceiro que lhe permita ver subsistir o desejo, de todo modo insatisfeito – também o desejo do pai que ela favorece enquanto impotente, como o desejo dela mesma, de não poder se realizar enquanto desejo do Outro.¹⁶¹

O pai da histérica é um pai idealizado. Há sempre algo no pai que se refere a uma potência de criação. Quer dizer, mesmo se for o pai impotente de Dora, a histérica tenta salvá-lo lhe administrando uma vertente de potência criativa em relação à mulher. Em outras palavras, trata-se de salvar o pai. Para Dora, é a Sra. K. quem pode sustentar esse desejo do pai idealizado.¹⁶²

Através da adoração pela Sra. K., Dora recobria sua reivindicação fálica. Lacan retomou a ideia freudiana de que a mulher apresenta uma nostálgica ferida da privação. Para ele, o homem “se empenha em fazer sua parceira aceitar essa privação, em nome do que todos os seus esforços de amor, de pequenos cuidados e de ternos favores serão vãos, posto que ele reaviva a mencionada ferida da privação.”¹⁶³ Ele ainda pensava que a problemática da mulher tinha pontos inassimiláveis:

Tornar-se uma mulher e interrogar-se sobre o que é uma mulher são duas coisas essencialmente diferentes. Eu direi mesmo mais – é porque não nos tornamos assim que nos interrogamos, e até certo ponto, interrogar-se é o contrário de tornar-se. A

¹⁶¹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 41, grifo do autor.

¹⁶² LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise** [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 89-90.

¹⁶³ *Ibid.*, p. 69-70.

metafísica de sua posição é o subterfúgio imposto à realização subjetiva na mulher. Sua posição é essencialmente problemática, e até um certo ponto inassimilável.¹⁶⁴

Seguiremos, após essas reflexões, no desenvolvimento da tese, aprofundando o tema da relação de objeto na perspectiva de Lacan.

3.1.4 Só se dá o que não se tem

Estabelecemos que Lacan sistematizou a relação do sujeito com o outro e o Outro. Ele retornou a esse tema de formas diversificadas, ao longo de seu primeiro ensino. Pretendia restituir o valor para o termo “relação de objeto”. Freud tratou desse tema em algumas obras, especialmente na última parte do artigo “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, de 1905. Para Lacan, Freud abordou principalmente a escolha de objeto, porém a noção de relação de objeto ficou esquecida e seu desenvolvimento foi deficiente.

Ele afirmou que a primeira perspectiva freudiana indicava que a forma que os sujeitos buscam de encontrar o objeto não vai além de ir ao encontro de um objeto perdido, almejando uma espécie de reencontro. Declarou que “uma nostalgia liga o sujeito ao objeto perdido, através da qual se exerce todo o esforço da busca. Ela marca a redescoberta do signo de uma repetição impossível, já que, precisamente, este não é o mesmo objeto, não poderia sê-lo.”¹⁶⁵

Ele acreditava que em Freud a relação entre sujeito e objeto não foi central e, por isso, propôs que ela devesse ser colocada em primeiro plano. Caracterizou essa ligação como algo recíproco e que deve ser nomeada de relação em espelho. Justificava a introdução da noção do estágio do espelho na teoria analítica.

Apontamos a importância desse estágio anteriormente, mas desejamos retomá-lo. Trata-se de um momento em que a criança reconhece sua própria imagem. Porém, o estágio do espelho não representa somente um fenômeno que ocorre no desenvolvimento da criança. “Ele ilustra o caráter de conflito da relação dual. Tudo o que a criança aprende nessa cativação por sua própria imagem é, precisamente, a distância que há de suas tensões internas, aquelas mesmas que são evocadas nessa relação, à identificação com essa imagem.”¹⁶⁶

Lacan esclareceu que o objeto é um instrumento que oculta a angústia fundamental que caracteriza a relação do sujeito com o mundo nas diferentes etapas de seu desenvolvimento. Retomou Freud para ressaltar que não há nenhuma espécie de harmonia nessa relação entre

¹⁶⁴ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 3: as psicoses** [1955-1956]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 200, p. 204.

¹⁶⁵ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto** [1956-1957]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 13.

¹⁶⁶ Ibid., p. 15-16.

sujeito e objeto. Relembrou que Freud, em suas obras “O mal-estar na civilização” (1929) e “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise” (1932), nos diz que há algo que não funciona nessa ligação e que, por isso, há a sensação de hiância. “A ideia de um objeto harmônico, encerrando, por sua natureza, a relação sujeito-objeto, é perfeitamente contradita pela experiência – não diria nem mesmo a experiência analítica, mas a experiência comum das relações entre o homem e a mulher.”¹⁶⁷

Lacan localizou também a falta de harmonia como a justificativa para a demanda de análise. De fato, essa temática é o substrato de muitas falas dos pacientes. Esclareceu que a mola central da relação do sujeito com o mundo é a noção da falta de objeto. Em outras palavras, a estrutura da organização objetal é a falta de objeto. Ele estabeleceu que o objeto é metonímico, na medida em que o objeto do desejo é objeto do desejo do Outro. O desejo, por sua vez, é sempre um desejo de Outra coisa, do que falta, aquele perdido primordialmente.

O caminho do desejo, então, passa necessariamente pela relação com o Outro, uma vez que este é o fiador da linguagem e a propaga como mensagem. A mensagem é constitutiva para o sujeito. Por sua vez, essa concepção é a responsável pelas dificuldades inerentes para a compreensão das diferenças essenciais entre a sexualidade no homem e na mulher. Para Lacan, essa desarmonia chega a ser intolerável e, muitas vezes, encontramos tentativas de reduzir as diferenças em um só princípio – “somos um só!”.

É realmente uma pena que nada mostre, do desenvolvimento da criança, e precisamente na sua relação com as imagens sexuais, que já estejam construídos os trilhos de acesso livre do homem à mulher e vice-versa. Não se trata em absoluto de um encontro, a que fariam obstáculo apenas os acidentes que pudessem sobrevir na estrada.¹⁶⁸

Ele retomou que as teorias sexuais infantis mostram que há uma ligação entre a fase fálica – a primeira maturidade da fase genital e que acontece antes do desenvolvimento do Édipo – e a maneira como se lida com a relação entre os sexos. O ponto de partida do desenvolvimento não propõe uma igualdade da libido entre homens e mulheres e nem indica que só exista uma única forma de libido.

O estágio genital é representado primitivamente apenas por um objeto imaginário: o falo. Este é “[...] o aparelho genital masculino com exceção de seu complemento, os testículos por exemplo. A imagem ereta do falo é o que é fundamental aí. Só existe uma. Não há outra

¹⁶⁷ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto** [1956-1957]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 25.

¹⁶⁸ Ibid., p. 48-49.

escolha senão uma imagem viril ou a castração.”¹⁶⁹ Lacan afirmou que essa concepção de falta que está no centro da relação de objeto é “dinamicamente criadora.”¹⁷⁰ Isso porque o objeto não tem qualidades e nem entra em ação senão com relação à falta. Lacan introduzia uma vertente positiva da castração.

Em relação à dimensão dialética, ele recuperou a ideia freudiana do relacionamento da mulher com a criança:

Freud, por seu lado, nos diz que a mulher tem, dentre suas faltas de objetos essenciais, o falo, e que isso está estreitamente ligado à sua relação com a criança. Por uma simples razão – se a mulher encontra na criança uma satisfação é, muito precisamente, na medida em que encontra nesta algo que atenua, mais ou menos bem, sua necessidade de falo, algo que o satura. Não considerando isso, desconhecemos não somente o ensino de Freud, mas os fenômenos que se manifestam a todo instante na experiência.¹⁷¹

A partir da relação dialética entre mãe, criança e falo – chamada por Lacan de tríade imaginária – podemos alcançar uma relação simbólica, introduzindo o termo pai. Lacan entendia que a entrada do pai trazia a possibilidade de transcender a falta de objeto na relação de castração e conferir a dimensão de uma lei. A função paterna entra em jogo na tríade a partir do momento em que ocorre uma decepção fundamental na criança. Esta decepção está calcada no fato de que ela passa a reconhecer duas novas realidades: que ela não é o único objeto da mãe e que o interesse da mãe é o falo. Soma-se a isso a descoberta de que à mãe também corresponde uma privação de objeto. Quer dizer, a descoberta de que ela não tem o falo. Na situação edípica normal, o sujeito se vê numa rivalidade com o pai que o leva a desenvolver simbolicamente uma potência fálica. Para Lacan, a mulher precisa entrar nessa dialética como função de objeto, mas nas meninas, essa saída não é tão natural.

A organização genital infantil se relaciona com a assunção fálica, sendo que ela é diferente para os dois sexos, a partir da posse ou não do falo.

Não existe, portanto, realização do macho e da fêmea, existe aquele que é provido do atributo fálico e aquele que é desprovido, e ser desprovido dele é considerado como equivalente a ser castrado. Vou ser preciso – tanto para um quanto para outro sexo, isso se baseia num mal-entendido, *Misslingen*, e este mal-entendido é ele próprio baseado numa ignorância: não se trata de desconhecimento, e sim de ignorância mesmo. Por um lado, ignorância do papel fecundador do sêmen masculino; por outro lado, ignorância da existência como tal do órgão feminino.¹⁷²

¹⁶⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto** [1956-1957]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 49.

¹⁷⁰ Ibid., p. 51.

¹⁷¹ Ibid., p. 71.

¹⁷² Ibid., p. 96-97.

Lacan recuperou o desenvolvimento freudiano sobre a sexualidade feminina, relembando que a menina, ao entrar no Édipo, deseja um filho do pai como substituto desse falo que lhe falta. No entanto, a falha desse desejo desempenha uma função fundamental para que ela volte atrás na identificação com o pai e retome sua posição feminina. “No extremo do amor, no amor mais idealizado, o que é buscado na mulher é o que falta a ela. O que é buscado, para além dela, é o objeto central de toda a economia libidinal: o falo.”¹⁷³ O eixo do amor feminino se situa naquilo que falta ao objeto e não no objeto em si.

O autor repôs a ideia freudiana de que o falo não possui o mesmo valor para meninos e meninas, ou seja, para aqueles que possuem e as que não possuem. Para a criança feminina, o falo é um elemento imaginário que entra na dialética simbólica, configurando um sinal de “menos”. Numa primeira introdução na dialética do Édipo, Freud afirmou que a menina substitui o desejo de possuir um pênis pelo desejo de receber uma criança do pai, numa espécie de substituto ou troca.

De acordo com Lacan, “só se dá o que não se tem.”¹⁷⁴ O falo é um objeto simbólico que, através de ameaças imaginárias, atinge o falo real. Em geral, vemos que é nesse sentido que o homem fica capturado. Já a mulher, por sua vez, não tem o falo, mas participa na diferenciação simbólica entre os sexos como ausência. “No ato do amor, é a mulher que recebe realmente, ela recebe bem mais do que dá. Tudo nos indica, e a experiência analítica o acentuou, que não existe posição mais captadora, até mesmo mais devoradora no plano imaginário.”¹⁷⁵

Para Lacan, a problemática feminina é muito mais simples, se a tomarmos do ponto de vista pré-edipiano. Se ela pareceu mais complicada na obra freudiana é pelo fato de que o autor estava em plena descoberta. Lacan justificava que a menina fantasia o encontro com o pênis real no pai. Ela o tem no dom do pai e entra no Édipo dessa maneira simples. Em seguida, o falo terá que deslizar do imaginário para o real por uma espécie de equivalência. Ainda que, no desenvolvimento da sexualidade feminina, a mulher se depare com impasses e dificuldades, Lacan acreditava que a fixação no pai como aquele portador do pênis real já é bastante consistente para a integração da posição heterossexual típica nas meninas.

Ele caracterizava a posição da mulher como subordinada. O pai é, inicialmente, o objeto de amor e se torna aquele que oferece o objeto de satisfação: a criança. “A partir daí, só é preciso que ela tenha um pouco de paciência para que o pai venha enfim ser substituído por

¹⁷³ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto** [1956-1957]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 111.

¹⁷⁴ Ibid., p. 153.

¹⁷⁵ Ibid., p. 156.

aquele que irá preencher exatamente o mesmo papel, o papel do pai, dando-lhe, efetivamente, uma criança.”¹⁷⁶ Essa relação de subordinação ao pai é a causa de uma dependência muito singular que faz com que o desenvolvimento da mulher possa ser bastante estagnado e permeado de exigências quanto às satisfações que ela deseja desfrutar.

As diferenças que marcam o desenvolvimento sexual feminino e masculino fazem da vida amorosa algo muito mais complexo do que uma simples relação de objeto. Lacan lembrou que Freud trabalhou a degradação da vida amorosa nos homens e que tal fato está ligado à fixação na mãe. Ele denomina de “tara original”. A relação do menino com a mãe tende a se reproduzir, dando ao homem seu caráter bígamo. Por outro lado, a mulher traz consigo o ideal de monogamia no casamento, uma vez que estruturalmente ela quer o falo somente para si. Ele localizou na diferença da assunção dos sexos a problemática da vida amorosa.

A seguir, trabalharemos a função normativa do complexo de Édipo e, especialmente, a inveja do pênis enquanto a característica tipicamente feminina.

3.1.5 *Penisneid*: um pequeno amargo na boca

Lacan ressaltou, nesse primeiro ensino, a diferença essencial entre o complexo de Édipo e a genitalização. Explicou que, por muitas vezes, no desenvolvimento da psicanálise, essa distinção pareceu confusa. A função genital necessita de um processo de maturação biológica. O complexo de Édipo tem uma função normativa no que tange à assunção do sexo. O que corresponde à função normativa do processo edípico diz respeito ao que leva à virilidade ou à feminização. “Aquilo que faz com que um homem assuma o tipo viril e com que a mulher assumam um certo tipo feminino, se reconheça como mulher, identifique-se com suas funções de mulher.”¹⁷⁷

A lógica da castração leva ao elemento do ideal do eu. Para Lacan, “castração quer dizer o quê? Quer dizer que tudo deixa a desejar, não quer dizer outra coisa.”¹⁷⁸ Mas o que é a lógica da castração? O pai é aquele que proíbe a mãe enquanto objeto, tanto para o menino quanto para a menina. Ele é aquele que frustra o filho da tentativa de possuir a mãe, o que gera inicialmente uma rivalidade. Porém, ao caminhar para a saída do Édipo, ele aparece

¹⁷⁶ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto** [1956-1957]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995, p. 207.

¹⁷⁷ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente** [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 171.

¹⁷⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 200.

como aquele que é preferido em lugar da mãe e é esse processo que implica na formação do ideal do eu e da identificação final. Desde Freud, apontamos que são processos diferentes para meninos e meninas.

Desenvolvemos acima que é um processo mais fácil para as meninas, na medida em que elas, naturalmente, chegam ao fato de preferir o pai como portador do falo. Lacan afirmou que quando o pai se torna o ideal do eu se produz na menina o reconhecimento de que ela não tem o falo.

Para a menina, esse resultado é totalmente admissível e totalmente gerador de conformidade, embora nunca seja completamente atingido, pois sempre lhe fica um pequeno amargo na boca, ao qual se dá o nome de *Penisneid*, prova de que isso não funciona de maneira realmente rigorosa.¹⁷⁹

Essa identificação ideal leva meninos e meninas à privação, pois a criança reconhece não ter. No caso dos meninos, não ter realmente aquilo que têm e as meninas reconhecem, enfim, aquilo que não têm. Portanto, no complexo de Édipo, o pai é um significante que substitui o significante materno e cria uma metáfora inconsciente.

O essencial é que a mãe reconheça o pai como mediador daquilo que está para além de sua lei e de seu capricho. Ou seja, pura e simplesmente a lei como tal. A inauguração do Nome-do-Pai é uma função que está ligada à enunciação da lei. Lacan reconhecia que o desenvolvimento da doutrina freudiana anunciava e promovia o lugar do pai. Este é – ou não é – aceito pela criança como aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo.

A posição do pai é metafórica. Ela opera quando a mãe faz dele o que sanciona a existência do lugar da lei. Em outras palavras, a partir do momento em que a fala do pai intervém efetivamente no discurso da mãe. A essa etapa da identificação, Lacan nomeou de terceiro tempo do Édipo. Nessa fase, o complexo de Édipo declina e surgem os significantes que deverão ser usados no momento da puberdade. Ao atravessar essa “floresta do significante”, pode-se seguir com o “título de posse no bolso”. Trata-se no menino de se identificar com o pai como possuidor do pênis e na menina de reconhecer o homem como aquele que o possui.¹⁸⁰

Lacan definiu que esse processo psíquico promove consequências para a vida adulta do homem da seguinte forma: “[...] na medida em que é viril, um homem é sempre mais ou

¹⁷⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente** [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p 179.

¹⁸⁰ *Ibid.*, p. 212-213.

menos sua própria metáfora. É isso, aliás, que coloca sobre o termo virilidade a sombra de ridículo que, enfim, convém destacar.”¹⁸¹

A mulher não guarda o título de direito à virilidade por que ela “sabe onde deve ir buscá-lo, que é do lado do pai, e vai em direção àquele que o tem. Isso também indica por que uma feminilidade, uma feminilidade verdadeira, tem sempre o toque de uma dimensão de álibi. Nas verdadeiras mulheres há sempre algo meio extraviado.”¹⁸² Lacan afirmou que a mulher tem “todos os acessos a algo de primitivo e instintivo, que a estabelece numa relação direta com o objeto não mais de seu desejo, mas de sua necessidade.”¹⁸³

Ele afirmou que o desejo tem sempre a referência fálica, na medida em que ela é constitutiva para a pura existência do sujeito, assim como para sua posição sexual, quer pensemos no homem ou na mulher. Essa é também uma retomada que ele faz das obras freudianas e da afirmação de Freud de que “o que me mostra minha experiência é que também na mulher, e não apenas no homem, o falo está no centro.”¹⁸⁴

Recuperou ainda o paradoxo freudiano no que diz respeito à dialética feminina. Segundo Freud, a menina supõe, a princípio, que ela e a mãe são dotadas de falo e, com a evolução das pulsões, ela se apresenta para a mãe em sua posição masculina. Na concepção freudiana, a posição feminina vacila desde o início do desenvolvimento psíquico. Através da decepção é que a menina entra na posição feminina. A saída da fase fálica é gerada por essa decepção natural.

O *Penisneid* é a articulação fundamental da entrada da mulher na dialética edipiana. O complexo de Édipo feminino desempenha um papel normativo, porém inversamente ao que acontece com o menino. O complexo de Édipo dá acesso ao pênis que falta à mulher por meio da apreensão do pênis do homem, quer ela o descubra em algum companheiro ou no pai. É por intermédio do desapontamento, da desilusão em relação a essa fase fantasística da fase fálica, que a menina é introduzida no complexo de Édipo. Por outro lado, a castração cumpre a mesma função no centro da relação do homem com o falo.

Lacan retomou a forma como Freud estabeleceu os tempos da evolução edipiana na menina. Ele recuperou três modalidades de *Penisneid* desde a entrada até a saída do complexo de Édipo:

¹⁸¹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente** [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 201.

¹⁸² Ibid., p. 202.

¹⁸³ Ibid., p. 214.

¹⁸⁴ Ibid., p. 285.

1º tempo: *Penisneid* no sentido da fantasia, ou seja, o desejo de que o clitóris seja um pênis;

2º tempo: *Penisneid* desejado é o pênis do pai;

3º tempo: *Penisneid* se torna a fantasia de ter um filho do pai. Nesse momento, a frustração do segundo tempo já se deu, a privação está declarada e passa-se a possuir o pênis sob uma forma simbólica.

Lacan lembrou essas pontuações para acrescentar uma visão menos naturalista e instintiva. Para ele, a base da relação edipiana nos leva ao ponto de perceber na dinâmica feminina que “a mulher tem de se propor, ou, mais exatamente, tem de aceitar a si mesma como um elemento do circuito das trocas.”¹⁸⁵ Ele demonstra, com isso, que o falo é um significante que deve ser tomado numa função subjetiva. Após o recalque do desejo edipiano, o sujeito sai abastecido com seu ideal do eu. “[...] O que é adquirido como ideal do eu permanece, no sujeito, exatamente como a pátria que o exilado carregaria na sola dos sapatos.”¹⁸⁶

O ideal do eu tem uma função de tipificar o desejo quanto à assunção sexual. “Trata-se das funções masculinas e femininas, não simplesmente na medida em que elas levam ao ato necessário para que sobrevenha a reprodução, mas na medida em que comportam toda uma modalidade de relações entre o homem e a mulher.”¹⁸⁷ Lacan estabeleceu uma identificação com os significantes do Outro que, por sua vez, conserva sinais e estigmas deste. São os elementos significantes ou as insígnias do pai que resultam em um corpo envelopado pelas referências ao ideal do eu.

No caso da menina se identificar com o pai, ela se apresenta “[...] sob a máscara das insígnias da masculinidade, coloca-as sobre o que há de parcialmente indiferenciado em todo sujeito como tal.”¹⁸⁸ A formação do ideal do eu tem um caráter metafórico que modifica a significação das relações do sujeito com o objeto.

A castração foi retomada por Lacan, em seu primeiro ensino, como essencial para entender o desejo. Ela não é uma castração real, apesar de manter certa relação com os órgãos genitais. A castração é inicialmente encontrada no Outro, na mãe. Ela apresenta um caráter significante que revela posições assumidas em relação ao falo: na mulher, a carência e no homem, a ameaça.

¹⁸⁵ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente** [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 296.

¹⁸⁶ Ibid., p. 301.

¹⁸⁷ Ibid., p. 302.

¹⁸⁸ Ibid., p. 306.

A menina junta essa percepção com aquilo em que a mãe a frustrou. O que é percebido na mãe como castração o é também, portanto, como castração para ela, e se apresenta inicialmente sob a forma de uma recriminação à mãe. Esse rancor vem então somar-se aos que possam ter nascido das frustrações anteriores. É desse modo que se apresenta inicialmente na menina, como insiste Freud, o complexo de castração.¹⁸⁹

Lacan apontou que a mulher encontra dificuldades em conseguir satisfação, uma vez que isso sempre ocorrerá por vias substitutivas. Primeiro, pelo pênis do homem e, depois, pelo desejo do filho. “Na medida em que o pênis é um substituto – eu chegaria até a dizer um fetiche – que também o filho é posteriormente um fetiche. São essas as vias pelas quais a mulher se aproxima, digamos, do que é seu instinto e sua satisfação natural.”¹⁹⁰

Em uma espécie de inversão, a mulher se liga à exigência de ser o falo, já que esse é o signo do que é desejado. Ela deseja ser essa função do falo porque isso corresponde ao que é chamado de feminilidade.

O fato de ela se exibir e se propor como objeto de desejo identifica-a, de maneira latente e secreta, com o falo, e situa seu ser de sujeito como falo desejado, significante do desejo do Outro. Esse ser a situa para além do que podemos chamar de mascarada feminina, já que, afinal, tudo o que ela mostra de sua feminilidade está ligado, precisamente, a essa identificação profunda com o significante fálico, que é o que está mais ligado à feminilidade.¹⁹¹

Segundo Lacan, o sujeito tem que encontrar seu lugar de objeto desejado em relação ao desejo do Outro. Para a mulher, “sua satisfação passa pela via substitutiva, ao passo que seu desejo manifesta-se num plano em que só pode levar a uma profunda *Verwerfung*, a uma profunda estranheza de seu ser em relação àquilo mediante o qual ela tem de parecer.”¹⁹²

Por outro lado, Lacan salientou que a situação do homem não é melhor do que a da mulher. O dilema do homem está centrado no fato de que ele sabe que sua mãe é mais forte que ele, mas ela não tem o falo. Esse medo primitivo diante das mulheres faz com que ele busque a saída através das insígnias do pai, por ser aquele que possui o falo. “No final das contas, o homem nunca é viril senão por uma série infinita de procurações, que lhe provêm de todos os seus ancestrais varões, passando pelo ancestral direto.”¹⁹³ Na relação com seu desejo, ele também promove uma inversão e vai à procura do falo, não encontrando satisfação

¹⁸⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente** [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 361.

¹⁹⁰ Ibid., p. 362-363.

¹⁹¹ Ibid., p. 363.

¹⁹² Ibid., p. 363.

¹⁹³ Ibid., p. 363.

em sua relação com a mulher. Lacan situa nesse fato as tendências masculinas à infidelidade, pois ele passa a procurar o falo, sucessivamente, em outros lugares, em outras mulheres, em outros fetiches.

As inversões e as incoerências, apresentadas acima, fundam o problema do amor. Este consiste na “[...] profunda divisão que se introduz no interior das atividades do sujeito. A questão de que se trata, para o homem, segundo a própria definição do amor – *dar o que não se tem* -, é dar aquilo que ele não tem, o falo, a um ser que não o é.”¹⁹⁴

Lacan ainda apresentou outra peculiaridade humana: a dialética do desejo e da demanda. Ela corresponde à fase pré-edipiana ou pré-genital. É da natureza da fala ser a fala do Outro. Como o homem é um ser falante, as suas satisfações passam pela intermediação da fala. Essa diferenciação entre ele mesmo e o Outro é bastante ambígua e complexa. Por isso, Freud nos explicou que as crianças acreditam que seus pais sabem de todos os seus pensamentos, na medida em que estes são formados a partir da fala do Outro. Inicialmente, a criança é marcada pela impotência e depende completamente da fala do Outro. Lacan denomina tal aspecto de demanda. Ela marca a natureza do desejo. Ele é alienado.

O autor retoma essa dialética para ressaltar que é através do Édipo que o desejo genital é assumido e encontra lugar na economia subjetiva, uma vez que há entre o sujeito e o Outro uma relação recíproca. O desejo do sujeito depende completamente de sua demanda ao Outro, porém o que este Outro demanda também depende do sujeito. Para além de qualquer demanda, há a presença e a dimensão do que o Outro deseja.

A dialética dessa relação serve para delimitar a constituição feminina no que diz respeito à posição histórica. Freud já nos dizia da imitação como um processo de identificação histórica. Ele articulou o sintoma com uma identificação discursiva que é tomada como própria pela histórica. O desejo dela se apresenta como insatisfeito porque ela fica presa entre a demanda e o desejo. A histórica é aquela que demanda amor de forma incômoda. Para uma histórica manter um relacionamento amoroso satisfatório, ela vai primeiramente desejar outra coisa. E mais: essa outra coisa não lhe deve ser dada.

A histórica é, precisamente, o sujeito para quem é difícil estabelecer com a constituição do Outro como grande Outro, portador do signo falado, uma relação que lhe permita preservar seu lugar de sujeito. Essa é a própria definição que

¹⁹⁴ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente** [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p 364, grifo do autor.

podemos dar da histérica. Numa palavra, o histérico ou a histérica estão tão abertos à sugestão da fala que deve haver alguma coisa nisso.¹⁹⁵

O que há, a saber, é que o sujeito histérico se constitui quase que inteiramente a partir do desejo do Outro. Em outras palavras, o desejo recusado da histérica é um elemento estrutural e ele está fundado no significante do desejo: o falo. Isso porque o falo não é o objeto do desejo e sim o significante do desejo. Portanto, “se o falo é o significante do desejo, e do desejo do Outro, o problema que se apresenta para o sujeito, desde o primeiro passo da dialética do desejo, mostra aqui sua outra vertente – trata-se de ser ou não ser o falo.”¹⁹⁶ O Outro entra em jogo quando o desejo sexual está em causa sob a forma de instrumento de desejo.

Mas há uma discordância entre o que há de absoluto na subjetividade do Outro que dá ou não dá amor e o fato de que, para haver acesso a ele como objeto de desejo, é necessário que ele se faça totalmente objeto. É nesse desvio vertiginoso, nauseante, para chamá-lo por seu nome, que se situa a dificuldade de acesso na abordagem do desejo sexual.¹⁹⁷

O desejo da histérica não é desejo de um objeto, mas o desejo de um desejo: o desejo do Outro. Por outro lado, ela se identifica com um objeto. Aquele no qual ela reconhece indícios de desejo. Por ser o falo um significante do desejo, a mulher aparenta sê-lo e faz de sua feminilidade uma máscara. Ela se torna o objeto de um desejo: a mascarada.

Lacan ressaltou que Freud fala de uma mulher enraivecida com um *Penisneid* irreduzível. *Neid*, tanto nas formas antigas do alemão quanto no alemão moderno e até no anglo-saxão “[...] não quer dizer simplesmente um anseio, mas significa que isso me deixa literalmente enfurecido. Todas as subjacências da agressividade e da cólera estão nesse *neid* original.”¹⁹⁸

Ele acreditava na necessidade de consentimento à castração nos homens e nas mulheres. Eles sabem que não são o falo, mas este precisa ocupar um certo lugar. Saber que não se é o falo significa aceitar tê-lo, no caso dos meninos, ou não tê-lo, para as meninas. “[...] A elucidação da relação do sujeito com o falo, na medida em que ele não o é, mas deve vir em seu lugar, é a única apropriada a permitir que se conceba a conclusão ideal que Freud articula

¹⁹⁵ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente** [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 376-377.

¹⁹⁶ Ibid., p. 392.

¹⁹⁷ Ibid., p. 397.

¹⁹⁸ Ibid., p. 465.

em seu *Wo Es war, soll Ich werde.*”¹⁹⁹ Seguiremos desenvolvendo o tema, a partir do texto de Lacan sobre a significação do falo.

3.1.6 “Minha mãe tem e o meu vai crescer”: a significação do falo

Retomaremos a proposta feita no capítulo 2, no qual trabalhamos a erótica freudiana. Lacan recuperou a discussão sobre o comportamento no amor de homens e mulheres em seu texto “A significação do falo”. Este pode ser considerado a quarta contribuição à psicologia amorosa. Para o autor, o complexo de castração apresenta uma função de nó. Esse nó pode ser localizado na estruturação dinâmica dos sintomas e na regulação do desenvolvimento sexual. Ele acreditava que o complexo de castração instala uma posição inconsciente para que o sujeito possa se identificar com o tipo ideal de seu sexo, se posicionar com o parceiro na relação sexual e cuidar das crianças que essa relação gerar.

Lacan retomava a ideia freudiana do repúdio da feminilidade e lembrava como Freud tratou da irreduzibilidade dessa rejeição e das consequências desta para os sexos. Ele considerava que havia uma antinomia interna no que diz respeito à assunção do sexo. Ressaltou que a questão não poderia ser reduzida e resolvida com base em dados puramente biológicos. Afirmou, com base em fatos clínicos, que havia uma relação primitiva do sujeito com o falo que desconsiderava a diferença anatômica entre os sexos. Em função dessa negação, encontramos algumas consequências que, inclusive, dificultam a interpretação na mulher e em relação à mulher, deixando-a “espinhosa”.²⁰⁰

A primeira dessas consequências foi localizada no fato de que a menina se considera privada do falo pela operação da mãe, primeiramente, e depois do pai. Outra dificuldade está na certeza de que, para os dois sexos, a mãe é considerada como mãe fálica. Quanto a isso, recolhi da fala de uma menininha de quatro anos a certeza de que “minha mãe tem e o meu vai crescer”.

A castração da mãe precisa ser descoberta para que sua significação possa alcançar importância na formação dos sintomas. Essas consequências atingem o apogeu na fase fálica. A primeira maturação genital se caracteriza pela ideia de uma dominância imaginária do atributo fálico e do gozo masturbatório, especialmente do lado dos meninos. Nas meninas, o

¹⁹⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente** [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999, p. 499. A tradução do trecho em alemão: “Lá onde isso estava, lá, como sujeito devo [eu] advir” Ver em: LACAN, Jacques. *A ciência e a verdade* [1965-1966]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 878.

²⁰⁰ LACAN, Jacques. *A significação do falo* [1958]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 693.

gozo do clitóris é promovido à função do falo. Para os dois sexos, a função da vagina fica excluída. Até o declínio do complexo de Édipo, há um desconhecimento ou ignorância da vagina.

Lacan acreditava que o falo não tinha o estatuto nem de fantasia imaginária, nem de um objeto parcial. Também não é um órgão, seja o pênis ou o clitóris. A função do falo é ser um significante. “O significante destinado a designar, em seu conjunto, os efeitos do significado.”²⁰¹ O autor considerava que a condição de felicidade na vida sexual estava centrada no fato de que “[...] tanto para o sujeito quanto para o Outro, no que tange a cada um dos parceiros da relação, não basta serem sujeitos da necessidade ou objetos do amor, mas têm que ocupar o lugar de causa do desejo.”²⁰²

A experiência do desejo do Outro é considerada decisiva para a compreensão de que “a mãe não tem”. “O falo como significante dá a razão do desejo.”²⁰³ O significante fálico é a marca do desejo, na medida em que promove a ameaça, nos meninos, ou a nostalgia da falta-a-ter, nas meninas. A função do falo promove as manifestações ideais ou típicas do comportamento de cada um dos sexos. Lacan assinalou ainda que a mulher, na busca de ser o falo enquanto significante do desejo do Outro, rejeita uma parte de sua feminilidade.

É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada. Mas ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada. Não convém esquecer que, sem dúvida, o órgão que se reveste dessa função significante adquire um valor de fetiche. Mas, para a mulher, o resultado é que convergem no mesmo objeto uma experiência de amor, que, como tal, priva-a idealmente daquilo que ele dá, e um desejo que ali encontra seu significante. Eis por que podemos observar que a falta de satisfação própria à necessidade sexual, em outras palavras, a frigidez, é relativamente bem tolerada por ela, enquanto a *Verdrängung* inerente ao desejo é menor do que no homem.²⁰⁴

Por outro lado, para o homem, percebemos a necessidade de degradação do objeto amoroso, conforme Freud estabeleceu com precisão. O homem tem uma tendência centrífuga da pulsão genital na vida amorosa. Desse fato, decorrem duas consequências: o aparente caráter de infidelidade masculina e a dificuldade maior de suportar a impotência. Lacan ressaltou que a notoriedade da função do significante fálico pode ter sido responsável pela afirmação freudiana de que existia apenas a libido de natureza masculina. A especificidade do desejo feminino será retomada no próximo item.

²⁰¹ LACAN, Jacques. A significação do falo [1958]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 697.

²⁰² *Ibid.*, p. 698.

²⁰³ *Ibid.*, p. 700.

²⁰⁴ *Ibid.*, p. 701-702.

3.1.7 O que deseja uma mulher?

Jones nos diz ter recebido [de uma] pessoa a confidência de que, um dia, Freud lhe diz algo como isto – *Depois de uns trinta anos de experiência e reflexão, continua havendo um ponto sobre o qual fico sem poder dar resposta, e que é – Was Will das Weib? O que quer a mulher? Muito precisamente – O que ela deseja? – o termo will, nessa expressão podendo ter esse sentido na língua alemã.*²⁰⁵

Lacan retomou a ideia freudiana de *das Ding* (A Coisa) para tentar alcançar o que entra em cena na dimensão do desejo de uma mulher. Ele definiu *das Ding* como o Outro absoluto do sujeito. É também o outro primitivo “[...] impossível de esquecer, do qual Freud afirma a necessidade da posição primeira sob a forma de alguma coisa que é *entfremdet*, alheia a mim, embora esteja no âmago desse eu, alguma coisa que, no nível inconsciente só uma representação representa.”²⁰⁶ Ele orienta o sujeito em direção ao reencontro com o objeto. Porém, o objeto que deve ser reencontrado é um objeto perdido desde sempre ou, em outras palavras, nunca foi perdido. Freud entendia que esse objeto não tenha sido realmente perdido. Isso porque o objeto é, por sua natureza, um objeto reencontrado, sendo que a única maneira de saber que foi perdido é por meio desses reencontros.

Na relação com o objeto perdido, o que se trata de reencontrar são as coordenadas de prazer visando a experiência de satisfação. Inicialmente, é a mãe quem ocupa o lugar de *das Ding*, na medida em que ela promove a ação específica que acalma o grito de seu bebê e o retira da situação de desamparo. Por isso, *das Ding* está no centro da constituição do mundo subjetivo.

Lacan concebia que “o significante é, no homem, desde logo entronizado no nível inconsciente, misturando suas referências com as possibilidades de orientação que seu funcionamento de organismo natural de ser vivo lhe confere.”²⁰⁷

Na histeria feminina, encontramos uma maneira muito particular de lidar com o objeto e a satisfação. A histérica almeja recriar um estado de aversão. Ela se depara com uma experiência cujo teor é marcado pela insatisfação mediante o objeto primordial. “É na medida em que o objeto primeiro é o objeto de insatisfação que o *Erlebnis* (experiência, vivência) específico da histérica se ordena.”²⁰⁸ A insatisfação histérica deriva dessa relação primordial.

²⁰⁵ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise** [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991, p. 18, grifo do autor.

²⁰⁶ Ibid., p. 92.

²⁰⁷ Ibid., p. 91.

²⁰⁸ Ibid., p. 70.

A falta constitutiva do sujeito revela sua importância na estrutura do amor. É o que trabalharemos, a seguir.

3.1.8 De que serve ser sábio em amor?

“No começo era o amor.”²⁰⁹ Lacan trabalhou sobre o amor, especialmente em seu “O Seminário, livro 8: a transferência”. Ele utilizou a obra “O Banquete”, de Platão, para traçar algumas considerações, especialmente sobre o amor e a transferência analítica. Ele admitia que soubesse algo sobre o amor, mas entendia que alcançava um suporte na obra de Platão, na medida em que a identificava como uma referência que dizia respeito à estrutura amorosa. Acreditava que essa obra podia ser analisada conforme relatos de sessões psicanalíticas. Especificamente, uma obra cujo tema se situa com uma questão: “de que serve ser sábio em amor?”²¹⁰

Em “O Banquete”, Sócrates é um dos personagens que realiza um discurso sobre o amor. Desse discurso, Lacan depreende duas fórmulas: “o amor é um sentimento cômico” e “o amor é dar o que não se tem”. Ele apostava que Sócrates podia conduzir o leitor para a definição do amor. O amor grego, segundo ele, permitiria retirar da posição de neutralidade o amante e o amado, na medida em que o amante é aquele ao qual falta algo e o objeto amado, por sua vez, não sabe o que tem. A comicidade dessa relação está centrada no fato de que ela é discordante. “O que falta a um não é o que existe, escondido, no outro. Aí está todo o problema do amor. Quer se o saiba ou não, isso não tem importância alguma. No fenômeno, encontra-se a cada passo o dilaceramento, a discordância.”²¹¹

A relação entre amante e amado, ou mais precisamente, entre amar e ser amado, é permeada pela hiância e pela falta. Para Lacan, a falta é a condição de possibilidade para o amor. O amor é uma metáfora.

O amor como significante – pois, para nós, ele é um, e não mais que isso – o amor é uma metáfora – na medida em que aprendemos a articular a metáfora como substituição. [...] É na medida em que a função do amante, na medida em que é ele o sujeito da falta, vem no lugar, substitui a função do objeto amado, que se produz a significação do amor.²¹²

A obra de Platão mostra uma topologia fundamental do amor. Ela é calcada em tentativas de se dizer algo sobre esse tema que se sustente. A partir da análise dela, Lacan

²⁰⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 8: a transferência** [1960-1961]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 11.

²¹⁰ Ibid., p. 36.

²¹¹ Ibid., p. 46.

²¹² Ibid., p. 47.

criou a hipótese de que o impasse do amor está na diferença entre o objeto de nosso amor, que recobrimos de fantasias, e o verdadeiro ser do outro.

O outro enquanto visado no desejo é visado como objeto amado. [...] O que inicia o movimento de que se trata no acesso ao outro que nos é dado pelo amor é este desejo pelo objeto amado que eu compararia, se quisesse imajá-lo, à mão que se adianta para pegar o fruto quando maduro, para atrair a rosa que se abriu, para atizar a chama na lenha que de súbito se inflamou.²¹³

Sobre o par erótico amante e amado, Lacan afirmou que é do lado do amante que está a posição de atividade. A virtude do amante está no fato de que ele busca no amado algo a lhe dar. Todavia, ele acreditava que, no par heterossexual, a mulher expressa, ao mesmo tempo, a falta e a atividade. O mito do nascimento do Amor, para Lacan, somente existiu em Platão e ele pode nos dar a explicação para uma de suas fórmulas: o masculino é o desejável; o feminino é ativo. Ele recuperou o mito revelando a seguinte filiação: Amor é filho de Poros (Expediente, Recurso, Astúcia – ele aceita todas essas traduções) e Aporia (Pobreza, Miséria).

O que é muito bonito nesse mito é a maneira pela qual a Aporia engendra Amor com Poros. No momento em que isso se deu, era a Aporia quem velava, quem tinha os olhos bem abertos. Contam-nos que ela viera para os festejos do nascimento de Afrodite, e como qualquer Aporia que se preze, nessa época hierárquica, permaneceu nos degraus, próximo da porta. Por ser Aporia, isto é, por não ter nada a oferecer, não entrou na sala do festim. Mas a felicidade das festas é que, justamente, acontecem coisas ali que invertem a ordem comum. Poros adormece. Adormece porque está embriagado, e é isso o que permite à Aporia fazer-se empenhar por ele, e ter esse filhote que se chama o Amor, cuja data de concepção vai coincidir, portanto, com a data de nascimento de Afrodite. É por isso mesmo, nos explicam, que o amor terá sempre alguma relação obscura com o belo [...]. Isso está ligado ao fato de que Afrodite é uma deusa bela.²¹⁴

Através do mito, Lacan justificava o seu princípio de que o amor é dar o que não se tem. Isso porque a Aporia é a encarnação da falta e, por estrutura e constituição, não tem nada a dar. Ele aproveitou essa oportunidade para localizar que a expressão “dar o que não se tem” encontrava-se no texto de “O Banquete”. O amor só poderia ser articulado em torno da falta.

Lacan buscava uma indicação topológica sobre o tema do amor, especialmente ao tratar das relações subjetivas da relação com o outro. “*Che vuoi? É realmente esta chave, este corte essencial da topologia do sujeito que começa em *O que quer você?* Em outras palavras: Existe um desejo que seja realmente a sua vontade?*”²¹⁵ Na relação de amor há um sujeito que é eleito como objeto privilegiado do desejo. A mola do amor é o desejo do Outro. Porém, o

²¹³ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 8: a transferência** [1960-1961]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 58.

²¹⁴ Ibid., p. 125.

²¹⁵ Ibid., p. 143, grifo do autor.

impasse do amor revela que o sujeito não pode satisfazer a demanda do Outro senão rebaixando-o.

Para que algo adquira importância é preciso que seja traduzível no lugar do Outro. Tudo o que significa para nós se passa sempre no lugar do Outro e da fala. “[...] A experiência analítica nos permite revelar, do *que queres?* Trata-se, neste ponto preciso, de saber o que desejamos formulando a pergunta. É aí que ela deve ser compreendida.”²¹⁶

[...] Só se pode amar agindo como quem não tem, mesmo se se tem. O amor como resposta implica o domínio do não-saber. Não fui eu, foi Platão quem o inventou – quem inventou que somente a miséria, Penia, pode conceber o Amor, e a ideia de se fazer empenhar numa noite de festa. E, com efeito, dar o que se tem, isso é a festa, não é o amor.²¹⁷

No próximo tópico, concluiremos as ideias principais do primeiro ensino lacaniano, ao desenvolver a noção de que o desejo do Outro é um meio para o gozo.

3.1.9 A mulher: mais verdadeira e mais real

No último seminário de seu primeiro ensino – “O Seminário, livro 10, a angústia” – Lacan retomou um tema caro à psicanálise: o lugar do Outro e suas consequências. Ele localizou que no Outro temos apenas uma imagem refletida de nós mesmos. Esta imagem tem como característica a falta, na medida em que não pode aparecer o que é exigido nesse lugar. A falta orienta o desejo, que, além de velado, tem o caráter de ausência e não pode ser apropriado pelo sujeito.

Lacan recuperava a dimensão da falta no que diz respeito ao amor e à relação sexual. Em seus termos: “não é à toa que lhes repiso desde sempre que o amor é dar o que não se tem. É esse, inclusive, o princípio do complexo de castração. Para poder ter o falo, para poder fazer uso dele, é preciso, justamente, não o ser.”²¹⁸ No lugar da falta podemos localizar “[...] o outro constituído a partir da imagem de meu semelhante, o outro que perfilará sua forma e suas normas, a imagem do corpo em sua função sedutora, sobre aquele que é o parceiro sexual.”²¹⁹

²¹⁶ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 8: a transferência** [1960-1961]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 239, grifo do autor.

²¹⁷ Ibid., p. 345.

²¹⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia** [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 122.

²¹⁹ Ibid., p. 122.

Lacan passava a defender uma visada positiva diante dos impasses nas relações entre o homem e a mulher. Afirmar a estrutura do mal-entendido nas relações não é o mesmo que simplesmente se conformar com um malogro ou um fracasso.

Num assunto tão delicado quanto as relações do homem e da mulher, articular tudo o que pode tornar lícita e justificada a permanência de um mal-entendido obrigatório só pode ter o efeito degradante de permitir que todos os meus ouvintes abafem suas dificuldades pessoais, que estão muito aquém daquilo que almejo, na certeza de que esse mal-entendido é estrutural. No entanto, se vocês sabem escutar-me, falar de mal-entendido não equivale, de modo algum, a falar de fracasso necessário. Se o real é sempre subentendido, não vemos por que o mais eficaz dos gozos não possa ser atingido pelas próprias vias do mal-entendido.²²⁰

Ele indicou ainda a posição feminina como aquela em que a falta aparece por excelência. Retomou a dificuldade de Freud no caso Dora e situou que tais impasses decorrem de um limite do autor nas questões referentes à feminilidade. O que faltou a Freud “[...] é o que falta em seu discurso. É aquilo que, para ele, sempre se manteve em estado de pergunta: o que quer uma mulher? É o esbarrão do pensamento de Freud em algo que podemos chamar, provisoriamente, de feminilidade.”²²¹

Do lado da mulher, Lacan considerava, de forma bastante original, que não falta nada. Afirmou que o *Penisneid* não pode ser tomado como um termo final. Ao final do primeiro ensino, ele apresentou outra concepção sobre a feminilidade. Para ele, diferentemente de Freud, a inveja do pênis na mulher não pode ser compreendida como um impasse impossível de transpor.

De acordo com ele, a mulher não tem nada a desejar, ainda que isso não implique que a mulher não tem relação com o objeto *a*²²². Defendeu novamente que a questão do desejo é mais simples para a mulher em detrimento do que ocorre com os homens. As mulheres

²²⁰ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia** [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 197.

²²¹ Ibid., p. 144.

²²² Encontramos algumas passagens nas quais Lacan concebe a definição do objeto *a*: “É exatamente para dizer que não há nenhum nome que o nomeie que eu designo pela letra mais discreta, a letra *a*” (LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro** [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 177). Além disso, Lacan explica ainda que “o *a* merece ser chamado de causa, por certo, mas conforme especificado em sua essência como uma causa privilegiada. Vamos chamá-la de *a*-causa, como já fiz mais de uma vez. Aliás, isso não soará destoante em francês, em razão da existência da expressão por causa de [à cause de]. [...] Nesse aspecto, cada língua tem seu valor. O espanhol diz por amor. Poderíamos tirar facilmente daí o mesmo efeito. (Ibid., p.179).

Diz ele ainda: “O objeto *a* é aquilo pelo qual o ser falante, quando está preso nos discursos, se determina. Ele não sabe, em absoluto, o que o determina. É o objeto *a*, no qual ele é determinado como sujeito, isto é, dividido como sujeito, ou, em outras palavras, é presa do desejo. Isso dá a impressão de se passar no mesmo plano que as palavras subversivas, mas de modo algum é a mesma coisa. É algo inteiramente regular, é uma produção, produz matematicamente, pode-se dizer, esse objeto *a* causa do referido desejo” (LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 71).

“interessarem-se pelo objeto como objeto de nosso desejo [criaria] muito menos complicações para elas”.²²³ Por outro lado, para o homem, ele apostava que a tarefa era mais complicada, na medida em que a mulher provoca a angústia masculina.

Seja como for, é na medida em que ela quer meu gozo, isto é, quer usufruir de mim, que a mulher suscita minha angústia. E isso pela simplíssima razão, inscrita há muito tempo em nossa teoria, de que só há desejo realizável implicando a castração. Na medida em que se trata de gozo, ou seja, em que é o meu ser que ela quer, a mulher só pode atingi-lo ao me castrar.²²⁴

A relação da mulher com o gozo, para Lacan, pode ser classificada como superior. Ela não se encontra atada ao nó próprio ao masculino, que é a falta com que é marcada a função fálica no homem. Este, para acessar o objeto, precisa passar pela negatização do falo e pelo complexo de castração. Isso não quer dizer que a mulher não tenha relação com o desejo do Outro. “Ao contrário, é justamente o desejo do Outro como tal que ela enfrenta, ainda mais que, nesse confronto, o objeto fálico só chega a ela em segundo lugar, e na medida em que desempenha um papel no desejo do Outro. Isso é uma grande simplificação.”²²⁵

Lacan se questionava se o gozo das mulheres podia ser considerado maior do que o do homem. Ele concluiu que precisar essa proporção era algo essencialmente desnecessário e sem importância. O fato de que o gozo feminino revela “um a mais” deriva da limitação imposta ao homem por sua relação com o desejo e que inscreve o objeto na coluna do negativo. É isso que Lacan vai nomear, durante a construção de seu primeiro ensino, de $(-\phi)$. Ele lembrou ainda que essa vertente de “não poder” encontrada no homem está, inclusive, na construção mítica da criação humana.

Daí, o mito, bastante masculino, que faz da mulher o equivalente de uma de suas costelas. Essa costela lhe foi retirada, não se sabe qual, e, por outro lado, não lhe falta nenhuma. Mas está claro que no mito da costela, trata-se justamente desse objeto perdido. A mulher, para o homem, é um objeto feito disso.²²⁶

Afirmou que a angústia também existe na mulher. Ele ressaltava que o filósofo existencialista Kierkegaard defendia que a mulher está mais sujeita à angústia do que o homem. Para Lacan, isso pode encontrar justificativa no fato de que a mulher apresenta ligações mais indeterminadas e infinitas com o desejo. De acordo com ele:

²²³ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia** [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 200.

²²⁴ Ibid., p. 199.

²²⁵ Ibid., p. 202.

²²⁶ Ibid., p. 209.

Ela tenta a si mesma tentando o Outro, coisa em que o mito também nos servirá. Como mostra o complemento do mito de agora há pouco, a famosa história da maçã, qualquer coisa lhe serve para tentá-lo, qualquer objeto, mesmo supérfluo para ela, porque, afinal, o que tinha ela de fazer com essa maçã? Não mais do que faria um peixe. Mas ocorre que essa maçã já é o suficiente para que ela, peixinho, fisque o pescador com a linha. É o desejo do Outro que lhe interessa.²²⁷

Para a mulher, o desejo do Outro é o meio para que seu gozo tenha um objeto apropriado. Ela se angustia diante do desejo do Outro por não saber o que ele oculta. Já para o homem, o objeto é a condição do desejo e do gozo. Portanto, depende disso. “Para ir mais longe em minhas formulações, direi que, no reino do homem, há sempre a presença de alguma impostura. No da mulher, se existe algo correspondente a isso, trata-se da farsa.”²²⁸

Lacan afirmou que a mulher é muito mais real e mais verdadeira do que o homem. A mulher é mais consciente da essência de seu desejo. Por isso, ela pode ter mais simplicidade e tranquilidade. Por sua vez, o homem se angustia ao deixar aparecer seu desejo pela mulher porque deixar que se veja seu desejo é, essencialmente, deixar ver o que não existe, sua falta, seu menos (-φ). A complexidade da relação entre os sexos não pode ser encarada como trágica. “A verdade, porém, é que tudo isso é muito manejável, quando daí só se espera a felicidade.”²²⁹

[...] Se a mulher, segundo nos dizem, é primordialmente uma tecelã, o homem, com certeza, é o oleiro. [...] Mas não é tão natural assim. A mulher se apresenta com a aparência do vaso, é claro, e evidentemente é isso que engana o parceiro, o *Homo faber* em questão, o oleiro. Ele imagina que o vaso pode conter o objeto de seu desejo.²³⁰

A mulher não encontra nenhum obstáculo quando examina o desejo do homem. Na verdade, ela não tem nada a perder. A mulher também quer o objeto, especialmente, porque é um objeto que ela não tem. Nisso consiste o *Penisneid* freudiano. Lacan recuperou esse princípio para somar às pesquisas freudianas a seguinte máxima: “quanto à mulher, é inicialmente o que ela *não tem* que constitui, a princípio, o objeto de seu desejo, ao passo que, no homem, trata-se daquilo que ele *não é* e no qual falha.”²³¹

Não posso fazer menos do que lembrar-lhes, nesta ocasião, a célebre passagem, que citei há muito tempo, de Salomão. O rei da sabedoria. Há quatro coisas sobre as quais nada posso dizer, porque não resta nenhum vestígio delas – o sulco da águia

²²⁷ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia** [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 209.

²²⁸ Ibid., p. 210.

²²⁹ Ibid., p. 211.

²³⁰ Ibid., p. 224.

²³¹ Ibid., p. 221, grifo do autor.

no céu, a da serpente na terra, a do navio no mar, e o vestígio do homem na menina. Nenhum vestígio.²³²

O gozo do homem e da mulher não se conjugam organicamente. Porém, esse desencontro é o que permite que a mulher almeje encontrar o órgão masculino. O falo somente realiza o encontro entre os sexos quando demonstra um desvanecimento. Por parte da mulher, o útero tem uma importância significativa, em termos objetivos, mas especialmente em termos psíquicos. Lacan acreditava que a maternidade é mais do que suficiente para atrair o investimento de todo o interesse da mulher.

A relação entre o homem e a mulher está no campo da falta. Através dela é que o desejo de ambos pode ser atingido. “O falo: é isso que, em cada um, quando ele é atingido, justamente o aliena do outro.”²³³ A mulher pode ser o símbolo do homem em seu desejo da onipotência fálica. Por outro lado, ela toma o falo pelo que ele não é, ou seja, quer por *a*, o objeto, quer pelo pequeníssimo *phi* dela. Essa é a forma de gozo feminino.

[A mulher encontra] apenas um gozo aproximado do que ela imagina do gozo do Outro, o qual ela decerto pode compartilhar por uma espécie de fantasia mental, mas só mediante uma aberração de seu próprio gozo. Em outras palavras, ela só pode gozar com (-φ) por ele não estar em seu lugar, no lugar de seu gozo, no lugar em que seu gozo pode realizar-se.²³⁴

Para ele, a fantasia de Don Juan é essencialmente feminina. Ela corresponde ao anseio de haver um homem que não possa ser castrado – “que tenha sempre”. Nenhuma mulher pode castrá-lo. Nesse ponto, a mulher e o Don Juan mantêm uma semelhança: eles não perdem o falo.

Para os dois sexos, o (-φ) é aquilo que possibilita o desejo. Só é possível ter enquanto (-φ). Esse “menos” revela o ponto médio universal no campo da conjunção sexual. Isso porque é o “menos” que constitui o campo do Outro como falta. O movimento em direção ao gozo do Outro admite a constituição da castração como garantia do encontro entre os sexos. Em outras palavras, a mulher está condenada a somente amar o Outro masculino num ponto situado além daquilo que a detém enquanto desejo: o falo. A mulher está envolta em uma nostalgia fálica que traz a ela essa exigência ou quase condenação no que diz respeito ao gozo. Para a mulher, essencialmente, “o Outro masculino não é o Outro como um Outro a

²³² LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia** [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 220.

²³³ Ibid., p. 292.

²³⁴ Ibid., p. 331.

quem se trataria de estar unido. O gozo da mulher está nela mesma. Não se conjuga com o Outro.”²³⁵

No entanto, para ambos os sexos, esse além é almejado no amor. É um além que se mostra pela castração e que se transforma em termos de potência. A função central da falta pode parecer, à primeira vista, um obstáculo, porém ela não é um empecilho. É o lugar da angústia da caducidade do órgão. Do lado masculino e do feminino, de modos diferentes, essa angústia se apresenta enquanto uma insaciabilidade do desejo. “Em razão mesma da estrutura evocada, o homem só fica na mulher por delegação de sua presença, sob a forma desse órgão caduco, desse órgão do qual ele é fundamentalmente castrado na relação sexual e pela relação sexual.”²³⁶

O Outro aparece na fantasia como o agente da castração. Para a mulher, é isso que torna sua ligação muito mais especial com o desejo do Outro. “A observação singular de Kierkegaard de que a mulher é mais angustiada do que o homem é, creio eu, profundamente correta. Como seria possível isso, se, no nível central, fálico, a angústia não fosse feita, precisamente, da relação com o desejo do Outro?”²³⁷ O desejo é desejo de desejo, ou seja, tentação. É esse desejo que conduz a angústia em sua função mais primitiva. No nível da castração, a angústia representa o Outro sob a forma de uma carência.

Assim, concluímos o desenvolvimento das principais noções do primeiro ensino lacaniano e abordaremos, a partir de agora, o seu segundo ensino.

3.2 O SEGUNDO ENSINO DE LACAN

O segundo ensino de Lacan compreende os dez anos seguintes ao primeiro ensino. São os trabalhos relativos aos anos de 1964 a 1974 e situados entre os Seminários 11 a 21. Nesse momento, “aproveitando a segunda cisão do movimento psicanalítico francês e o deslocamento do seu ensino para a Escola Normal Superior, a convite de Louis Althusser, ele já não comenta diretamente os textos de Freud.”²³⁸

Lacan iniciou um processo mais autoral, na medida em que “[...] são os seus próprios termos os que dão ritmo a seu ensino; o sujeito barrado; o objeto chamado a minúsculo, e A (outro com maiúscula). Suas teses são as que ocupam o centro de sua elaboração.”²³⁹ Ele estabeleceu, no segundo momento de seu ensino, o objeto causa de desejo em articulação com

²³⁵ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia** [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 331.

²³⁶ Ibid., p. 331.

²³⁷ Ibid., p. 360.

²³⁸ MILLER, Jacques-Alain. **Percursos de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988a., p. 18.

²³⁹ Ibid., p. 18.

o inconsciente estruturado como a linguagem que produz o sujeito de desejo. “O sujeito ainda é definido como o que ‘um significante representa para outro significante’ mas a ênfase recai sobre o sentido que se produz e que se perde. [...] Corpo e linguagem participam de uma mesma estrutura de corte.”²⁴⁰

Iniciaremos com a temática da circularidade da pulsão e sua dimensão ativa enquanto objeto causa de desejo.

3.2.1 Que valor tem para ti meu desejo?

De acordo com Lacan, as histéricas ensinaram a Freud o caminho do inconsciente. A histérica estabelece seu desejo através da fala. Porém, o que ela fala é sempre de um desejo insatisfeito. Esta é a sua relação particular entre a linguagem e o desejo. A genialidade de Freud se resumiu em ter descoberto isso. Mas ele apresentou alguns limites na compreensão da causa desse desejo insatisfeito. Em busca do objetivo de ultrapassar esse impasse freudiano, Lacan se propôs a ir além do inconsciente freudiano.

O inconsciente freudiano pode ser apreendido entre a causa e o que falha na neurose. Lacan afirmou que Freud não chegou a formular uma resposta para a questão: O que quer uma mulher? Portanto, coube a ele formalizar esse questionamento através de seu ensino. “A realidade da histérica é marcada pelo signo do engano.”²⁴¹ O desejo da histérica se resume em sustentar o desejo do pai. Ele retomava a fórmula de seu primeiro ensino: o desejo do homem é o desejo do Outro. Essa proposição tem origem, para Lacan, na experiência da histérica.

A relação com o falo é essencial e a angústia de castração é um fio condutor do desenvolvimento. A falta constitutiva decorrente da angústia de castração marca a relação com o desejo. Lacan buscava formalizar o objeto *a*. Para tanto, ele definiu que esse objeto é separado do corpo, mas mantém uma relação essencial com a falta. No campo do que é visível, o objeto *a*, segundo Lacan, é o olhar.²⁴²

Esta pulsão escópica pode nos revelar algumas proposições interessantes sobre a relação do sujeito com o desejo. Na experiência do inconsciente, ele propôs uma dialética do olhar. No campo do amor, a demanda amorosa se revela insatisfatória. A insatisfação pode ser revelada em duas frases exemplificadoras:

²⁴⁰ COELHO DOS SANTOS. Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro-sinthoma. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. XII, n. 1, p. 9-26, jan.jun. 2009a. , 14-15.

²⁴¹ LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 37.

²⁴² *Ibid.*, p. 102.

1 – Jamais me olhas lá de onde te vejo;

2 – O que eu olho não é jamais o que quero ver.²⁴³

O desencontro era demonstrado por Lacan como algo característico nas relações entre os sexos. Em especial, quando tratamos do desejo insatisfeito da histérica, podemos localizar facilmente as duas máximas propostas por ele acima. Ele afirmou ainda que homens e mulheres precisam de máscaras que sirvam de intermédio para a relação. “O homem, com efeito, sabe jogar com a máscara como sendo esse mais além do que há o olhar. O anteparo é aqui o lugar da mediação.”²⁴⁴

O encontro é sempre faltoso. A dimensão do amor tem sua fundamentação estrutural quando um sujeito convence o outro de que ele tem algo que pode lhe completar. Com essa manobra “enganadora”, o outro sujeito permanece no desconhecimento do que lhe falta. Está em jogo a dimensão do amor. A tapeação é algo que encontra seu sucesso no campo do amor.

Lacan retomava a ideia de que é a partir do Outro que o sujeito se constitui como ideal. É no espaço do Outro que ele se vê e que seu desejo inconsciente ganha, através da fala, uma consistência, ainda que de “mentira verídica”.²⁴⁵ Ele definitivamente conceituava e definia o que seu ensino pôde promover no que diz respeito ao inconsciente.

O inconsciente são os efeitos da fala sobre o sujeito, é a dimensão em que o sujeito se determina no desenvolvimento dos efeitos da fala, em consequência do que, o inconsciente é estruturado como uma linguagem. Aí está uma direção bem-feita para arrancar aparentemente qualquer apreensão do inconsciente de uma visada de realidade outra que não a da constituição do sujeito.²⁴⁶

O autor apresentava a ideia de que a sexualidade desfila nos significantes. A tradição secular dividiu, derivando do registro biológico, o polo macho e o polo fêmea. A sociedade repartiu as funções. Com base nessas premissas, Lacan iniciava o segundo momento de seu ensino. Ele pretendia formalizar o objeto causa de desejo. Para ele, a realidade do inconsciente só podia ser ligada a uma realidade sexual em um ponto nodal: o desejo. “A função do desejo é o resíduo último do efeito do significante no sujeito. *Desidero*, é o *cogito* freudiano.”²⁴⁷ O desejo é um elemento que surge na dependência da demanda e que tem essencialmente o caráter de impasse, insatisfação, impossibilidade e desconhecimento.

²⁴³ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 100.

²⁴⁴ Ibid., p. 105.

²⁴⁵ Ibid., p. 137.

²⁴⁶ Ibid., p. 142.

²⁴⁷ Ibid., p. 147.

O desejo é a união do campo da demanda com o da realidade sexual. Lacan relembra que Freud, desde os “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade” (1905), apresentou uma nova concepção de sexualidade: polimorfa. A inocência infantil foi questionada e a sexualidade de adultos e crianças passa a ser vista como uma operação pulsional relacionada com uma finalidade biológica. Nenhum objeto pode satisfazer inteiramente a pulsão. “Mas o objeto do desejo, no sentido comum, é, ou uma fantasia que é na realidade a *sustentação* do desejo, ou um logro.”²⁴⁸

Entre a necessidade e a exigência pulsional não há correspondência exata. Portanto, há satisfação até mesmo pelas vias do desprazer. A satisfação em sofrer demais carrega consigo a relação com o campo do real. “O real se distingue por sua separação do campo do princípio do prazer, por sua dessexualização, pelo fato de que sua economia, em seguida, admite algo de novo, que é justamente o impossível.”²⁴⁹ Em sua concepção da teoria da pulsão, Lacan admitia que nenhum objeto pode essencialmente satisfazer a exigência pulsional, senão contornando a falta estruturante dos sujeitos.

O autor realizou essa apresentação inicial da pulsão para introduzir a ideia essencial para o entendimento das relações amorosas. Para ele, o essencial na pulsão é o “se fazer”. Em especial, ele cita o “se fazer ver”, o “se fazer ouvir”, o “se fazer papar”, o “se fazer chupar”, “se fazer cagar”.²⁵⁰

De acordo com ele, a concepção narcísica da função do amor em Freud não esteve estruturada no nível da pulsão. Freud colocou as pulsões parciais de um lado e o amor de outro. Lacan ressaltou que o autoerotismo freudiano previa os objetos, mas eles funcionavam somente em relação com o prazer. Para Freud, o amor tem uma estrutura diferente da que encontramos na pulsão. Na concepção freudiana, podemos dividir essa estrutura em três níveis:

- real
- econômico;
- biológico.

No nível do real, encontramos a oposição entre aquilo que interessa e o que é indiferente. No nível do econômico, o que oferece prazer e o que traz desprazer. No campo biológico, apresenta a oposição atividade e passividade para representar o campo do amar e ser amado. Em Freud, a relação entre a atividade e a passividade foi usada para metaforizar a

²⁴⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 176, grifo do autor.

²⁴⁹ Ibid., p. 159.

²⁵⁰ Ibid., p. 184.

diferença sexual. Apesar de Lacan acreditar que a oposição – atividade e passividade – possa definir muitas coisas no campo do amor, ela não esgota as explicações e não chega a atingir a oposição masculino e feminino.

Para Lacan, na perspectiva de miragem especular, o amor tem uma essência de tapeação. Há uma questão insistente que denota a função do desejo no diálogo dos amantes: “que valor tem para ti meu desejo?”²⁵¹ Ele apresentava a concepção de circularidade da pulsão nesse “amar-se através do outro”. Freud se fundamentou muito mais no campo narcísico do objeto. Por exemplo, a pulsão escópica, para ele, tinha uma relação estrita no sujeito – um sujeito que “se vê a si mesmo”.

Lacan tem por objetivo preencher as lacunas que Freud nos deixou no que diz respeito às pulsões. Inaugurava uma concepção da pulsão que tem a dimensão ativa de um apelo ao Outro. O sujeito, que é determinado pela linguagem e pela fala, começa no lugar do Outro porque é onde emerge o primeiro significante. A relação sexual é representada, no nível do inconsciente, nessa conjunção inédita entre o sujeito no campo da pulsão e o sujeito no campo do Outro.

O autor admitiu que “o que se deve fazer, como homem ou como mulher, o ser humano tem sempre que aprender, peça por peça, do Outro.”²⁵² Como a sexualidade surge no campo do sujeito pela via da falta, duas faltas se recobrem. A primeira diz respeito ao fato do significante se situar primeiramente no campo do Outro. Há uma relação com a dialética do advento do sujeito. A segunda, por sua vez, é a falta real. Ela diz respeito à parte da morte no ser humano vivo sexuado. Por ser sujeito ao sexo, o vivo está sujeito à morte individual. Na união do desejo do sujeito com o desejo do Outro, o sujeito não é respondido diretamente.

Os processos devem, certamente, ser articulados como circulares entre o sujeito e o Outro – do sujeito chamado ao Outro, ao sujeito pelo que ele viu a si mesmo aparecer no campo do Outro, do Outro que lá retorna. Esse processo é circular, mas, por sua natureza, sem reciprocidade. Por ser circular, é dissimétrico.²⁵³

Em Lacan, o sujeito está sempre em uma relação de dependência significativa ao lugar do Outro. Entre o significante unário²⁵⁴, S1, e o sujeito, enquanto um significante binário, S2,

²⁵¹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 182.

²⁵² Ibid., p. 194.

²⁵³ Ibid., p. 196.

²⁵⁴ Lacan, ao propor o traço unário, faz uma distinção do que Freud chamou de primeira identificação narcísica. Freud relacionou essa primeira forma de identificação ao pai. O traço unário, para Lacan, está no campo do desejo e surge na relação significativa do sujeito ao Outro. “É o campo do outro que determina a função do traço unário, no que com ele se inaugura um tempo maior da identificação na tópica então desenvolvida por Freud – a saber, a idealização, o ideal do eu” (Ibid., p. 242.).

encontramos a alienação do sujeito. Essa relação é algo que o aliena numa espécie de afânise²⁵⁵, desaparecimento, *fading* ou cegueira – todos esses nomes são dados por Lacan para explicar as consequências psíquicas dessa relação.

Para sair do processo de alienação, o sujeito precisa realizar uma torção essencial e se separar do Outro. É na falta que surge quando o sujeito se depara com um desejo, que está para além ou aquém do desejo do Outro, que emerge o desejo do sujeito. Lacan vai afirmar que a mãe é esse primeiro Outro com o qual temos que lidar. Porém, “[...] o que o sujeito reencontra não é o que anima seu movimento de tornar a achar – retorna então ao ponto inicial, que é o de sua falta como tal, da falta de sua *afânise*.”²⁵⁶

O processo circular de relação do sujeito ao Outro demonstra a dimensão de dificuldade encontrada na via do desejo no ser falante. Seguindo Freud, Lacan nos mostrou que o sujeito é dividido pelo efeito da linguagem, na medida em que é assujeitado ao campo do Outro. Desse campo, ele precisa sair, mas os impasses e as dificuldades advêm, já que Lacan nos mostrou a circularidade da pulsão.

A circularidade nos mostra que o objeto do desejo é a causa do desejo. Por sua vez, o objeto causa do desejo é o objeto da pulsão. Então, amar é necessariamente querer ser amado. A análise opera com a falta central na qual o sujeito se experimenta como desejo em sua relação dialética com o Outro.

[...] O homem só pode esboçar sua situação num campo que seria de conhecimento reencontrado, se tiver antes preenchido o limite em que, como desejo, ele se acha acorrentado. O amor, cujo rebaixamento pareceu aos olhos de alguns que nós havíamos procedido, só se pode colocar nesse mais-além, onde, primeiro, ele renuncia ao seu objeto. Também está aí o que nos permite compreender que qualquer abrigo onde pudesse instituir-se uma relação vivível, temperada, de um sexo ao outro, necessita a intervenção – é o que ensina a psicanálise – desse *medium* que é a metáfora paterna.²⁵⁷

A metáfora paterna naturaliza a relação com o corpo. A crença no Nome-do-Pai cria uma fantasia que promove a aquisição da diferença sexual. Em seguida, desenvolveremos a proposição lacaniana de que a psicanálise é um saber sobre os impasses do saber sexual.

²⁵⁵ Afânise é um termo utilizado por Lacan, mas ele o toma de empréstimo de Jones: “Jones, que a inventou, a tomou por algo bastante absurdo, o medo de ver desaparecer o desejo” (LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p.197).

²⁵⁶ Ibid., p. 260, grifo do autor.

²⁵⁷ Ibid., p. 260.

3.2.2 Você nunca está satisfeita com nada

Com frequência, Lacan fez afirmações sobre a falta de harmonia na relação entre homens e mulheres. Para ele, o homem e a mulher se aproximam através do gozo. Em suas palavras: “dá-lhe aquilo que não tens, pois o que te pode unir a ela é somente seu gozo.”²⁵⁸ O gozo é essencial em psicanálise e sua importância está centrada no fato de que ele introduz uma função estrutural, ou seja, o mais-de-gozar.²⁵⁹ “O mais-de-gozar é uma função da renúncia ao gozo sob o efeito do discurso.”²⁶⁰

O mais-de-gozar dá lugar e permite isolar o objeto *a*. Ele é o que permite o acesso ao modo como cada sujeito sofre em sua relação com o gozo. Surge, então daí, o sintoma. Nos termos de Lacan, o sintoma, “que é ele senão a maior ou menor facilidade da conduta do sujeito em torno desse algo que chamamos de mais-de-gozar, mas que ele é incapaz de dar um nome?”²⁶¹

No segundo ensino, Lacan retomou sua formulação de que “o significante é o que representa um sujeito para outro significante”. Essa ligação dizia respeito à relação mais simples e reduzida possível, ou seja, a dependência do sujeito. O significante é o outro. Com isso, ele retomava o grafo do desejo, desenvolvido em seu primeiro ensino, e a função de objeto derivada dele. Concluía que, desde aquela época, para os que entenderam seus deslocamentos, tratava-se de uma relação pré-histórica de emergência do objeto *a*.

A essa relação significante e de conexão, ele associou um sentimento de pertencimento no qual a duplicidade instaura um discurso cuja pergunta orientadora se revela como “Que quer o Outro?”. Retomava a relação de demanda ao Outro, que culmina com a reelaboração de que “o desejo do homem é o desejo do Outro”, numa espécie de “outrificação” do parceiro. “A demanda refere-se ao desejo do Outro, nessa ambiguidade completa que ainda permite escrever *Eu te pergunto... o que eu quero*, já que meu desejo é o desejo do Outro.”²⁶²

²⁵⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro** [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 25.

²⁵⁹ Essa função surgiu no ensino de Lacan como algo equivalente ao conceito de mais-valia de Marx. Nas palavras de Lacan, a explicação da mais-valia: “remuneramos o trabalho com dinheiro, uma vez que estamos no mercado. Pagamos seu preço verdadeiro, tal como a função do valor de troca o define no mercado. No entanto, existe um valor não remunerado naquilo que aparece como fruto do trabalho, porque o preço verdadeiro desse fruto está em seu valor de uso. Esse trabalho não remunerado, embora pago de maneira justa em relação à consistência do mercado no funcionamento do sujeito capitalista, é a mais-valia. A mais-valia, portanto, é fruto dos meios de articulação que constituem o discurso capitalista” (Ibid., p.37).

²⁶⁰ Ibid., p. 19.

²⁶¹ Ibid., p. 21.

²⁶² Ibid., p. 99, grifo do autor.

O gozo tem uma relação essencial com o corpo. Lacan fundou uma topologia do gozo na qual assinalava que o sujeito promove uma estrutura de recuperação de gozo. O que o sujeito recupera não tem relação com o gozo propriamente, mas sim com a sua perda, com seu mais-de-gozar. “O mais-de-gozar é aquilo que corresponde não ao gozo, mas à perda de gozo, na medida em que dele surge o que se torna a causa conjunta do desejo de saber e da animação, que recentemente qualifiquei de feroz, que provém do mais-de-gozar.”²⁶³

O efeito de perda que marca a relação com o gozo foi proposto por Lacan, a partir da concepção freudiana de “Um”. Freud usava essa expressão – “Um” – para tratar do que diz respeito à identificação e à repetição. Lacan situava a repetição do sujeito e a associava ao objeto perdido. “Resumindo, trata-se essencialmente do fato de que o gozo é almejado num esforço de reencontro, e que só pode sê-lo ao ser reconhecido pelo efeito da marca.”²⁶⁴

A incidência dessa marca significativa – “Um”; traço unário – produz um vazio entre o corpo e seu gozo. Esse efeito de perda determina a relação do sujeito com o desejo. Se há um discurso que pode traduzir de alguma forma essas questões é o psicanalítico, na medida em que na análise há o encontro incessante com o efeito de perda. “Se há uma atividade cujo ponto de partida se baseia na assunção da perda, é justamente a nossa, na medida em que, na própria abordagem de qualquer regra, isto é, de uma concatenação significativa, trata-se de um efeito de perda.”²⁶⁵

Em outras palavras, “[...] a partir do momento em que se monta a mesa de jogo²⁶⁶, o sujeito, antes de ser pensante, primeiro é *a*. E é depois que se coloca a questão de ligar a isso o fato de que ele pensa. Mas ele não precisou pensar para ser fixado como *a*.”²⁶⁷ Na relação do sujeito com o Outro aparece o furo que revela que o desejo não pode ser infinito, ele é circunscrito.

A psicanálise não pode ser definida como um saber sobre o sexual, mas sim sobre os impasses e os impedimentos do saber sexual.

Quem foi que aprendeu, na psicanálise, a saber tratar bem sua mulher? Porque, afinal, isso é importante, uma mulher. Há uma certa maneira de pegá-la pelo lado

²⁶³ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro** [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 114.

²⁶⁴ Ibid., p. 119.

²⁶⁵ Ibid., p. 124.

²⁶⁶ Lacan se refere à regra da partição de Pascal, a saber: “a regra da partição [*règle des partis*] foi elaborada por Pascal a partir de sua correspondência com Fermat, como uma forma de solucionar com rapidez o problema dos pontos num jogo de dados interrompido, a fim de dividir equitativamente o dinheiro das apostas, conforme as possibilidades iguais de ganho de cada jogador, caso a partida prosseguisse até o fim. Foi a base histórica do cálculo de probabilidades” (Ibid., p. 114).

²⁶⁷ Ibid., p. 157-158.

certo, isso se segura na mão de uma certa maneira, com a qual não se engana. Ela é capaz de lhes dizer: Você não me segura como se segura uma mulher.²⁶⁸

Ao final de uma análise, espera-se que possam ser clareados os caminhos que impedem que, por exemplo, um homem não saiba se dirigir à sua mulher. Lacan inventou a expressão “saber haver-se”. Esta expressão diz respeito precisamente a uma noção de saber relativo ao horizonte do sexual. Mesmo que o sujeito não saiba, é no campo do sexual que estamos quando se trata de saber. Lacan define a expressão “saber haver-se” dizendo que ela comporta um “saber entrar” e “um saber sair”. Para que haja um “saber sair”, ele dele vir acompanhado necessariamente do aviso de que o campo do sexual comporta, como outros campos, um fracasso necessário. Para “saber sair” é preciso “saber entrar.”²⁶⁹

Esse fracasso necessário, somente a histérica – “uma teórica correta”²⁷⁰ – consegue revelar através da estrutura lógica da função do gozo. Ela coloca o gozo como absoluto e sua fala evidencia o vazio de um além do gozo. Precisamente por requerer esse gozo absoluto, a histérica fracassa e encontra a resposta através do desejo insatisfeito. Lacan chamou tal operação de um desvelar lógico pelo qual opera a histérica. Acreditava, portanto, que a experiência analítica verifica essa manobra. Frequentemente, extraímos das falas dos homens uma frase que denuncia a estratégia histérica: “Você nunca está satisfeita com nada”.

Elas revelam o fracasso essencial da união sexual. Lacan concluiu que a psicanálise, ao encontrar a histérica em sua origem, introduziu uma novidade: não há o Um. A união sexual não traz consigo a satisfação porque o gozo não é algo natural. O naturismo não pode ser encontrado, uma vez que o homem nasce num banho de significantes. Em torno das funções sexuais não nos deparamos com os instintos e sim com uma estrutura social.

Lacan destacou que essa vertente para se pensar a psicanálise e seus efeitos era inédita, na medida em que não havia sido explorada até então. Afirmou que tais concepções derivam da perspectiva freudiana que introduz que a lógica do sexo decorre da castração. “Esse *menos* essencial é de ordem lógica, e sem ele nada pode funcionar. Tanto no homem como na mulher, toda a normatividade se organiza em torno da transmissão de uma falta.”²⁷¹

O que falta ao conjunto dessa lógica é exatamente o significante sexual. Lacan inaugurava sua noção de que não existe relação sexual. Justificava que podia fazer essa afirmação, na medida em que desconhece o lugar da “Mulher”. Tal visão não pode ser

²⁶⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro** [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 199.

²⁶⁹ Ibid., p. 203.

²⁷⁰ Ibid., p. 206.

²⁷¹ Ibid., p. 218, grifo do autor.

encarada como androcêntrica, já que a essência da “Mulher” é duplamente recalçada. Quer dizer, para o homem e para a própria mulher. Afirmava que somente conhecemos a “Mulher” através de um ou mais representantes da representação.

O representante da representação está perdido, já que não se sabe o que é a “Mulher”. Quando esse representante é recuperado, ele se torna objeto de uma denegação. Em suas palavras: “que outra coisa senão uma denegação é lhe atribuir como característica o não ter precisamente aquilo que nunca se tratou de que ela tivesse?”²⁷² Assim, ele retomou a “Mulher” freudiana que carrega consigo uma solidariedade com o falo, que é seu representante, mas que não tem nenhuma relação direta com ela.

Lacan situava a questão da histérica junto ao problema da neurose. O neurótico é aquele que sofre com seu narcisismo porque busca ser o complemento do “Um” no campo no Outro. Para ele, o neurótico busca preencher sua experiência através de um mito de unidade primitiva e de paraíso perdido rompido desde o trauma de seu nascimento.

Ele reforçava a ideia de que não existe nada que possa estruturar verdadeiramente o ato sexual. Sinalizou que não há o reconhecimento como tal do homem pela mulher e vice-versa. Isso quer dizer que não há um par de opostos que possa essencialmente nomear o homem e a mulher sem ambiguidades. Não há junção significativa, portanto.

O autor retomava que existe uma única referência na relação do ser sexuado: a mulher é o modelo da castração. O falo enquanto um significante não permite pensar em nenhum indício para a criação de um significante da relação sexual. Ele é o significante que representa o gozo sexual como externo ao sistema. “[...] O gozo é absolutamente real, porque, no sistema do sujeito, ele não é simbolizado nem simbolizável em parte alguma.”²⁷³

Frente a esses enigmas – o do gozo e, especialmente, o do gozo feminino enquanto um estado de enigma analítico – surge, então, o desejo de saber. O desejo de saber está ligado ao gozo. Seja o histérico ou o obsessivo, eles se questionam sobre a verdade do saber. No entanto, a verdade que pode ser veiculada diz respeito ao axioma “não há relação sexual”. Não há relação logicamente definível entre o sinal do homem e o da mulher. Lacan propôs duas explicações mais precisas:

- 1 – *Não existe* relação sexual: não existe uma relação exata entre homem e mulher;
- 2 – Existe *apenas* o ato sexual: só existe o ato para criar a relação.

²⁷² LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro** [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 221.

²⁷³ Ibid., p. 311.

A dimensão própria do ato sexual é o fracasso. Em psicanálise, no centro da relação sexual está a castração. Porém, para Lacan, é a relação da mulher com a castração que faz todo o movimento. Do lado da mulher, há um corpo esvaziado de gozo. A mulher arrisca seu gozo ao apostar em se satisfazer com o gozo do homem. É nessa aposta arriscada que ela se prende e se escraviza. Assim como o obsessivo não se toma pelo senhor ou pelo viril, a histérica não se toma pela mulher. Ela fica interessada pela outra mulher, já que crê que ela saiba o que um homem deseja. Nas palavras de Lacan:

[...] a histérica é a minha alegria. Melhor do que a Freud, que não soube entendê-la, ela me assegura que o gozo da mulher se basta perfeitamente em si. Mas, se ela erige essa mulher mítica que é a esfinge, é porque precisa de uma outra coisa, qual seja, gozar com o homem, que para ela não passa do pênis ereto, mediante o qual ela se sabe Outra, isto é, sabe-se como o falo de que é privada, ou, em outras palavras, como castrada. É esse o jogo originário que ela articula.²⁷⁴

3.2.3 Ela reina e ele não governa

Lacan acreditava que o discurso da histérica é aquele que conduz ao saber. O discurso histórico tem como principal mérito manter em questão o que vem a ser a relação sexual e como um sujeito pode sustentar essa relação “ou, melhor dizendo, não pode sustentá-la.”²⁷⁵ Para ele, as relações sexuais são constituídas pelo mal-entendido e o discurso da histérica revela essa essência. Por isso, ele existiria independente da invenção da psicanálise. “O significante não é feito para as relações sexuais. Desde que o ser humano é falante, está ferrado, acabou-se essa coisa perfeita, harmoniosa, da copulação, aliás impossível de situar em qualquer lugar da natureza.”²⁷⁶

A histérica é movida por um desejo de saber que a especifica. O que importa para ela é que o homem a coloque no lugar de objeto precioso no contexto do discurso. Essa conduta histérica revela a característica mais feminina: a necessidade de se sentir amada. Freud recolheu algumas concepções do discurso da histérica. Especialmente, a relação da mulher com a privação do falo. Lacan ressaltou que Freud alcançou o fato de que o homem tenta ajudar a mulher a aceitar sua privação, mas que tal tarefa fracassa, na medida em que essa ferida não pode ser apaziguada. Muito pelo contrário, a relação com o homem faz a mulher reviver, de forma nostálgica, a privação e promove seu desejo insatisfeito.

²⁷⁴ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro** [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008, p. 379.

²⁷⁵ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise** [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 87.

²⁷⁶ *Ibid.*, p. 31.

Lacan buscava ampliar o conhecimento sobre o gozo feminino, especialmente a partir do discurso da histérica. O discurso da histérica mantém seu principal valor ao relançar a pergunta: o que é a relação sexual? Esta pergunta não pode ser suficientemente respondida. “O interessante é esta verdade – o que está em jogo no saber sexual se apresenta como inteiramente estranho ao sujeito. Eis o que originalmente se chama, no discurso freudiano, o recalcado.”²⁷⁷ No entanto, a dimensão do estranho e do obscuro é o que realmente alimenta a busca de uma resposta para tal pergunta. E a histérica, melhor do que ninguém, mantém essa pergunta viva em discurso.

O diálogo, para Lacan, só é possível se o situarmos no nível do discurso. A verdade é semelhante à impotência, na medida em que “o amor à verdade é o amor a essa fragilidade cujo véu nós levantamos, é o amor ao que a verdade esconde, e que se chama castração.”²⁷⁸ Só pode haver amor à fraqueza, já que o amor é “dar o que não se tem”, como ele afirmou de forma insistente. O amor surge para corrigir essa fraqueza essencial.

A clássica pergunta psicanalítica “o que quer uma mulher?” é respondida por Lacan também através do discurso da histérica. Para ele, essa pergunta deve ser situada no nível do desejo “e todos sabem que situar a pergunta no nível do desejo, para a mulher, é interrogar a histérica.”²⁷⁹ A resposta de Lacan é: ela quer um mestre. Ela quer que o outro seja um mestre “[...] que saiba muitas e muitas coisas, mas, mesmo assim, que não saiba demais, para que não acredite que ela é o prêmio máximo de todo o seu saber. Em outras palavras, quer um mestre sobre o qual ela reine. Ela reina, e ele não governa.”²⁸⁰

O homem é um mestre caracterizado pela carência. No par de opostos em que “um não tem e o outro não sabe o que fazer”, situamos a relação sexual em Lacan. Em seguida, continuaremos essa discussão alcançando a relação entre o gozo e o semblante²⁸¹.

3.2.4 Por trás de um grande homem sempre existe uma grande mulher

Lacan ressaltava que Freud revelou que o funcionamento do inconsciente nada tem de biológico. Lembrava ainda que o foco de interesse da psicanálise podia ser localizado nas relações entre o homem e a mulher. Para ele, antes mesmo da fase fálica, meninos e meninas já não são iguais. Reconhecidamente, somente na idade adulta, podemos pensar o destino dos

²⁷⁷ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise** [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992, p. 87.

²⁷⁸ Ibid., p. 49.

²⁷⁹ Ibid., p. 122.

²⁸⁰ Ibid., p. 122.

²⁸¹ Trabalhamos com a seguinte definição: semblantes são os papéis em jogo na encenação da vida amorosa. (COELHO DOS SANTOS, T. Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro-sinthoma. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XII, n. 1, p. 9-26, jan-jun. 2009a., p. 12-13).

sujeitos distribuídos entre homens e mulheres. Ele assinalava que a identidade de gênero pode ser definida pelos termos homem e mulher. Propôs que o que define um homem é a sua relação com uma mulher e vice-versa.

Para o menino, na idade adulta, trata-se de parecer-homem. É isso que constitui a relação com a outra parte. É à luz disso, que constitui uma relação fundamental, que cabe interrogar tudo o que, no comportamento infantil, pode ser interpretado como orientando-se para esse parecer-homem. Desse parecer-homem, um dos correlatos essenciais é dar sinal à menina de que se o é. Em síntese, vemo-nos imediatamente colocados na dimensão do semblante.²⁸²

De acordo com Lacan, há uma verdade com a qual todos têm que se confrontar, a saber: as mulheres não têm o falo. “A identificação sexual não consiste em alguém se acreditar homem ou mulher, mas em levar em conta que existem mulheres, para o menino, e existem homens, para a menina.”²⁸³ O falo é o real do gozo sexual. Para os homens, a mulher é o falo e é isso que os castra. “A mulher é precisamente a hora da verdade. [...] É certamente mais fácil para o homem enfrentar qualquer inimigo no plano da rivalidade do que enfrentar a mulher como suporte dessa verdade, suporte do que existe de semblante na relação do homem com a mulher.”²⁸⁴

Em contrapartida, o homem também é o falo que castra a mulher, na medida em que, através dele, ela adquire um pênis e nisso está a falha essencial. No que se refere ao gozo sexual, portanto, “a mulher está em condição de pontuar a equivalência entre o gozo e o semblante.”²⁸⁵ A mulher é aquela que sabe lidar melhor com o que é disjunto no gozo e no semblante, na medida em que ela sabe que, apesar deles apresentarem uma equivalência no que tange ao discurso, eles se diferenciam no momento em que uma mulher se apresenta para o homem.

Lacan afirmava que essas verdades sustentam a instância do inconsciente. “Não é algo particularmente agradável de ouvir, é o que se costuma empacotar sob o registro do complexo de castração.”²⁸⁶ Ele afirmava que a mulher é a verdade do homem. Em nossa língua, reconhecemos essa ideia no ditado popular: “por trás de um grande homem sempre existe uma grande mulher”.

²⁸² LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante** [1971]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 31.

²⁸³ Ibid., p. 33.

²⁸⁴ Ibid., p. 33.

²⁸⁵ Ibid., p. 33.

²⁸⁶ Ibid., p. 34.

[...] O fato de a mulher ser a verdade do homem, essa velha história proverbial quando é preciso compreender alguma coisa, o *cherchez la femme* [busquem a mulher, ou procurem a mulher] a que naturalmente damos uma interpretação policial, isso bem poderia ser algo totalmente diferente, ou seja, que, para ter a verdade de um homem, seria bom saber quem é sua mulher. Refiro-me a sua esposa, no caso, por que não? Esse é o único lugar que faz sentido o que, um dia, uma pessoa de meu círculo chamou de pesa-pessoa. Para pesar uma pessoa, não há nada como pesar sua mulher”.²⁸⁷

Com a mulher, a operação não é a mesma devido à liberdade que ela tem com o semblante. O resultado disso é que ela “consegue dar peso até a um homem que não tem nenhum.”²⁸⁸ Segundo Lacan, essas verdades já eram há muitos séculos identificadas e elas atormentam os seres falantes. Coube à psicanálise instaurar a ordem da surpresa conjugando o saber e a verdade no axioma “não há relação sexual”. Não há nenhum modo de escrever e fazer existir a relação sexual. O discurso analítico instituiu a relação do falo com o gozo e não com a função fisiológica e reprodutora do pênis.

Lacan revelava surpresas e espantos em suas formulações. “O espanto, afinal, é um princípio sempre de boa serventia para interrogar o real.”²⁸⁹ Assinalou que uma mulher somente adquire provas daquilo que supre a relação através do desejo do homem. O desejo, no homem, está relacionado com sua causa e se origina no campo do Outro. “A mulher, no caso, percebe-se que ela é que é o Outro.”²⁹⁰ Ele também afirmou que não há universal da mulher e que A mulher não existe. Estabeleceu a existência de “uma mulher”.

A existência dela é um sonho de mulher, e é o sonho de que saiu Don Juan. Se houvesse um homem para quem A mulher existisse, seria uma maravilha, teríamos certeza de seu desejo. Isso é uma elucubração feminina. Para que um homem encontre sua mulher, que outra coisa existe senão a formulação romântica ‘era fatal, estava escrito’?²⁹¹

A mulher está submetida necessariamente à fala. Esta, por sua vez, é o que instaura a dimensão de verdade da impossibilidade da relação sexual. “A fala se esforça por reduzir a mulher à sujeição.”²⁹² Lacan afirmava que pescou essas fórmulas inéditas em Freud.

Será que podemos dizer que Freud formula propriamente a impossibilidade da relação sexual? Ele não a formula como tal. Se eu o faço, é simplesmente porque

²⁸⁷ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante** [1971]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 34.

²⁸⁸ Ibid., p. 34.

²⁸⁹ Ibid., p. 62.

²⁹⁰ Ibid., p. 66.

²⁹¹ Ibid., p. 70.

²⁹² Ibid., p. 102.

isso é muito simples de dizer. Está escrito de todas as maneiras. Está escrito no que Freud escreve. Basta lê-lo. Quanto a mim, eu o leio.²⁹³

Especialmente na obra “O mal-estar na civilização”, em 1929, Freud apontou claramente a carência da relação sexual. Ele definia que o sintoma aparece como o discurso possível no ser falante e que tomaria o lugar de uma suplência ao que falta. Indicava, com isso, a impossibilidade da relação sexual.

Para Lacan, a relação sexual “não é inscritível.”²⁹⁴ Ele pretendia mostrar que a linguagem não dá conta de fazer existir a relação sexual e que há sempre um impasse sexual. Tal impasse diz respeito ao fato de que “A” mulher só pode ocupar seu lugar na relação sexual enquanto “uma” mulher. Por outro lado, o homem só pode existir na qualidade de “todo homem”, apesar de haver “enormes dúvidas incidindo sobre o fato de que o todo homem existe.”²⁹⁵

Ele propunha que o homem e a mulher são fatos de discurso e que só há discurso de semblante. Quer dizer, “é num discurso que, sendo homens e mulheres, naturais, por assim dizer, têm que se fazer valer como tais.”²⁹⁶ O “se fazer valer como” é o semblante que mascara a inexistência da relação sexual.

Lacan formulou que a mulher histérica se interessa pelo falo na relação com o homem e dirige a ele a demanda de ter “ao menos um”, que ele ainda escreve como “*ahomenozum*.”²⁹⁷ Ele afirmava que a mulher se atribui ao menos um “conforme ao osso de que seu gozo precisa para que ela possa roê-lo.”²⁹⁸

O falo é uma descoberta central. É através do semblante do falo que pode se arranjar o que diz respeito ao gozo sexual. Para Lacan, desde “Estudos sobre a histeria” (1893 – 1895) Freud sinalizava esse fato. O falo foi reinterpretado por Lacan como o elemento terceiro que revela, principalmente, os impasses do gozo sexual de homens e mulheres.

3.2.5 “Seja homem! ... Tenha modos!”

A proposição “não existe relação sexual” foi bastante desenvolvida no segundo ensino lacaniano. Ele afirmava que o sexo não define nenhuma relação entre os seres falantes. Não negava a “pequena diferença” que há entre os meninos e as meninas desde muito cedo, numa

²⁹³ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante** [1971]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 91.

²⁹⁴ Ibid., p. 123.

²⁹⁵ Ibid., p. 132-133.

²⁹⁶ Ibid., p. 136.

²⁹⁷ Ibid., p. 134.

²⁹⁸ Ibid., p. 143.

espécie de vocação prematura. Essa “pequena diferença” é inata como órgão (*organon*, instrumento).²⁹⁹ No que diz respeito a essa vocação que cada um sente para seu sexo, Lacan acreditava que, quando isso vacila, ouvimos dizer que, por exemplo, uma menina é quase um menino – um menino malogrado, que faltou pouco para ser menino. Ele acreditava que essa falta – o quase, o faltou pouco – podia ser considerado como um suplemento de feminilidade. Aliás, ele propôs que a verdadeira mulher também se esconde atrás dessa mesma falta.

Ele ressaltava que “um órgão só é um instrumento por meio disto em que todo instrumento se baseia: é que ele é um significante.”³⁰⁰ O acesso ao outro sexo leva em conta esse preço a pagar: a “pequena diferença”. O significante é o gozo e o falo é o significado.

A partir disso, Lacan fez um parêntese interessante para analisar o que ocorre com os transexuais. Para ele, é como significante que o transexual não quer mais seu instrumento, e não como órgão. Com isso, eles cometem um erro comum, ao se proporem a cirurgia, pois o transexual não quer mais ser significado como falo pelo discurso sexual, mas isso é impossível.³⁰¹

Lacan questionava o que o discurso psicanalítico podia fazer com esse “não existe relação sexual”. Ressaltou que o psicanalista deve levar em conta esse aforismo para que não caia na tentação de ser um protetor cego dos casais que ofereça a felicidade conjugal. Propôs que o analista esteja atento a uma boa regra: que os casais se viem como puderem. Contudo, o fato de não existir a relação sexual não impede a ligação amorosa. Muito pelo contrário, a ausência da relação sexual propicia as condições para os relacionamentos.

Ele introduziu uma nova lógica, ao ressaltar que a relação sexual deve sempre ser pensada a partir de sua negativa: daquilo que “não é”. Reafirmava que não há formulação satisfatória da relação sexual, na medida em que partimos sempre da linguagem. Tudo o que diz respeito aos seres falantes, portanto, deve ser tomado a partir desse princípio. É efeito do real o fato de que “não é” possível haver uma função que regule a experiência sexual dos seres falantes. Lacan definia que “não é” possível escrever a relação sexual. Logo, a relação sexual, que “não é”, determina um discurso rompido.

À medida que avançava em sua transmissão, Lacan consolidava o princípio de que não existe a proporção sexual. Essa noção sempre foi motivo de estranhamento e nos deparamos com o autor, em vários seminários, tentando esclarecer o que quis dizer com esse aforismo. Em mais uma tentativa, ele esclareceu: “não convém confundir – as relações sexuais,

²⁹⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 13.

³⁰⁰ *Ibid.*, p. 13.

³⁰¹ *Ibid.*, p. 17.

naturalmente, são só o que existe. Foi justamente esse ponto que me suscitou um comentário. Mas os encontros sexuais, isso é sempre falho, mesmo e sobretudo quando é um ato.”³⁰²

Para ele, a tentativa de preencher essa inexistência deve ser encarada como uma estupidez, pois há uma impossibilidade em jogo. Inclusive, ele vislumbrava que nenhum escrito, enquanto produto da linguagem, poderia alcançar a existência da relação sexual de maneira satisfatória. Há um real em cena que apresenta essa verdade primeira da inexistência da relação sexual. Lacan defendia que os seres falantes se tornam sexuados a partir dos significantes. Todavia, “não se trata de marcar o significante-homem como distinto do significante-mulher e de chamar um de x e o outro de y , porque a questão é justamente essa – é como nos distinguimos.”³⁰³

Ele formalizou o gozo sexual e lançou a função ϕx . Com esse sistema de representação, ele definia a relação do significante com o gozo. Este deve ser abordado em uma estreita relação com o corpo. Portanto, gozar é usufruir de um corpo. O gozo do corpo deve levar em conta também a relação com a castração, na medida em dela derivam os pequenos significantes sexuados. Lacan se divertia com os significantes:

É engraçado o uso do significante *homem*. Dizemos aos garotos: *seja homem*; não dizemos *seja o homem*, e por quê? O curioso é que *seja mulher* não se diz muito. Em contrapartida, fala-se *da* mulher, *a* mulher, artigo definido. [...] O que quero dizer, simplesmente, é que aquilo que o ϕx escreve tem como efeito não mais podermos dispor do conjunto dos significantes.³⁰⁴

Em nossa cultura, podemos extrair um imperativo correlativo ao “Seja homem!”, destinado aos meninos, para as meninas. Frequentemente, ouvimos que elas devem ter modos. “Tenha modos!” pode ser uma versão feminina do uso do significante. O homem e a mulher são chamados por Lacan de valores sexuais. São valores aceitos em todas as línguas, universais. Todo ser falante é ele ou é ela. A linguagem funda o princípio do funcionamento de gênero.

Ao realizar uma abordagem rigorosa do sexual, nos deparamos com a estrutura lógica da castração. Lacan ressaltou que essa estrutura nos leva ao real, ou seja, à uma hiância irreduzível. Esse ponto lógico deve ficar para além de qualquer leitura da castração como algo

³⁰² LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 26.

³⁰³ Ibid., p. 31.

³⁰⁴ Ibid., p. 32-33, grifo do autor.

acidental ou anedótico. Além das “futriquinhas – ou seja, *o papai disse que vão te cortar isso fora* –, como se essa não fosse a típica idiotice.”³⁰⁵

Lacan salientava que é o real como esse impossível de redução que os analistas devem levar em conta. A castração é essencialmente rigorosa naquilo que ela não instaura e na construção de uma bipolaridade sexual. Para ele, “embora Freud tenha dado uma indicação quanto a isso, se bem que aproximativa, ainda se confunde demais a função do sexo com a da reprodução.”³⁰⁶ Com os avanços da biologia, a tendência a confundir o sexo e a reprodução fica ainda mais viva. O interesse da psicanálise está na relação entre o corpo e o gozo. A linguagem funciona como suplente do gozo sexual, na medida em que ela insere o gozo na repetição corporal.

Lacan propôs a seguinte função de verdade:

- 1 – Todo homem se define pela função fálica;
- 2 – A função fálica obtura a relação sexual.

Estruturalmente, a mulher tem relação com a função fálica, mas não pode ser definida por ela. Não existe, portanto, um “todo” das mulheres. Mas isso não quer dizer que a mulher não conheça a função fálica. Não é impossível que ela conheça a função fálica. A elas fica reservado o lugar de “não-todas”. Por outro lado, o homem ocupa o “todos” da função fálica. No entanto, existe “ao menos um” que não cabe na função fálica. “Isto quer dizer que o gozo sexual será possível, mas será limitado. O que supõe para cada homem, em sua relação com a mulher, algum domínio, pelo menos, desse gozo. Cabe à mulher ao menos isto, que isso seja possível, a castração. É sua abordagem do homem.”³⁰⁷

A mulher se encarrega da castração e é, essencialmente, por esse viés que o homem tem acesso a ela. É do real que a mulher promove sua relação com a castração. Lacan ressaltava que as mulheres não são castráveis. Isso porque elas não possuem o falo e, portanto, esse fato não as liga necessariamente à castração. Por conta dessa indeterminação da mulher, um homem pode ter acesso a ela. Essa indeterminação foi nomeada por Lacan como contingência e é esse o ponto que se refere ao valor sexual “mulher”.

Lacan salientava a ausência da relação comum de gozo entre homens e mulheres. O falo tem o poder de significação que define os modos de gozo diferentes, conforme a lógica “todo” (homem) e “não-todo” (mulher). “O falo é a significação, é aquilo pelo qual a

³⁰⁵ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 32, grifo do autor.

³⁰⁶ Ibid., p. 41.

³⁰⁷ Ibid., p. 44.

linguagem significa. Só existe uma única *Bedeutung*: é o falo.”³⁰⁸ Ele afirmava que a dimensão da função fálica é a experiência adquirida pela psicanálise para atestar a inexistência da relação sexual. Partiu de uma observação etológica – na busca sexual, os meninos se encorajam em bando e as meninas em pares – para se questionar como se relaciona o universal homem com o universal mulher.

O que marca a inexistência da relação sexual é o fato de que não há como escrever uma essência feminina e outra masculina. Os dois parceiros se diferem, mas eles estão igualmente referenciados à função fálica. Lacan inventou as fórmulas da sexuação para pensar a diferença lógica entre homens e mulheres.

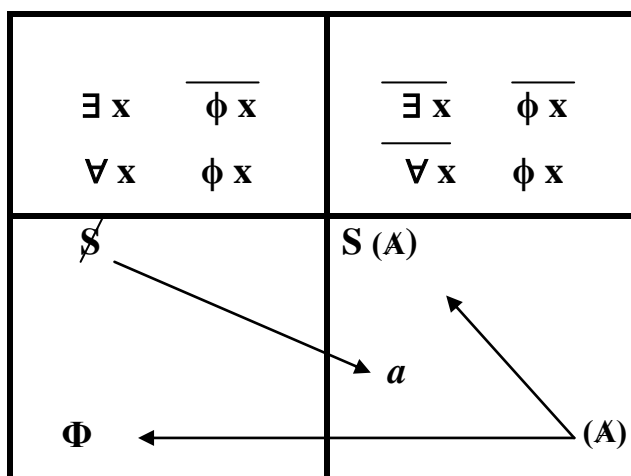


Figura 1 – Fórmulas da sexuação

FONTE:

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 105.

No nível superior, vemos a divisão entre um “Existe” – à esquerda – e um “Não existe” – à direita. Na linha de baixo, temos de um lado um “todo x” – $\forall x$ – que define a função fálica. Do outro lado, vemos a negação que distingue o “não é toda” mulher que se inscreve na função fálica. Do lado masculino, há um “x” – ϕx – que pode se conservar em um além da função fálica. Do lado feminino, esse “x” não existe porque a mulher não pode ser castrada, ela está “não toda” sujeita à função fálica. Esse é precisamente o nível que nos é barrado na relação sexual.

³⁰⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 68.

Por outro lado, no plano da função fálica, quando o “todo” se opõe ao “não-toda”, encontramos a possibilidade de uma distribuição, da direita para a esquerda, da qual emerge o masculino e o feminino. “Assim, longe de a relação de negação nos forçar a escolher, temos, ao contrário, que repartir. Se os dois lados se opõem um ao outro, é legitimamente.”³⁰⁹

Por conta da função fálica não funcionar do lado feminino, temos alguma chance de relação sexual. Ou seja, há relação quando não encontramos a equivalência entre os sexos. A mulher somente participa da função fálica através do homem. Contudo, ela tem uma relação totalmente ativa no que diz respeito à função fálica. Esse fato não universaliza a mulher. Ela usufrui de um gozo diferente do fálico. É o gozo duplo. Um gozo propriamente feminino e que não depende em absoluto do gozo fálico.

“De um lado, temos a universal baseada numa relação necessária com a função fálica, e do outro, uma relação contingente, porque a mulher é não toda.”³¹⁰ A relação da mulher com o gozo fálico apresenta o caráter da contingência. Por outro lado, para o homem, essa relação é necessária – “todo macho é escravo da função fálica.”³¹¹

Lacan retomou o mito freudiano de Eros para afirmar que a essência dele consistiria em fazer Um – de que dois se juntassem e formassem Um. No entanto, ele acreditava que a ideia de unicidade do mito é delirante e não traduz a experiência na qual a análise é convocada a atuar. Nas relações entre homens e mulheres nada se aproxima dessa tendência natural para o Um. A relação entre os sexos se funda na desordem, já que ela não promove nenhum universal.

Nesse momento de seu ensino, Lacan apresentou uma definição esclarecedora a respeito do Outro. Para ele, “o Outro de que se trata é o do casal sexual.”³¹² Ele propôs também que existir não é ser, mas sim depender do Outro. Nós só gozamos com o Outro. Não gozamos e nem somos gozados sexualmente, já que a relação sexual não existe. “É realmente preciso dizer, goza-se com o Outro mentalmente.”³¹³ Só gozamos com nossos fantasmas.

A mulher é aquela que oferece a melhor compreensão do lugar do Outro. Sua posição pode ser localizada entre o centro e a ausência, na medida em que ela não está toda contida na função fálica, mas nem por isso é sua negação.

³⁰⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 99-100.

³¹⁰ Ibid., p. 102.

³¹¹ Ibid., p. 105.

³¹² Ibid., p. 109.

³¹³ Ibid., p. 109.

Centro – essa é a função fálica de que ela participa singularmente, posto que o *ao menos um* que é seu parceiro no amor renuncia a tal função por ela, esse *ao menos um* que ela só encontra no estado de ser apenas pura existência. Ausência – é o que lhe permite deixar aquilo por cujo meio ela não participa disso, na ausência que não é menos gozo por ser ausência de gozo, *gozoausência [jouissance]*.³¹⁴

Lacan chamou a disjunção sexual de desarvoramento, indicando um caráter de desorientação na relação entre os sexos. Os seres falantes tentam negar essa disjunção igualando os homens e as mulheres e almejando transgredir os obstáculos impostos pelo real da inexistência da relação sexual.

Os psicanalistas devem estar atentos quanto ao impossível da relação com o real. Lacan apostava que a ajuda da psicanálise é precária no que diz respeito ao sucesso de um amor. Ele se dizia desafiado, em seu papel de analista, a fazer um amor dar certo. Acreditava que falamos essencialmente de amor na análise. É falando que fazemos amor. Também falamos do sexo oposto. Para Lacan, isso está em jogo até mesmo quando há o homossexualismo. Portanto, ao analista cabe justamente tratar a relação de gozo que há entre o sujeito e seu parceiro.

Lacan afirmou que os psicanalistas acreditaram que havia a relação sexual. Ele nomeou esse fenômeno de “mitologia dos psicanalistas”. Para ele, na tentativa de justificar tal crença, eles usaram uma metáfora considerada grotesca. A saber, a metáfora de que o óvulo e o espermatozoide se juntam para fazer um só ser. Ele defendia que não há a menor chance de que essa metáfora represente o que essencialmente ocorre nas relações amorosas. Ele entendia que biologicamente, antes mesmo que os gametas se juntem, é necessária uma meiose. “E aquilo que é um, novo, para que isso se faça, é preciso que cada um dos dois tenha largado um certo número de destroços.”³¹⁵

Ele salientava que é na própria prática da relação sexual que promovemos o real como impossível. Frente ao real, ele propôs que havia somente uma posição que fosse sustentável para o analista e para os sujeitos: o semblante. Ele entende que essa é a única posição que existe em relação ao gozo. O semblante surte efeito ao ser manifesto. No entanto, ele seguiu interessado em buscar na lógica matemática algo diferente do semblante para trabalhar as relações sexuais. Ele procurava por algo distinto do nível do chiste e da piada que faça rir. Acreditava que não havia como promover uma separação entre uma série masculina e outra feminina. Ele caiu na tentação de se divertir e mostrar a insensatez que existe no fato de que há uma ligação entre os homens e a atividade e as mulheres e a passividade.

³¹⁴ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012p. 117-118, grifo do autor.

³¹⁵ Ibid., p. 151.

Numa vida como a que se vê por toda parte, exceto onde houve a nossa grande subversão cristã, o homem leva a vida na flauta, enquanto a mulher mói, tritura, costura, faz compras e, ainda por cima, nessas sólidas civilizações que não se perderam, ainda encontra disposição para rebolar o traseiro – estou falando de uma dança, é claro –, para radiante satisfação do cara que está lá. Então, em matéria de ativo e passivo, se vocês me dão licença... Bem, é verdade que ele caça. E isso não é coisa para se fazer chacota, minhas crianças. É muito importante. [...] Mas, como isso faz rir, a caça, não sei se será absolutamente inútil ver nela justamente a virtude do homem. Na caça, com efeito, o homem mostra o que tem de melhor, ou seja, ser passivo.³¹⁶

A mulher é bastante ativa na relação sexual. “É a mulher que entra com mais vigor.”³¹⁷ Como ele buscava na matemática uma explicação diferente, “...ou pior”³¹⁸, ele propõe dois adjetivos derivados da teoria dos conjuntos. Então, para ele, os homens são finitos e as mulheres são enumeráveis. Elas porque precisam ser contadas uma a uma. Eles, por sua vez, podem ser contados e fazem um conjunto – “finitos, finitos, finitos.”³¹⁹

Lacan defendia que não havia nenhuma ciência melhor do que a matemática para explicitar o fato de que o real é impossível. Para ele, a teoria dos conjuntos promove reflexões sobre a existência opostas àquelas do discurso religioso. Com isso, ele justificava o uso da teoria dos conjuntos em suas fórmulas da sexuação.

Com base em suas fórmulas, nesse segundo ensino, ele buscava explicar precisamente quatro inscrições que formam um conjunto:

- 1ª: Existe um x que diz não à função fálica;
- 2ª: Não existe desejo senão masculino;
- 3ª: Não existe o x;
- 4ª: O não-todo tem uma relação com a função fálica.

Na condição do homem, “todo” homem está sujeito à castração, apesar de haver ao “menos um” que “diz não” à função fálica. Há uma universalidade. Todos os homens estão sujeitos à castração. Por outro lado, na posição da mulher, como a função fálica domina o que diz respeito à relação sexual, a posição do “não-todo” emerge. Não há universalidade. Lacan configura a mulher como “não toda” em relação à função fálica. No entanto, como vimos anteriormente, ele insistia que isso não quer dizer que ela não tenha relação com tal função.

³¹⁶ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 179.

³¹⁷ Ibid., p. 179.

³¹⁸ Referência de Lacan ao título de seu “O seminário, livro 19”. Nesse seminário, Lacan enfatiza a importância do lugar vazio e defende que é a única maneira de produzir algum saber através da linguagem (Ibid., p. 11).

³¹⁹ Ibid., p. 192.

Isso porque a mulher é um “centro gozoso”³²⁰ associado a uma espécie de ausência. E é graças a essa hiância que ela permite que “ao menos um” possa situá-la, através da fala, como a causa de seu desejo.

Ao analista cabe a possibilidade de instalar o objeto *a*, causa do desejo, no lugar do semblante. O objeto *a* nos permite a apreensão do semblante, da verdade e do gozo. Isso porque “tudo que é dito é semblante. Tudo que é dito é verdade. Ainda por cima, tudo que se diz faz gozar.”³²¹

3.2.6 Ela está lá à toda!

De acordo com Lacan, o que há de mais real em todas as culturas e línguas é que existe a diferença entre homens e mulheres. O real não está na diferença anatômica, uma vez que o pênis não é o real. Ao mesmo tempo, o pênis é o instrumento que contabiliza o gozo e se coloca como obstáculo às relações sexuais. O corpo do ser falante é perturbado pelo gozo.

Lacan explicou ainda uma frase que ganhou consistência em seu “O Seminário, livro 20”: o gozo do Outro não é o signo do amor.

*O Gozo do Outro, do Outro com A maiúsculo, do corpo do Outro que o simboliza, não é o signo do amor. [...] O amor, certamente, faz signo, e ele é sempre recíproco. Coloquei isto há muito tempo, muito suavemente, dizendo que, os sentimentos, isto sempre é recíproco. Era para que isto me retornasse – E então, e então, e o amor, e o amor, ele é sempre recíproco? – Mas é claro, mas é claro! É mesmo por isso que se inventou o inconsciente – para se perceber que, o desejo do homem, é o desejo do Outro, e que o amor, se aí está uma paixão que pode ser ignorância do desejo, não menos lhe deita toda a sua poja.*³²²

O caráter de impossibilidade da relação sexual não reduz a demanda de amor, já que “[...] o amor demanda o amor. Ele não deixa de demandá-lo. Ele o demanda... *mais...ainda. Mais, ainda*, é o nome próprio dessa falha de onde, no Outro, parte a demanda do amor.”³²³ Uma das principais consequências da distinção entre o órgão sexual e o falo pode ser localizada no amor. Este é definido por Lacan como necessariamente narcísico. Isso, por sua vez, impossibilita a relação sexual.

O que faz aguentar-se a imagem, é um resto. A análise demonstra que o amor, em sua essência, é narcísico, e denuncia que a substância do pretense objetal – papo furado – é de fato, o que, no desejo, é resto, isto é, sua causa, e esteio de sua insatisfação, se não de sua impossibilidade. O amor é impotente, ainda que seja

³²⁰ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 198.

³²¹ Ibid., p. 221.

³²² Ibid., p. 12, grifo do autor.

³²³ Ibid., p. 12-13, grifo do autor.

recíproco, porque ele ignora que é apenas o desejo de ser Um o que nos conduz ao impossível de estabelecer a relação dos... A relação *dos* quem? – *dois* sexos.³²⁴

O gozo sexual é marcado pela impossibilidade de estabelecer esse “Um” da relação sexual. No corpo, o que inscreve a vida é a sexuação. Para o homem, provido do órgão fático, o discurso analítico demonstrava que o sexo da mulher só pode ser entendido através do gozo do corpo dele. “O discurso analítico demonstra que o falo é a objeção de consciência, feita por um dos dois seres sexuados, ao serviço a ser prestado ao outro.”³²⁵

O homem goza de seu próprio órgão e, por isso, não pode gozar do corpo da mulher. Por outro lado, a mulher é não-toda em relação ao gozo fático. Diante desses obstáculos, como fazer existir a relação sexual? “Aí está o dito para o que concerne ao gozo enquanto sexual. De um lado, o gozo é marcado por esse furo que não lhe deixa outra via senão a do gozo fático. No gozo dos corpos, o gozo sexual tenha esse privilégio de ser especificado por um impasse.”³²⁶ A diferença do discurso analítico para outros discursos pode ser situada no fato de que somente ele pode realmente dizer algo sobre a impossibilidade da relação sexual.

[A relação sexual é] apenas suposta, pois que eu enuncio que o discurso analítico só se sustenta pelo enunciado de que não há, de que é impossível colocar-se a relação sexual. Este é, nomeado, o ponto que cobre a impossibilidade da relação sexual como tal. O gozo, enquanto sexual, é fático, quer dizer, ele não se relaciona ao Outro como tal.³²⁷

A mulher é “não-toda”, pois está sujeita à função fálica de forma circunstancial. O instrumento, para a mulher, está no corpo do homem ou da criança. O “não-todo” pode ser delimitado como o improvável, a impotência e a falta de garantias. O feminino comporta ainda a histeria. Esta deve ser entendida como a radicalização do feminino. A histérica é aquela que se ocupa de não consentir com o lugar de objeto. Ela encontra suplementos que a levam para a posição de “bancar o homem”. Na histeria encontramos a insatisfação como o resto sintomático, aliada a exigência de ser tomada como única, através da fala do parceiro.

O ser sexuado dessas mulheres não-todas não passa pelo corpo, mas pelo que resulta de uma exigência lógica na fala. Com efeito, a lógica, a coerência inscrita no fato de existir a linguagem e de que ela está fora dos corpos que por ela são agitados, em suma, o Outro que se encarna, se assim se pode dizer, como ser sexuado, exige esse *uma a uma*. [...] Vocês não vêem que o essencial no mito feminino de Don Juan é que ele as tem uma a uma? [...] Das mulheres, a partir do momento em que há os

³²⁴ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda** [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 14, grifo do autor.

³²⁵ Ibid., p. 15.

³²⁶ Ibid., p. 17.

³²⁷ Ibid., p. 17-18.

nomes, pode-se fazer uma lista, e contá-las. Se há *mille e tre* é mesmo porque podemos tomá-las uma a uma, o que é essencial. E é coisa completamente diferente do Um da fusão universal.³²⁸

A aproximação ao real revela o paradoxo de que toda verdade só pode ser meio dita. A orientação para o real implica que o falo barra a relação sexual, na medida em que não há verdade absoluta. O real é o mal-entendido entre os sexos. Ele é o mistério do corpo falante. É o mistério do inconsciente.

Para Lacan, não há relação sexual porque o gozo do Outro é sempre inadequado: “perverso de um lado, no que o Outro se reduz ao objeto *a* – e do outro, eu direi louco, enigmático. Não é do defrontamento com este impasse, com essa impossibilidade de onde se define um real, que é posto à prova o amor?”³²⁹ Tal impossibilidade marca outra: falar sobre o amor. “O que eu digo do amor é certamente que não se pode falar dele. Fale-me de amor – cançãozinha! Eu falei da letra, da carta de amor, da declaração de amor, o que não é a mesma coisa que a fala de amor.”³³⁰

Lacan considerava que somente através da análise – com suas regras e seus ditos – que podemos provocar o surgimento do sujeito do inconsciente e tocar o real de que o gozo do Outro não é signo do amor. O sujeito é aquele que engajamos na análise para dizer o que pensa sobre o amor. É com esse conteúdo que fazemos a análise e do qual emerge o sujeito do inconsciente. Ao analista cabe tirar consequências desses ditos, na medida em que eles não podem ser desditos. É a regra número um. O Outro é que goza. Esse fato é marcado por uma ambiguidade significativa, na medida em que ultrapassa a realidade de que o corpo de um goza de uma parte do corpo do Outro.

O que, com efeito, constitui o fundo da vida, é que, para tudo que diz respeito à relação entre os homens e as mulheres, o que chamamos coletividade, a coisa não vai. A coisa não vai, e todo mundo fala disto, e uma grande parte de nossa atividade se passa a dizer isto. [...] Até isto inclusive, que essa relação sexual, na medida em que a coisa não vai, ela vai assim mesmo – graças a um certo número de convenções, de interdições, de inibições, que são efeitos da linguagem e só se devem tomar como deste estofo e deste registro.³³¹

O discurso analítico revela que a mulher só entra em função na relação sexual enquanto mãe. Esta verdade maciça é justificada no gozo que a mulher encontra na relação com o filho. Este é uma suplência para o caráter de “não toda” da mulher. “Para esse gozo que

³²⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda** [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 19, grifo do autor.

³²⁹ Ibid., p. 19.

³³⁰ Ibid., p. 21.

³³¹ Ibid., p. 46.

ela é, não-toda, quer dizer, que a faz em algum lugar ausente de si mesma, ausente enquanto sujeito, ela encontrará, como rolha, esse *a* que será seu filho.”³³²

Por sua vez, do lado dos homens, a função do falo é consentir à castração. O homem entra em jogo como significante, ou seja, enquanto tendo relação com o gozo fálico. Cada um encarna um corpo que o distingue enquanto homem e mulher e se identificam a significantes através dos quais podem falar, se expressar e representar suas funções.

No entanto, o ser da relação sexual é inexistente e o que supre esse vazio é da ordem da aparência e do semblante. A ficção faz suplência ao que não existe. A ficção é o amor por excelência. Segundo Lacan, “o que vem em suplência à relação sexual, é precisamente o amor.”³³³ O amor, portanto, dá acesso à existência.

Nós dois somos um só. Todo mundo sabe, com certeza, que jamais aconteceu, entre dois, que eles sejam só um, mas, enfim, *nós dois somos um só*. É daí que parte a ideia do amor. É verdadeiramente a maneira mais grosseira de dar à relação sexual, a esse termo que manifestamente escapa, o seu significado. O começo da sabedoria deveria ser começar a perceber que é nisso que o velho pai Freud rompeu caminhos. Foi daí que parti, pois isto, a mim mesmo, me tocou um pouquinho. Aliás, poderia tocar qualquer um, não é?, ao perceber que o amor, se é verdade que ele tem relação com o Um, não faz ninguém sair de si mesmo. Se é isto, só isto, nada mais do que isto, que Freud disse ao introduzir a função do amor narcísico, todo mundo sente, sentiu, que o problema é de como é que pode haver um amor por um outro.³³⁴

Lacan foi mais além da concepção freudiana, ao formular que o que importava descobrir era o objeto *a* que cada um é sob o olhar dos outros. O objeto *a* não é nenhum ser. “Entre dois, quaisquer que eles sejam, há sempre Um e Outro, o Um e o *a* minúsculo, e o Outro não poderia, em nenhum caso, ser tomado por um Um.”³³⁵

Como o sexo em si não define nenhuma relação, para além da diferença anatômica, a relação do órgão com o gozo deve ser extraída. O gozo, por sua vez, depende da linguagem, pois está relacionado à castração. “Um sujeito, como tal, não tem grande coisa a fazer com o gozo. Mas, por outro lado, seu signo é suscetível de provocar o desejo. Aí está a mola do amor.”³³⁶

A realidade é abordada com os aparelhos do gozo. Essencialmente, não há outro aparelho senão a linguagem. No ser falante, a linguagem aparelha o gozo, na medida em que o inconsciente é estruturado como uma linguagem. A relação da mulher com o gozo tem uma

³³² LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda** [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 49.

³³³ Ibid., p. 62.

³³⁴ Ibid., p. 64-65, grifo do autor.

³³⁵ Ibid., p. 67.

³³⁶ Ibid., p. 69.

particularidade. “Não há outro gozo que não o fálico – salvo aquele sobre o qual a mulher não solta nem uma palavra, talvez porque não o conhece, aquele que a faz não-toda.”³³⁷ Para a mulher, não é o objeto *a* que vem em suplência a essa relação sexual que não existe. Por outro lado, para o homem, é o objeto que se põe no lugar daquilo que não poderia ser percebido. A suplência, em Lacan, é justificada pelo fato de que a relação não existe.

Do lado em que se alinha o homem é preciso que haja castração. Quer dizer, alguma coisa que diga não à função fálica. Sem isso, não há nenhuma chance de que ele goze do corpo da mulher e que faça o amor acontecer. É o homem que aborda a mulher enquanto a causa de seu desejo, seu objeto *a*. Nisso está o ato de amor.

Por isso, toda a realização quanto à relação sexual para o homem termina em fantasia. “Quando se é homem, vê-se na parceira aquilo em que nos baseamos nós mesmos, aquilo em que a gente se baseia narcisicamente.”³³⁸ Lacan disse que a mulher é a hora da verdade para o homem. “Não sei por onde pegar, por que não dizer, a verdade – tanto quanto a mulher. Eu disse que uma e outra, ao menos para o homem, são a mesma coisa. Constituem o mesmo embaraço.”³³⁹

Por sua vez, do lado da mulher, Lacan acreditava em um gozo suplementar, um gozo para além do falo, um *a* mais, semelhante ao gozo místico. Ele relatou que, desde que tinha vinte anos, explorava as filosofias sobre o tema do amor. Dentro deste tema, ele esmiuçou, por muitas vezes, a relação da mulher com o gozo. Não há “A mulher”, artigo definido para designar o universal. Não há “A mulher”, pois, por sua essência, ela não é toda inscrita na função fálica. Assim, “A mulher”, isto só se pode escrever barrando-se o *A*.

É justamente pelo fato de ser “não-toda” que ela tem um gozo suplementar. No entanto, esse gozo suplementar nunca deve ser confundido com complementar. Pois estaríamos no campo do todo. Por isso, contrariamente ao que se diz, para Lacan, são elas que possuem os homens.

Não é porque ela é não-toda na função fálica que ela deixe de estar nela de todo. Ela não está lá não de todo. Ela está lá à toda. Mas há algo a mais. [...] Há um gozo dela sobre o qual talvez ela mesma não saiba nada a não ser que o experimenta – isto ela sabe. Ela sabe disso, certamente, quando isso acontece. Isso não acontece a elas todas.³⁴⁰

³³⁷ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda** [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 81-82.

³³⁸ Ibid., p. 116-117.

³³⁹ Ibid., p. 162.

³⁴⁰ Ibid., p. 100.

A mulher, “por ser, na relação sexual, em relação ao que se pode dizer do inconsciente, radicalmente o Outro, a mulher é aquilo que tem relação com esse Outro.”³⁴¹ É na medida em que seu gozo é radicalmente Outro que a mulher tem mais relação com Deus.

Para Lacan, desde a Antiguidade, os sujeitos tentavam instituir a fantasia de uma possibilidade da relação sexual. Segundo ele, Platão e Aristóteles, por exemplo, tentaram suprir a inexistência da relação sexual através de suas proposições a respeito da atividade e da passividade na relação da forma com a matéria no que diz respeito à natureza das coisas. Além disso, há o equivocado discurso amoroso que produz a ilusão de que “Há Um”. Podemos considerar é que “Há Um sozinho”. Essa é a verdadeira essência do amor.³⁴²

Segundo o autor, não se faz outra coisa no discurso analítico senão falar de amor. “O que o discurso analítico nos traz – e é esta talvez, no fim de tudo, a razão de sua emergência num certo ponto do discurso científico – é que falar de amor é, em si mesmo, um gozo.”³⁴³ O fato de o amor ser impossível e a relação sexual se abismar no não senso, não diminui em nada o interesse que temos pelo Outro.

A questão do amor pode ser associada à do saber. Este, por sua vez, tem relação com a verdade. A verdade que se revela é: o gozo é um limite. “O gozo só se interpela, só se evoca, só se sapsima, só se elabora a partir de um semblante, de uma aparência.”³⁴⁴ O amor se dirige ao semblante. A causa do desejo tem estreita relação com o semblante, ou seja, com a aparência de ser que ele se dirige.

O desejo se inscreve por uma contingência corporal. Na mulher, esse gozo é da ordem do infinito. “Em qualquer relação do homem com uma mulher que seja a causa de seu desejo é sob o ângulo do Uma-a-menos que ela deve ser tomada.”³⁴⁵ O gozo feminino não é todo ocupado com o homem. Lacan dizia que a mulher não se ocupa dele de modo algum.

No entanto, “aonde isso fala, isso goza, e nada sabe.”³⁴⁶ O essencial do segundo ensino lacaniano pode ser resumido com uma verdade enunciada pela análise: eu falo sem saber. “Falo com o meu corpo, e isto, sem saber. Digo, portanto, sempre mais do que sei.”³⁴⁷ O saber é um enigma presentificado pelo inconsciente.

³⁴¹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda** [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 109.

³⁴² Ibid., p. 91.

³⁴³ Ibid., p. 112.

³⁴⁴ Ibid., p. 124.

³⁴⁵ Ibid., p. 174-175.

³⁴⁶ Ibid., p. 142.

³⁴⁷ Ibid., p. 161.

Por isso, Lacan vai estabelecer, nesse momento, a noção de *lalíngua*³⁴⁸. A linguagem diz respeito à função da *lalíngua*. Por sua vez, a *lalíngua* revela o inconsciente, na medida em que ele é testemunho de um saber que escapa ao ser falante. O inconsciente é feito de *lalíngua*. Ele é um saber-fazer com *lalíngua*. O que se sabe fazer com a *lalíngua* ultrapassa o que podemos alcançar com a linguagem. A *lalíngua* comporta como efeito os afetos. Na medida em que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, entendemos que os efeitos de *lalíngua* estão além do que o ser que fala consegue enunciar.³⁴⁹

3.3 O TERCEIRO ENSINO DE LACAN

O terceiro ou último ensino de Lacan é considerado o seu ensino propriamente dito. Esse período compreende os trabalhos situados depois de 1974, ou seja, do Seminário 22 em diante. Nesse momento, Lacan toma por objeto o próprio fundamento de seu discurso, além da separação do real, do simbólico e do imaginário. Miller propõe que Lacan fez, no último ensino, uma espécie de metateoria. Para ele, Lacan usou uma linguagem simples, mas, ao mesmo tempo, apresentou termos que dificultavam o entendimento racional e representavam alguns impasses sem saída. “Lacan evoca nesses termos a sua experiência, e, neste último período [...] o real se converteu na categoria essencial.”³⁵⁰

O ensino de Lacan, nesse último momento, contou com uma inversão de perspectiva referente ao primeiro e segundo momentos. Como viemos trabalhando, o significante mortifica o gozo. Temos, então, como resto o objeto *a*. Lacan formalizou o sujeito como efeito metafórico do significante do Nome-do-Pai. O sujeito era resultado da própria significação fálica. Esta, por sua vez, é produzida quando o significante paterno substituíu a relação da criança-falo enquanto objeto de desejo da mãe. No segundo ensino, o sujeito pode ser definido através de um discurso que sintetiza a estrutura significante e o fantasma. Aos

³⁴⁸ *Lalíngua* é um neologismo de Lacan que valoriza o papel fundamental da linguagem na estruturação do inconsciente. É tanto a estrutura geral da linguagem como os códigos semânticos e gramaticais particulares de cada língua. A invenção desse significante ocorre a partir de um lapso de Lacan, em seu seminário “*Le savoir du psychanalyste*” (1971). Ele citaria Vocabulário de Psicanálise, mas pronuncia Vocabulário de Filosofia. O primeiro foi elaborado por Laplanche, discípulo de Lacan, enquanto que o de Filosofia foi escrito por Lalande. *Lalangue (Lalíngua)* surge a partir de metonímias dos significantes Laplanche e Lalande. Trata-se de uma metáfora que Lacan exalta como representante da verdade do inconsciente. (AZEVEDO, A.V. A curtamão da lalíngua: um ponto de encontro entre Lacan e Guimarães Rosa. In: **Pulsional Revista de Psicanálise**, ano XVIII, n. 184, p. 5-15, 2005, p. 7).

³⁴⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 20: mais, ainda** [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 190.

³⁵⁰ MILLER, Jacques-Alain. **Percursos de Lacan: uma introdução**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988a., p. 18.

poucos, Lacan estabeleceu uma significantização do gozo. Assim, ele enxuga o gozo ao seu semblante. Ou seja, ao falo enquanto significante da diferença sexual.³⁵¹

A partir do “O Seminário, livro 20”, o corpo é atravessado pela linguagem. A língua não somente mortifica o corpo, mas passa a também vivificá-lo. “A língua aparelha o gozo do corpo, isto é, aparelha o sujeito para gozar do corpo por meio do *sinthoma*³⁵². O *sinthoma* (S1/a) é uma maneira de gozar do próprio corpo.”³⁵³

3.3.1 A lógica da escrita das fórmulas da sexuação

Retomaremos a lógica da escrita das fórmulas da sexuação porque entendemos que elas expressam uma inversão da perspectiva do primeiro ensino lacaniano e revelam a base para esse último ensino. Em outras palavras, propomos que nas fórmulas da sexuação está o fundamento para a retomada que Lacan faz do falo e do Nome-do-Pai para promovê-los à categoria de sintoma.

³⁵¹ COELHO DOS SANTOS, T. Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro-*sinthoma*. *Ágora*, Rio de Janeiro, v. XII, n. 1, p. 9-26, jan.jun. 2009a., p. 19.

³⁵² Recolhemos algumas definições da palavra *sinthoma*. Entendemos que é uma construção inacabada no ensino de Lacan e isso dificulta uma precisão na definição do termo. “O *sinthoma* é um misto, uma conjunção de S1 e *a*. A extração de cada conjunção singular entre S1 e *a* é o objetivo final de cada análise. Ele é o osso, o rochedo da castração e depende da construção em análise do fantasma fundamental. Para os homens e para as mulheres esse osso não se estrutura do mesmo modo.” (COELHO DOS SANTOS, T. **Sinthoma: corpo e laço social**. Rio de Janeiro: Editora Sephora/UFRJ, 2006a. p. 4). “Quando abordamos o sintoma clássico pela via do inconsciente, pela via da relação simbólico-imaginária, ele vai aparecer sempre como um problema. É na vertente do simbólico com o real que Lacan introduz essa variação ortográfica, escrevendo *sinthoma* para indicar que o que era um problema sob a ótica do inconsciente, é uma solução do ponto de vista do real.” (Ibid., p. 106).

A passagem do sintoma em Freud para o *sinthoma* em Lacan tem como pano de fundo a relação entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. O *sinthoma* é um modo de limitar o gozo da pulsão de morte sem que isso passe, necessariamente, pela função de interdição do Nome-do-Pai no complexo edipiano. Sob a distinção sintoma e *sinthoma* corre a diferenciação entre a pulsão de vida e a pulsão de morte. Há ainda outra distinção: entre os dois modos de conter o gozo pulsional – o modo masculino e o feminino. Implica reconhecer que a sexuação limita o gozo da pulsão de morte, mais além do Édipo. O gozo masculino é o que se dá pela via do Nome-do-Pai, pela via das identificações secundárias, do supereu das interdições, da identificação ao todo - “ao menos um” fora da castração, então, “todos submetidos à castração”, todos identificados ao pai morto. O outro modo de regulação do gozo, o modo feminino, é puro desregramento. (Ibid., p. 106-107). No entanto, a noção de *sinthoma* supera, mas não prescinde do sintoma. (Ibid., p. 255). Em outras palavras, o sujeito é habitado e dependente do significante. Então, o *sinthoma* tem efeitos de castração, pois ele limita e particulariza o gozo. (Ibid., p. 182).

³⁵³ Ibid., p. 19.

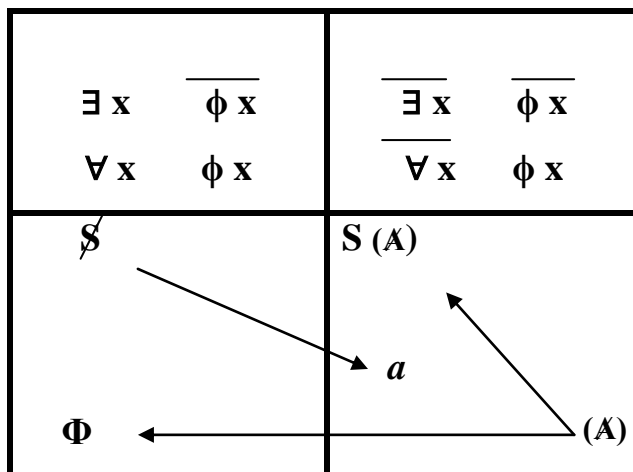


Figura 2 – Fórmulas da sexuação

FONTE:

LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012, p. 105.

Nas fórmulas da sexuação, conforme visualizamos acima, temos os dois lados: à direita, a mulher e à esquerda, o homem. Do lado do homem, existe um princípio que limita. O homem é limitado pela identificação ao Nome-do-Pai. A referência ao Nome-do-Pai faz um contorno do lado do homem que permite um limite identificatório. Essa é a razão pela qual o matema \S (S barrado) está situado do lado masculino. Ele escreve a posição masculina. Do lado masculino, todo e qualquer existente está submetido à castração. Porém, existe “ao menos um” que não está submetido à castração. Todos submetidos à castração, mas “ao menos um” fora dela. A identificação promove uma função de exceção. \S é a escrita do “todos submetidos à castração”. Sendo que a barra é o traço do “ao menos um”. “Ao menos um” se escreve barrando cada um.

O falo representa um corpo que é mortificado pelo Nome-do-Pai. No corpo do homem, o gozo retorna por meio da experiência fálica. Ressaltamos que o pênis não é o falo. O falo é o mais-de-gozar. A ereção, por sua vez, representa esse mais-de-gozar que é a contrapartida da mortificação do significante. No entanto, se o falo fosse somente esse complemento de gozo, os homens seriam essencialmente masturbadores. A masturbação representa uma parcela significativa da vida dos homens. Mas consideramos que o objeto fetiche no corpo da mulher é um substituto do mais-de-gozar.

Nesse ponto preciso, Lacan realizou um salto clínico, na medida em que o homem se divide entre a presença da ereção e o mais-de-gozar. Quer dizer, entre aquilo que está no campo do significante e o que está no campo do gozo. Estabelecer que existe “ao menos um”

fora da castração é reconhecer a existência da fantasia masculina. Essa é uma grande dificuldade encontrada na interpretação das fórmulas da sexuação.

Por sua vez, do lado feminino, não existe nenhuma que esteja submetida à castração. No caso da mulher, adentramos no campo do real da linguagem. Isso porque não existe ninguém que não esteja submetido à linguagem. A linguagem é um aparelho de castração que submete a todos igualmente. Então, nos deparamos com uma mudança essencial de referência. Aqui, é o real do humano sujeitado à linguagem. A pergunta que surge, a partir dessa constatação universalizante, é a seguinte: por que as mulheres são mais vulneráveis a isso?

A mulher é mais vulnerável a essa sujeição ao aparelho da linguagem, na medida em que ela não tem o pênis. Por isso, a mulher não fantasia a existência de “ao menos um” fora da castração. Marcadamente, há uma diferença no plano da fantasia. A castração no lado feminino é muito mais real. Enquanto que, do lado masculino, é mais ficcional. Ressaltamos que tratamos a castração enquanto fantasia. Ela é uma experiência de presença e de ausência do falo, ou seja, uma experiência tipicamente masculina. Sem o corpo do homem não é possível entender esse processo, pois a fantasia está acoplada ao corpo dele que é acometido pela oposição entre a tumescência e a detumescência.

Lacan propôs que a relação da mulher com o \bar{A} (A barrado) significava que não existe nenhuma na posição de exceção. O Outro não existe do lado feminino. Ele existe com intensidade do lado masculino. Então, com o quê a mulher fantasia, já que não é com alguém fora da castração?

A sexualidade feminina se divide entre a relação com o falo e com o $S(\bar{A})$. A sexuação feminina precisa ser entendida como o desejo do falo. Em outras palavras, o desejo dessa parte que falta. A mulher localiza no corpo do homem o significante do objeto de desejo – o falo –, mas também o significante do ideal. Isso porque, do lado feminino, não há nada que possa ser erguido como modelo ou lugar de exceção. Então, ela busca o falo. O homem como portador do falo é, ao mesmo tempo, complemento de gozo e suporte do ideal.

No outro eixo, a mulher se endereça no campo da fala. Há um Outro gozo. O gozo da mulher não se define apenas na sexualidade. Há um Outro gozo, que é aquele que Freud abordou no artigo “Feminilidade”. Esse Outro gozo diz respeito às relações primitivas entre uma menina e sua mãe. É o gozo com a tagarelice, com o “blá-blá-blá”, o gozo com as palavras da mãe. No campo feminino existe uma dualidade que não encontramos na esfera masculina. Essa é a lógica essencial da escrita das fórmulas da sexuação.

A partir dessa concepção lacaniana, muitos se perguntaram como pensar a homossexualidade. Lacan afirmou que tanto o homem quanto a mulher podem se situar de um

lado ou de outro da fórmula. Como alguém que tem um corpo de homem acredita se inscrever do outro lado, e vice-versa? Essa é uma questão complexa. Quando isso ocorre, o sujeito padece de consequências perturbadoras. Isso porque acontece uma disjunção. Precisamente, é uma disjunção da ordenação psíquica da sexualidade e do corpo com sua particularidade anatômica. Como o ser humano é habitado pelo inconsciente, ele é capaz de fazer essa disjunção no campo fantasmático. Mas ela não é sem consequências.

Na contemporaneidade, assistimos discursos e ideologias que propõem a separação do corpo anatômico e da ordenação psíquica da sexualidade. No entanto, a partir da leitura da lógica das fórmulas da sexuação, colocamos em debate essa separação. Apresentamos essa questão que será retomada no capítulo 5.

3.3.2 Não há responsabilidade senão sexual

Lacan apontou que “só se é responsável na medida de seu *savoir-faire*.”³⁵⁴ Essa expressão francesa existe desde 1617 e é uma junção dos verbos saber (*savoir*) e fazer (*faire*). A enunciação tem como significado uma habilidade para conseguir sucesso em atos que são, conjuntamente, flexíveis e objetivos. O autor, portanto, a utiliza para designar a responsabilidade sexual. Para ele, “não há responsabilidade senão sexual.”³⁵⁵

Lacan reforçava o caráter de “exílio” da não relação sexual. Apontava que a análise visa dar a resposta ao enigma sexual. No entanto, essa resposta precisa levar em conta a dimensão de nó existente na não relação entre os sexos. “Saber-fazer” tem relação com as “suturas e emendas que se trata na análise. [...] Encontrar um sentido implica saber qual é o nó, e emendá-lo bem graças a um artifício.”³⁵⁶

Para Lacan, homens e mulheres só podem se relacionar através de um laço estreito: o *sinthoma*. Isso quer dizer que a relação só pode ocorrer, na medida em que “o outro sexo é suportado pelo *sinthoma*.”³⁵⁷ A dissimetria entre os sexos revela a responsabilidade sexual que cabe ao homem e à mulher. Como não raciocinamos na via da equivalência, diferenciamos o que diz respeito a cada ser sexuado. Lacan estabeleceu que uma mulher é um *sinthoma* para o homem. Uma mulher é um *sinthoma* para um homem, na medida em que ele acredita que ela diz efetivamente algo. “Uma mulher na vida de um homem é algo em que ele crê, ele crê que há uma, às vezes duas, ou três, e é mesmo aliás interessante, ele não consegue

³⁵⁴ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23: o *sinthoma*** [1975-1976]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 59.

³⁵⁵ Ibid., p. 62.

³⁵⁶ Ibid., p. 71.

³⁵⁷ Ibid., p. 98.

acreditar em uma só. É o que se chama amor. É o sentimento que qualifiquei, em uma ocasião, de cômico.”³⁵⁸

Por outro lado, “o homem é para uma mulher tudo o que quiserem, a saber, uma aflição pior que um *sinthoma*. [...] Trata-se mesmo de uma devastação.”³⁵⁹ O caráter de devastação de um homem para uma mulher será melhor desenvolvido no próximo capítulo, ao retomarmos essa expressão com Jacques Alain-Miller. É necessário salientar que Lacan propôs, em seu último ensino, que “doravante, é com o *sinthoma* que temos de nos haver na própria relação sexual, que Freud tomava por natural.”³⁶⁰ Lacan afirmou que, apesar de uma mulher ser um *sinthoma* para um homem, ela, ao contrário, tem seus próprios objetos *a*, ou seja, os filhos.

Um pai não tem direito ao respeito, nem ao amor, se o dito amor, o dito respeito, não for, vocês não vão crer nas suas orelhas, pai-versamente orientado, quer dizer, feito de uma mulher, objeto *a* que causa seu desejo. Mas, aquilo que esta mulher em pequeno a-colhe, se posso me exprimir assim, nada tem a ver com a questão. Aquilo de que ela se ocupa, é de outros objetos *a* que são as crianças [...].³⁶¹

O complexo de castração tem a função de transmitir a diferença sexual e o amor ao pai é essencial para a origem do ideal do eu, do semblante e dos papéis sexuais. Em outras palavras, “a relação sexual não existe, entretanto, quando não há equivalência entre os sexos haverá *sinthoma*, isto é, amor! A lei do amor entre os sexualmente diferentes instala, mais além da ética do desejo, a responsabilidade pela solidão falante ou silenciosa na diferença sexual.”³⁶²

3.4 A ANÁLISE TERMINÁVEL DE LACAN

Para Lacan, como terminam as análises? O trabalho intitulado “Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola” pode ser interpretado como uma doutrina

³⁵⁸ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 22: RSI** [1974-1975]. Trabalho inédito.

No original: “[...] *une femme dans la vie de l’homme, c’est quelque chose à quoi Il croit, Il croit qu’il y en a une, quelquefois deux, ou trois, et c’est bien là d’ailleurs que c’est intéressant c’est qu’il peut pas croire qu’à une [...] C’est ce qui s’appelle l’amour. Et c’est em quoi c’est um sentiment que j’ai qualifié à l’occasion de comique*”.

³⁵⁹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 23: o *sinthoma*** [1975-1976]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 98.

³⁶⁰ *Ibid.*, p. 98.

³⁶¹ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 22: RSI** [1974-1975]. Trabalho inédito.

No original: “*Un père n’a droit au respect, sinon à l’amour, que si le-dit, le-dit amour, le-dit respect, est, vous n’allez pas em croire vos oreilles, père-versement orienté, c’est-à-dire fait d’une femme, objet petit a qui cause son désir, mais ce que cette une femme en petit accueille si jê puis m’exprimer ainsi, n’a rien à voir dans la question. Ce dont elles s’occupe, c’est d’autres objets petit a qui sont les enfants [...]*”

³⁶² COELHO DOS SANTOS, T. Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexualização à invenção do parceiro-*sinthoma*. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XII, n. 1, p. 9-26, jan.jun. 2009a., p. 24.

clássica do final da análise. Nele, o autor faz uma releitura do texto “Análise Terminável e Interminável”, de Freud, na qual propôs o dispositivo do passe na tentativa de formalizar o final da análise. “Lacan dá o passo de formular o final da análise nos termos supostos para permitir uma verificação disso, se não científica, pelo menos lógica o suficiente para poder reunir o sufrágio de uma comunidade.”³⁶³

Na doutrina clássica do final de análise, Lacan propôs ir além do rochedo de castração apresentado por Freud em “Análise Terminável e Interminável”. Ele entendia que Freud não desvendou suficientemente o enigma da feminilidade, na medida em que acentuou o rochedo da castração como uma barreira para o final da análise. Lacan, diferentemente, considerava que uma análise poderia ser terminável. Ele desejava “[...] constituir a psicanálise como uma experiência original, levá-la ao ponto em que nela figura a finitude [...]”³⁶⁴

Ele somente pôde avançar na questão sobre o repúdio da feminilidade, na medida em que foi um herdeiro dos analistas considerados pós-freudianos. Isso porque, se Freud não avançou, os analistas pós-freudianos conseguiram esse feito. Foi isso o que propiciou que Lacan formulasse o conceito de objeto *a* e associasse o papel deste na construção das fantasias. A formalização da fantasia depende dessa relação com o objeto parcial. Lacan se interroga sobre o que o falo oculta. Freud entendia que o falo é a metáfora de todos os objetos parciais. Ele acreditava na função fálica. Para ele, o falo equaciona simbolicamente os objetos parciais. Lacan recolheu todas essas concepções para avançar sobre a questão do enigma da feminilidade e, conseqüentemente, formular o conceito de objeto *a*. Este conceito foi, inclusive, devidamente derivado da proposição freudiana de objeto pré-genital.

O final de análise se enuncia a partir do desejo do analista. Este desejo produz um trabalho no qual o analista “[...] entrega ao psicanalisante seu ser e cujo valor tem a notação (-φ), hiância que designamos como a função do falo a ser isolada no complexo de castração.”³⁶⁵ O desejo do analista, através da relação transferencial, promove a subjetivação da castração. Ao final da análise, o desejo do analista produz a divisão do sujeito no mais alto grau. Além disso, a perspectiva do sujeito suposto saber também marca a doutrina clássica do final de análise.

É, para simplificar, a suposição do inconsciente; a noção segundo a qual o que se diz em análise quer dizer outra coisa. Essa suposição do inconsciente mostra-se necessária para recolher o que aparece como palavras, expressões, significantes que

³⁶³ MILLER, Jacques Alain. O passe do falasser. **Opção Lacaniana**, n. 58, p. 31-42, out. 2010, p. 32.

³⁶⁴ LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. [1967]. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 251.

³⁶⁵ *Ibid.*, p. 257.

determinam o sujeito, de tal forma que o saber – que no início é apenas suposto, apenas uma significação – se efetua progressivamente ao longo da análise, os significantes articulados acumulam-se constituindo um saber, saber este que o sujeito se torna. O sujeito que, no começo, é um saber apenas suposto torna-se, por meio da experiência analítica, um saber efetivo.³⁶⁶

Lacan propunha essa noção com uma frase cujo teor nos parece poético: “o ser do desejo une-se ao ser do saber para renascer.”³⁶⁷ A passagem pela experiência analítica proporciona uma divisão do sujeito que, por sua vez, tem como resultado um sujeito que sabe o que causa o seu desejo. Na perspectiva lacaniana, uma análise termina quando emerge um sujeito “sabedor”. “A análise produz um sábio. O analisante é essencialmente o sábio de seu desejo. Ele sabe o que causa seu desejo. Ele sabe a falta na qual se enraíza seu desejo e sabe o mais-de-gozar que vem obturar essa falta.”³⁶⁸

A queda da suposição do saber implica numa determinada posição que extrai aquilo com o qual o sujeito se satisfaz. “Depois de Lacan, aprendemos a acreditar que o atravessamento do fantasma conduziria ao ultrapassamento do rochedo da castração. Mais além do impasse do falo como símbolo da diferença sexual, se revelaria o real sem sentido, impossível de representar.”³⁶⁹ De modo que o papel do analista está além de decifrar o sentido oculto nas formações do inconsciente. “É preciso desalojar o gozo e converter a repetição dolorosa de um mesmo fracasso – deste real impossível de suportar – em uma nova aliança com a vida e a satisfação.”³⁷⁰

O encontro com o inconsciente real, ou seja, “com aquilo que está escrito no sintoma, é a única via para a queda da suposição de saber ao inconsciente e o acesso a essa felicidade inédita, ao final de uma análise, com a vida, com o simples fato de estar vivo.”³⁷¹ Consideramos que “a certeza da satisfação de estar simplesmente vivo” é uma perspectiva inédita, baseada nos percursos freudiano e lacaniano, para o final de uma análise.

³⁶⁶ MILLER, Jacques Alain. O passe do falasser. **Opção Lacaniana**, n. 58, p. 31-42, out. 2010, p. 34.

³⁶⁷ LACAN, Jacques. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. [1967]. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003, p. 260.

³⁶⁸ MILLER, Jacques Alain. O passe do falasser. **Opção Lacaniana**, n. 58, p. 31-42, out. 2010, p. 34.

³⁶⁹ COELHO DOS SANTOS, T. Do supereu sujeitado à lei simbólica e a normatividade social dos corpos falantes. In: COELHO DOS SANTOS, T.; SANTIAGO, J. E MARTELLO, A. (Org.). **Os corpos falantes e a normatividade do supersocial**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014, p. 27.

³⁷⁰ Ibid., p. 28.

³⁷¹ Ibid., p. 34.

4 PARA LER LACAN COM MILLER

Jacques Alain-Miller é o psicanalista nomeado herdeiro moral pelo próprio Lacan. A partir de 1973, Jacques Lacan propôs que ele estabelecesse o conjunto de seus seminários. Ao lado de sua mulher, Judith Miller, a filha de Lacan, ele dirige a coleção Campo Freudiano, tanto na França como no Brasil. Ele foi discípulo de Louis Althusser, Roland Barthes, Georges Canguilhem, Jacques Derrida e Michel Foucault.

Em 1975, ele publicou o primeiro número da Revista “Ornicar?”. Anos depois, em 1992, fundou a Associação Mundial de Psicanálise, a AMP, sendo seu primeiro delegado-geral. Ele presidiu a AMP até julho de 2002. Dirige ainda o Departamento de Psicanálise da Universidade de Paris VIII.

A partir desses lugares, Miller transmite os ensinamentos de Lacan para várias gerações de psicanalistas. A capacidade de clareza é uma de suas principais virtudes. Ele consegue produzir uma simplificação no estilo intrincado de Lacan. Apresentamos, no capítulo anterior, a sistematização que ele realizou no ensino lacaniano – os três ensinamentos lacanianos – e que nos serviu de orientação para a tese. É uma pequena amostra do trabalho de Miller.

De forma geral, ele tem como objetivo a releitura dos textos de Lacan à luz dos desenvolvimentos teóricos de Freud. Em variados momentos de sua transmissão, Miller indica que é preciso tomar Freud para ir além de Lacan. Agora, caminharemos com Miller, apresentando suas principais contribuições para o desenvolvimento de nosso trabalho.

4.1 A TEORIA DO PARCEIRO: “a assombração sabe para quem aparece!”

Miller retomou a dimensão lacaniana do último ensino para desenvolver a teoria do parceiro. Apresentou a ideia de que há sempre algo da ordem de um traumatismo quando tratamos do gozo sexual. Já que sabemos que não existe a proporção sexual, encontramos o sintoma, que, por sua vez, revela essa falta de saber no real sobre a sexualidade. Desde Lacan, sabemos que a relação sexual não cessa de não se escrever. Entendemos que ela é impossível. No entanto, podemos chamar de amor o encontro com o gozo e com o Outro. Ou seja, a relação com o Outro é mediada pelo sintoma. “Eis por que Lacan pôde definir o amor como o encontro, no parceiro, dos sintomas, dos afetos, de tudo o que nele e em cada um marca o rastro de seu exílio da relação sexual.”³⁷²

³⁷² MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000., p. 156.

Miller esboça uma nova teoria: a do parceiro-sintoma. Ele sugere que o parceiro fundamental do sujeito é sua própria imagem, seu objeto *a*, seu mais-de-gozar e, essencialmente, seu sintoma. Essa é a base de sua teoria. Segundo ele, a procura pelo analista tem como objetivo tratar a questão do desejo do parceiro junto ao parceiro-analista. É para tratar do mal-entendido e daquilo que não funciona no e com o parceiro que se recorre a um analista, fazendo dele um parceiro também.

O que é um parceiro? Miller aponta que sempre há em jogo um parceiro, seja ele o pai, a mãe, os pensamentos, o corpo ou o que dizem os outros de maneira maldosa. Apesar da variedade, em um processo analítico, o parceiro deve ser sempre localizado, pois “na psicanálise, o parceiro é uma instância com a qual o sujeito está ligado de forma essencial, uma instância que lhe causa problemas e que eventualmente é enigmática.”³⁷³ Por exemplo, ele acredita que “de maneira geral, uma mulher não consegue digerir o que diz seu homem, tampouco o que diz sua mãe.”³⁷⁴

“Um parceiro é simplesmente aquele com quem jogamos a partida.”³⁷⁵ A partida é psíquica e inconsciente e só se justifica na incompletude do sujeito. Para Miller, com o parceiro, somos sempre a parte interessada em jogar uma partida. Ele entende que o sujeito lacaniano é impensável sem um parceiro. Porque o parceiro entra na relação como parte essencial e estruturante para o sujeito. O parceiro tem *status* de sintoma.

A fim de esclarecer sua hipótese, Miller retorna a Lacan. Ele recuperou nas obras lacanianas as diferentes versões do parceiro subjetivo. Lembra que Lacan, em seu primeiro ensino, sinalizou que o parceiro fundamental do sujeito pode ser escrito como: um outro sujeito. Miller justifica que é o desamparo do sujeito que o faz necessitar de um parceiro. Na concepção desse primeiro momento, encontramos o sintoma quando o parceiro fundamental não reconhece que há um desejo em jogo.

De fato, o primeiro parceiro inventado por Lacan, na via de Freud e de ‘Introdução ao narcisismo’, foi o parceiro-imagem ou, mais precisamente, o parceiro narcísico. ‘O estádio do espelho’ narra que o parceiro essencial do sujeito é a sua imagem, e isso em razão de uma incompletude orgânica de nascimento, chamada de prematuração.³⁷⁶

Para Miller, Lacan instituiu a primeira concepção de parceiro a partir de seu trabalho sobre o estádio do espelho. Ele acredita que esse trabalho revelou que o sujeito joga uma

³⁷³ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000., p. 161.

³⁷⁴ Ibid., p. 160.

³⁷⁵ Ibid., p. 163.

³⁷⁶ Ibid., p. 162.

partida com sua própria imagem. Segundo ele, essa perspectiva lacaniana tem como base o desenvolvimento das ideias da obra de Freud “Introdução ao narcisismo”, de 1914.

Ele entende que houve uma percepção errônea das afirmações freudianas, quando se acreditou que, em algum momento, o sujeito não precisasse de ninguém e pudesse encontrar nele próprio sua imagem. Para ele, Lacan retoma essas noções e propõe que a alteridade é central na identidade do sujeito. “A imagem de que se trata no estádio do espelho é ao mesmo tempo a imagem-de-si e uma imagem outra.”³⁷⁷

Todavia, Miller entende que o primeiro ensino de Lacan minimizou a referência essencial ao corpo. “O reconhecimento se passava em uma dialética que supunha que o sujeito devia reconhecer o Outro para poder ser, por sua vez, reconhecido por ele. E, no fundo, era essa a satisfação que ele procurava no próprio simbólico, de maneira distinta daquela encontrada no corpo.”³⁷⁸ Nesse momento inicial, temos a “falta-a-ser” como uma satisfação do sujeito e que deve ser recolhida do Outro da fala, enquanto o legítimo lugar do significante.

Miller trabalha com as diversas versões lacanianas do parceiro subjetivo. Na sequência, depois do parceiro-imagem, teremos o parceiro-símbolo e, por último, no fim da série, o parceiro-sintoma. Indicamos que ele associa esses três tempos do parceiro com os três ensinamentos de Lacan, conforme estabelecidos no capítulo anterior. O parceiro-símbolo entraria na perspectiva do segundo ensino laciano.

O parceiro-símbolo surge a partir da retomada que Lacan realizou do falo freudiano como significante. Miller entende que temos o Outro não apenas como aquele com o qual se faz um pacto da fala, mas também o Outro enquanto parceiro ao qual se atribui o desejo.

[...] O parceiro-símbolo é mais complexo do que se pode pensar à primeira vista, o que levou Lacan a reler e reescrever a teoria freudiana da vida amorosa em que o parceiro-símbolo aparece, de um lado, como parceiro-falo e, de outro, como parceiro-amor, ou seja, não somente como o parceiro da boa fé em relação às tapeações imaginárias, mas também como um parceiro complexo que se apresenta como uma dialética diversificada segundo os sexos.³⁷⁹

Ele afirma que o conteúdo do texto “A significação do falo”, que analisamos no capítulo anterior, trata essencialmente dessa mudança de perspectiva. Propõe ainda que o parceiro-símbolo seja desdobrado entre o parceiro-falo (ϕ) e o parceiro-amor (\hat{A}). O corpo

³⁷⁷ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 164.

³⁷⁸ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 94.

³⁷⁹ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 167-168.

toma lugar enquanto objeto *a*. Apesar de ser um corpo mortificado pelo significante, ele deixa espaço para as exceções que podem escapar dessa mortificação e que são expressas através da relação com o objeto *a*. O objeto *a* vem completar o sujeito do corpo mortificado.³⁸⁰

Por último, ele extraiu do ensino lacaniano o parceiro-sintoma. Para ele, Lacan chegou até essa elaboração, ao partir da formalização do objeto *a* enquanto um parceiro essencial que tem origem na estrutura do fantasma. O objeto *a*, nas palavras de Miller, “não é o Outro sujeito, nem a imagem, nem o falo, mas um objeto extraído do corpo do sujeito [...] Este é de algum modo a substância não apenas da imagem do Outro, como também do Outro.”³⁸¹

Ele ressalta que o parceiro-sintoma é o parceiro-gozo do sujeito. O parceiro essencial do sujeito é o objeto *a*, seu mais-de-gozar enquanto alguma coisa de seu próprio gozo. “Dito de outro modo, a invenção lacaniana do objeto *a* quer dizer que não há relação sexual.”³⁸² Ele entende que Lacan estabeleceu que só existem os encontros contingentes. O desenvolvimento erótico do sujeito está marcado por essa contingência. Nas palavras dele: “sempre um encontro, sempre uma má surpresa.”³⁸³

A instância do significante tem a função de imprimir no inconsciente as consequências dessa contingência. Assim, o parceiro “não está escrito!”; é escolha! Miller brinca com a máxima popular e romântica de que um determinado relacionamento deve ser tomado como aquele que “estava escrito nas estrelas”. Essencialmente, o parceiro fundamental é o parceiro de gozo, o próprio mais-de-gozar. “O parceiro sexual sempre seduz pela forma como ele se acomoda à não-relação sexual, ou seja, só seduzimos por meio do nosso sintoma.”³⁸⁴

Para Miller, a noção do sintoma enquanto mediador das relações pode ser encontrada a partir do “O Seminário, livro 20: mais, ainda”. Temos uma nova forma de ver o amor, que não somente aquela da vertente que passa pelo narcisismo. Nessa perspectiva, encontramos como novidade o amor mais-de-gozar vestido com uma pessoa. Temos a dimensão do inconsciente que captura e escolhe a dedo – muitas mulheres se queixam de seu “dedo podre”! – o parceiro cujo sintoma revela a não-relação sexual.

O autor supõe que o sujeito apreende no parceiro um tipo de saber que este tem sobre a relação sexual que não existe, na medida em que percebe o sintoma que ele elaborou para dar conta dessa inexistência. Para ele, Lacan indicou que o parceiro não é o Outro, mas o que vem

³⁸⁰ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 97.

³⁸¹ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 168.

³⁸² Ibid., p. 169.

³⁸³ Ibid., p. 169.

³⁸⁴ Ibid., p. 170.

substituí-lo enquanto a causa de um desejo. Retomamos que a sexualidade é uma vestimenta do mais-de-gozar.

Esta perspectiva, de acordo com ele, se faz relevante em tempos de globalização e de toxicomania generalizada. A toxicomania é a existência do anti-amor, na medida em que nela se abre mão do parceiro sexual e se volta para um parceiro a-sexuado do mais-de-gozar.

[...] A toxicomania traduz maravilhosamente a solidão de cada um com seu parceiro mais-de-gozar. A toxicomania pertence ao liberalismo, à época em que nos lixamos para os ideais, em que não nos ocupamos de construir o Outro, em que os valores ideais do Outro empalidecem, desagregam-se frente à globalização de que ninguém está a cargo, enfim, uma globalização que prescindem do Ideal.³⁸⁵

Miller propõe ainda que o sintoma é a metáfora da não-relação sexual. Explica que não há ser humano que não tenha sintoma e, por isso, este é uma mediação. O sintoma emerge no lugar onde aparece a impossibilidade da relação sexual. “[...] A necessidade do sintoma responde à impossibilidade da relação sexual.”³⁸⁶

O parceiro é aquele que surge como um termo da relação que não existe. Não há relação que não passe pela via sintomática. Ela é sempre sintomática. Ao contrário do que possa parecer, à primeira vista, o “parceiro sintomatificado” é aquele com o qual é possível chegar o mais perto possível da relação.

Assim, na experiência analítica, quando um sujeito testemunha que tem um parceiro insuportável, do qual se queixa, o bê-a-bá é de dizer-lhe que não é por acaso que se juntou a ele, e que tal parceiro lhe propicia o mais-de-gozar que lhe convém. É no nível do mais-de-gozar, caso se queira operar, que devemos operar. São casos como este que chamarei de união sintomática, e que tocam mais de perto a existência da relação sexual.³⁸⁷

Traduzimos o “bê-á-bá” de Miller com o seguinte provérbio popular: “a assombração sabe para quem aparece!” Apostamos que é uma sentença popular que expressa, de forma rica, o real da pulsão e o desencontro particular das estruturas, podendo provocar, através da surpresa, a responsabilidade dos sujeitos.

Miller ressalta que não se deve pensar que o parceiro é sintoma porque não é um bom parceiro. Ele defende, que existe uma parte constante e uma parte variável do sintoma. Sugere uma ampliação na forma de entender o sintoma. Para ele, a primeira parte, a que é constante, é o que chamamos de apego pulsional do sintoma. Por sua vez, a segunda é a parte que

³⁸⁵ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 170.

³⁸⁶ Ibid., p. 171.

³⁸⁷ Ibid., p. 172.

possibilita a inscrição no campo do Outro. Ele explica que Freud negava essa disjunção do sintoma, pois apresentava uma continuidade entre as pulsões e o Outro sexual. Em Freud, desenvolvemos a pulsão que encontra nela própria a relação com o Outro sexual.

Segundo Miller, foi Lacan quem apontou algo da dimensão da disjunção entre a pulsão e o Outro, ao estabelecer que a pulsão genital era uma ficção freudiana. Lacan estabeleceu que a satisfação da pulsão era o ato de satisfazer o corpo próprio. Ele localizava que havia uma dimensão autística do sintoma, na medida em que entendia que existe algo do gozo que se afasta do campo do Outro.

Miller retifica sua posição e a esclarece com a seguinte perspectiva: mesmo que acreditemos que não haja uma pulsão essencialmente genital, devemos tomar o gozo como aquele que não é autoerótico, na medida em que nele incide o que acontece no campo do Outro. Para ele, não há como defender uma total disjunção entre gozo pulsional e campo do Outro.

Essa é a concepção lacaniana de objeto *a*. Para ele, o objeto perdido deve ser buscado no Outro. “O objeto *a* é ao mesmo tempo o que a pulsão necessita em sua condição autoerótica e também o que se deve buscar no Outro.”³⁸⁸ Em outras palavras, Miller entende que “a verdade da castração é que precisamos passar pelo Outro para gozar e deixar de gozar com o Outro.”³⁸⁹

Para embasar a teoria do parceiro, ele recupera as concepções freudiana e lacaniana de que a pulsão é sempre ativa. Em nossa tese, no terceiro capítulo, trabalhamos essa noção ao recolhermos a dimensão de circularidade da pulsão. Lacan falava de um “fazer-se”, precisamente em seu “O Seminário, livro 11”, no segundo momento de seu ensino. Segundo Miller, podemos interpretar que o sujeito alcança a dimensão do Outro nesse movimento circular da pulsão. A passividade da pulsão, portanto, é uma ilusão. A importância dessa perspectiva é demonstrar que, ainda que não haja pulsão genital, é pelo nível da pulsão que se chega ao Outro.

Lacan uniu o campo pulsional ao do Outro. Podemos recolher que a fase passiva da pulsão é apenas uma continuação de sua fase ativa. Freud afirmava que para alcançar um fim passivo era preciso uma grande quantidade de atividade. “Fazer-se espancar quer dizer que a verdadeira atividade é a minha, e que eu instrumentalizo o espancar do outro.”³⁹⁰

³⁸⁸ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 181.

³⁸⁹ Ibid., p. 181.

³⁹⁰ Ibid., p. 182-183.

Lacan, assim como Freud, considerava que a pulsão denotava um apelo ao Outro, que ele nomeou como objeto *a*. Ele extraiu essa consideração, a partir do momento em que reduziu a libido à função de um objeto perdido. A pulsão deseja restituir algo do sujeito no Outro, uma vez que este objeto foi retirado dele. Miller define que “o objeto *a* não é uma substância, mas sim um vazio topológico, podendo ser representado, encarnado, por substâncias e por objetos. Quando materializado, porém, ele não passa de semblante em relação ao que é o objeto *a* propriamente dito.”³⁹¹

Para entendermos a teoria do parceiro, devemos nos basear nessa perspectiva de que é a própria pulsão que leva ao campo do Outro. Os semblantes que mantêm o autoerotismo podem ser localizados no campo do Outro. Este estabelece os modos de satisfazer a pulsão através dos semblantes. Esses modos são móveis, o que introduz um certo relativismo. Para Miller, o sintoma é um recurso para saber o que fazer com o outro sexo, já que não há fórmula programada da relação entre os sexos.

A pulsão pode ser definida como o fundamento da relação com o Outro. Miller retomou Freud e Lacan para pensar essa relação com o Outro. Freud estabeleceu a libido como um atravessamento do narcisismo individual rumo ao investimento de seus objetos. “É de algum modo a fórmula nativa do casal do ponto de vista da libido, e do ponto de vista do amante, que logo, logo se vê marcado com um menos – ele se ama menos – e do amado, que, ao contrário, se vê marcado por um mais.”³⁹² Freud tomava o surgimento do amor enquanto um empobrecimento da libido narcísica. Lacan, posteriormente, desenvolve essa ideia enquanto dialética do desejo:

A posição desejante é fundamentalmente aquela própria à mulher, já que ela é marcada com o menos, que ela não tem, enquanto, para surpresa geral, é o homem o desejável. Nessa perspectiva, a mulher como tal é a pobre. Do mesmo modo, isso relaciona a posição passiva ao masculino, uma vez que aqui a posição feminina é ativa. Ela busca quem tem, e daí, como indicamos, a afinidade entre feminidade e pobreza.³⁹³

Para Miller, para que se ame uma mulher é necessário livrá-la desse acontecimento nefasto, que é a sua falta. É preciso resgatar essa dívida. Todavia, “compreendemos a partir disso que, para um homem, amar o outro no casal sempre implica uma fase agressiva,

³⁹¹ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 184.

³⁹² Ibid., p. 186.

³⁹³ Ibid., p. 186.

precisamente porque isso o empobrece, dado que não se pode amar sem o menos que Freud tanto valorizou.”³⁹⁴

O amor enquanto a face circular da pulsão ressalta que o desejo de ser amado carrega consigo um valor ativo de fazer-se amar. Miller indica que a posição desejante é essencialmente feminina. O homem, por sua vez, só consegue assumir seu lado desejante quando consegue alcançar algo da feminidade. O homem é desejante se aceita sua castração.

O que chamamos de sabedoria através dos séculos é algo essencialmente masculino, a disciplina dos sábios sempre consistiu em dizer: “Escutem, rapazes, não se deve desejar demais”, e mesmo: “Se forem realmente perfeitos, não desejem absolutamente nada”. A sabedoria está em recusar a posição desejante, exatamente como feminina. Aliás, são estes os livros que as mulheres particularmente não apreciam.³⁹⁵

Miller funda a expressão parceiro-sintoma para esclarecer que o verdadeiro fundamento do casal é o sintoma e que um casal pode ser definido como “um contrato ilegal de sintomas.”³⁹⁶ Segundo ele, através da experiência analítica, verificamos que o sintoma de um entra em acordo com o sintoma do outro. Ele destacou a expressão parceiro-sintoma do último ensino lacaniano. Ele analisa o texto “A significação do falo”, no qual Lacan fez uma releitura dos textos de Freud sobre a vida amorosa, e extrai três modalidades de casal:

1. O casal da demanda.
2. O casal do amor.
3. O casal do desejo.

O casal da demanda surge quando é possível fazer uma articulação da necessidade para a demanda. Esse casal liga aquele que demanda àquele que responde. A resposta tem como centro o fato de dar o que foi demandado. É um casal significante, na medida em que o valor da resposta está baseado na emissão de um significante que seja dotado de significado e significação. Para Miller, o que amarra esse casal é um objeto material.

O casal do amor pode ser situado em um próximo nível. Nesse estado, não encontramos a resposta localizada através de um objeto material. A resposta, nesse caso, tem sua importância entendida enquanto o desejo de reconhecimento.

[É, pois,] desse fato que decorre a definição de Lacan do amor como ‘dar o que não se tem’, o que supõe, paradoxalmente, que a demanda de amor de um dirige-se ao ‘não ter’ do outro. A demanda ‘me ame’ não se dirige a nada do que o outro poderia

³⁹⁴ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 187.

³⁹⁵ Ibid., p. 188.

³⁹⁶ Ibid., p. 189.

ter. Ela se dirige ao outro em seu despojamento e requer do outro a assunção desse despojamento.³⁹⁷

O casal do desejo só se forma na medida em que cada um seja para o outro a causa do desejo. De acordo com Miller, o que há de mais notável no texto de Lacan é o fato de que ele definia essencialmente o parceiro do casal como o parceiro-falo. Quer dizer, Lacan entendia que a castração deve ser interpretada em sua face positiva para que os sujeitos sejam parceiros. Para este, o complexo de castração realizava a instalação de uma posição inconsciente para que o sujeito pudesse se identificar com o tipo ideal de seu sexo e se posicionar com o parceiro na relação sexual. A função do falo tem como consequência as manifestações ideais ou típicas do comportamento de cada um dos sexos.

Segundo Miller, para que haja parceiros, não basta serem sujeitos da necessidade ou objetos do amor, mas têm que ocupar o lugar de causa do desejo. A significação do falo funda o princípio das parcerias amorosas, na qual cada um pode ser a causa do desejo do Outro.

Há esta esperança que chamamos de castração, esperança de que uma parte de gozo autístico esteja perdido e que se reencontre no Outro sob a forma de objeto perdido. Em outras palavras, a castração é a esperança de que o gozo torne-se parceiro, porque ela exigiria que se encontrasse o complemento de gozo necessário no Outro.³⁹⁸

Miller evidencia que a parceria pode acontecer pelo gozo. O investimento de uma parte do gozo autístico no Outro desqualifica a solidão do gozo. Ao propor a teoria do parceiro-sintoma, ele considera que sintoma e fantasia devem ser interpretados de forma conjugada, tal como no final do ensino de Lacan. Destaca que sintoma e fantasia não têm a característica de oposição, como nos textos lacanianos mais iniciais. Nesse momento anterior, o sintoma era entendido como dor e a fantasia como um gozo agradável.

Então, a conversão de perspectiva que é necessário enfrentarmos é que o essencial não é que o significante tenha um efeito de mortificação sobre o corpo, é que o significante é causa de gozo, é que o significante tem uma incidência de gozo sobre o corpo. É isso que Lacan chama de sintoma. De uma certa maneira, isso vem no mesmo lugar do que ele chama fantasia, exceto que a fantasia supõe a distinção radical entre a ordem do significante e a ordem do gozo.³⁹⁹

³⁹⁷ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 190.

³⁹⁸ Ibid., p. 193.

³⁹⁹ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 99-100.

No último ensino de Lacan, a fantasia se une ao sintoma porque ela não deve ser encarada mais enquanto somente mensagem, mas também como gozo. A fantasia e o sintoma envolvem o gozo e fazem dele uma fonte de satisfação agradável e concordante. “Estamos no nível em que o sujeito é feliz, tanto na fantasia como no sintoma. É nessa perspectiva que falo do parceiro-sintoma. O parceiro é suscetível, se ele está ligado ao sujeito de modo essencial, de encarnar, propriamente falando, o seu sintoma.”⁴⁰⁰

O significante se refere ao corpo sob a forma de sintoma. Ao contrário da concepção anterior de que o significante mortifica o corpo, ele agora sustenta o princípio do prazer. O significante vivifica o corpo. O gozo do corpo é também o gozo da linguagem. “Dizer que o falasser goza quando fala, não significa apenas que o significante anula o gozo, mas também o sustenta e não é somente sobre o seu corpo próprio que a palavra tem efeitos de gozo, mas também sobre o corpo do Outro.”⁴⁰¹

Essa mudança de perspectiva também alcança o uso do termo sujeito. Para Lacan, o sujeito comportava a dimensão de “falta-a-ser”, portanto, era um elemento mortificado. Então, ele substituiu esse termo por “falasser”. Podemos definir o “falasser” ou ser falante como o sujeito mais o corpo. Em outras palavras, o sujeito mais a substância gozante.

Miller entende que essa mudança de nomenclatura também convoca uma outra alteração. De acordo com ele, o conceito de grande Outro é igualmente questionado. Isso porque ele acredita que, anteriormente, na relação do sujeito com o Outro, havia um apagamento do nível sexual, na medida em que havia uma lógica necessária em que o Outro é quem tem o código e pode dar a resposta. Posteriormente, o corpo vivo é um corpo sexuado e, por isso, entra em cena a questão da relação sexual. Essa discussão pode ser levantada, a partir do momento em que, no nível sexual, não há a relação fundamental entre Um e Outro.⁴⁰²

Miller propõe uma definição precisa sobre a expressão parceiro-sintoma: “a relação do parceiro supõe que o Outro torna-se o sintoma do falasser, isto é, torna-se um meio de gozo.”⁴⁰³ O Outro deve ser entendido como um Outro sexual que se expressa de duas formas: o Outro representado pelo corpo e o Outro como lugar do significante. Assim, “a promoção do

⁴⁰⁰ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 194.

⁴⁰¹ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 102.

⁴⁰² Ibid., p. 103.

⁴⁰³ Ibid., p. 104.

corpo, em Lacan, não anula absolutamente o Outro como lugar de significante, ela coloca, simplesmente mais em destaque, que o significante é, ele próprio, um meio de gozo.”⁴⁰⁴

O “falasser” é um ser sexuado e faz sua parceria não somente no nível do significante puro, mas essencialmente no plano do gozo. Essa ligação, por sua vez, é sempre sintomática. Para se chegar ao fundamento sintomático do casal, a dissimetria de cada sexo na relação com o Outro deve ser considerada. O homem busca fundamentalmente o objeto *a* que responde à sua fantasia. Do lado da mulher, ela busca, no campo do Outro, o falo. Miller acredita que a criança pode ter esse valor fálico para a mulher e que a relação com o Outro sexo pode se dar para extrair dele esse bebê.

Ele indicou que a mulher se relaciona com a falta do Outro e isso a coloca numa espécie de desvario especial. De acordo com ele, a posição feminina pode ser encontrada fenomenologicamente em diversas faces, entre elas:⁴⁰⁵

1. A louca: a mulher que tem o sintoma de múltiplas personalidades; as que apresentam os distúrbios de identidade; mulheres que exprimem sintomas oniróides em referência a um quadro histérico, ou seja, com um leve comprometimento da consciência na qual predominam as fantasias e os desejos ilusórios.
2. Fazer do homem um deus ou deixar o homem louco: nessa faceta, se situa a afirmação lacaniana que diz que ela reina e ele não governa. A mulher pode dedicar a ser o supereu do homem, seja através da sanção ou aprovação, seja através do empuxo-ao-trabalho. Nas palavras de Miller, “o sujeito feminino é apropriado para encarnar o imperativo ‘Goza’, assim como o ‘Vai, trabalha e traz o suficiente para o feijão’.”⁴⁰⁶ Nessa vertente, encontramos ainda a paixão de ser única que Miller exemplifica com o imperativo “goza, mas só comigo”.

Ele aponta que a mulher é sempre objeto *a* para um homem, ou seja, seu parceiro-sintoma. A mulher envelopa o núcleo de gozo dele. Porém, do lado da mulher, não há esse limite formal do sintoma e o homem pode se tornar um parceiro-devastação. “Em um determinado sentido, para cada sexo, o parceiro é o parceiro-sintoma, mas para a mulher, em particular, um homem pode ter a função de parceiro devastação.”⁴⁰⁷

⁴⁰⁴ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 106.

⁴⁰⁵ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 195-196.

⁴⁰⁶ Ibid., p. 196.

⁴⁰⁷ Ibid., p. 197.

Vimos essa indicação no último ensino de Lacan, apesar de não a termos explorado, na medida em que nos propusemos a aprofundar esse debate no presente capítulo. Freud nos deu pistas para a questão da devastação feminina, ao abordar a depreciação do objeto amoroso realizada pelos homens. Miller assinala que Freud apontou que “o homem despreza a mulher por causa da castração feminina, observações depreciativas que chegam à injúria quotidiana, sob formas particularmente cruéis. O ódio da feminidade se expõe do modo o mais evidente possível.”⁴⁰⁸

Passaremos para nosso próximo item, no qual nos propomos a examinar a fundo essa característica peculiar da relação de gozo de uma mulher com seu parceiro masculino.

4.2 O PARCEIRO-DEVASTAÇÃO: “você me ama?”

Na relação do gozo com o parceiro-sintoma, a mulher tem uma forma erotomaníaca de satisfação. Isso se deve ao caráter de “não toda” inscrita na função fálica. Do lado feminino, encontramos uma ilimitação do gozo. A consequência mais significativa desse caráter ilimitado está no fato de que a demanda de amor é absoluta e infinita. Tal demanda é atribuída ao parceiro insistentemente sob a forma: “você me ama?”. Miller deduz desse funcionamento duas verdades:

1. Para amar é preciso falar.
2. Para gozar é preciso amar.

Estabelecemos uma terceira verdade que funda um funcionamento lógico na dinâmica feminina:

3. Para gozar é preciso falar.

[...] O amor é inconcebível sem a palavra, justamente porque amar é dar o que não se tem, e não se pode dar o que não se tem senão falando, porque, falando, damos nossa falta-a-ser. É ainda melhor quando falamos de amor, mas não é de jeito nenhum necessário, porque há mulheres que se satisfazem muito bem se o parceiro as critica, contanto que ele lhes fale. O verdadeiro problema do lado feminino é forçar o homem a falar, ao invés de olhar a televisão, ler o jornal, ou ir ao jogo de futebol; aliás, para o homem, é melhor falar, porque, se ele não fala, vai ser ela quem vai falar, e para reclamar que ele não fala.⁴⁰⁹

Ele localiza uma exigência essencial do lado feminino e a escreve na seguinte sequência: falar, amar, gozar. Pois, para ele, da parte da mulher, se goza somente da fala.

⁴⁰⁸ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 197.

⁴⁰⁹ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 112.

Preferencialmente, da fala de amor. Miller menciona que a mulher goza por amor e, por isso, investiga minuciosamente o amor do outro. Uma autêntica detetive! Na prática clínica, com frequência, recolho falas de mulheres que desejam colocar detetives para seguir os vestígios do marido. Ou, em outros casos, mulheres que não conseguem se impedir de vasculhar os objetos do parceiro atrás de algum sinal de traição ou de amor. O autor indica ainda que, ao analisar mulheres, as encontra apaixonadamente ocupadas com o que o homem que as ama fala sobre elas. Ele localiza que a análise delas é feita em torno das falas do parceiro, ainda que as palavras não sejam aquelas que elas desejam ouvir.

Todavia, essa demanda de amor infinita retorna para a mulher sob a forma de devastação. Miller resume que o parceiro-sintoma da mulher é o parceiro-devastação. Ele desenvolve a concepção lacaniana de que o homem é para uma mulher uma aflição pior que um sintoma; é uma devastação. De acordo com ele, a devastação é a outra face do amor. Precisamente, é o retorno da demanda de amor. Que, do lado feminino, nunca consegue ser saciada.

Falamos de devastação quando há uma pilhagem que se estende a tudo, que não termina, que não conhece limites, e é em função dessa estrutura que um homem pode ser o parceiro-devastação de uma mulher, para o melhor e para o pior. Porque na palavra *ravage* (devastação) há *ravie* (deslumbrar), a mesma raiz da palavra *ravissement* (deslumbramento) [...].⁴¹⁰

Miller defende que um homem, por outro lado, pode ser o deslumbramento da mulher. Ele pode oferecer a ela um estado de felicidade extrema. Devastação “é, então, um termo que tem o valor erotomaniaco inscrito na própria etimologia. [...] É o próprio verbo do transporte amoroso e superamoroso.”⁴¹¹

Esclarecido esse ponto, vejamos como ele realiza uma leitura da repartição sexual e pontua as consequências que não podem ser suprimidas nessa dissimetria entre os sexos.

4.3 A PARTILHA SEXUAL

Miller, em seu trabalho “Uma partilha sexual”⁴¹², apresenta a proposta de realizar uma repartição sexual a partir dos dois sexos. Reproduzimos abaixo o quadro que ilustra seus desenvolvimentos sobre o tema:

⁴¹⁰ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 115.

⁴¹¹ Ibid., p. 120.

⁴¹² MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. **Clique**: Revista dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos, n. 1. Belo Horizonte: 2003.

Figura 3 - Quadro completo da partilha sexual

sexo	♂	♀
ter	+	-
estrutura	completo	completo não-todo
medida	equilíbrio	excesso
ser	unidade, identidade, uniformidade	outro, diferença sem identidade
objeto	fetice <i>a</i>	erotomania <i>A</i>
causa do desejo	mais-de-gozo	amor louco
estrutura	limitado	ilimitado
psicologia	prudência timidez proteção agressividade homem racional	intrepidez audácia risco mística irracionalidade
	bom senso	idealismo
papéis	o herói	a burguesa
	bússola	a perdida
modos-de-gozo	sintoma	devastação
lugar	localizado	deslocalizado
	finito	infinito

FONTE:

MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. **Clique**: Revista dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos, n. 1. Belo Horizonte: 2003, p. 21.

Ele inicia com uma referência fundamental ao corpo. Coloca que temos uma desproporção no nível do ter: localizadamente, ter o pênis real. A consequência dessa dissimetria no corpo sexuado é, para ele, ineliminável.

De acordo com ele, a princípio há uma oposição entre ter o pênis, que pode ser marcado com o símbolo (+), e não ter (-), posição feminina. Disso, ele acredita que pode deduzir uma estrutura masculina e outra feminina. Estabelece o contraste entre o homem completo e a mulher incompleta. A incompletude feminina, segundo ele, é uma versão do “não-todo”.

Da incompletude da mulher, ele deriva uma tese: a falta do lado da mulher marca a feminilidade com as insígnias da deficiência. Os sinais da deficiência são traços distintivos do caráter da feminilidade. Utilizaremos o termo hipossuficiência para ressaltar a posição em que encontramos, na prática clínica, muitas mulheres. A incapacidade em que elas se colocam, de forma exaltada, pode chegar ao nível do que é medíocre ou sofrível. A hipossuficiência é uma característica feminina derivada dessa estrutura incompleta apontada pela análise de Miller.

Ele relembra a noção lacaniana de que a mulher, por excelência, é caracterizada como pobre. Trabalhamos esse ponto no capítulo anterior, ao estabelecermos o amor cortês e o mito do surgimento do amor. A pobreza é uma prova de feminilidade. Um pequeno fragmento clínico pode ilustrar esse aspecto. Uma jovem mulher faz um grande esforço para mascarar sua melhor situação financeira frente à do marido. Para isso, se endivida incessantemente. Trabalho o aspecto do “se fazer endividar” – “se fazer pobre” – como uma manobra inconsciente de sustentar esse casamento. Ao final, ao tirar o dinheiro do bolso para pagar, ela exclama: “ih, parece dinheiro de bêbado!”. Uma versão de mulher: a embriagada por sua falta.

Miller acredita que a feminilidade vangloria os traços de falta. De nenhuma forma, a mulher pode alcançar a propriedade característica do homem, que é a posse tranquila e legítima daquilo que ele tem. Ainda que, contrariamente, a mulher pareça rica ou poderosa. O excesso somente pode velar o menos irremediável da posição feminina. O excesso é a outra face da falta na estrutura feminina.

Miller entende que a mulher não conhece a justa medida. Defende que a ética da justa medida é uma conduta masculina. Esquemáticamente, ele propõe que, em relação à medida, o homem é equilibrado e a mulher se inscreve sob o traço do excesso ou do suplemento. Sua proposição parte do princípio de que a estrutura elementar, que é deduzida do ter, faz sentir sua influência no ser. O ser masculino tem um caráter de uniformidade:

No plano da medida, [...] aparece a questão da unidade corporal. Estou salientando esse ponto porque ele está oculto na obra de Lacan. Trata-se da relação entre a unidade corporal, a imagem no espelho unificada, e o atributo fálico, a posse do

órgão. Do lado masculino é isso que promove a identidade. Só os homens podem ser iguais.⁴¹³

Essa especificidade possibilita a criação e a manutenção de grandes instituições masculinas, como o exército e a Igreja. A substância da uniformidade está no fato de que os elementos são suficientemente idênticos para formar uma unidade, o “todo”. Por outro lado, o ser feminino é sem identidade. A consequência é que a mulher encarna a diferença e não faz unidade. De fato, vemos como é rara a existência de sólidos grupos femininos. “A mulher faz par e não grupo.”⁴¹⁴

Em razão dessa falta de identidade, Miller delimita um vazio essencial na mulher que a faz disponível para se acomodar ao fantasma de seu homem. É a partir do homem que ela recebe sua identidade, pois “a mulher só encontra sua unidade a partir do significante fálico no corpo do homem.”⁴¹⁵

De forma menos perceptível, Miller entende que a estrutura do ter repercute sobre o ser também no nível do objeto. Demarca a forma como cada ser sexuado se liga ao seu parceiro. Do lado do homem, o objeto tem a forma de fetiche. O fetiche é uma das versões do objeto *a*, porém é um objeto que mantém seus traços de forma invariável. Ele nomeia esses traços como divinos detalhes: “O objeto se faz reconhecer através do fato de que ele apresenta traços uniformes, respondendo a uma mesma condição.”⁴¹⁶ O homem estabelece a exigência de que a mulher apresente algumas condições típicas para ser desejada.

[...] Os homens que se ocupam em saber como deve se apresentar o corpo do outro. Quando isso acontece, são exigências que, eventualmente, se fazem escutar, com toda a raiva do desejo diante da maior ou menor boa vontade recolhida do outro lado. Há aí uma zona que provém da perversão normal do macho, mais ou menos acentuada. A disponibilidade feminina é, então, colocada à prova diante daquilo que se faz sentir como uma vontade de uniformizar, de colocar um uniforme, o uniforme do desejo sobre o corpo do outro.⁴¹⁷

O modo de gozar masculino exige que sua parceira responda a um modelo, uma série ou a um pequeno detalhe. “Dito de outra maneira, para o homem, o gozo tem sempre algo de limitado, de circunscrito, de localizado e de contabilizável; o que acrescento é que essa

⁴¹³ COELHO DOS SANTOS, T. **Sinthoma: corpo e laço social**. Rio de Janeiro: Editora Sephora/UFRJ, 2006a., p. 117.

⁴¹⁴ *Ibid.*, p. 118.

⁴¹⁵ *Ibid.*, p. 118.

⁴¹⁶ MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. **Clique**: Revista dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos, n. 1. Belo Horizonte: 2003, p. 17.

⁴¹⁷ *Ibid.*, p. 17.

estrutura circunscrita, limitada e contabilizável do gozo se reencontra na forma imposta ao parceiro-sintoma.”⁴¹⁸ O desejo passa pelo mais-de-gozar, no lado do homem.

Para o homem o objeto causa de desejo é o objeto fetiche. Por quê? Porque ele não pode suportar abordar o incompleto diretamente, vez que isso significa, simplesmente, desencadear a ameaça de castração. Em princípio, o corpo da mulher é insuportável para o homem, de modo que, na mulher, ele só vê o objeto pequeno a, o pequeno detalhe causa do seu desejo que, na teoria freudiana, é fetiche porque, justamente, vem atenuar o ponto de incompletude. Isso significa que, em Eva, Adão só via a folha de parreira. Ele era apaixonado pela folha de parreira e é com a folha de parreira que ele faz amor.⁴¹⁹

Do outro lado da partilha sexual, Miller segue a indicação de Lacan de que a forma feminina de gozo é erotomaníaca. Ele indica que a erotomania é menos objetal na mulher do que no homem. Isso porque o suporte do objeto na vertente feminina é o amor. O desejo passa pelo amor. No entanto, o amor, no lado do ser feminino, é o amor louco. Para ele, esse adjetivo caracteriza essencialmente um amor sem limite, pois está mais além do ter.

A partir dessa esquematização da estrutura do ser feminino e do ser masculino, Miller se dedica a realizar uma tipologia dos sexos. Ele localiza, na parte masculina, as seguintes características: a prudência; a timidez; a proteção; a agressividade e a racionalidade.

É do lado masculino onde se encontram os traços do ter: só é tímido quem tem o que perder; a agressividade é própria a quem tem; a proteção só dá quem tem o que oferecer; racionalidade e idealismo têm quem acredita demais no significante. Esses traços podem aparecer numa mulher, mas de modo diferente do que acontece com o homem, para quem esses traços são homeostáticos. O homem não é “o mais” tímido. Quando um homem começa a se exceder demais, ele começa a perder justamente o que caracteriza sua virilidade: uma certa homeostase. [...] O excesso não é um atributo masculino. Portanto, essas características só funcionam bem se elas estiverem associadas com o equilíbrio e a homeostase. Se elas se tornam uma virtude excessiva, o atributo da virilidade se esvazia.⁴²⁰

No lado feminino, da parte das “passionárias”, recolhemos outras virtudes, a saber: a intrepidez ou a falta de medo que se expressa pela tagarelice; a ousadia; o risco; a mística que crê no grande Outro do amor; a irracionalidade. Todas as características são dominadas por um traço de excesso.

Miller ressalta que, se seguirmos Lacan, encontramos algumas inversões surpreendentes. Dentre elas, ele eleva a importância de duas viradas. A primeira delas é o fato

⁴¹⁸ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 110-111.

⁴¹⁹ COELHO DOS SANTOS, T. **Sinthoma: corpo e laço social**. Rio de Janeiro: Editora Sephora/UFRJ, 2006a., p. 116.

⁴²⁰ *Ibid.*, p. 126.

de que, ao contrário do que poderia parecer à primeira vista, o idealismo e o sacrifício pelos ideais pertencem ao masculino.

[...] O idealismo é bem o ponto onde o homem demonstra que está de tal modo localizado pelo significante que a relação dele com o real é precária. Parece que o idealista é o irracional, mas o idealismo é o máximo de regulação pelo equilíbrio e pela homeostase. O idealismo é um excesso de simbólico, um excesso de significantes, é um excesso pelo campo do que é da ordem do equilíbrio, da regulação e da homeostase. O idealismo não é louco, é bem pensante, tem razão, é bem fundado. É fundado na razão.⁴²¹

Por sua vez, o bom senso, apesar de seu caráter limitado, deve ser associado à mulher. Mas porque o homem não tem bom senso? A resposta que encontramos em Lacan é: porque ele é idealista. “Do ponto de vista de Lacan, só há bom senso do lado do real. Só pode ter bom senso quem sabe onde está o que não funciona. Não é de bom senso pensar que é possível harmonizar o simbólico pela via do real.”⁴²²

Quanto aos grandes papéis da comédia da existência, Miller propõe que a mulher representa a função de burguesa e o homem a de herói. Este é aquele que tem a capacidade de transgredir o limite. Então, se ele opera dentro de um limite, entendemos que devemos situá-lo do lado masculino.

Ao idealismo se vincula o heroísmo. O modo de relação do homem com o excesso se dá pela linha do objeto *a*. É o pequeno excesso, é a mulher, causa do gozo e, geralmente, causa também dos seus aborrecimentos. Não há um que não se queixe dos caprichos femininos, da insatisfação, da impossibilidade de contentar esse pequeno *a*. O outro modo de relação do excesso masculino é pelo heroísmo. O heroísmo é uma consequência inevitável da lógica do todo. Quando todos estão submetidos à castração, quando ao menos um está fora da castração, há uma tentação permanente nesse conjunto de passar ao gozo pela via da transgressão. Trata-se, um pouco, de fazer semblante de “ao menos um” fora da castração. É o máximo de tentação desorganizadora, mas que, geralmente, visa produzir uma nova ordem. O herói e o idealista têm ambos essa tentação em comum: a de levar o simbólico mais longe ainda.⁴²³

A burguesa, nesse caso, é a parceira do herói. Por outro lado, de acordo com Miller, a verdadeira mulher lacaniana é a perdida. Ela está perdida fora do todo, da unidade, da uniformidade, entre outros. Por isso, ela exige que o parceiro funcione como bússola. Um parceiro-bússola, um homem-bússola. Temos, assim, o casal herói e burguesa e o casal da perdida e da bússola. Essas duas mulheres, a burguesa e a perdida, são extremos que

⁴²¹ COELHO DOS SANTOS, T. **Sinthoma: corpo e laço social**. Rio de Janeiro: Editora Sephora/UFRJ, 2006a., p. 119.

⁴²² Ibid., p. 124.

⁴²³ Ibid., p. 119.

representam a posição feminina. No entanto, a mulher burguesa não pode ser sobreposta à perda.

A mulher burguesa, a mulher rica, a que tem, é um semblante que oculta, por meio da inversão, a verdadeira identificação feminina: a da mulher pobre, aquela que não tem. E, realmente, há mulheres que têm uma capacidade infinita de duplicar os sinais de despossessão: a mais pobre, a mais ferrada, a mais perdida, a mais maluca... Esse “a mais”, no sentido negativo, é algo que se encontra muito no lado feminino e é interessante contrastar como as mulheres se destacam pelo “a mais” no lugar do ter. São as mulheres excessivamente ricas, as mais bonitas, inteligentes... Esse “excessivamente” seria o ponto de amarração dessas duas versões femininas: a da burguesa e a da desgarrada. Ela vai despontar pelo excesso, seja de um lado, seja do outro. O mais comum é o excesso pela despossessão, mas também é possível encontrar o excesso pelo lado do ter. Parece paradoxal, só não é porque o que domina é o excesso.⁴²⁴

Seguindo sua dialética binária, Miller estabelece a diferença entre os modos de gozo. Do lado do homem, o gozo ocorre via sintoma e do lado da mulher pela devastação. Segundo ele, o sintoma é um sofrimento sempre limitado e localizado. Por isso, de maneira geral, nos deparamos nos homens com fenômenos mais circunscritos e apreensíveis. A devastação tem como princípio o ilimitado. Ela “é uma depredação, uma dor que não pára, que não conhece limites.”⁴²⁵

Miller localiza que o caráter de “não-todo” da mulher só pode ser inscrito na estrutura do infinito. Logicamente, ela se contrapõe à noção de finito. Ele retifica sua ideia inicial de que a mulher é incompleta. “O não-todo quer dizer que não se pode formar o todo. É um não-todo de inconsistência e não de incompletude.”⁴²⁶

Ele completa a sua esquematização do quadro sobre a partilha sexual, ao elevar os atributos contrastantes de cada sexo a paradigmas do gozo. Revela que, por algumas vezes, foi irônico porque tem conhecimento de que há uma inconsistência em enquadrar as posições sexuais. Seu objetivo era ressaltar a possibilidade de inversão nesses retratos psicológicos. Estes retratos emergem do ensino de Lacan e, conseqüentemente, das ideias de Freud, uma vez que a clínica psicanalítica parte da perspectiva do complexo de castração.

Miller esclarece que os enquadres psicológicos devem ser lidos e interpretados à luz das estruturas da sexuação. Segundo ele, do lado da mulher, temos a estrutura infinita que se conjuga com o que, psicologicamente, é apresentado como incompleto, marcado por um menos, pela falta e o sem limite. Estruturalmente, a mulher não tem uma relação necessária

⁴²⁴ COELHO DOS SANTOS, T. **Sinthoma: corpo e laço social**. Rio de Janeiro: Editora Sephora/UFRJ, 2006a., p. 125.

⁴²⁵ MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. **Clique**: Revista dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos, n. 1. Belo Horizonte: 2003, p. 20.

⁴²⁶ Ibid., p. 20.

com o finito. A ligação dela com o finito é sempre acidental e contingente porque depende do encontro com o amor. Mais precisamente, tem relação com o encontro com o homem. Por isso, tem um caráter artificial. Por sua vez, do lado do homem, a vinculação com o limite e a finitude é de estrutura.

Ele propõe que as virtudes psicológicas de cada sexo podem ser encontradas em ambos os lados. Porém, por razão de estrutura, elas não representam o mesmo valor. Há sempre uma abordagem diferente, conforme se trate do lado masculino ou do feminino. Ele exemplifica com a virtude do risco. Segundo ele, o risco, que ele situou do lado da mulher, também existe do lado do homem, mas com um acento diferente. Do lado dele, é um risco de transgressão, mas que nunca é sem medo e temor. Do lado dela, não tem essa relação com a transgressão, é para além do medo e do temor e ele trata como um risco cego.

Ressaltamos que a proposição milleriana orienta que as estruturas da sexuação devem nos servir para articular o gozo característico de cada sexo. Logo, o que essas duas estruturas nos indicam? É o que trabalharemos no item seguinte.

4.4 O SILÊNCIO E A TAGARELICE

As estruturas da sexuação originam as duas formas pelas quais se pode gozar de um corpo: a fetichista e a erotomaníaca. Em psicanálise, quando tratamos do amor, englobamos a tríade amor, desejo e gozo. Essa trilogia depende necessariamente da estrutura do corpo sexuado. Segundo cada uma das duas estruturas, encontramos o que cada sexo procura no Outro. Para Miller, extraímos a forma paradigmática como cada um se relaciona com o seu objeto. Essencialmente, temos dois objetos: o objeto fetiche e o objeto erotomaníaco.⁴²⁷

O gozo masculino é alimentado por um agradável silêncio. O sossego do homem só é interrompido pela exigência da mulher para que ele fale. De acordo com Miller, na homossexualidade masculina “o parceiro-sintoma pode ser situado e seduzido sem palavras. Isso se realiza também na relação com a prostituta e se encontra também, num lugar muito mais importante, no homem, na masturbação.”⁴²⁸

Ele esclarece que o objeto fetiche é aquele que não fala e que permite que o gozo aconteça sem a exigência de fala. O objeto fetiche pode ser representado pelo objeto *a*. Este, por sua vez, promove as condições para o que ele nomeou de erótica do silêncio.

⁴²⁷ MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. **Clique**: Revista dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos, n. 1. Belo Horizonte: 2003, p. 27.

⁴²⁸ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 110.

O pequeno *a* é uma unidade de gozo, é uma unidade discreta de gozo, separável, contabilizável. É verdade que Lacan acentua que ele não é algo do significante; mas o objeto *a* conserva a forma do significante, daí podermos dizer que há um objeto *a*, podermos localizá-lo, enumerá-lo, referi-lo na existência, e o próprio Lacan faz esses objetos *a* girarem nos discursos com os termos significantes.⁴²⁹

O modo de gozo no homem requer que a parceira responda a um modelo, que pode ser condicionado por pequenos e sutis detalhes. Miller explica que o objeto fetiche não é o Outro e sim o “Um”. O “Um” pode ser um elemento que o homem reencontra em diversas parceiras. É um gozo, portanto, metonímico. Contrariamente, do lado da mulher, temos o objeto erotomaniaco que impõe a forma do Outro. A relação da mulher é fundamentalmente com o Outro que fala. Da parte feminina, “a fala do Outro é um elemento intrínseco do gozo.”⁴³⁰

Para a mulher, o amor é tecido no gozo. Amor e gozo não podem ser separados. Miller relembra que Lacan chamava esse gozo de “satisfação do blablablá”. É um gozo suplementar, na medida em que não pode ser limitado pelo gozo fálico. É a satisfação do corpo, “mas é, em segundo lugar, o gozo da fala – ainda que Lacan não o escreva com todas as letras, mas tudo converge para isso a partir do que ele enuncia.”⁴³¹

Fale com ela! Pois o gozo erotomaniaco expressa a necessidade que o objeto fale com ela, dela, fale, fale, fale... Por isso, o homem fala. Porém, “ele fala porque é obrigado. Ele fala porque, do outro lado, a exigência é a do objeto erotomaniaco. [...] Também pode-se ter queixas a respeito do que o Outro diz, mas, geralmente, é porque ele fala muito ou porque exige que se diga muito.”⁴³² A mulher tagarela na tentativa de fazer o homem falar e se ofende quando ele se cansa. No entanto, não sabe que esse é o seu limite, pois a demarcação vem, muitas vezes, por um sinal de “chega!” vindo do Outro.

A fim de concluir, gostaríamos de ressaltar uma problemática de extrema importância. Miller chama a atenção para o fato de que é questionável que a fórmula da fantasia possa ser unissex, conforme propôs Lacan. Para Miller, a fórmula – $\$ \diamond a$ – tem validade, em especial, para o homem. Isso porque “do lado da mulher, convém substituir esse *pequeno a* fetiche e mudo pelo *A* barrado, esse Outro do desejo que tem que falar para que o sujeito reconheça o

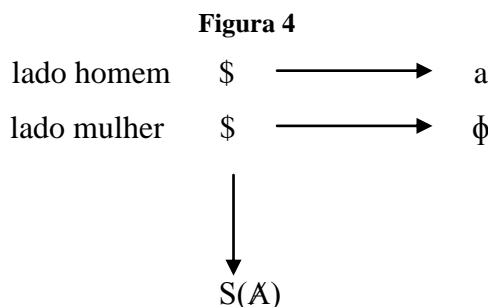
⁴²⁹ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 109.

⁴³⁰ MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. **Clique**: Revista dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos, n. 1. Belo Horizonte: 2003, p. 27.

⁴³¹ Ibid., p. 28.

⁴³² Ibid., p. 27.

seu objeto.”⁴³³ O gozo masculino é silencioso. A mulher busca sua sustentação em outro modo de satisfação: ela goza necessariamente com a fala. Nada unissex, portanto!



FONTE:

MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p.196

4.5 MULHERES E SEMBLANTES: a inquilina e a caixa-forte

Miller recupera a afirmação lacaniana de que “A mulher não existe” para derivar dela a explicação de que o lugar da mulher é essencialmente vazio. No espaço vazio, encontramos as máscaras femininas. Para ele, são as máscaras do “nada”. Elas são suficientes para justificar a associação entre as mulheres e os semblantes. Como ele define os semblantes?

Segundo Miller, chamamos de semblante aquilo que tem a função de velar o “nada”. Nesse caso, o véu é o primeiro semblante. Para ele, é um fato que, desde a antiguidade, há uma preocupação constante de cobrir as mulheres. Ele acredita que as mulheres são cobertas, na medida em que “A mulher” não se pode descobrir. Por isso, elas têm que se inventar.⁴³⁴

As mulheres são caracterizadas como aquelas que têm uma relação essencial com o “nada”. Ele ressalta que é necessário encarar tal afirmação com certa prudência. Isso porque, para ele, Lacan já nos alertou que todo sujeito tem uma relação com o “nada”. No entanto, a mulher tem essa relação de forma mais próxima e fundamental. Segundo ele, Freud percebeu essa vinculação, quando associou o caráter feminino com um “nada” anatômico. Ele supõe que essa era a maneira dele de pensar o laço entre as mulheres e o “nada”.

Miller desenvolve as ideias freudianas do artigo de 1932, “Feminilidade”, em especial, a particularidade psíquica da mulher com respeito ao pudor. Para Freud, o pudor surge como

⁴³³ MILLER, Jacques-Alain. Uma partilha sexual. **Clique**: Revista dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano. – O sexo e seus furos, n. 1. Belo Horizonte: 2003, p. 27, grifo do autor.

⁴³⁴ MILLER, Jacques-Alain. **Conferencias porteñas**: tomo II Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010b, p. 98.

uma tentativa de velar a ausência do órgão genital. Todavia, para Miller, há um paradoxo nessa análise. Isso porque ele entende que, uma vez que a vergonha vela, a ausência é preenchida com algo. Ou seja, ao ocultar, também se cria e se inventa. Faz nascer. Ele sinaliza que o próprio Freud se deparou com essa contradição. Se seguirmos as variações históricas do pudor, estas demonstram que o pudor é uma invenção que, segundo sua localização, dirige o olhar.

Ele acredita que o pudor faliciza o corpo. Acrescenta que muitos homens expressam que o pudor aparece como um valor fálico. Propõe que o manejo do véu é falicizante. Para ele, a distância entre o pudor e o respeito é pequena. Por respeito, ele entende que há algo que não se deve ver e nem tocar. Como o pudor, o respeito aponta a castração. Em seus termos, respeitar é sempre considerar a castração.⁴³⁵

Miller interpreta que Freud propôs o *Penisneid* como a significação fundamental do “não ter” feminino. Ele entende que, com Freud, temos as portas abertas para falar de uma clínica feminina. Estabelece que o sentimento de injustiça é algo recorrente na fala das mulheres e indica que o conceito de justiça pode ter se originado a partir das queixas femininas. Outra observação que ele faz diz respeito a um sentimento de desprezo que, por sua vez, caminha junto com o sentimento de inferioridade.

Acredita também que a clínica feminina apresenta uma particularidade no que tange às inibições. Para ele, não é somente uma inibição frente ao saber ou ao estudo, mas tem como valor central um tom de não ter direito ao saber. “Não ter” passa a equivaler a “não ter direito”. Segundo ele, é uma ilegitimidade que não tem peso na clínica masculina.⁴³⁶

Miller ressalta que Freud assinalou os suplementos que a mulher pode inventar para seu “menos” fundamental. Freud dirigiu a investigação analítica para os bens que podem amenizar o buraco do “menos”. Ter um filho foi uma das saídas freudianas. Miller aponta que a maternidade pode ser considerada parte da patologia feminina. Transformar-se em mãe é mudar de posição: a que tem, por excelência. Essa é a solução freudiana positiva do lado do ter. Miller, no entanto, interroga: transformar-se em mãe é a solução para a posição feminina?⁴³⁷

Miller reconhece outra solução: a do lado do ser. Ele propõe que a mulher fabrique um ser a partir do seu “nada”. Na clínica feminina, em relação ao ser, ele entende que podemos recolher uma série de queixas: a falta de identidade, a falta de consistência, o sentimento de

⁴³⁵ MILLER, Jacques-Alain. **Conferencias porteñas**: tomo II Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010b, p. 98.

⁴³⁶ Ibid., p. 99.

⁴³⁷ Ibid., p. 100.

fragmentação corporal, a falta de controle, a ausência de si mesma, o sentimento de incompletude radical, entre outros.

Ele interpreta que somos quase obrigados a estabelecer nas mulheres um “ser de nada” e uma dor específica desse “ser de nada”. Afirma que sabemos que a solução do lado do ser está na relação com o Outro. Assim, para escapar da falta de identidade, a mulher pode deslocar o vazio para o Outro, atacando sua completude. Consiste, em seus termos, em pensar que falta ao Outro, ao Outro macho, um buraco e ela ocupa de encarná-lo. Lacan chamava a isso de “ser o falo”: ser o que falta ao Outro, positivando-o.⁴³⁸

As mulheres reduzem as sublimações masculinas a mentiras. Quando elas são o falo, elas desprezam, de certa maneira, o ter do homem, reduzindo esse ter a um semblante. Ele propõe que uma verdadeira mulher deve ser medida a partir de sua distância subjetiva da posição da mãe. Isso porque uma mãe é aquela que existe como “A mulher”. Entendemos que se fazer existir como “A mãe” é se fazer existir como “A mulher” – a mulher que tem.

Ele entende que, para Lacan, a verdadeira mulher é aquela cuja estrutura revela que ela faz um sacrifício do que tem de mais precioso para abrir no homem o vazio que não poderá ser satisfeito. A verdadeira mulher é, portanto, aquela que atua com o “menos”, com o “não ter”. Ele entende que ela chega a fazer de seu “menos” a sua própria defesa. Em sua metáfora, o “menos” se transforma em uma espada mortal que tem mais força e mais eficácia do que todas as armas dos guerreiros. Por outro lado, Lacan revelou também que algumas mulheres não têm limites em suas concessões por um homem. Elas cedem seu corpo, sua alma e seus bens. Isso significa, para Miller, que cada mulher é capaz de ir até o “não ter” e é capaz de realizar-se como mulher no “não ter”.

Já o homem lacaniano, como Miller classifica, é um ser pesado e preenchido pelo “ter”. O “ter” é um estorvo, na medida em que ele tem algo a perder. O homem está condenado à cautela e à prudência. Na visão de Lacan, o homem é fundamentalmente medroso. Ele entende que o homem não é sem semblante, mas eles são sempre aqueles que protegem seu pequeno “ter”. Não é a máscara da falta. O homem carrega um sentimento de superioridade relativo a ser o proprietário de um bem que, por sua vez, também implica no medo de ser roubado. Nesse sentido, podemos observar uma covardia masculina.

O “ter” do homem está claramente vinculado à masturbação. O gozo fálico é o gozo do proprietário. Significa, para Miller, que o sujeito não dá a ninguém a chave de sua caixa, chegando, às vezes, inclusive, a se proteger com uma impotência. Pois quando ele dá, é como

⁴³⁸ MILLER, Jacques-Alain. **Conferencias porteñas**: tomo II Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010b, p. 100.

se ele fosse vítima de um roubo, a tal ponto que conserva a masturbação como um refúgio para preservar um gozo para si mesmo: um para ela; outro para mim.⁴³⁹

A covardia masculina contrasta com o ilimitado da mulher. Por isso, o semblante propriamente dito é o feminino, que é a máscara da falta. Miller assinala que Lacan pensava que não havia solução para uma mulher do lado do ter, uma vez que, nessa vertente, sempre temos resultados falsos e carentes de autenticidade.

Para esclarecer o que seria uma mulher viver sob a significação do “ter”, Miller propõe a expressão “mulher com postiço” para diferenciar a mulher fálica de outra, a que se constitui do lado do “ser o falo”. A “mulher com postiço” é aquela que agrega a si mesma, de forma artificial, o que lhe falta, com a condição de que sempre, e em segredo, o tenha de um homem. Na “mulher com postiço”, o parecer é essencial, mas isso deve parecer que é dela mesma, que é sua propriedade. Esta é a mulher fálica por excelência. Ela esconde sua falta de ter e realiza a ostentação de ser a proprietária a quem não falta nada, nem ninguém. Encontramos nela sempre as características de um excesso.⁴⁴⁰ A “mulher com postiço” é apresentada por Miller, a partir de uma citação lacaniana, encontrada em “Subversão do sujeito e dialética do desejo”:

Assim é a mulher por trás de seu véu: é a ausência do pênis que faz dela o falo, objeto do desejo. Evoquem essa ausência de maneira mais precisa, fazendo-a usar um mimoso postiço debaixo do (tra)vestido de baile a fantasia, e vocês, ou sobretudo ela, verão que tenho razão: o efeito é 100% garantido, como ouvimos de homens sem rodeios.⁴⁴¹

Lacan, na interpretação de Miller, coloca o postiço como uma forma de evocar a ausência do pênis. No entanto, para este, é preciso que a mulher se pavoneie como castrada. Ela deve mostrar seus sinais de alteridade com relação ao homem. Não são as marcas do mesmo, da respeitabilidade ou da conformidade. O postiço é um artifício para colocar a mulher em referência ao falo. Ao contrário do fetiche, ele não vela a castração da mulher, ele a reforça.

De outro lado, Miller define a mulher que se organiza do lado do “ser o falo”. Uma mulher que se forma do lado de “ser o falo” assume sua “falta de ter”. A partir do reconhecimento da “falta de ter”, ela alcança a posição de “ser o falo”, o que falta aos homens. Ela, ao contrário da mulher fálica, ostenta a sua falta.

⁴³⁹ MILLER, Jacques-Alain. **Conferencias porteñas**: tomo II Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010b p. 103.

⁴⁴⁰ Ibid., p. 103-104.

⁴⁴¹ LACAN, Jacques. Subversão do sujeito e dialética do desejo [1957]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 840.

Segundo Miller, para os homens, uma verdadeira mulher é aquela que permite que ele se manifeste como desejante. Isso pode ocorrer, caso ela assuma seu “menos” e também os semblantes que fazem par com o “menos”. A “mulher com posição” é aquela que denuncia o homem como castrado e o mantém na sombra.

Uma verdadeira mulher faz o homem ver que “o ter” beira ao ridículo. É, de certo modo, a ruína do homem. É mais tranquilo fazer parceria com a “mulher com posição” para que o homem coloque seu próprio bem em uma caixa-forte. Essa “mulher com posição”, que não parece castrada, não ameaça o homem, pois não exige que ele seja desejante. De tal maneira, ele recebe o respeito e o descanso da castração. Miller, no entanto, conclui que o posição da mulher é uma mentira. É um semblante que escancara: “isso não é semblante”. Ou seja, expressa sua falta de naturalidade. E ela quer que os outros valorizem e tenham respeito por essa artificialidade.⁴⁴²

Ele acredita que Lacan estabeleceu dois modos de parceria. Segundo ele, Lacan desenvolveu a questão do juízo de valor a respeito do gozo mediante a oposição entre valor de uso e valor de troca. A libido freudiana é o valor psíquico a partir do qual se pode pensar o que atribui valor.⁴⁴³

Utilizarei as metáforas millerianas de valor para propor que os homens e as mulheres se conjugam através de dois tipos de acordo: entre o proprietário e a inquilina (o ser que tem e a que assume que não tem) ou o banco e a caixa-forte (o ser que tem e a mulher fálica, que acredita que também tem).

4.6 LÓGICAS DA VIDA AMOROSA

No capítulo “Para ler Freud”, trabalhamos a erótica freudiana e levantamos questões que nos propusemos a retomar neste presente momento para desenvolver algumas concepções sobre a temática do amor e do gozo. Miller propõe que as três “Contribuições à psicologia do amor”, de Freud, podem ser lidas a partir do seguinte gracejo: um Freud muito lacaniano, pois “Lacan disse que ele não era lacaniano, mas sim freudiano, e Freud nunca disse que ele não era lacaniano.”⁴⁴⁴

Ele se dispõe a reler o texto de Lacan sobre “A significação do falo” à luz dos desenvolvimentos de Freud. Em suas palavras, mais uma vez: tomar Freud para ir além de

⁴⁴² MILLER, Jacques-Alain. **Conferencias porteñas**: tomo II Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010b, p. 104.

⁴⁴³ Ibid., p. 36.

⁴⁴⁴ MILLER, Jacques-Alain. **Conferencias porteñas**: tomo I Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010a. p. 234.

Lacan. Na lógica da vida amorosa há, para Miller, uma pergunta fundamental que se coloca: como homens e mulheres se relacionam? Ele entende que é um esforço para pensar a relação sexual, a partir de seus impasses. Ele se dedica a desenvolver a problemática de como homens e mulheres se escolhem. Em outras palavras, ele busca a conexão entre amor e gozo sexual.

O problema central dos três textos freudianos pode ser resumido na seguinte questão: como gozar de uma mulher? De outro modo, trata-se de pensar a escolha do objeto feminino, a partir da ótica masculina. Uma segunda observação de Miller diz respeito aos termos “mãe” e “puta” que Freud evocou nos seus textos, ao se referir, então, aos dois valores possíveis para a feminilidade. Ele acredita que essa já era uma colocação do axioma que Lacan desenvolverá: “A Mulher não existe”. Para ele, isso deixa bastante claro que Freud tratou das relações entre homens e mulheres sob a perspectiva dos impasses e obstáculos.

Outra colocação dele sobre o ponto erótico dos relacionamentos, diz respeito à possibilidade de escolha que verificamos na espécie humana. Ele ressalta que é preciso estabelecer que nem todos os parceiros estão autorizados. Como não existe a mulher que causaria o desejo de todos os homens – “A Mulher” não existe – não há a correspondência objetiva e exata entre homens e mulheres. Não se pode desejar toda e qualquer mulher. De outro modo, não há “A Mulher” que cause o desejo de todos os homens.

Miller trabalha com alguns mitos. Ele entende que “A Mulher” somente existe nos mitos de Don Juan e de Totem e tabu. Em ambos, encontramos homens para os quais “todas as mulheres” são acessíveis. Por fim, outro mito, o do complexo de Édipo, traz uma posição contrária a dos primeiros.

Precisamente, se existe um problema na escolha de objeto é porque o objeto escolhido, quer dizer a mãe, é ao mesmo tempo um objeto proibido. Se partimos da mãe como *partenaire* proibido, resulta que devemos fazer, de certo modo, outra escolha, a qual nunca dá satisfação; por isso Lacan pôde dizer que “a relação sexual não existe”⁴⁴⁵

Miller entende que Freud antecipou a concepção de que não podemos trabalhar com a proporção entre os sexos. Além disso, ele admite que Freud foi um “Lévi-Strauss da vida amorosa”, na medida em que apresentou as estruturas elementares da vida amorosa. São as condições do amor que Freud estabeleceu enquanto modos de gozo que determinam a escolha do objeto de amor. Freud trabalhou com as determinações do gozo. Miller propõe que possamos escrever a concepção freudiana da seguinte forma:

⁴⁴⁵ MILLER, Jacques-Alain. **Conferencias porteñas**: tomo I Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010a. p. 239.

Figura 5



FONTE:

MILLER, Jacques-Alain. **Conferencias porteñas**: tomo I Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010a., p.240.

Quer dizer, gozo abaixo do desejo e a vinculação de ambos como a origem do amor. Em termos freudianos, como o amor autoerótico pode se transformar em aloerótico. Em palavras lacanianas, como passamos do gozo ao desejo do Outro.

Em Freud, Miller interpreta que temos a condição de amor como a formalização e o deslocamento da cena primária. Por isso, ele trabalha com a substituição do objeto fundamental articulada com a constituição de uma série de objetos substitutivos. Ele associou a metáfora do objeto primordial com a metonímia dos objetos escolhidos. Disso, Miller deduz que não há liberdade do sujeito. Pelo contrário, no momento em que se realiza a condição, uma compulsão é desencadeada automaticamente e se produz a escolha do objeto. Há uma *tiquê* (sorte, destino) no encontro. Caso o encontro ocorra, há um *automaton* da compulsão: *tiquê* do encontro; *automaton* da compulsão.

Miller entende que podemos situar essa problemática ao tratarmos da interdição do gozo. O que em Freud aparece como interdição da mãe, Lacan retomou enquanto uma privação do gozo. Isso porque no nível do gozo há a Coisa, *das Ding*, o gozo primário. Freud trata a escolha de objeto porque não existe relação sexual. Homens e mulheres não se reconhecem puramente como tais. Por isso, precisam de outros signos específicos, diferentes para cada um, para poderem reconhecer o objeto do outro sexo que cause o desejo. Ele considerava que há um gozo insubstituível no inconsciente. Ele fazia referência, nesse caso, à mãe. No amor encontramos as condições no nível significante.

Freud tratou o tema das condições de amor. Ele começou pela sexualidade masculina, uma vez que, por razões estruturais, é o lado onde encontramos as condições de forma exemplar. No lado deles, verificamos um automatismo do funcionamento de traços e sinais. Enquanto que da parte feminina, há mais segredo. Dessa forma, o que é mais secreto do lado

feminino é que há uma proibição, ou seja, o segredo do proibido, e que funciona como a condição de amor.

No que diz respeito ao amor, Miller situa a diferença de Freud e Lacan como a diferença entre amor como repetição, para o primeiro, e o amor enquanto invenção, para o segundo.

[...] o Outro barrado dá lugar à invenção. Desse modo, o amor lacaniano – se assim podemos chamá-lo –, em sua originalidade em relação ao amor freudiano, é invenção. Em Freud, ao contrário, toda a teoria do amor busca mostrar que o amor é repetição. Costuma-se citar essa frase de Lacan: “Um novo amor”, que ele toma do poema de Rimbaud. Em psicanálise, a novidade de Lacan, a boa nova lacaniana é que há novos amores possíveis. O Édipo freudiano significa que amor é repetição. Isso aponta às contribuições de Freud à “Psicologia da vida amorosa”: quando amamos, apenas repetimos, pois encontrar o objeto é sempre reencontrá-lo e todo objeto de amor é substitutivo de algum objeto fundamental, prévio à barreira do incesto. Tudo isso demonstra o amor como repetição. A vertente mais original do amor lacaniano é, ao contrário, que o amor é invenção, ou seja, elaboração de saber. O amor é um modo de se dirigir ao *a*, a partir do Outro do significante. Na teoria do amor, esse é o papel das palavras de amor, das cartas de amor. Amor é o esforço para dar um nome próprio a *a*, encontrar o *a* no olhar de uma mulher e poder dar a isso, [...], um nome próprio [...].⁴⁴⁶

Miller propõe que o amor em Freud tem como base a compulsão de repetir e que em Lacan podemos classificar de compulsão de inventar. Ele admite que os dois autores tinham uma afinidade com a compulsão de inventar. Seu projeto é que o termo invenção, devido a sua grande importância nesse campo, possa entrar para a lista dos conceitos fundamentais. Para Miller, Lacan tinha como horizonte que inventar não é, portanto, apagar o passado. Ele resume que Lacan pretendia que houvesse a cura de amor e, nesse caso, poderia ser visto como a cura do amor como repetição.

O autor explica que dizer que não há relação sexual é afirmar que não existe uma condição necessária e suficiente para ambos os sexos que os faça complementares. “Não há uma condição universal de escolha de objeto. Por isso sempre surge uma peculiaridade contingente quando alguém toca a dimensão dessas condições, e o Outro zomba desses pobres sujeitos, um a um, com suas condições particulares de amor.”⁴⁴⁷

Ele acredita que no lugar da relação sexual que não existe, temos a estimação de valor. Para Freud, o valor varia entre a depreciação e a supervalorização. O valor sexual é uma significação. Lacan seguiu essa concepção freudiana em seu trabalho sobre a significação do falo. Para ele, as questões de valor podem ser escritas a partir da lógica do falo. Ele buscava responder a questão sobre a condição do outro sexo para apoderar-se da significação do falo.

⁴⁴⁶ MILLER, Jacques-Alain. **Conferencias porteñas**: tomo II Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010b, p. 26.

⁴⁴⁷ Ibid., p. 46-47.

Miller aposta que existe uma diferença na maneira como os dois autores abordam a questão. Freud a aborda por uma decifração edípica, ao introduzir a mãe. Esta pertence ao pai e o menino entende a relação como uma infidelidade, já que o pai é quem usufrui da mãe. A mãe não é toda para o sujeito. “A tese freudiana, quando privilegia a interpretação edípica, demarca que é a mãe que dirige, condiciona as escolhas de objeto do homem. [...] Simetricamente, Freud diz que o pai está atrás das escolhas de objeto da mulher.”⁴⁴⁸ Lacan trabalhava na perspectiva de uma logificação da função fálica, na qual o Édipo é uma estrutura mítica criada para trabalhar a perda de gozo. “Quer dizer, do falo como símbolo no lugar do gozo e da perda de gozo. Trata-se então de separar Édipo e falo.”⁴⁴⁹

Segundo Miller, o resultado final dessa diferença na abordagem pode ser localizado enquanto um esquema das relações de convergência e divergência entre amor e desejo. Em Freud, encontramos amor e desejo como dois valores que estão sempre em divergência. Eles são contrários. O final de análise freudiano seria superar essa divergência entre a corrente sensual e a ternura. Para Miller, este é um ideal de tratamento analítico mítico, na medida em que há a pretensão de uma travessia da condição de interdição da vida erótica que possibilitaria um acesso direto à Coisa, à satisfação do objeto primário. Em Lacan, Miller recolhe a seguinte teorização: para a mulher, a via predominante é a convergência de amor e desejo no mesmo objeto; para o homem, há a divergência entre amor e desejo nos objetos.

Ao ser questionado se a psicanálise ensina alguma coisa sobre o amor, Miller responde afirmativamente. “Para amar, é necessário confessar sua falta e reconhecer que se tem necessidade do outro, que ele lhe falta.”⁴⁵⁰. Amar é reconhecer a falta e doá-la ao outro, para Miller.

É preciso se assegurar de sua falta, de sua castração, como dizia Freud. E isso é essencialmente feminino. Só se ama verdadeiramente a partir de uma posição feminina. Amar feminiza. É por isso que o amor é sempre um pouco cômico em um homem. Porém, se ele se deixa intimidar pelo ridículo, é que, na realidade, não está seguro de sua virilidade. [...] Mesmo um homem enamorado tem retornos de orgulho, assaltos de agressividade contra o objeto de seu amor, porque esse amor o coloca na posição de incompletude, de dependência. É por isso que pode desejar as mulheres que não ama, a fim de reencontrar a posição viril que coloca em suspensão quando ama. Esse princípio Freud denominou a "degradação da vida amorosa" no homem: a cisão do amor e do desejo sexual.⁴⁵¹

⁴⁴⁸ MILLER, Jacques-Alain. **Conferencias porteñas**: tomo II Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010b, p. 47-48.

⁴⁴⁹ Ibid., p. 48.

⁴⁵⁰ MILLER, Jacques-Alain. Entrevista. In: **Psychologies Magazine**, n°278, out. 2008.

⁴⁵¹ Ibid.

Todavia, Miller acredita que os estereótipos socioculturais da feminilidade e da virilidade vêm caminhando para uma mutação. Para ele, por parte dos homens, eles estão sendo convidados a se feminizar através da aceitação de suas emoções e do sentimento de amor. Por outro lado, as mulheres realizam uma espécie de “empuxo-ao-homem”, com base no ideal de igualdade jurídica. Ao mesmo tempo, os homossexuais esqueceram seus ideais e buscam a igualdade dos símbolos dos heterossexuais: casamento e filiação.

Vivenciamos um cenário marcado pela instabilidade de papéis. Uma fluidez do amor. Para Miller, o amor está se tornando um estilo de vida. Cada um inventa seu modo singular de gozar e amar. Os papéis tradicionais estão em baixa ou caíram em desuso. A consequência mais marcante que ele assinala é uma mudança de ideal: o “grande amor para a vida toda” cede espaço para o “*speed loving*” e todos os encontros amorosos alternativos, sucessivos e simultâneos.⁴⁵²

Iniciamos a discussão para a temática do próximo capítulo sobre a contemporaneidade e a inauguração de uma nova moral sexual. Iremos debater as consequências dessa frouxidão dos laços na vida amorosa. Enquanto analistas precisamos nos posicionar sobre a seguinte questão: é possível abrir mão dos papéis sexuais? Essa interrogação nos dará o tom do próximo capítulo. No entanto, ainda precisamos percorrer dois últimos passos com Miller a fim de estabelecer o que ele articula sobre a mulher contemporânea e sobre o final de análise.

4.7 EXISTE A MULHER CONTEMPORÂNEA?

Miller abre espaço em sua pesquisa para o questionamento sobre a oposição estrutural entre homens e mulheres na contemporaneidade. Precisamente, ele reconhece que, nos últimos vinte anos, vivenciamos profundas mudanças na relação entre os sexos. Ele se pergunta se a oposição estrutural pode ser aplicada à nossa época.

De acordo com ele, a maior mutação pode ser localizada na demanda de igualdade. Mas de que igualdade podemos falar em psicanálise? Ele entende que o discurso jurídico entremeia, cada vez mais, a relação entre os sexos. Na medida em que homens e mulheres são sujeitos de direitos, surge a ilusão da possibilidade de uma proporção significativa entre os sexos.

No que diz respeito à posição feminina, Miller recolhe que o discurso do direito impulsiona a mulher para uma espécie de abandono do seu caráter infinito. Como resultado, temos a mulher adotando um semblante baseado no modelo masculino. Em português, Miller chama de “máscara-ulina” da mulher: a sua máscara masculina. A mulher tende a fazer do

⁴⁵² MILLER, Jacques-Alain. Entrevista. In: **Psychologies Magazine**, nº278, out. 2008.

homem um pequeno objeto *a*. Podemos resumir essa posição com a frase das adolescentes: “peguei o fulano”. O homem é reduzido a apenas um meio de gozo. O amor é desvalorizado pelas próprias mulheres. Mas isso é legítimo? Miller defende que não. Para ele, é tudo um teatro. Uma encenação moderna:

É verdade que elas vão para a cama mais facilmente; é verdade que a proporção de virgens, no casamento, caiu de maneira sensacional, mas é preciso que se saiba por que elas vão para a cama antes do casamento; elas vão para a cama por amor, e quando elas brincam de separar a atividade sexual do amor, para fazer como os meninos, isso se torna problemático para elas próprias, aliás para os meninos também.⁴⁵³

A tese de Miller é precisa: a mulher contemporânea não existe! Ela tenta existir. Na opinião dele, há também uma tentativa de fazer existir a relação sexual, uma vez que se associa a relação sexual e o discurso jurídico. É uma ilusão, para ele, que o direito possa ensinar o que o homem deve fazer com relação a uma mulher e vice-versa. Seria recorrer ao direito para fazer existir a relação entre os sexos.

O paradoxo é que, quanto mais a mulher existe, do ponto de vista do sujeito do direito, tanto mais ela desaparece, sob a máscara masculina. Este é o paradoxo que me parece que se desenha. Essa é uma dificuldade que se coloca no nível da estrutura ou, como dizemos, no nível do real. Evidentemente, não há a boa solução e, é claro, que somos progressistas, defendemos o direito da mulher mas, como também somos analistas, sabemos que isso tem consequências ao nível do gozo. Por isso não podemos ir nos queixar num tribunal, por enquanto.⁴⁵⁴

Todavia, nos consultórios dos psicanalistas, sem dúvida, as queixas são recorrentes. Na contemporaneidade, quais são os impasses que as novas mulheres emancipadas, independentes e liberadas do jugo patriarcal encontram no campo do amor e do consentimento ao desejo masculino?

Analiso uma mulher que, hoje, apresenta 35 anos. Desde que iniciou seus atendimentos, traz em suas falas o desejo insistente de se casar, ser mãe e constituir uma família. Inicialmente, dizia que isso ocorreria a qualquer custo, ainda que tivesse um caso e engravidasse propositalmente ou que adotasse uma criança. “Mas uma criança não precisa de pai?” – questiono.

Frente a essa e a uma série de interrogações que caminharam nessa direção, hoje ela já me diz que não pagaria qualquer preço para realizar esse desejo. Não desistiu, claro. Mas

⁴⁵³ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 117-118.

⁴⁵⁴ Ibid., p. 122.

questiona frequentemente o porquê de uma mulher como ela – “bonita, interessante, inteligente, independente, com casa e carros próprios, disposta, engraçada, amiga, trabalhadora, estudiosa...” – continuar solteira, ainda que procure um parceiro durante alguns anos.

Seu último parceiro, com o qual ensaiou um namoro de quatro meses, terminou o relacionamento concluindo que ela merecia “alguém melhor” do que ele. Ela continuou a se interrogar sobre o porquê dos desencontros.

Durante esses anos, em todas as vezes que ela vestiu sua “máscara-ulina”, a situação foi devastadora. Ela se diz uma mulher “fogosa e que gosta muito de sexo”. Por acreditar muito nessa nomeação, em alguns momentos, dizia “não aguentar e ir para a cama na primeira vez”. No dia seguinte, o companheiro sumia e não ligava para falar com ela.

A princípio, ela se defendia. Raciocinava que não se importava, pois se eles se “aproveitavam” dela, ela também fazia o mesmo, se “aproveitando” deles. Mas as semanas se passavam e as lamentações apareciam. Até que interpretei: “parece que o mais importante é que ele fale com você no dia seguinte. Talvez você nem seja tão fogosa...”. Por outro lado, um paciente homem, da mesma idade dela, me diz diretamente: “eu fiquei realmente interessado por fulana e, por isso, nem tentei levá-la para a cama porque eu quero namorá-la”.

Lacan assinalou, em seu “O Seminário 10, a Angústia”, que “[...] o desejo é uma coisa mercantil, que há uma cotação do desejo que fazemos subir e baixar culturalmente, e que é do preço atribuído ao desejo no mercado que dependem, a cada momento, o modo e o nível do amor.”⁴⁵⁵

Acreditamos, como Lacan, “que é do preço atribuído ao desejo no mercado que dependem, a cada momento, o modo e o nível do amor”, mas também apostamos, como Miller, que “não mudou nada na estrutura” feminina, e na masculina também. Reconhecidamente, podemos perceber um declínio da virilidade no qual os homens esperam cada vez mais que as mulheres tomem a frente. Homens que parecem cada vez menos homens, apesar de não serem homossexuais. São as versões “*light*”, aqueles que não bancam o homem. Elas, por sua vez, também arriscam a se “máscara-ulinizar”. Em suas melhores versões “*heavy*” também se parecem cada vez menos com as mulheres de antigamente. Restos de semblantes.

Frente a isso, chegamos ao nosso último passo: como pensar o final de análise, a partir da perspectiva milleriana?

⁴⁵⁵ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia** [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 209.

4.8 O OSSO DA ANÁLISE É DURO DE ROER!?

Miller propõe que a abordagem que ele apresenta de sintoma, a partir das obras lacanianas, está diretamente associada ao que ele pensa sobre o final da análise. Ele esclarece que, com Lacan, passou muitos anos abordando o fim de análise a partir da travessia do fantasma. O fantasma, nessa perspectiva, seria um véu a ser levantado para chegar ao real. Essa travessia teria como resultado um reordenamento definitivo na vida do sujeito. Os conflitos seriam reduzidos em função da constatação de apreensões ilusórias da realidade, que cairiam por terra.

Ele relembra que, do ponto de vista do sintoma, o sujeito é feliz. Quer dizer, não pensamos em um sujeito iludido que precise despertar para a verdade do real. “Ele é feliz, tanto na dor quanto no prazer; tanto na ilusão quanto na verdade. A pulsão desconhece essas histórias. Quanto ao sujeito, como diz Lacan, ‘toda sorte lhe é boa’ (*tout heur lui est bon*) para o que o mantém, ou seja, para que ele se repita.”⁴⁵⁶

A pulsão não se modifica. Não há mais-além da pulsão. Ela não pode ser atravessada. Nessa perspectiva, encontramos o que Lacan chamou de “saber haver-se (*savoir y faire*)” com seu sintoma. Miller exalta essa proposição lacaniana como uma nova forma de estabelecer o final de análise. O sujeito encontra uma forma eficaz de manejo do seu sintoma. Ele propõe um deslocamento da travessia do fantasma para o “saber haver-se aí com o seu sintoma”. Essa operação confia na capacidade de cada sujeito em dirigir a ordem imaginária. Miller explica que sabemos cuidar de nossa imagem, na medida em que nos vestimos, nos maquiamos, nos arrumamos, entre outros. Devemos ser capazes de cuidar do nosso sintoma da mesma forma prevenida que aplicamos a atenção à nossa imagem.

Sua proposta está localizada em ir além da concepção freudiana de que uma análise tem algo de interminável e também mais adiante da primeira proposta de Lacan de um atravessamento terminável do fantasma. Ele sugere um bom uso do sintoma.

O bom uso do sintoma não é uma experiência de verdade, trata-se antes da ordem, se ousar dizer, de ter prazer com seu gozo, estar em sintonia com seu gozo. Muito inquietante, certamente! Esboça-se aqui algo da ordem do sem-escrúpulo. O escrúpulo, no sentido etimológico, é uma pedrinha que incomoda. No sapato, por exemplo. A consciência é da ordem dessa pedrinha, e o bom uso do sintoma a deixa de lado. Neste sentido, o fim da análise não é deixar de ter sintoma – esta seria a perspectiva terapêutica – mas sim, ao contrário, amar o sintoma como se ama a própria imagem, e até mesmo amá-lo em vez de sua imagem.⁴⁵⁷

⁴⁵⁶ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 198-199.

⁴⁵⁷ Ibid., p. 200.

Miller afirma fazer essa indicação de forma hesitante e prudente. Acredita que essas ideias podem ter incidências na prática clínica. Entendemos que ele tinha razão. Em algumas vezes, nos deparamos com finais de análise que caminham no sentido de um cinismo na relação com o gozo. Queremos ressaltar que, nesses casos, a solidão do gozo é exaltada a ponto de que haja um afastamento significativo do campo do Outro. Será que é isso que podemos esperar, ao final de uma análise?

Indicamos que, ao apresentar a noção de parceiro-sintoma, a relação do sujeito no casal foi promovida ao seu papel central. “Não é exato afirmar que na análise se fala somente de papai e de mamãe, da família de nascimento e do ambiente da infância. É fato que falamos, de modo premente e mais proeminente, da relação com o cônjuge ou com a ausência de cônjuge, o que, para o que nos interessa, dá no mesmo.”⁴⁵⁸

Ele aposta que a forma do casal deve ser enfatizada pela psicanálise. Analisa ainda que, na medida em que vivenciamos uma perda dos ideais no mundo contemporâneo, temos como consequência primeira um fenômeno de desenraizamento generalizado. Segundo ele, a dissolução das comunidades e da família, demanda uma recomposição subjetiva do casal de forma essencial.

De acordo com ele, o próprio dispositivo da psicanálise revela que o analisando faz um par com seu analista. Faz a parceria para chegar ao alcance de que seu sintoma deve ser entendido como uma questão de mais ou de menos e, com isso, poder dirigir a regulação do que não pode ser modificado. Ele ressalta, todavia, que isso não representa necessariamente o oposto da travessia do fantasma. “Poder-se-ia mesmo dizer: após a travessia [do fantasma], o saber haver-se aí com o sintoma, se assim quisermos introduzir transições, sem desaprumarmos a população.”⁴⁵⁹

Miller ainda desenvolve uma distinção que Lacan apenas apontou. Segundo ele, Lacan afirmou, no seu último ensino, que no “saber haver-se aí” não tomamos a coisa em termos de conceito. Ele progride diferenciando o “saber-fazer” do “saber haver-se aí”. Para ele, o “saber-fazer” é uma técnica que denota a experiência e, por isso, pode ser ensinada. Então, não é a mesma noção do “saber haver-se aí”. Pois este carrega consigo uma imprevisibilidade. Nesse caso, estar atento ou avisado é a única coisa que pode ser ensinada. “O saber haver-se aí não é um saber, no sentido de um saber articulado. É um conhecer, no sentido de saber se virar com.

⁴⁵⁸ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 200.

⁴⁵⁹ Ibid., p. 204.

É uma noção que, em seu sentido ambíguo e aproximado, parece essencial no último Lacan: saber se virar com.”⁴⁶⁰

Miller acredita que o último ensino lacaniano aborda o uso como algo essencial. Para ele, o que fundamenta essa concepção é o fato de que o Outro não existe. Pensamos que devemos ter cuidado com essa afirmação que é repetida por psicanalistas sem o devido peso. Entendemos que Lacan propôs que o Outro não existe em sua forma absoluta. Miller explica com as seguintes palavras: “a promoção do uso acontece onde o saber falta, onde o espírito de sistema é impotente, e ali onde a verdade, com seu cortejo de mestres mais ou menos faltantes, não se encontra.”⁴⁶¹

Ele defende que o “falasser” se enrola com o real. Ele também se enrola com o simbólico, pois há algo de real no simbólico. O mesmo rolo acontece com o imaginário porque há ainda real nesse nível. Para ele, é por isso que Lacan propôs o bem-dizer. “O bem-dizer [...] quer dizer que o sujeito consegue finalmente se desenrolar do real com o significante. Nada além que se desenrolar, a ponto de Lacan, numa definição estrondosa, ter proposto que o real se encontra nas enrolações da verdade.”⁴⁶²

Há sintoma quando nos enrolamos com o real. O sintoma é o ponto de basta do casal. “O sintoma, em uma de suas faces, é o que não vai bem, e na outra, a que Lacan, recorrendo à etimologia, denominou de *sinthoma*, o único lugar onde, para o homem que se enrola, finalmente isso rola.”⁴⁶³

Miller trabalha com a ideia de que há um obstáculo no caminho da análise. Ele nomeia esse empecilho como o osso. Para se explicar melhor, no Seminário que proferiu no Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise, em 1998, ele fez referência à obra de Carlos Drummond de Andrade – “No meio do caminho”:

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra.⁴⁶⁴

Para ele, esse poema retrata exatamente a repetição insistente que ocorre no aparelho psíquico. A repetição significativa dos versos do poema denota a forte significação do peso da

⁴⁶⁰ MILLER, Jacques-Alain. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000, p. 205.

⁴⁶¹ Ibid., p. 206.

⁴⁶² Ibid., p. 207.

⁴⁶³ Ibid., p. 207.

⁴⁶⁴ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 27.

pedra. Miller achava que a expressão “osso”, em português, não poderia traduzir o obstáculo ou a dificuldade tão bem como em francês. Poderíamos, portanto, representar essa ideia com a exclamação de que temos, nesse caso, “um osso duro de roer!”.

“O osso duro de roer” que Miller articula é o que Lacan chamou de objeto *a*. Segundo ele, “[...] um objeto suplementar em relação à ordem regulada pelo significante. Pequeno *a* é a pedra que existe em todo caminho da fala.”⁴⁶⁵ Ele lembra que, em Freud, o osso foi chamado de rochedo, como apresentamos na primeira parte da tese. Para Freud, o rochedo tem relação com a assunção do sexo. Miller ressalta que no caminho analítico da fala existe a pedra da fala que, por sua vez, tem ligação com o sexo. O que se espera é que, no fim do caminho, encontremos uma pedra preciosa.

O autor entende que há uma operação analítica de redução ao osso. Ela se opõe à ampliação significativa. Na medida em que a fala está sempre sujeita a um movimento infinito, é preciso que o analista opere com a sua redução. A psicanálise realiza uma operação-redução na cura analítica. A redução, de acordo com ele, é subjetiva, porém se situa além da retificação subjetiva.

O primeiro mecanismo que promove essa redução é a repetição. Encontramos, na experiência clínica, o sujeito que repete o mesmo. É essa repetição, no entanto, que nos permite alcançar uma formalização. “É a redução proposicional. Faz parte da formação do analista saber operar essa redução proposicional, saber reduzi-la à constante [...]. Podemos dizer que essa redução à constante é a essência da construção da análise.”⁴⁶⁶

O segundo mecanismo da operação-redução é um enunciado de convergência, que pode ser entendido como o significante mestre do destino do sujeito. Tal significante pode surgir da fala dos personagens que encarnam para ele o Outro ou é possibilitado pelo próprio analista enquanto uma interpretação inesquecível.

A repetição e a convergência são a redução do discurso do analisando a formas simbólicas elementares. Todavia, Miller propõe que existe outra operação: a da evitação. É aquele empecilho do qual o sujeito desvia insistentemente. Miller entende que saímos do campo dos “oráculos particulares” da articulação significativa. Encontramos o plano do que é real. Na perspectiva do real, nos deparamos com o modo particular de gozo. Para ele, como o que diz respeito ao gozo não pode ser programado, podemos dizer que o gozo pertence à dimensão da contingência.

⁴⁶⁵ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 35.

⁴⁶⁶ *Ibid.*, p. 48.

Freud, de acordo com Miller, trabalhou essa noção, ao falar do fator quantitativo. Este é a quantidade de investimento libidinal que um neurótico é capaz de atrair. Em suas próprias palavras, Miller esclarece: “o princípio que eu estabeleço a partir da experiência e apoiado em Freud, é que não há cálculo da libido. Há cálculo do significante, há cálculo do sujeito, mas não há cálculo da libido.”⁴⁶⁷

Contudo, a redução dessa contingência, ou redução do fator quantitativo, se situa no caminho entre o significante e o quantitativo. Mas, como no caminho há uma pedra!, Miller entende que é necessário trabalhar a vinculação entre o significante e o gozo para que se possa alcançar a possibilidade do passe. No entanto, antes de propor sua conversão da perspectiva, Miller retoma o caminho do passe em Lacan. Ele expressa, resumidamente, elencando três momentos para se pensar o final de análise lacaniano, da seguinte forma:

Enumerando esses três momentos em Lacan – imaginário, identificação e fantasia – dou os três estatutos, as três formas de desinvestimento que ele articulou. Inicialmente, a redução do imaginário, sob a forma de ultrapassagem do plano imaginário; a redução das identificações, especialmente da identificação fálica, concebida como uma queda; e, em terceiro lugar, a redução da fantasia, concebida como uma travessia.⁴⁶⁸

Miller entende que a perspectiva lacaniana tem pontos de fragilidade e estabelece uma nova forma de olhar o final de análise. Para ele, “[...] o passe é essa última olhada sobre sua análise.”⁴⁶⁹ A conversão de perspectiva que ele almeja postula que o significante é a causa do gozo. Quer dizer, o significante não atrai a libido, mas produz a libido sob a forma de mais-de-gozar. Em outras palavras, ao contrário da teoria do fantasma que consistia numa mortificação do corpo, temos aqui o significante que incide sobre o corpo de forma vivificante.

Na definição milleriana, a incidência significativa do gozo sobre o corpo é o que Lacan denominou de sintoma. O significante é a causa do gozo. Portanto, é a mesma noção de pulsão freudiana. “Quer dizer que a pulsão, em Freud, é a interface entre o psíquico e o somático, enquanto em Lacan, o sintoma é a conexão entre o significante e o corpo [...]”⁴⁷⁰

Miller justifica que sua proposição da expressão parceiro-sintoma tem como base pensar o final de análise em termos mais realistas. Para ele, se Lacan definiu seu passe como um fracasso foi porque ele resumiu esse momento a uma travessia do fantasma. Em um passe verificamos mais do que uma travessia. O osso de uma cura é o sintoma. Isso porque é através

⁴⁶⁷ MILLER, Jacques-Alain. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998, p. 70.

⁴⁶⁸ Ibid., p. 75.

⁴⁶⁹ Ibid., p. 36.

⁴⁷⁰ Ibid., p. 82.

do sintoma que se pode gozar. Primeiramente, o gozo do saber inconsciente, da articulação significante e do investimento libidinal do significante e do significado. Depois, é o modo de gozar do seu próprio corpo e do corpo do Outro.

O diálogo de um sexo ao outro é impossível, na medida em que a relação sexual não existe. Os parceiros estão destinados a aprender indefinidamente a escrita do Outro. “O amor é um labirinto de mal entendidos onde a saída não existe”.⁴⁷¹ Mas se a saída não existe ficamos então com a certeza de que os caminhos podem ser percorridos. Ainda que tenhamos as pedras! Mesmo que o osso seja duro de doer... do lado da mulher e do lado do homem.

⁴⁷¹ MILLER, Jacques-Alain. Entrevista. In: **Psychologies Magazine**, n°278, out. 2008.

5 PARA LER FREUD, LACAN E MILLER COM AS ANALISTAS MULHERES

Freud sempre esteve rodeado por mulheres, tanto em sua vida pessoal quanto em sua vida profissional. Na vida pessoal, “Freud podia dizer a Fliess que as mulheres nunca substituíram para ele a camaradagem masculina, mas era visivelmente suscetível a elas.”⁴⁷²

No que diz respeito ao campo profissional, algumas importantes mulheres deixaram marcas como parceiras de trabalho. Em especial, Lou Andreas-Salomé, Helene Deutsch, Jeanne Lampl-de Groot, Ruth Mack Brunswick, Marie Bonaparte e sua filha Anna.

Em 1910, quando os membros da Sociedade Psicanalítica de Viena estavam revendo seus estatutos, Isidor Sadger declarou-se contrário à admissão de mulheres, mas Freud discordou com firmeza; iria “considerar uma séria incoerência se excluíssemos as mulheres por princípio”. Mais tarde, ele não hesitou em sugerir que “analistas mulheres”, como Jeanne Lampl-de Groot e Helene Deutsch, podiam escavar mais profundamente do que um analista homem, como ele próprio, os primeiros anos de vida das pacientes, “tão sombrios com a idade, tão indistintos”; afinal, na transferência, elas serviam melhor como mães substitutas do que jamais um homem seria capaz. Freud assim reconhecia que as mulheres, em aspectos importantes da prática analítica, podiam ser mais competentes que os homens. Era um elogio considerável, embora não sem uma certa pontada ferina: uma concessão notável para um homem com fama de inflexíveis preconceitos antifemininos, e também sutil expressão desses mesmos preconceitos. A mulher analista, era o que dizia Freud, se sai melhor desempenhando a tarefa a que foi destinada pela biologia – a de mãe.⁴⁷³

Lacan, em 1980, na aula do “O Seminário, livro 27” afirmou, de forma provocativa, que as mulheres são as melhores analistas, quando não são as piores.⁴⁷⁴ Queria dizer, com isso, que o homem tem mais dificuldade em ocupar o semblante de objeto do que a mulher. Sendo assim, as mulheres conseguiriam manter a posição de analista com mais desenvoltura, a partir do momento em que suportam melhor a posição de objeto na relação transferencial.

Em vários momentos de seu ensino é possível recolher falas provocativas de Lacan convocando as mulheres a falarem sobre suas relações enigmáticas com o gozo. Ele queixava-se de que elas não davam nem um pio sobre o assunto, aumentando ainda mais o mistério da feminilidade. “As representantes do sexo, não importa que volume produza sua voz entre os psicanalistas, não parecem ter dado o melhor de si para a retirada desse laço.”⁴⁷⁵

Miller, por sua vez, acredita que a psicanálise convém às mulheres, na medida em que elas encarnam na cultura os sujeitos que se preocupam com a sexualidade, o amor, o desejo e o gozo. Ele acredita que esses temas psicanalíticos são temas de mulheres. Recentemente,

⁴⁷² GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 456.

⁴⁷³ *Ibid.*, p. 456-457.

⁴⁷⁴ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 27: a dissolução** [1980]. Trabalho inédito.

⁴⁷⁵ LACAN, Jacques. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina [1958a]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 737.

entretanto, enquanto um fenômeno de massa, os homens também começaram a se ocupar desses assuntos. O autor admite que a posição de objeto *a* pode ser ocupada por um homem desde que haja flexibilidade com respeito ao fantasma do outro.⁴⁷⁶

Neste capítulo, ressaltamos as contribuições de algumas analistas mulheres sobre o tema do amor. Buscamos aquelas que nos pareceram demonstrar uma capacidade incomum de estabelecer uma articulação teórico-clínica inédita no campo da psicanálise. Para tanto, dividimos esse capítulo de molde a abordar duas perspectivas: a antiga moral sexual e a nova moral sexual. Na primeira parte, trabalhamos a partir de ideias que são mais centradas na teorização psicanalítica clássica. Posteriormente, alcançamos a discussão que as analistas fazem sobre os novos laços sociais e os sintomas mais contemporâneos.

Iniciaremos nosso capítulo com a pesquisa da psicanalista Tania Coelho dos Santos sobre a emergência dos novos sintomas, destacando que o processo histórico revela que a psicanálise foi uma importante fonte de disseminação dos ideais contemporâneos.

5.1 A VELHA MORAL SEXUAL: Freud explica!

Coelho dos Santos descortina o imaginário do ano de 1956, quando assistimos no Brasil o surgimento da primeira revista feminina. Nela, observa-se o nascimento de uma prática de aconselhamento psicológico. Neste momento inicial, a pesquisadora afirma que a psicologia ainda mantinha a coincidência entre o sexo anatômico e a vida psíquica.

As fantasias, desejos, direitos e deveres, papéis sexuais e sociais de homens e mulheres são fixos e complementares. Ele é inteligente, ambicioso, leal, corajoso, idealista. Ela é religiosa, abnegada, meiga, modesta e sensível. Ele é protetor. Ela é frágil. Está escrito nas estrelas que ele está destinado às realizações profissionais e que será o provedor de sua família. O destino dela é ser esposa e mãe, pois veio ao mundo para ser a rainha do lar.⁴⁷⁷

Esta antiga moral sexual civilizada mantinha a relação entre identidade de gênero e papéis sociais. O ideal dos anos 1950 tinha como base a harmonia e a adequação. Quando foi, portanto, que essa psicologia se tornou arcaica? Coelho dos Santos defende a tese de que as revistas femininas contribuíram para deflagrar a guerra entre os sexos.⁴⁷⁸ Demonstra que a partir de 1963, com a criação da coluna de aconselhamento “A arte de ser mulher” na Revista Cláudia, o direito à infidelidade masculina foi posta em questão.

⁴⁷⁶ MILLER, Jacques-Alain. **Conferencias porteñas**: tomo II Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010b, 105-106.

⁴⁷⁷ COELHO DOS SANTOS, T. **Não existe pecado do lado de baixo do equador?** Cadernos de Psicanálise, Rio de Janeiro. v. 35, p.121-142, 2009, p. 3.

⁴⁷⁸ COELHO DOS SANTOS, T. **Quem precisa de análise hoje?**: o discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

A responsável pela coluna era a psicóloga e psicanalista Carmem da Silva. Graças a sua primorosa, inquietante e questionadora estratégia de aconselhamento, a difusão da psicanálise em revistas femininas no Brasil foi um importante vetor da modernização dos costumes. “Ensejou a luta contra as doenças neuróticas que se alimentavam da infelicidade no casamento. Generalizou a tese de que as mulheres sofriam de frigidez e que entre os homens prosperava a infidelidade conjugal.”⁴⁷⁹

Havia um ambiente racional que favoreceu a cultura psicanalítica. “Difunde-se nesse contexto uma expressão legendária que se tornou sinônimo, na cultura de classe média, da interpretação psicanalítica: ‘Freud explica’.”⁴⁸⁰ A partir da popularização dessa expressão e, conseqüentemente, da disseminação de algumas ideias do fundador da psicanálise, a dimensão do inconsciente ganhou destaque enquanto causa dos sofrimentos psíquicos, ampliando o campo da responsabilidade pessoal.

A seguir, uma passagem em que Carmem da Silva, de forma metafórica, explica o consentimento inconsciente: “em primeiro lugar, sob o ponto de vista psíquico, não há acasos. Freud afirma que ‘só vemos o trem quando ele entra na estação, porém podemos ter certeza de que ele percorreu todo o caminho desde o ponto de partida’.”⁴⁸¹

Além disso, o ideal de saúde mental começou a ser explicitamente vinculado à relação democrática entre os sexos. Para que homens e mulheres pudessem dialogar era saudável que eles fossem semelhantes. A subjetividade da mulher passa, aos poucos, a ganhar contornos de características anteriormente associadas aos homens.⁴⁸²

Na vida cotidiana, as mulheres foram sendo, paulatinamente, convocadas a participar do mercado de trabalho. A maior consequência psíquica dessa transformação pode ser localizada na busca de igualdade de gozo entre os sexos.

Mater dolorosa, esposa traída, mulher bastante hábil na arte de dourar a pílula são algumas das imagens mais comuns entre as representações do feminino, no final da década de 1950 e os primeiros anos da década de 1960. Aos poucos, veremos apagarem-se as marcas que ligavam a realização do destino feminino ao amor abnegado, à dedicação romântica. Sem dúvida, a relativização da obrigatoriedade de ser mãe, bem como a crítica severa às relações do feminino com o sofrimento serão os principais eixos da mudança ao longo da revolução sexual dos anos 1960/1970.⁴⁸³

⁴⁷⁹ COELHO DOS SANTOS, T. **Quem precisa de análise hoje?**: o discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 4.

⁴⁸⁰ *Ibid.*, p. 57.

⁴⁸¹ *Ibid.*, p. 63.

⁴⁸² *Ibid.*, p. 58.

⁴⁸³ *Ibid.*, p. 53-54.

Assistimos ao nascimento do direito universal à norma fálica. O argumento que tomou força foi de que a relação entre homens e mulheres deveria ser igualitária e, com isso, ficou cada vez mais distante a antiga harmonia entre o sexo anatômico e a vida psíquica. Surge uma inédita maneira de pensar a felicidade na relação sexual.

Coelho dos Santos ressalta a destreza de Carmem da Silva, ao adaptar a psicanálise para transformar a subjetividade da mulher. Seu principal objetivo esteve voltado para libertar a mulher de uma tradição moral e religiosa que ela entendia que era opressiva e empobrecedora. Ela acreditava que a psicanálise tinha um compromisso com a mudança do papel social da mulher.⁴⁸⁴

As principais mudanças foram desencadeadas em torno dos papéis sociais e das relações amorosas de homens e mulheres. Os papéis de homem e mulher no casamento também passam a ser transformados a partir do modelo igualitário. Em nome do feminismo, os efeitos opressivos da dupla moral sexual serão duramente combatidos. Em favor do novo ideal, os homens “antigos” passam a ser caracterizados como infiéis. Por outro lado, porém, o parasitismo e a dependência das mulheres serão interpretados como a causa desse traço do caráter masculino.

“Por que enganam os homens?” é o título de um artigo em que, simultaneamente, o homem infiel é qualificado de vaidoso, egoísta, neurótico, e sua contraparte, a esposa traída, é reduzida à figura do parasita. Esse par, marido infiel/esposa parasita, funciona como a referência negativa central dos novos ideais que se inspiram na psicanálise para dar credibilidade às aspirações da modernização social. Eles encarnam valores opostos aos do casal feliz que é aquele regido por um ideal igualitário.⁴⁸⁵

Carmem da Silva propõe que o modelo de casamento feliz está baseado na seguinte estrutura: a mulher que realiza um trabalho extra doméstico e o homem que adotou um comportamento doméstico e sexual igualitário. O ideal de harmonia e adequação dos anos 1950 foi sendo substituído por um ideal de autenticidade. A passagem abaixo, extraída da coluna de Carmem da Silva, revela o novo ideal:

Quando um homem e uma mulher se unem, o que eles têm em vista é [...] viverem felizes juntos. Viverem em harmonia, desfrutando ao máximo da presença do outro [...]. Cada um deles aspira a encontrar no companheiro a possibilidade de [...] construir uma sólida unidade afetiva. É este – e não pode ser outro – o ponto de partida para a união entre os sexos, para o vínculo entre homem e mulher. Todos os outros elementos que às vezes entram no jogo – conveniência, fatores sociais [...] – são espúrios e constituem uma pedra no caminho da felicidade [...] Esta felicidade só

⁴⁸⁴ COELHO DOS SANTOS, T. **Quem precisa de análise hoje?**: o discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 68.

⁴⁸⁵ Ibid., p. 75.

é possível se há entre eles um nexos mais profundo do que a simples proximidade física [...]. Só uma comunicação autêntica, profunda, sem disfarces, merece o nome de amor; tudo mais é compromisso, conveniência, imitação. Os sentimentos constituem uma ineludível (*sic*) realidade subjetiva; negá-los ou tangenciá-los é o melhor caminho para transformar a relação afetiva numa casca vazia. [...] Os ressentimentos calados [...] se acumulam e, como toxinas, envenenam a mente e o corpo. Quantos sintomas físicos não são mais do que outros tantos protestos de amor ofendido, orgulho ferido, de reconvenções silenciadas? ⁴⁸⁶

A nova arte de ser mulher defendia uma demanda de conhecimento de si mesma e do comportamento inconsciente. A mulher hábil que se sacrificava em favor do homem nos anos 1950 cede seu espaço para a nova mulher dos anos 1960. A moral religiosa, portanto, é substituída pela mentalidade científica. Carmem da Silva tinha a receita para um casamento feliz:

Antes de casar eles farão os cálculos [...]. E a coluna da receita incluirá dois salários: o dele e o dela. Porque de outro modo teriam que prescindir da empregada e ela acha, com razão, que é muito agradável exibir de vez em quando suas habilidades domésticas: mas fechar-se entre quatro paredes apoquentando-se com limpeza e comida [...], arcar com obrigações ingratas [...] é um sacrifício que só se justifica quando não tem remédio [...]. Ao mesmo tempo dará um objetivo a sua vida, uma finalidade em si [...]. Se seu marido trabalha e ela não, hão de viver os dois em planos diferentes da realidade e isso pode criar entre ambos um abismo de surda desinteligência [...]. A moça de hoje não pretende ter caprichinhos e exigir do marido mais do que ele razoavelmente possa dar, em tempo, dinheiro ou demonstrações de afeto [...]. Sintetizando: a jovem de hoje recusa o papel de bonequinha de luxo: sabe muito bem que sua avó pagou por essas vantagens fictícias [...]. Por fim, ela não ignora que vive numa época de incerteza e transição, na qual o único patrimônio verdadeiramente seguro é a força de trabalho. ⁴⁸⁷

Coelho dos Santos mostra que a psicanálise foi tomada como um saber modernizador cujo axioma histórico e monótono foi: “é proibido proibir!”, conforme iremos melhor desenvolver no próximo item. Assim, as leis serão acolhidas como fontes de coerção externa abusiva e que não comportam a igualdade e a liberdade do eu individual. Entretanto, entendemos que “essa é a matriz da angústia mais moderna: nunca se é suficientemente reconhecido como igual e nunca a própria liberdade está suficientemente garantida.” ⁴⁸⁸

Em outras palavras, surge um novo ideal de individualismo, a partir das ações de enfrentamento da tradição, que desembocaram no fenômeno social generalizado de reivindicação do “direito de ser pura exceção, pura diferença, ímpar, sem igual.” ⁴⁸⁹ A nova mulher, liberada do peso da tradição, passou a queixar-se de novos sintomas e a requerer

⁴⁸⁶ COELHO DOS SANTOS, T. **Quem precisa de análise hoje?:** o discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 89.

⁴⁸⁷ Ibid., p. 97.

⁴⁸⁸ Ibid., p. 101.

⁴⁸⁹ Ibid., p. 103.

aconselhamento psicológico para seus novos sofrimentos: a autodesvalorização, a angústia, a indecisão, a solidão, a depressão, a insegurança, os medos, as vergonhas e os sentimentos autodepreciativos.

Contudo, Coelho dos Santos ressalta que depois dos anos 1980 ficou evidente que a cultura psicanalítica fracassou em seus ideais. Em lugar da mera exigência de autenticidade surgiu um ideal impossível de realizar: “seja você mesma”. Não há mais a receita de felicidade e harmonia. Não surgiram novos padrões. Cada um deve conjugar, a seu modo, comportamentos antigos e modernos. Não existe mais o certo e o errado. Isto não significa que os velhos padrões de comportamento – inspirados na dupla moral sexual - retornaram à cena, nem mesmo significa apostar que houve um retrocesso nas conquistas revolucionárias do feminismo. Então, a que se deve o fracasso?

A principal razão para evitar tais reduções ampara-se no argumento freudiano de que a sexualidade é sempre conflitiva, o que conspira contra quaisquer ideais de adequação e harmonia no laço social. Por conseguinte, a diferença sexual é uma estrutura inconsciente e não uma imposição, uma invenção, uma norma social ou cultural, donde a diferença não pode ser abolida, o que restringe a pretensão de igualdade entre os sexos.⁴⁹⁰

5.1.1 Maio de 1968

Escolhemos essas três frases emblemáticas do movimento de maio de 1968 para ilustrar as ideias que circulavam através dos estudantes em cartazes, pichações, faixas e paredes das universidades: “é proibido proibir”; “sejam realistas, exijam o impossível!”; “quanto mais amor faço, mais vontade tenho de fazer a revolução. Quanto mais revolução faço, maior vontade tenho de fazer amor”.

Em maio de 1968, ocorreram manifestações estudantis na França que, por sua vez, ocasionaram sucessivos movimentos em países europeus e das Américas. Entretanto, no Brasil, as manifestações tiveram maior cunho político, uma vez que o país vivenciava o período de ditadura militar, que foi de 1964 a 1989. Os movimentos brasileiros cobravam respostas aos problemas estudantis, mas demonstravam ainda o descontentamento com o governo militar. Foram movimentos históricos que tiveram como consequências grandes transformações políticas, culturais e sociais. A partir de nossa perspectiva, ressaltamos a transformação dos semblantes nas relações entre os sexos.

A luta pela igualdade entre os sexos ensejou uma articulação inédita entre o conceito freudiano de recalque e a revolta dos estudantes contra a autoridade repressiva dos

⁴⁹⁰ COELHO DOS SANTOS, T. **Quem precisa de análise hoje?**: o discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 106-107.

mais velhos sobre os mais jovens. O saldo desse amálgama confuso entre coisas diferentes é a dificuldade que se percebe hoje em dia de distinguir a dimensão estrutural do recalque, que é constitutiva do psiquismo e que advém da diferença sexual e geracional, e a repressão social cuja fonte é o excesso autoritário e opressivo em consequência do abuso ou da ilegitimidade do exercício do poder.⁴⁹¹

O novo imperativo - é proibido proibir! - nos confronta com a oscilação dos semblantes e, conseqüentemente, com o aumento do mal-estar na vida amorosa. A abundância dos laços sociais não foi capaz de tornar os encontros mais possíveis. Assistimos as “novas mulheres” – bonitas, inteligentes e independentes – se queixarem cada vez mais de solidão. Por outro lado, os homens também esperam o impossível de suas parceiras – lindas, “saradas”, brilhantes, profissionalmente bem-sucedidas – e ficam sós...

A crise dos semblantes tradicionais, ligados aos significantes homem e mulher e às conseqüências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos, provocou transformações profundas no campo da subjetividade. Entre os efeitos dessa crise, podemos elencar o crescimento de novos sintomas entre as mulheres – a autodesvalorização, a angústia, a indecisão, a solidão, a depressão, a insegurança, os medos, as vergonhas e os sentimentos autodepreciativos – que manifestam a devastação psíquica feminina que a queda dos semblantes tradicionais desvelou. Entre os homens, percebe-se o crescimento desmesurado daqueles que se declaram *gays*. Mas não trataremos disso aqui.

Esthela Solano Suárez e Marie-Helène Brousse desenvolveram o tema da devastação feminina a partir de uma dimensão mais clássica da teoria psicanalítica e trouxeram contribuições importantes sobre o tema da devastação e o caráter feminino.

5.1.2 Quanto você vale para sua mãe?: a maior paixão da mulher

Esthela Solano Suárez estudou as clássicas paixões femininas. Ela trabalhou em volta dessas paixões essenciais para abordar a feminilidade. Assim, recolhemos de sua pesquisa os cinco principais vícios femininos, que serão apresentados e desenvolvidos a seguir: a reivindicação do falo; o amor; a dor da feminilidade; a Outra mulher; o discurso amoroso (a carta de amor) e a devastação.

Ela ressalta que a tese freudiana sobre a diferença entre os sexos comporta a ideia central de que a posição sexuada emerge da relação do sujeito com a castração. As paixões fundamentais da mulher, na perspectiva de Freud, estão organizadas a partir da reivindicação

⁴⁹¹ COELHO DOS SANTOS, T. 1968: a vacilação generalizada dos papeis sociais. In: SOUBBOTINIK, Olga Maria de Souza; SOUBBOTINIK, Michael (Org.). **Enlaces, psicanálise e conexões**. Vitória: Programa de Pós-graduação em Letras e História da UFES, 2008d, v. 1, p. 313.

do falo. “Neste sentido, podemos declinar as paixões femininas em Freud, centradas ao redor da reivindicação fálica e dando lugar a uma reivindicação permanente dirigida à mãe sob a forma do ódio, uma reivindicação dirigida ao pai, ou bem uma reivindicação dirigida aos homens.”⁴⁹²

Todavia, ela afirma que a lógica freudiana situa a sexualidade feminina na impotência fálica. O impasse freudiano, para ela, consistiu em promover uma confusão entre a feminilidade e a histeria. Com isso, o desejo feminino continuou sendo um enigma. Certamente, as mulheres expressam sua paixão fálica. “No entanto, elas também testemunham que a relação com o falo não é a única coisa que lhes interessa. Quando falam, elas testemunham a importância fundamental do amor para elas.”⁴⁹³ Essa é a paixão fundamental da mulher, na medida em que o amor é sua condição de gozo. Revela ainda que foi Lacan quem desvendou essa manobra essencial da mulher: sua paixão pelo amor. Graças a essa estratégia, elas se oferecem como objeto do fantasma do homem para receberem em troca o amor dele.

Em sua abordagem, a problemática da feminilidade gira em torno da existência ou não de uma substância feminina. A existência de “A mulher” é algo que Lacan caracterizou como impossível. O ser da mulher não é dizível, não é nomeável, não cessa de não se escrever, como já havíamos desenvolvido no capítulo anterior. Logo, outra paixão fundamentalmente feminina decorre desta condição: a dor da feminilidade. A maneira que elas encontram de apagar essa dor é demandando de suas próprias mães que lhe restituam essa substância feminina. Acredita que:

[...] podemos conceber a força, a imensidão, a enormidade do que uma mulher espera de sua mãe. Trata-se de algo que ela, seguramente, não lhe pode dar, uma vez que a mãe não lhe pode dar nem a existência enquanto mulher, nem o ser de mulher e, tampouco, a substância feminina. Não lhe dá e não é porque não quer, mas porque é algo da ordem do impossível.⁴⁹⁴

A autora aponta para uma falta de medida na relação de demanda da mulher com a sua mãe. A demanda ilimitada pode ser recolhida nas análises de mulheres repetitivamente. Essa dinâmica feminina inaugura mais uma paixão das mulheres: a Outra mulher. Elas pensam que há a Outra mulher que possui o saber sobre a verdadeira feminilidade. Ela saberia como é ser

⁴⁹² SUÁREZ, Esthela Solano. As mulheres e suas paixões. In: **aSEPHallus**, n. 3. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, 2006. Disponível em <www.isepol.com/asephallus/numero_03/artigo_01port_edicao03.htm>. Acesso em: 12 out. 2014.

⁴⁹³ Ibid.

⁴⁹⁴ Ibid.

uma mulher de verdade, portanto. Contudo, isso se revela impossível e justifica ainda mais uma paixão essencialmente feminina: o discurso amoroso.

A demanda de amor feminina é uma demanda de signos e de palavras que possam distinguir para a mulher um ser feminino. Ela espera do Outro o seu ser feminino e daí provém o mal entendido da feminilidade e também o seu mal-estar. Ela se sente mal porque, contrariamente aos homens, não dispõe de um aparato significativo para poder universalizar, eu diria, seu acento ontológico. Ela é outra para si mesma. É em relação a esta alteridade com respeito a si mesma que às vezes ela gostaria de poder se acalmar por meio dos signos de amor dos quais ela espera uma certa consistência de seu ser.⁴⁹⁵

Nem a mãe, nem o homem podem garantir com sucesso a satisfação da demanda ilimitada da mulher. Essa falta de limite retorna para ela como devastação. A mulher padece do real. Não há um saber da feminilidade que possa ser transmitido satisfatoriamente da mãe para a filha. “O que a mãe pode fazer é somente mostrar à sua filha, com seu exemplo, com sua forma de fazer, de dizer, sua forma única, sua maneira absolutamente singular, o modo através da qual ela encontrou sua solução, tal como cada mulher deve encontrar.”⁴⁹⁶

Suárez propõe que a análise deve ser orientada para que a mulher se desfaça dessa ilusão em relação à mãe. O que a mãe consegue transmitir são somente os signos de sua posição feminina. Em geral, as filhas interpretam muito mal suas mães. Normalmente, veem a realidade pelo avesso. Esse erro de julgamento é responsável ainda pelo efeito de devastação. No entanto, esta analista aponta para uma direção de tratamento da devastação feminina:

A saída da devastação para uma mulher, paixão maior feminina, é possível de ser feita em uma análise. A saída da devastação permite à mulher poder cingir o nó do enredo com a mãe para poder conceber que o enredo da mãe não era outra coisa senão o modo pelo qual a própria mãe pôde responder ao real em jogo na posição feminina. Assim, uma mulher poderá cingir o ponto em que ela se enredou, o que lhe permitirá, por conseguinte, cingir como ela pode se desenredar-se para corrigir a versão materna ou para contrariá-la, mas erigindo sua própria versão.⁴⁹⁷

Sobre isso desenvolve ainda uma hipótese bastante interessante do ponto de vista clínico. Para ela, quando a menina tenta aceder a uma versão diferente do enredo proposto pela mãe, ao invés de corrigi-lo, ela produz uma versão feminina ainda mais grave.

Partindo de Freud e de Lacan, esta analista propõe que, na medida em que não há um saber pronto sobre o gozo feminino, a mulher precisa “saber fazer” com a sua feminilidade.

⁴⁹⁵ SUÁREZ, Esthela Solano. As mulheres e suas paixões. In: **aSEPHallus**, n. 3. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, 2006. Disponível em <www.isepol.com/asephallus/numero_03/artigo_01port_edicao03.htm>. Acesso em: 12 out. 2014.

⁴⁹⁶ Ibid.

⁴⁹⁷ Ibid.

Por isso, ela afirma que “as mulheres são artesãs de sua feminilidade.”⁴⁹⁸ Ao final da análise, uma mulher deve vislumbrar um certo “saber fazer” com os semblantes para cobrir a aflição feminina frente ao real, donde se deduz a seguinte orientação psicanalítica:

Para que uma mulher aceda à possibilidade de saber fazer com o real da feminilidade é preciso que ela se separe das repreensões dolorosas e reivindicativas com respeito à sua mãe. Isso quer dizer que quando sua paixão pela devastação cessa, talvez aí ela possa usar seu modo singular de saber fazer com o real da feminilidade.⁴⁹⁹

A devastação materna é a maior paixão da mulher. Por conseguinte, esse vício feminino é uma dificuldade no caminho da análise das mulheres. Evocaremos agora as ideias sobre a devastação materna de outra analista, Marie-Hel ne Brousse, para avançar na exposição deste tema. De acordo com Brousse, a devastação mãe-filha é um elemento estrutural, na medida em que se repete nos tratamentos analíticos das mulheres. Ela situa a devastação, com Freud, enquanto uma das consequências do *Penisneid*: a inveja do pênis. Assim, a devastação tem relação com o destino do falo na menina.

Depois de Freud, Brousse acredita que Lacan retoma a temática da devastação no “O Seminário, livro 5”. Haveria uma reformulação da questão da relação primordial entre mãe e filha: “tornar-se ou não o ser desejado, este é um dos aspectos do que está em jogo. O sujeito busca saber o que orienta o desejo da mãe e a calcular seu lugar ali.”⁵⁰⁰

Desta introdução ao tema, ela deriva algumas hipóteses. A primeira delas é a seguinte: a devastação emerge da maneira particular através da qual a linguagem nasceu no sujeito. A devastação surgiria de uma falha que afetou a fala. Ela está nas raízes da marcação simbólica. Tem relação com os acontecimentos primordiais da infância da menina. Entendemos que é uma apreensão que pode ser feita a partir do lugar do objeto que ela foi para o Outro. A analista destaca uma afirmação derivada da observação da experiência psicanalítica:

[...] Descobrimos efetivamente que, qualquer que seja a estrutura do sujeito feminino, quaisquer que tenham sido as contingências da história do sujeito, qualquer que tenha sido o sintoma, uma variante se destacava. O x do desejo materno assumia sempre, num determinado momento da análise, o valor da morte. O

⁴⁹⁸ SUÁREZ, Esthela Solano. As mulheres e suas paixões. In: **aSEPHallus**, n. 3. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, 2006. Disponível em <www.isepol.com/asephallus/numero_03/artigo_01port_edicao03.htm>. Acesso em: 12 out. 2014.

⁴⁹⁹ Ibid.

⁵⁰⁰ BROUSSE, Marie-H l ne. Uma dificuldade na análise de mulheres: a devastação da relação com a mãe. In: MILLER, J. (Org). **Ornicar?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p.60.

significado para o sujeito era o filho cuja morte se desejara. Esse dado clínico vem esclarecer o termo “devastação”.⁵⁰¹

Em seguida, Brousse deduz outra tese: a devastação tem relação com o arrebatamento. Ela entende que, para Lacan, arrebatam-se duas vertentes: a de tomar a função fálica do homem e a de encantamento ou êxtase. Ambas se ligam ao corpo. Portanto, o arrebatamento tem relação com o ter e o ser. Em seus termos:

A mãe verifica-se uma arrebatadora de corpos. Ela o é por estrutura, poderíamos dizer, já que fala. Mas é também uma arrebatadora de filho, em razão mesmo dos cuidados que lhe presta. Ser arrebatada é ser descompletada de seu corpo, com o efeito de gozo que acompanha a deslocalização.⁵⁰²

O arrebatamento é uma forma de perda corporal não simbolizável pelo significante fálico. Seria uma espécie de não-inscrição no desejo do Outro. Um não-lugar no Outro. A consequência mais comum desta não-inscrição para uma mulher é a de impedi-la de entrar no circuito das trocas. A devastação é um obstáculo ao consentimento feminino de colocar o próprio corpo no circuito das trocas simbólicas da vida amorosa. Esse impasse, tal como ela o verifica, pode ser observado na relação com o homem e na maternidade. Entendemos que a mulher não se empresta ao homem, nem se presta ao filho. De acordo com a analista, “[...] a devastação é consequência do arrebatamento e mobiliza o insaciável do amor em lugar do desejo.”⁵⁰³

A terceira hipótese consistirá em afirmar que a devastação é um modo de acesso sem esperança à relação sexual. A devastação feminina implica no arrebatamento do corpo da mulher pelo parceiro através do contraste de sentimentos entre o amor e o ódio – “amoródio”. “Um homem, devastação para uma mulher, é aquele que reaviva o sem-limite do gozo feminino não saturado pela função fálica. Não há limite, diz Lacan, para as concessões que cada uma faz a um homem.”⁵⁰⁴

Por fim, retomamos as três teses de Brousse para pensar o final de análise a partir da perspectiva da analista:

1. A devastação emerge da maneira particular através da qual a linguagem nasceu no sujeito;
2. A devastação está presa ao arrebatamento;

⁵⁰¹ BROUSSE, Marie-Hélène. Uma dificuldade na análise de mulheres: a devastação da relação com a mãe. In: MILLER, J. (Org). **Ornicar?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 63.

⁵⁰² Ibid., p. 65.

⁵⁰³ Ibid., p. 66.

⁵⁰⁴ Ibid., p. 67.

3. A devastação é um modo de acesso sem esperança à relação sexual.

Ela estabelece que a devastação deva ser analisada por uma face fálica e outra, não-toda fálica. Na vertente fálica, encontramos a reivindicação relacionada com o desejo da mãe. Na outra, temos um corpo que é arrebatado pela dificuldade de simbolizar o corpo feminino. Em outras palavras, as teses de Brousse revelam que a devastação surge em relação com o Outro primordial e deriva de um modo particular de emergência da linguagem. Para a mulher, a devastação implica no arrebatamento, na medida em que não há o significante da mulher.

Entre seus desenvolvimentos teórico-clínicos, ressaltamos a tese que mais nos interessa: a de que a devastação surge quando os semblantes vacilam e fracassam. Os efeitos da devastação precisam ser tratados em uma análise. Nela, “o semblante é desnudado, o que dá finalmente ao sujeito uma chance de inventar para si um nome que ele não tem para delimitar a zona de real nos confins da fala.”⁵⁰⁵

Uma menina precisa nomear, conforme podemos deduzir, o objeto que ela representou para sua mãe. É preciso responder à pergunta: quanto valho para minha mãe? Esse é certamente o cálculo que mais interessa a uma mulher. Não é ela, entretanto, quem o faz. Cabe ao parceiro deduzir este valor, estabelecendo com base nele, a forma da parceria amorosa. Essa relação primitiva com a mãe tende a se repetir. E foi justamente por esta razão que Freud concluiu que muitas vezes o primeiro casamento fracassa. Mais além de fazer este cálculo, é preciso “saber fazer” com o objeto pulsional que está em jogo.

Na experiência clínica verificamos que a menina pode identificar-se ou não com sua mãe. Frequentemente, recolhemos as falas de mulheres que se dizem parecidas ou diferentes da mãe. Nesses casos, podemos destacar que a menina faz uma fantasia, que muitas vezes é equivocada, sobre a mulher que sua mãe é. Há uma pergunta: com o quê ela goza? Porém, atrás desse discurso comum e enganador, devemos exaltar a seguinte dimensão: sua mãe colocou você em que lugar na vida dela? Quanto você vale para sua mãe? Essa é a parte que repercute silenciosamente na vida psíquica de uma mulher. Em função disso, ressaltamos que o valor que a filha teve para a mãe está para além da identificação com a mãe e com o destino desta. É desse modo que devemos escutar o discurso de uma mulher no percurso analítico.

Para ilustrar essa temática na experiência psicanalítica, trazemos alguns elementos de um caso clínico.⁵⁰⁶ Trata-se de uma mulher de 40 anos que demanda análise no momento em que engravida de um homem que ela considera rude e com o qual não sente nenhuma

⁵⁰⁵ BROUSSE, Marie-Hélène. Uma dificuldade na análise de mulheres: a devastação da relação com a mãe. In: MILLER, J. (Org). **Ornicar?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004, p. 67.

⁵⁰⁶ COELHO DOS SANTOS, T. O real em cacos: os objetos *a* na experiência analítica. **Revista de Psicologia Plural**, v. XVI, p. 121-133, 2007.

afinidade. Por não gostar dele, ela se envolve com um colega de trabalho. A analista se espanta: “grávida de um, namorando o outro?”. Ela revela ainda que o namorado era casado e que, por isso, não deu certo. Então, ela fica com o pai da sua filha. A analista estranha que não haja nela o menor pudor quanto a nada disso. Depois do nascimento da menina, o casal se separa. Ela já havia sido casada quando era muito jovem.

A analisanda tem uma interpretação própria de sua fantasia sobre a vida amorosa. Conta que, por volta dos cinco anos, estava de mãos dadas com seu pai e o olhava com muita admiração. Percebe que a mãe a olha enciumada e, com uma voz áspera, briga com o pai por ele não perceber a malícia precoce da menina. Então, dessa fantasia surgem três elementos:

1. a rivalidade das duas mulheres pelo objeto fálico e idealizado X a cegueira do pai no campo do olhar;
2. a voz enciumada e áspera da mãe X o silêncio entre a menina e o pai;
3. a suposta malícia da menina X sua infinita presunção de inocência.

A intervenção da analista incide sobre esse último elemento:

Avalio que ela corre perigo. Sua vida está em cacos. Apresso-me em conter seu empuxo feminino à devastação. Interrogo sua posição subjetiva de vítima nas armações ilimitadas de seu destino. Eu lhe pergunto: “Nesta cena, então, é do seu desejo que se trata?”. Ela me responde: *Como assim? Eu era apenas uma criança.* Insisto: “Uma criança não é sujeito de desejo?”. Ela falta às sessões e decide interromper a análise.⁵⁰⁷

Todavia, três anos mais tarde, ela retorna e faz um novo pedido de análise. Conta que havia voltado para sua cidade natal e que retornara para o Rio de Janeiro recentemente. Dessa vez, queixava-se de desânimo, das decepções com os desencontros amorosos, dos atrasos no trabalho e de gastar muito dinheiro. Ela também falta muito às sessões. Ela falta, a analista liga, elas remarcam a sessão e ela falta novamente. Nas palavras da analista: “Certa vez, depois de uma rodada desse tipo, eu lhe digo, num tom sem esperança: “Ah, foi muito difícil encaixar você nesse outro horário e você faltou novamente!” Ao que ela responde imediatamente: *Então, você se cansou de mim e vai desistir.* Eu não hesito em lhe dizer: “De fato, sustentar sua análise é trabalhoso e cansativo. Venha!”⁵⁰⁸

A analista percebe uma manobra hábil da analisanda para que ela a deixasse cair como um caco. Surge a relação com a mãe. Esta era uma mulher bonita e casada com um homem bem-sucedido e requisitado. Vestia-se muito bem e a filha a invejava. Era muito crítica com a

⁵⁰⁷ COELHO DOS SANTOS, T. O real em cacos: os objetos *a* na experiência analítica. **Revista de Psicologia Plural**, v. XVI, p. 121-133, 2007, p. 126.

⁵⁰⁸ *Ibid.*, p. 127, grifo do autor.

filha e parecia esperar dela sempre o impossível. Fazia várias restrições bem intencionadas à filha. Justificava que queria ensiná-la a se comportar. Para a filha, a voz da mãe era um objeto onipresente.

A analisanda se auto-observa e apaga-se como sujeito diante do objeto. O que resta é sempre uma voz que diz para si mesma: “Você não faz nada certo, é por isso que nenhum homem vai querer você...”. Nesse momento, a analista intervém da seguinte forma: “Essa fala não é sua, essa voz é de sua mãe”. Responde, surpresa: *Como isso é possível? Nós não nos falamos quase nunca!* O fracasso em separar-se do Outro materno a impele a repetir um mesmo circuito auto-erótico: instituir um Outro, evitá-lo e se fazer expulsar.”⁵⁰⁹

A extração desse objeto voz faz com que ela se questione sobre o primeiro casamento. Conta que tinha 21 anos e que o marido era bonito, inteligente e de boa família. Eles se amavam e eram felizes. No entanto, ela conheceu outro homem com o qual teve um envolvimento. Após um descuido dela, o marido descobriu o caso. Ela deixou na gaveta do seu quarto um bilhete de amor do amante. Ele quis a separação e ela aceitou, pois acreditava que não o amava mais. A analista intervém no campo do olhar e pergunta por que ela se puniu tão seriamente através desse deslize:

Observo que na cena da fantasia da infância ela não se vê como desejante. É sua mãe quem diz que ela é uma criança maliciosa. Ao trair o marido com outro rapaz, ela arranja os acontecimentos para ser flagrada e, novamente, sai de cena mais uma vez como a menina mal falada, marcada como aquela que não presta. Ela foi a vítima de um olhar materno que a difama na primeira cena, e permaneceu ignorando a parte que lhe cabia nesse enredo até o desfecho do primeiro ciclo de sua análise. Observe-se que sua reivindicação fálica, não subjetivada, deu lugar a uma personalidade “criminoso por um sentimento de culpa” na vida adulta. O impossível apagamento de sua condição de sujeito desejante, sob a voz imperativa de sua mãe que a designa como culpada, a impele no sentido de uma multiplicidade de atuações transgressivas com a finalidade de punir-se, para lavar essa mancha que não para de pulsar.⁵¹⁰

A analista entende que será preciso uma separação da analisanda da condição de objeto falado pela voz de sua mãe. Só assim ela pode assumir a condição de ser falante. A paciente recorda que seu pai tinha uma amante, que trabalhava demais e deixava a mãe sozinha. Sabia que o casamento de seus pais não era perfeito. Essa é uma parte de uma separação possível entre o desejo do campo escópico do objeto fálico, invejado e impossível.

Em um dos encontros com os pais, ocorre uma discussão da analisanda com sua mãe e o pai defende a própria mulher na ocasião. A paciente decide romper com a mãe. Para a

⁵⁰⁹ COELHO DOS SANTOS, T. O real em cacos: os objetos *a* na experiência analítica. **Revista de Psicologia Plural**, v. XVI, p. 121-133, 2007, p. 127.

⁵¹⁰ *Ibid.*, p. 128.

analista, esse ato permite que a filha nomeie o real em jogo entre ela e sua mãe: *“Ela é louca! Por que meu pai não faz nada? Por que ele não a leva ao médico? Ela precisa de análise.”*⁵¹¹

Diante disso, a analista pergunta: “O que é que te faz pensar que seu pai tem condições de lidar com sua mãe?”⁵¹² Com isso, ela acredita que a paciente possa ganhar certa liberdade da voz louca da mãe que a parasitava. Já que o próprio pai não dá conta de sua mulher, por que a filha teria que fazer isso?

Esse desfecho indica muito bem que mais além do enredo edipiano e da reivindicação fálica reina, soberano o continente negro da feminilidade. O olhar e a voz revelam ser mais primitivos que o seio, o cíbalo e o falo. Em sua relação ao insondável desejo de sua mãe, essa mulher conformou sua subjetividade a uma concha, que reverbera em eco, infinitamente, o grito silencioso da angústia de sua mãe.⁵¹³

Para a analista, ela operou a partir da lógica do analista como parceiro-sinthoma. No primeiro momento de sua análise, a paciente apresenta a fantasia e a analista aponta que ela também desejava. Depois, em seu retorno após três anos, a contratransferência da analista não a deixa abrir mão de seu desejo, apesar da resistência da analisanda. O circuito se fecha, então: todo mundo deseja, eu também! Para a analista: “o desejo do Outro está em jogo quando intervenho suprimindo a carência do Nome do Pai e reforçando sua função de interdição. Eu a separo da voz na consciência, resto de sua indiferenciação ao desejo de sua mãe: “Essa voz não é sua!”⁵¹⁴

Além disso, a analista acredita que a extração do objeto como causa do desejo do campo do olhar permite que a analisanda se separe da imagem do marido perfeito que ela deixou escapar e da imagem mortificante da menina maliciosa. “Nesse momento, trata-se de subtrair o excesso do supereu dizendo: Ninguém é perfeito!”⁵¹⁵ Para concluir, frente a descoberta – “minha mãe é louca! Por que meu pai não leva ela ao médico?” – a analista afirma:

O circuito se fecha quando eu lhe digo que talvez ele não dê conta de regular sua mãe. Por que ela, filha, deveria fazê-lo, então? A conclusão é óbvia. As fixações nos objetos no campo da voz e do olhar constituíram o recurso que ela teve para suprir o que faltaria à sua mãe. Mais uma vez a psicanálise triunfa em provar que a reivindicação amorosa da menina ao pai oculta o laço inesquecível com a mãe. Mais uma vez, foi possível verificar por que um homem é, para uma mulher, pior que um

⁵¹¹ COELHO DOS SANTOS, T. O real em cacos: os objetos *a* na experiência analítica. **Revista de Psicologia Plural**, v. XVI, p. 121-133, 2007, p. 129, grifo do autor.

⁵¹² *Ibid.*, p. 129.

⁵¹³ *Ibid.*, p. 129.

⁵¹⁴ *Ibid.*, p. 130.

⁵¹⁵ *Ibid.*, p. 130.

sintoma: uma aflição. Por que o verdadeiro parceiro-sintoma na vida de muitas mulheres é o desejo da mãe.⁵¹⁶

Nosso próximo passo é com a contribuição de Dominique Laurent. Acreditamos que ela transmitiu considerações teóricas inéditas sobre a vida psíquica das mulheres, a partir de seu relato de passe, em 2000. Propomos extrair de seu passe essas contribuições. Precisamente, sua teorização sobre os destinos da sexualização feminina.

5.1.3 Uma Dora contemporânea

De acordo com Laurent, o verdadeiro caso clínico é aquele escrito a partir da própria experiência do analista, pois este consegue extrair os efeitos de sua experiência analítica. Segundo a analista, no início do tratamento, o Outro está no comando central. Por isso, o objetivo do trabalho psicanalítico consiste em conduzir o analisante para a inexistência do Outro. Em outras palavras, para além da trama edípica.

Além disso, Laurent propõe que o neurótico possa separar o registro do significante mestre (S1) e do registro simbólico das ocorrências que dizem respeito ao real do gozo. “É preciso também poder aperceber-se da dimensão de ficção que todo agenciamento significativo implica ou, mais precisamente, perceber a dimensão de semblante na circunscrição do real.”

517

O passe é a logificação do tratamento. “É o tempo da demonstração, não sem riscos, de um saber sobre o gozo aparelhado dos significantes mais íntimos.”⁵¹⁸ O que se espera é uma objetividade no que diz respeito ao resultado.

Nesse caso, o resultado esteve relacionado com sentimentos que se contradiziam. Laurent relata a alegria e o entusiasmo de transmitir seu inédito saber. Por outro lado, surge a angústia frente ao dever com a relação clínica, epistêmica e política na comunidade de analistas. Da mesma forma que fizemos anteriormente, com o caso de Dora, no capítulo 2, pretendemos esquematizar o relato de caso de Laurent.

DURAÇÃO DO TRATAMENTO: A primeira análise durou 14 anos e a segunda análise foi de 4 anos.

ROMANCE FAMILIAR: Vejamos, nesse momento, a configuração da família de Dominique Laurent.

⁵¹⁶ COELHO DOS SANTOS, T. O real em cacos: os objetos *a* na experiência analítica. **Revista de Psicologia Plural**, v. XVI, p. 121-133, 2007, p. 126.

⁵¹⁷ LAURENT, Dominique. Desidentificação de uma mulher. **Opção lacaniana**, n. 29, dez. 2000, p. 38.

⁵¹⁸ *Ibid.*, p. 38.

1 – Pai: Ela acredita que o pai ocupava uma posição central em sua vida. Ele era um grande inválido de guerra com sequelas ortopédicas. Era, para ela, um herói que teve sua força destruída na guerra. Por isso, ela sacrificou anos de sua infância e adolescência nos cuidados com o pai.

2 – Mãe: Depressiva, declarava incessantemente que tinha ideias suicidas. A infância da mãe havia sido de abandono e de luto e isso provocava a compaixão de Laurent.

3 – Irmão: mais velho que ela e doente.

NEUROSE INFANTIL: Desde muito cedo, “salvar” é seu signo de amor. Por isso, ainda menina, decide que seria médica. Nada mais poderia ser. Queria ser médica dos mais necessitados. Essa decisão precoce de ser médica se relaciona com a percepção de que ela era a “esperança fálica” de seus pais. Isso porque, como apresentamos acima, seu irmão era doente. Em sua própria definição:

O triunfo fálico da menina produz-se, de saída, sobre um fundo de dor insuportável. A falicização fez dela, por muito tempo, um ser andrógino em sua postura, medianamente anoréxica, embaraçada por um corpo que não convinha. A tristeza e a preocupação constituíam com frequência o seu quinhão, mas eram subvertidas por uma atividade incessante.⁵¹⁹

MOTIVO QUE ORIGINOU O TRATAMENTO: Laurent relata que sabia que não podia esperar da medicina a cura para seu tormento. Por isso, procura por uma analista mulher e que não poderia ser, assim como ela, médica. Escolhe uma analista com o mesmo nome de sua mãe. Ela aponta que tal escolha já denotava a importância do Outro materno no tratamento. Sua demanda inicial é: “quero salvar meu casamento”. Esta busca tem estreita relação com os devaneios que ela produz com outro homem. Ela se interroga sobre suas condições de escolha do objeto. O marido foi escolhido a partir da profissão em comum. O parceiro da vida amorosa era médico também.

No momento em que procura pela primeira análise, ela está decepcionada com o marido, pois este apresentava uma tensão com a aproximação do nascimento do primeiro filho do casal. A posição paterna do parceiro é oposta ao do homem de seus pensamentos. Este, por sua vez, já é pai e, para ela, um bom pai. Ela passa a questionar o casamento. Sua definição é a seguinte: “[...] é a tensão da função paterna mobilizada pela chegada do primeiro filho que embaralha, de repente, as cartas do jogo de uma relação há muito tempo estabelecida.”⁵²⁰

AS INTERPRETAÇÕES DE DOMINIQUE LAURENT SOBRE SEU PRÓPRIO CASO:

⁵¹⁹ LAURENT, Dominique. Desidentificação de uma mulher. **Opção lacaniana**, n. 29, dez. 2000, p. 38.

⁵²⁰ Ibid., p. 39.

1 – PRIMEIRO TEMPO: DO PAI E SEU IDEAL: Laurent acredita que a via paterna e a via materna têm inteira relação com a sua escolha pela profissão. Entendemos, a partir de sua escrita, que a precariedade da saúde física do pai e a fragilidade psíquica da mãe a levaram a escolher o “abismo dos cuidados”. Escolheu ser médica dos mais necessitados. Nesse caso, os primeiros que padecem da necessidade eram seus próprios pais. Houve ainda na sua história uma identificação fora do contexto familiar. Ela se definia como “um outro Albert Schweitzer. Aquele que nada tem e que dá. Esse homem constitui para ela uma figura emblemática do dom, dito de outro modo, uma figura do amor.”⁵²¹

Albert Schweitzer foi um alemão com formação em teologia, filosofia e medicina. A partir dessa educação, ele se dedicou aos africanos que viviam em condições duras. Improvisadamente, ele iniciou o atendimento médico e a evangelização na cidade africana de Lambaréné, na República Gabonesa, para pessoas necessitadas. Depois de passar os anos da Primeira Guerra Mundial em um campo de concentração, retorna para Lambaréné e constrói um hospital. Sua trajetória fez com que ele fosse agraciado, em 1952, com o Prêmio Nobel da Paz.

Laurent considerava que sua identificação com Schweitzer podia ser caracterizada como a “identificação ao homem castrado. Ela pode também ser entendida como uma versão leiga da freira dedicada ao amor a Deus Pai.”⁵²²

Em análise, ela redescobre uma lembrança encobridora. Ela teve um acesso de tosse que a faz engolir a língua e, conseqüentemente, começar a se asfixiar. O pai introduz o dedo para que a filha respire, apesar dela o morder. O gesto paterno a salvou. Depois, ela também quer salvar os que ela escolhe como parceiros na vida amorosa e profissional. “Assim, salvar é percebido a partir do amor do pai e da identificação viril ao Dr. Schweitzer, duplicada de uma outra identificação obtida de um outro significante paterno: soldado.”⁵²³ Ela é aquela que não cede diante das adversidades.

Laurent retoma Lacan para precisar que o amor do pai estrutura a histeria. Por outro lado, o desejo ou o gozo da mãe a desestrutura. Assim, ela entende que o nó de seu romance familiar estava no ponto em que ela considerava que a mãe não gozava do pai. Há um gozo enigmático, para Laurent, mais além do pai.

2 – SEGUNDO TEMPO: A MÃE E SEU GOZO: Como vimos, a mãe era depressiva e apresentava ideias suicidas. Laurent expressava piedade por ela. Entendia que a mãe não

⁵²¹ LAURENT, Dominique. Desidentificação de uma mulher. **Opção lacaniana**, n. 29, dez. 2000, p. 39.

⁵²² Ibid., p. 39.

⁵²³ Ibid., p. 39.

permitia que seu pai a tirasse desse quadro depressivo. Nesse contexto, o pai herói é contraposto ao pai impotente. Laurent se coloca, então, como a salvadora da mãe. É aquela que acredita que pode salvar a mãe da pulsão de morte. Ela interpreta que há uma fantasia canibalesca na relação com o Outro: ela se fazia comer pelo Outro. Um gozo pulsional que apontava para seu sintoma de anorexia.

Relata um sonho que pontuou o término de sua primeira análise, assim como a separou de sua mãe. Trata-se de um sonho com a analista, a mãe da analista e a analisante:

A analista aterrorizada por sua mãe hesita em apresentá-la à sua analisante. Esta, não tendo nada a temer dela, gostaria muito de conhecê-la. Ela então descobre uma figura de papelão reciclado, figura obscena e ridícula, toda vestida de negro. Este personagem é um personagem de ópera identificado por ela, ao despertar, com: *Reine de la nuit*. A posteriori, a *Reine de la nuit* – cujo significante vem do personagem mozartiano do século XVIII francês – devido às mulheres que o encarnam na história da analisante, se desvela como uma pura ficção.⁵²⁴

3 – TERCEIRO TEMPO: O MAIS ALÉM DA FANTASIA: Um ano depois da interrupção da primeira análise, Laurent recomeça seu segundo processo analítico com um analista homem. Retoma o significante “Rainha da Noite”. Ele revela o modo de gozo da mãe. Ela lembrou, em análise, de que sua mãe usava as roupas de luto da avó paterna. A mãe era fascinada por essa avó. Esta, por sua vez, era tida como aquela que levou o casamento dos avós maternos de Laurent ao fracasso. Isso porque ela proibia que os pais da “Rainha da Noite” fechassem a porta do quarto para dormir. “A *Reine de la nuit* portava os ouropéis da morte, os quais jamais abandonara durante sua vida. Essa nomeação do gozo materno pelo significante *Reine de la nuit*, mais além do gozo fálico, foi desdobrada em *Reine de la mort* por uma interpretação do analista.”⁵²⁵

A analisante entendia que ela não tinha raízes, na medida em que a história de sua família tinha sido a de se mudar de um país para o outro. Elaborava que sua única terra de escolha havia sido o século XVIII francês, o século das luzes. Relata ao analista que era apaixonada pelos jardins do Château de Versailles. O analista diz que essa é a cidade do *Roi soleil* – Rei Sol. Para Laurent, essa interpretação faz exaltar Versailles como a cidade na qual seu pai fora condecorado com a entrega da Legião de Honra. Essa legião de honra é, portanto, a insígnia do pai.

⁵²⁴ LAURENT, Dominique. Desidentificação de uma mulher. **Opção laciana**, n. 29, dez. 2000, p. 40.

⁵²⁵ *Ibid.*, p. 41.

O *Roi soleil*, insígnia do pai morto, vinha então simplesmente se articular, em um binário significante, à *Reine de la nuit*. O trabalho de redução de enormes significações à oposição significante cativa por sua própria simplicidade. *Roi soleil – Reine de la nuit* são os significantes singulares dos matemas que Lacan designa como S1 e S(A). Seu isolamento procedeu da separação progressiva entre o que é relativo ao simbólico e o que é relativo ao real. Este ponto alcançado revela também o jogo de ficções no qual se inscreve a relação ao Outro. É este jogo de ficções que vela a ausência da relação sexual e não desvela senão o nome próprio.⁵²⁶

Há uma produção, a partir de um esforço de significantização, no lugar onde as nomeações não existiam. O que Laurent ressalta é que o jogo de ficções de sua própria história revela, em última análise, a inexistência da relação sexual. Segundo ela, depois de atravessada a ficção, vemos a simples natureza dos semblantes. Para ela, esse ultrapassamento não trouxe nenhum sentimento de desespero, nem uma posição de cinismo frente ao gozo. O que ocorreu foi um interesse aumentado pelos semblantes. Ressaltamos sua forma genial de expressar sua posição: “não há nada mais precioso do que os semblantes. Eles dão um nome sempre provisório ao real em jogo. Dizer que são semblantes é aperceber-se de que os significantes mestres são preciosos como semblantes.”⁵²⁷

Laurent corajosamente participa, através de seu passe, a importância dos semblantes dos significantes mestres. Ela propõe ainda que os analistas devem se interessar pelos semblantes produzidos no atravessamento das análises. Para ela, a experiência de análise deve ser dividida com os pares visando essa finalidade.

O QUE O CASO NOS ENSINA SOBRE A SEXUAÇÃO FEMININA? Laurent, em sua construção teórica sobre a sexuação feminina foi bastante fiel as ideias freudianas de “Análise Terminável e Interminável”, mas introduziu uma contribuição inédita. Com a expressão “uma Dora contemporânea”, ressaltamos a tese de Lacan de que a histérica é uma boa teórica. Seu relato requer que fórmulas lacanianas da sexuação sejam utilizadas para distinguir a diferença que Freud fez entre a sexualidade feminina (*Weib sexualität*) e a feminilidade (*Weiblichkeit*). Laurent abordou em seu passe a relação da mulher com o falo e com S(A). O leitor deve retomar o capítulo 3 deste trabalho para recordar quais são essas duas vertentes do feminino. A construção do caso clínico mostra como, para além dos efeitos terapêuticos, teria havido também um atravessamento lógico de sua neurose infantil. Há uma modificação estrutural bastante clara. Trata-se de um caso de histeria no qual as identificações com o pai e com a mãe e os gozos edípicos provocaram na analisanda um desarranjo que ela precisou significantizar através de suas experiências analíticas.

⁵²⁶ LAURENT, Dominique. Desidentificação de uma mulher. **Opção laciana**, n. 29, dez. 2000, p. 41.

⁵²⁷ *Ibid.*, p. 41.

De seu passe pudemos depreender as seguintes articulações teóricas, registradas em um texto de 2006 intitulado: “O sujeito e seus parceiros libidinais: do fantasma ao sintoma”.⁵²⁸ Nesse trabalho, ela coloca em tensão três proposições:

1. A mulher como objeto do fantasma do homem;
2. A mulher enquanto sintoma do homem;
3. A mulher parceiro-sintoma para um homem.

A primeira formulação diz respeito a uma concepção lacaniana de que a mulher é o objeto do fantasma do homem em sua dimensão imaginária. Nesse sentido, temos a assunção do sexo e do desejo como respostas ao real da castração. Isso ocorre, na medida em que o sujeito toma seu fantasma como a base de seu desejo. Assim, o fantasma passa a ser um axioma que escreve para cada sujeito uma relação de gozo regulada pelo objeto.

Lacan propõe uma interpretação freudiana radical. Poderíamos formulá-la da seguinte forma: não existe uma maneira ideal de se identificar ao papel masculino porque existe a castração. Como existe um furo, aquele da identificação fálica positiva, variável em suma, a função F , a função fálica, aquela que diz que “somos todos submetidos à castração”, implica que estes precisamente estão à procura da parte perdida deles mesmos, o que seria a identificação fálica positiva, no corpo do outro, o outro enquanto parceiro-sexual, sob os auspícios do objeto a , quer seja ele oral, anal, escópico ou invocante. Recuperar o objeto a no corpo do outro se faz ao preço do sacrifício do falo na relação sexual. Em outros termos, o sujeito masculino coloca em jogo o falo para livrar-se da questão e recuperar desta forma o significante identificatório “ser um homem”. A fórmula do desejo do macho designa o lugar da mulher como sendo o do objeto a do fantasma.⁵²⁹

O parceiro lacaniano essencial é revelado através da estrutura do fantasma: o objeto a . Assim, ela assinala que, nesse momento, o parceiro é assexuado no que diz respeito à partilha dos sexos, ao binário homem e mulher. Laurent aponta que há uma interrogação que durará anos sobre o que vem a ser a relação com o Outro sexual.

No que diz respeito à mulher, Laurent ressalta a noção freudiana, presente em Lacan, de que não há libido feminina. Entendemos que ela assinala que a libido é sempre ativa, mesmo quando se faz passiva. Por isso, a seu ver, Lacan escreve \bar{A} para dizer que não existe significante que diga o que é a mulher. Ela aponta algo extremamente importante: a mulher tem relação com $S(\bar{A})$ e com ϕ . Em suas palavras: “ $S(\bar{A})$, significante do Outro enquanto barrado, deve ser situado não apenas como lugar da verdade, mas como aquilo com o que a

⁵²⁸ LAURENT, Dominique. O sujeito e seus parceiros libidinais. In: **aSEPHallus**, ano 1, n. 2. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, mai-out. 2006. Disponível em <www.isepol.com/asephallus/numero_02/traducao.htm>. Acesso em: 22 nov. 2014.

⁵²⁹ Ibid.

mulher tem fundamentalmente uma relação de gozo, e que procede do que não se pode dizer do inconsciente.”⁵³⁰

Esclarece que há uma nova dimensão de $S(A)$. Se no primeiro ensino a relação com o Outro era mortificada e havia um vazio de gozo, o significante do Outro passa a ser pensado a partir do gozo. $S(A)$ é o próprio signo do gozo. Por outro lado, a mulher tem também a relação com a função fálica, ϕ . De acordo com Laurent:

Esta deve permitir distinguir, para a mulher, a redução do pai ao valor de uma função: aquela do significante-mestre que não é um nome de gozo. Também será preciso que ela permita nomear o gozo do Outro através de um significante, dito de outra forma, o gozo da mãe para além do falo, destacado a partir da construção do fantasma e da relação com o objeto. A análise deve direcionar o sujeito à forma pela qual se apresentou a questão fálica para ele.⁵³¹

Essa noção esteve na obra de Lacan até os anos de 1970, quando há uma ampliação para a segunda proposição. Como já tivemos a ocasião de apresentar anteriormente, no capítulo 3, a partir de “O Seminário, livro 23”, a mulher é abordada como o sintoma do homem. Essa formulação deve ser entendida a partir da nova definição de sintoma do último ensino.

O sintoma define o efeito do gozo do significante no corpo. É a correspondência do que Freud articulou sobre a pulsão. É a conexão real entre o significante e o corpo. Dessa forma, temos o significante produzindo um efeito de gozo sobre o corpo, ou seja, o mais de gozar. Assim, a mulher sintoma do homem realiza a conexão do gozo e da significação e, então, o fantasma é um modo de gozar.

Quando uma mulher se constitui como objeto causa do desejo para o homem, se alojando dessa forma no fantasma masculino, ela se faz, então, objeto de gozo para este homem. Ao ser objeto a , ou o sintoma que o homem recupera no seu corpo ao preço do falo na relação sexual, a mulher localiza o gozo fálico deste homem.⁵³²

Por outro lado, o homem para a mulher é um instrumento que media o acesso ao gozo que está além do gozo fálico. Todavia, ela entende que o consentimento feminino a esse moderador depende de uma espécie de cálculo que ela adjetiva como adivinhação e ajustamento. Ela propõe que, tanto o homem quanto a mulher, devem dimensionar a posição de objeto que uma mulher ocupa. Analisamos que a dificuldade por parte da mulher está

⁵³⁰ LAURENT, Dominique. O sujeito e seus parceiros libidinais. In: **aSEPHallus**, ano 1, n. 2. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, mai-out. 2006. Disponível em <www.isepol.com/asephallus/numero_02/traducao.htm>. Acesso em: 22 nov. 2014.

⁵³¹ Ibid.

⁵³² Ibid.

centrada no fato de avaliar até onde deve ir na relação com um homem. Muitas delas, sabemos, vão exageradamente longe, na medida em que encarnam o lugar de puro objeto.

O laço erotomaníaco, se partilhado, fixa a mulher numa relação vital. Para isto, será preciso que o homem consiga se inscrever no fantasma da mulher, quer dizer, ocupar um lugar no discurso que toque no seu gozo para além do falo. O amor, estando aparelhado à exigência do blá-blá-blá do discurso amoroso, não deve cessar de se dizer, ao fazer suplência, àquilo que a relação sexual desnuda, quer dizer, a incapacidade para o significante fálico de significantizar todo o gozo feminino. A mulher, na versão freudiana do ato sexual, quer o órgão, porém, mais profundamente, o que ela deseja é o falo como significante do desejo, quer dizer, que o objeto que fala diga sobre o seu ser e decifre o seu gozo. Nesse sentido, o desejo feminino não se articula somente ao falo, mas a *À*. Esse outro do desejo deve falar para que o sujeito o reconheça como objeto.⁵³³

Depreendemos da articulação teórico-clínica de Dominique Laurent, a seguinte máxima – a mulher tem dois parceiros: o falo e a fala.⁵³⁴ Nos termos dela, o falo e o “blá-blá-blá do discurso amoroso”. A fala é o recurso que o homem tem para limitar o gozo feminino que está além do falo. Segundo Laurent, a fala limita o fantasma da mulher.

No entanto, como vimos acima com Suárez e Brousse, Laurent também entende que se os signos do desejo ou do amor se distanciam, a mulher se sente devastada. Para ela, a mulher é singularmente vulnerável à devastação, na medida em que não se inscreve toda na função fálica. Além disso, sabemos que, do lado do homem, há traços de perversão que o levam a se desinteressar sobre o que a mulher é enquanto sujeito.

Porém, como assinalamos acima, cabe à mulher dimensionar o limite de seu consentimento feminino a esse lugar. Consentir não é se submeter inteiramente. Eis aí, a meu ver, uma difícil tarefa feminina, na medida em que o limite é um impasse feminino.

Coelho dos Santos, a partir de sua própria experiência de análise, indica o caminho singular que ela encontrou para se defender da aflição na relação com os homens. Em suas palavras:

Para me defender deles, elevo-os à posição de mestre. É assim que eles gostam de ser comandados. Uma mulher precisa ter muito senso de humor para conviver com o fato de que quanto mais um homem é rei, mais está nu. É por isso que quando eles reinam, eles não governam! Leões, lobos ou demônios, lá no alto, ficam mansinhos.⁵³⁵

⁵³³ LAURENT, Dominique. O sujeito e seus parceiros libidinais. In: **aSEPHallus**, ano 1, n. 2. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, mai-out. 2006. Disponível em <www.isepol.com/asephallus/numero_02/traducao.htm>. Acesso em: 22 nov. 2014.

⁵³⁴ COELHO DOS SANTOS, T. Do desejo do analista ao analista parceiro-sinthoma. **Curinga**, Belo Horizonte, v. 27, p. 51-56, 2008b, p. 52.

⁵³⁵ COELHO DOS SANTOS, T. Lá onde o inconsciente falassério, o real morre de rir. **Opção Lacaniana**, v.558, p. 141-159, 2010, p. 155-156.

Laurent assinala, de forma original, que uma mulher pode também devastar um homem. Isso ocorre, a seu ver, quando ela toca no seu parceiro fundamental, que é o objeto *a*. Na medida em que o homem ocupa esse lugar de $S(A)$ que, anteriormente, para a menina, tinha relação com a mãe, como trabalhamos acima, ele também encarna a questão: “quanto você vale?”. Apontamos que entendemos que essa relação se repete na parceria amorosa.

A mulher espera que o homem diga o que ela é para ele no campo do gozo. Então, além do “preço do sacrifício do falo”⁵³⁶, podemos inaugurar também o preço do sacrifício da fala. Ele paga com o corpo e com as palavras. Contudo, nem sempre é assim. Há homens que não cedem a esse vício feminino e se mantêm no silêncio por receio de perderem seu próprio gozo. Para eles, a palavra mata o gozo. Outros utilizam palavras que não denotam necessariamente o amor.

De acordo com Laurent, em seu artigo “*Des souris et des femmes* - Ratos e Mulheres”, o amor não funciona sem que haja declaração. Isso porque o amor faz uma suplência à impossibilidade da relação sexual e também à incapacidade do falo de significantizar a totalidade do gozo feminino. “O que a mulher quer para além do órgão no ato sexual é que o ‘objeto que fala’ diga seu ser e cifre seu gozo. Uma mulher não quer palavras vazias que poderiam se dirigir a um outro, ela quer um parceiro das palavras que lhe permitam ser mulher, ou seja, tocar seu gozo particular além do falo.”⁵³⁷

Visto isso, seguiremos agora para o debate mais contemporâneo sobre os novos laços sociais e os novos sintomas. Pensaremos ainda qual a função e a posição do analista diante do cenário da contemporaneidade.

5.2 UMA NOVA MORAL SEXUAL: “alguma coisa está fora da ordem...”

O que é uma ordem simbólica? Entendemos por ordem simbólica a visão de mundo cosmológica e religiosa do mundo antigo. “Quando nos referimos em psicanálise à função ordenadora do significante-mestre Nome-do-Pai, pensamos a constituição do sujeito homem ou mulher como dependente do complexo de castração (diferença sexual) e do complexo de Édipo (diferença geracional).”⁵³⁸

⁵³⁶ LAURENT, Dominique. O sujeito e seus parceiros libidinais. In: **aSEPHallus**, ano 1, n. 2. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, mai-out. 2006. Disponível em <www.isepol.com/asephallus/numero_02/traducao.htm>. Acesso em: 22 nov. 2014.

⁵³⁷ LAURENT, Dominique. *Des souris et des femmes*. **La Cause freudienne, Nouvelle revue de psychanalyse**, n. 70, 2008, p. 48.

⁵³⁸ COELHO DOS SANTOS, T. I can't get no satisfaction: a insatisfação das mulheres na nova ordem simbólica. **Curinga**, Belo Horizonte, v. 34, p. 165-177, 2012, p. 169.

Vivenciamos um apagamento dessa ordem simbólica religiosa judaico-cristã. A vontade de Deus que originou o mundo antigo cosmológico e finito foi cedendo espaço para um universo infinito e científico. “Uma nova ordem simbólica começa a esboçar-se com o advento da modernidade, mas seus efeitos mais radicais no campo do sujeito devem muito aos movimentos sociais que emergiram com a revolução sexual, o feminismo e a difusão da psicanálise.”⁵³⁹

Vimos, acima, como as revistas femininas contribuíram para a difusão da psicanálise, especialmente entre as mulheres. Além disso, Coelho dos Santos indica que a interpretação psicanalítica do discurso do inconsciente promove a suspensão do recalque do fantasma do pai interditor. Em outras palavras, o analista faz semblante de um pai que autoriza o desejo. Nesse sentido, ao invés de uma identificação do sujeito ao ideal, teremos a determinação do desejo pelo objeto que o causa.

A analista entende que uma nova ordem simbólica surge no contexto pós-científico e pós-psicanalítico. Estamos regidos por uma nova moral civilizada cujo tom é a liberdade sexual ou a liberdade de desejar. As consequências dessas mudanças, inevitavelmente, estão na vida cotidiana.

[...] Estamos todos mais expostos às causalidades do real. Liberado das amarras dos ideais paternos, o sujeito não encontra mais barreiras simbólicas tão rígidas contra deixar-se consumir pela satisfação autoerótica. O núcleo incurável do sintoma – o real que Freud nomeou como pulsão de morte – talvez se revele hoje mais abertamente do que na ordem simbólica tradicional.⁵⁴⁰

Na contemporaneidade, apostamos que a pulsão de morte e a satisfação autoerótica atingem mais ferozmente a relação com o gozo. Indicamos, em especial, que a relação das mulheres com o gozo tem aumentado a insatisfação e a devastação. Na sociedade tradicional e religiosa, os semblantes estavam bem estabelecidos. Hoje, os semblantes masculinos e femininos oscilam. Os laços de amor se afrouxaram.

Além disso, vivemos na época em que predomina uma diversidade de estilos de vida, modos de gozo e de razões para viver. Entendemos que há uma nova ordem social que substitui o sentido sexual. Lacan chamava essa dimensão inédita de “ordem de ferro”. Esta é mais arrebatadora do que a interdição pelo Nome do pai. Há um imperativo de gozo.⁵⁴¹

⁵³⁹ COELHO DOS SANTOS, T. I can't get no satisfaction: a insatisfação das mulheres na nova ordem simbólica. *Curinga*, Belo Horizonte, v. 34, p. 165-177, 2012, p. 170.

⁵⁴⁰ *Ibid.*, p. 170.

⁵⁴¹ COELHO DOS SANTOS, T. Do supereu sujeitoado à lei simbólica e a normatividade social dos corpos falantes. In: COELHO DOS SANTOS, T.; SANTIAGO, J. E MARTELLO, A. (Org.). *Os corpos falantes e a normatividade do supersocial*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014, p. 34-35.

A nova ordem de ferro é veiculada através de uma tirania do gosto pela exibição de si. “O direito ao segredo, à privacidade, à esfera íntima cede seu lugar ao imperativo de mostrar. A realidade psíquica é chamada a exibir-se no *reality show* dos meios de comunicação.”⁵⁴² Assistimos essa dimensão também nas redes sociais nas quais a compostura é abandonada e as revelações de intimidades e de experiências cotidianas são expostas escancaradamente. A geração dos *selfies* revela muito mais do que o necessário ou o prudente.

Coelho dos Santos ressalta ainda que esse gosto pela exibição tem origem na versão contemporânea e capitalista que promove rígidos controles de qualidade em todas as modalidades de produção em nome, especialmente, do direito do consumidor. “É essa a transparência que se quer fomentar, a da satisfação genérica e garantida do consumidor.”⁵⁴³ Então, o imperativo contemporâneo revela: fale de si!; mostre-se!; confesse-se!

Algumas perguntas nos servirão de guia na continuidade desse último capítulo da tese. Em especial, as seguintes:

Estaremos vivendo uma época joyceana? Ou, muito pelo contrário, liberados do Nome do Pai como sintoma coletivo, liberados da lei simbólica, caímos sob a tirania da norma, da norm-atividade dos comitês de pares que nos torna membros de uma tribo entre outras? Haveria nos dia de hoje uma tendência a nos inserir em grupos que compartilham um modo comum de gozo? Renunciamos ao sintoma coletivo, ao modo universal de regulação do gozo e nos tornamos cativos dos comitês de ética, das comissões de pares que definem o que é elogiável e o que deve ser recusado? Em lugar da lei simbólica, para todos, agora nos referimos aos protocolos com suas regras explícitas e sua suposta transparência ou ainda às nomeações políticas obscuras que cumprem muitas vezes a função de suprir a necessidade voraz e premente que as mais diversas tribos têm de preencher seus quadros administrativos?⁵⁴⁴

Conduzidos por esses questionamentos, continuaremos abordando a subjetividade contemporânea, especialmente, a partir de impasses transferenciais que recolhemos no dispositivo analítico.

5.2.1 Por que você não arruma namorado?

Você não entende como não começa um relacionamento, como não se apaixona novamente, como não muda de vida.
Reclama da ausência de opções. É bonita, inteligente, divertida.
Minha hipótese é que não abandonou o passado.

⁵⁴² COELHO DOS SANTOS, T. Do supereu sujeitado à lei simbólica e a normatividade social dos corpos falantes. In: COELHO DOS SANTOS, T.; SANTIAGO, J. E MARTELLO, A. (Org.). **Os corpos falantes e a normatividade do supersocial**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014, p. 37.

⁵⁴³ Ibid., p. 37.

⁵⁴⁴ Ibid., p. 46.

Mantém flertes com o ex indiferente, ou continua saindo com sujeito que jamais assumirá o romance.
 Raciocina que, enquanto não vem o escolhido, o príncipe, pode se entreter com velhas paixões.
 Mas todos pressentem quando uma mulher está enrolada, todos intuem o caso mal resolvido, e não se aproximam.
 Não virá ninguém para espantar os corvos e dissolver essa atmosfera pesada de Prometeu.
 É trabalho em vão soterrar o precipício. Mulher desinteressada é impossível.
 Ninguém ousará quebrar o monopólio de sua dor.
 Você cheira a encrenca, cheira fidelidade a um terceiro. Seus ouvidos estão lentos, sua boca paira em distante lugar, seus olhos se distraem seguidamente.
 Não tem brilho na pele, porém tensão nos ombros.
 Sua respiração é um poço de suspiros.
 Vive ansiosa por notícias, por reatos, mensagens. Não presta atenção, não se entrega para as casualidades.
 Quem enxerga fantasmas não vê os vivos.
 Não dá para começar um novo amor sem abandonar os anteriores. Errada a regra que a gente somente esquece um amor antigo por um novo.
 Está com o corpo fechado, costurado, mentindo que já não sofre mais com as cicatrizes.
 Espera herança, não sai para trabalhar ternuras.
 Mendiga retornos, não cria memória.
 Sua nudez não responde ao pedido da curva. Nem balança com a música favorita.
 Está tomada do carma, do veneno, do ressentimento.
 Pensa que está bem, mas está em luto. Uma mulher em luto não permite arrebatamentos, afasta-se na primeira gentileza que receber, recusa a prosperidade das pálpebras piscando nos bares e restaurantes.
 Você nunca vai encontrar seu namoro, seu casamento, sua paz, se não terminar de se arrepender.
 É preciso guardar o máximo de ar, ir ao fundo, descer na tristeza e nadar para longe dela.
 Não amará outro alguém sem solucionar pendências, sem recusar o homem que não a merece, o homem que não vai embora e tampouco fica.
 Não amará outro alguém sem abandonar algumas horas de alívio em motéis.
 Não amará outro alguém se não bloquear as recaídas, se insistir em ressuscitar as promessas.
 Uma mulher nunca será inteira se mantém romances quebrados.
 Nunca estará presente.
 Nunca estará aqui.
 Entenda, minha amiga, só ama quem está disposta a ser amada.⁵⁴⁵

A crônica acima foi o elemento da sessão de uma analisante que se identificou com o texto – especialmente com o título – diante dessa questão tão singular para ela, e para muitas outras mulheres contemporâneas consideradas como as “novas solteironas”: por que eu não arrumo um namorado?

A questão que nos guia é a seguinte: é possível amar e ser feliz ao mesmo tempo? Objetivamos tratar de uma problemática feminina: a disjunção entre amor e felicidade. Nossa pergunta deriva da noção de que a histeria é um sintoma tipicamente feminino. Entendemos que há poucos homens histéricos. Apostamos que essa estrutura da mulher tem estreita

⁵⁴⁵ CARPINEJAR, F. **Por que você não arruma namorado?** Carpinejar. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://carpinejar.blogspot.com.br/2013/04/por-que-voce-nao-arruma-namorado.html>> Acesso em: 24 out. 2014.

relação com as consequências da dissimetria entre os sexos. “O discurso da histérica denuncia a castração do mestre. Por isso a histérica é uma boa teórica. Ela eleva o objeto do gozo ao absoluto, esquivando-se de encarnar o objeto causa do desejo para um homem.”⁵⁴⁶ O sintoma histérico está sempre produzindo questões e decifrando o inconsciente.

Na posição histérica, desejo e pulsão não convergem; divergem. Essa divisão lhe serve de alibi, pois lhe exige interrogar, questionar e rebelar-se infinitamente contra as limitações do parceiro. Frequentemente, na vida erótica da mulher, o homem que ela deseja não é aquele que a escolhe. Segue-se que aquele que a faz feliz não é aquele a quem ela ama.⁵⁴⁷

Na histeria não se pode amar e ser feliz ao mesmo tempo. “Eis aí uma demonstração lógica do impossível, em sua versão histérica: o único desejo que vale a pena é o desejo insatisfeito.”⁵⁴⁸ A mulher histérica recusa o “inexorável destino de objeto causa do desejo de um homem”: aceitar um homem que a deseje mais do que às outras.⁵⁴⁹

A estrutura do sintoma feminino está dividida entre o gozo com o falo – (ϕ) – e o gozo com a fala – S (A). É uma estrutura que tem estreita relação com as consequências psíquicas da diferença entre os sexos. Por conta da universalidade estrutural, as contingências pessoais de uma mulher não conseguem explicar os impasses femininos. Quer dizer, não é um fantasma a ser atravessado. Existe aí um osso da sexuação da mulher. Acontece também um desencontro, na medida em que a mulher deseja o falo e ama o amor e, por sua vez, o homem identifica-se com o falo, porém seu desejo é orientado pelo objeto a . “Como ensinou Lacan, a histérica não negocia e não faz pacto. Rasga todos os acordos e eleva o objeto do gozo ao absoluto. O objeto da histérica é *das Ding* e não o objeto a .”⁵⁵⁰

O ponto sutil que essa reflexão nos traz é como considerar a abordagem psicanalítica do parceiro-sintoma tendo em vista a disjunção da posição feminina. Mais precisamente, a forma erotomaníaca da pulsão feminina não poderia ser realçada através do desejo do analista e do desejo de saber?

A intervenção do analista parceiro-sintoma funcionaria, ao contrário, como nó, como oferta do semblante do encontro contingente entre amor e desejo. É a função do Nome-do-Pai que surpreende, espanta, desvia daquilo que o sujeito histérico espera. Afinal, o histérico adora o desencontro que alimenta sua busca voraz de

⁵⁴⁶ COELHO DOS SANTOS, T. Lá onde o inconsciente falassério, o real morre de rir. **Opção Lacaniana**, v.558, p. 141-159, 2010, p. 148.

⁵⁴⁷ COELHO DOS SANTOS, T. Do desejo do analista ao analista parceiro-sintoma. **Curinga**, Belo Horizonte, v. 27, p. 51-56, 2008b, p. 52.

⁵⁴⁸ COELHO DOS SANTOS, T. Lá onde o inconsciente falassério, o real morre de rir. **Opção Lacaniana**, v.558, p. 141-159, 2010, p. 148

⁵⁴⁹ Ibid., p. 149.

⁵⁵⁰ Ibid., p. 149.

novos encontros. A resposta do parceiro-sinthoma não se reduz nem à contratransferência, nem ao desejo do analista. Ela se ancora no real da pulsão, no desencontro marcado na estrutura, assumindo a responsabilidade diante da solidão do inconsciente real.⁵⁵¹

Ressalto essa ponderação como extremamente sagaz. O analista precisa estar orientado para manejar com sabedoria a disjunção do sintoma histérico frente ao desacordo estrutural da pulsão. “A relação sexual não existe, o ser falante é desamparado, desaparelhado para localizar sua angústia, entretanto, quando não há equivalência entre os sexos, haverá sinthoma, isto é, amor!”⁵⁵²

As palavras finais da crônica apresentada na introdução – “entenda, minha amiga, só ama quem está disposta a ser amada”. – são escritas por um homem que parece revelar o sentido da disjunção histórica entre amor e felicidade. É preciso que a mulher consinta com o “inexorável destino de objeto causa do desejo de um homem”.

No caso das mulheres, a análise apresenta duas direções às quais o psicanalista deve estar orientado. A primeira diz respeito à substituição que ela faz do pai por um homem e, desse modo, em consentir ocupar esse lugar de objeto para ele. “Isso envolve localizar no corpo de um homem o falo (conjunção falo-pênis) e, como tal, esse parceiro representar uma ancoragem da identificação ao ideal para uma mulher.”⁵⁵³ Em segundo, substituir a fantasia de completar outra mulher (a mãe) pela demanda autêntica de amor a um homem.

Veremos, a seguir, um caso clínico que traz a seguinte questão: ser mulher dói? Entendemos que é outra versão da pergunta histórica: por que eu não arrumo um namorado? A analista⁵⁵⁴ separa a vinheta clínica em três momentos. O primeiro tempo lógico do tratamento diz respeito à relação ao falo e ao pai. Clarisse tem 50 anos, é casada e trabalha como profissional liberal. A sua primeira análise ocorre com outra pessoa, um homem, e gira em torno da sua dificuldade em manter um relacionamento estável com um homem. A análise ocorre no âmbito dos avatares do complexo de Édipo, localizando a relação de Clarisse com seu pai e as consequências para sua sexualidade e para a sua vida afetiva com um parceiro.

Ela sempre foi indicada como a filha preferida do pai e, com isso, houve um reforço de sua identificação com ele. Escolheu, assim como o pai, o trabalho fora de casa, na medida em

⁵⁵¹ COELHO DOS SANTOS, T. Do desejo do analista ao analista parceiro-sinthoma. **Curinga**, Belo Horizonte, v. 27, p. 51-56, 2008b, p. 53.

⁵⁵² COELHO DOS SANTOS, T. Finais de análise: sexuação e invenção. **Tempo Psicanalítico**, v. 40, p. 105-120, 2008, p. 55.

⁵⁵³ ANTUNES, M.C.C. Ser mulher dói? Os impasses da sexuação na análise de uma mulher. In: **aSEPHallus**, n. 10. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, 2006. Disponível em: <www.isepol.com/asephallus/numero_10/artigo_01_revista10.html>. Acesso em: 22 nov. 2014

⁵⁵⁴ Ibid.

que sua mãe era dona de casa e abdicou de uma profissão. Sua relação com a mãe não era de admiração. O pai tinha muitas amantes e a filha entendia que ele as preferia a sua mãe.

Clarisse se localizou como a outra mulher, que está fora de casa, preferida do seu pai. Ao mesmo tempo, ela interpretou sua escolha como uma traição à mãe, colocando-a num impasse em relação ao seu destino como mulher. Envolvida na trama edípica, a sua sexualidade cai sob inibição durante o período da adolescência. A inibição se prolonga pela vida adulta, na medida em que ela se relaciona com homens casados e ocupa, então, a posição de “a outra”.

“Este é um sintoma que atende à sua rivalidade e culpas inconscientes em relação ao seu conflito edípico: ser a filha preferida assume o significado de ser a outra mulher que o pai preferia à mãe.”⁵⁵⁵ O primeiro momento da análise desfaz esse impasse, uma vez que a desloca do lugar da outra mulher. Clarisse, enfim, encontra um parceiro e se casa.

Nas palavras da analista: “a análise permite que ela se extraia da relação triangular que ela compunha com o casal que eram seus pais. Ela se casa, localizando num homem o falo que ela deseja e consentindo em se tornar objeto causa do desejo desse homem. Pela primeira vez, ela é feliz com um homem.”⁵⁵⁶

Então, a analista sistematiza um segundo tempo da análise, que denomina de restos da sexuação feminina ou feminilidade. A analista localiza um sintoma cuja escrita revela o lugar de “a salvadora” da família. Em especial, de sua mãe que adoece e demanda cuidados. Através desse sintoma, o analista localiza a reivindicação fálica a que a paciente permanece fixada, através do lugar de salvadora.

Outros aspectos da vida de Clarisse também são marcados por gestos de sacrifício e de superação. Ela se queixa ao analista que está cansada e não entende porque tudo tem de ser tão difícil para ela. O analista responde: “quem disse que tem de ser fácil?”. No entanto, alguns meses depois, Clarisse interrompe a análise.

O que permanece intocado nesse sintoma é a ignorância de Clarisse a respeito da sexualidade de seus pais como casal. Nesse ponto, ela se recusa a saber, ela provê a mãe do que supõe que seu pai não dá conta como homem. A resposta do analista toca lateralmente a questão. Do ponto de vista do inconsciente, Clarisse permanece no lugar da mulher de vida fácil, que sai para trabalhar, a outra, que interessava a seu pai. Dizer que tudo é difícil é ocultar

⁵⁵⁵ ANTUNES, M.C.C. Ser mulher dói? Os impasses da sexuação na análise de uma mulher. In: **aSEPHallus**, n. 10. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, 2006. Disponível em: <www.isepol.com/asephallus/numero_10/artigo_01_revista10.html>. Acesso em: 22 nov. 2014

⁵⁵⁶ Ibid.

que, para ela, a vida da mulher que trabalha fora é fácil e que, portanto, na sua fantasia, ela levaria uma vida melhor que a da mãe.⁵⁵⁷

Após alguns anos sem análise, Clarisse sente-se desanimada e deprimida. Sua mãe também falece. Esse contexto faz com que ela procure outra analista. Dessa vez, uma mulher. “O tema que a traz à análise é a perplexidade que se liga à pergunta que havia feito ao seu primeiro analista: por que a vida tem de ser difícil? É invadida pela angústia e pelo sentimento de que nada vale a pena.”⁵⁵⁸

Clarisse associa seu comportamento deprimido ao de sua mãe. Para ela, esta revelava sentimentos de tristeza e de inutilidade diante do seu fracasso como mulher em relação ao seu pai. Ela acredita que seu pai decepcionou sua mãe como homem. Assim como sua mãe, Clarisse sente-se desgostosa da vida. Extrai uma frase que o pai dirigia à mãe: “você foi uma mártir em minhas mãos”.

Como resposta, solidária ao destino trágico de sua mãe, Clarisse se martiriza. A sua vida não pode ser fácil, ela não pode usufruir dela como mulher. Não se pode usufruir da vida como uma mulher honesta. Quem usufrui da vida é a outra, a “mulher de vida fácil”. O sintoma de salvadora da família, trabalhadora incansável, como o pai, que envolvia uma certa dose de sacrifício, foi a sua resposta fálica que se coordena à face mortífera da sua não separação da mãe, entregue ao gozo do martírio. Face feroz da pulsão de morte que se exibiu na acusação velada ao homem, na exigência de uma demanda de amor infinita.⁵⁵⁹

Para a analista, Clarisse interpreta a relação entre os pais com a seguinte sentença: entre um homem e uma mulher há dor. “Esse imperativo superegótico é o que Freud denomina feminilidade no caso da mulher. É o resto da sexuação feminina, ou seja, a identificação de Clarisse ao objeto de gozo da mãe como mulher.”⁵⁶⁰ Assim, a mãe de Clarisse gozava com a dor. O pai de Clarisse, como homem, fracassou em conter esse excesso.

Por fim, no terceiro tempo da análise, há a localização do que a analista nomeia de verdade mentirosa e também da analista enquanto parceiro-sinthoma. Ela entende que Clarisse, ao se identificar com a dor, emprestava consistência à relação dos pais. Nesse momento, o parceiro-sinthoma dela é a dor. O corpo sofre com várias disfunções orgânicas.

Esta identificação é atualizada por Clarisse na sua parceria amorosa. No ponto de não relação sexual do casal, Clarisse sofre, se martiriza. O marido lhe dirige palavras grosseiras, é dado a alguns excessos verbais. Nesse ponto, Clarisse empresta

⁵⁵⁷ ANTUNES, M.C.C. Ser mulher dói? Os impasses da sexuação na análise de uma mulher. In: **aSEPHallus**, n. 10. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, 2006. Disponível em: <www.isepol.com/asephallus/numero_10/artigo_01_revista10.html>. Acesso em: 22 nov. 2014.

⁵⁵⁸ Ibid.

⁵⁵⁹ Ibid.

⁵⁶⁰ Ibid.

consistência a esses ditos com seu sofrimento, atualizando o enunciado básico que define, para ela, o que é ser mulher: mulher sofre nas mãos de um homem. Como analista, opero, na transferência, na seguinte posição: eu não acredito na dor. Lentamente, Clarisse faz uma disjunção entre o que o marido diz (seus excessos verbais) e o que ela ouve (o imperativo superegótico do martírio). Clarisse se desloca do lugar de sofredora. Pela primeira vez, recusa-se a ser martirizada pelo outro. Clarisse toma atitudes novas, inéditas, em relação às palavras grosseiras do marido. Isso tem como efeito uma contenção dos excessos do seu parceiro e abertura dele para os atos e as palavras de amor que ela reivindica.⁵⁶¹

Portanto, eis o ponto essencial dessa análise. Resulta em uma retificação subjetiva do gozo mortífero de Clarisse. Com isso, ela é capaz de relativizar seu enunciado fundamental da feminilidade – ser mulher dói. “Ela não acredita mais na sua neurose. Neste ponto de disjunção entre a ficção inconsciente e o real, abre-se o ‘espaço de um lapso’, um hiato, que possibilita, para ela, uma resposta inédita: amar não é sofrer.”⁵⁶²

5.2.2 Filhos! Melhor não tê-los!? Mas se não tê-los, como sabê-los?

No segundo capítulo, introduzimos uma pergunta: como trabalhar com a sexualidade feminina quando vivemos uma era cujo lema “Filhos? Melhor não tê-los!” ganha intensidade? Observamos que a herança do útero vem sendo rejeitada e o ideal de maternidade declina. Freud acreditava que o desejo de ter um filho era algo que caracterizava a posição feminina. Não ter filhos seria um novo sintoma da mulher?

À medida que um saber científico sobre a concepção é elaborado e estendido, o discurso comum sobre a maternidade é remanejado. A certeza da contracepção, a segurança (e legalidade) da interrupção da gravidez, a invenção e generalização da ecografia, a facilidade da inseminação artificial: são tantas inovações, tantos *gadgets*, que a demanda e o desejo ficam ainda mais em disjunção.⁵⁶³

Coelho dos Santos acredita que a “‘verdadeira feminilidade’, não é mais o semblante da maternidade como destino inevitável.”⁵⁶⁴ Em outras palavras, as mulheres podem colocar um ponto final na lamentação “filhos, melhor não tê-los” sem contrapô-la ao argumento “mas se não tê-los, como sabê-los!”. Encontramos cada vez mais mulheres que almejam o sucesso profissional e o prazer na vida sexual.

⁵⁶¹ ANTUNES, M.C.C. Ser mulher dói? Os impasses da sexuação na análise de uma mulher. In: **aSEPHallus**, n. 10. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, 2006. Disponível em: <www.isepol.com/asephallus/numero_10/artigo_01_revista10.html>. Acesso em: 22 nov. 2014.

⁵⁶² Ibid..

⁵⁶³ MILLER, Judith. Um novo sintoma da mulher? In: ANTELO, M. (Org.). **Mulheres de hoje: figuras do feminino no discurso analítico**. Petrópolis: KBR, 1 ed. Digital, 2012., p. 108.

⁵⁶⁴ COELHO DOS SANTOS, T. **I can't get no satisfaction**: a insatisfação das mulheres na nova ordem simbólica. *Curinga*, Belo Horizonte, v. 34, p. 165-177, 2012, p. 169.

Recentemente na França, na Jornada da *École de la Cause freudienne*, psicanalistas mulheres se reuniram para tratar do tema “Ser mãe”.⁵⁶⁵ Elas argumentam que “ser mãe” era um semblante simples e natural. Mas que esse semblante deixou de ser uma evidência lógica. A mãe se pluralizou, na medida em que temos as mães biológicas, simbólicas, adotivas e de aluguel. A ciência, por sua vez, modifica o desejo de ter um filho, uma vez que ele é emancipado das relações com o outro sexo e dos limites da natureza.

A modernidade desnuda todas as fantasias do desejo da maternidade. O ideal de “a criança dos meus sonhos!” está cada vez mais enfraquecido. A pergunta da Jornada era se a psicanálise é contra ou a favor dessas transformações. A resposta imediata é de que a psicanálise está sempre com aqueles que estão lutando com as incertezas e as contradições do desejo.

Laurent classifica essa mudança de tecno-maternidades. Para ela, as novas configurações da procriação levantam um véu sobre o que se chama de “o desejo de ter filhos”. O desejo é afetado pelos progressos técnicos, mas também pelos avanços sociais do estatuto das mulheres e dos homossexuais. Segundo Laurent, a psicanálise deve contribuir para a investigação desse desejo, ainda que ele não seja mais estruturado pelo princípio paternalista. Segundo ela, a psicanálise será cada vez mais convocada para tratar, caso a caso, do mal-estar na procriação e apreender o que, nestas determinações múltiplas, deixa em aberto a escolha forçada da “loucura” de cada um.⁵⁶⁶

Brousse também convoca a orientação lacaniana para refletir sobre o tema. Para ela, podemos definir os homens e as mulheres, os machos e as fêmeas, os óvulos e os espermatozoides. Entretanto, tantas definições do sexo e vivemos em uma época em que há o mais completo mal-entendido. Parafraseando Lacan, ela exclama que “uma gata não encontra mais seus filhotes!”. Ela pergunta: e as mães, onde estão elas? Em todos os lugares! – ela aposta. Há os homens-mães, as mães de aluguel. Há mães nos tubos de ensaio, as da natureza ou ainda as mães segundo as leis. Brousse provoca: é possível um pouco de orientação lacaniana?⁵⁶⁷

Coelho dos Santos argumenta que, após as mudanças trazidas pelo feminismo, a reivindicação feminina do falo precisa ser entendida como uma via positiva das modalidades de encarnação do falo. Essa via foi aberta por Lacan. Nas palavras da analista: “o complexo de

⁵⁶⁵ JOURNÉES DE L'ÉCOLE DE LA CAUSE FREUDIENNE, 44, 2014, França. Être mère?: Fantasmies de maternité en psychanalyse. França: ECF, 2014. Disponível em: <<http://www.journeesecf.fr/etre-mere/>>. Acesso em: 05 nov. 2014.

⁵⁶⁶ Ibid.

⁵⁶⁷ Ibid.

virilidade, ou a norma fálica, adquiriu pleno direito de cidadania, e as mulheres de hoje querem realizar-se no trabalho e ter prazer na vida sexual.”⁵⁶⁸

Se em Freud encontramos a feminilidade como uma ambição impossível, em Lacan a mulher é o falo. Vimos que elas têm relação com a função fálica de forma contingente. Na concepção lacaniana, a feminilidade não é impossível, mas sim contingente.

[...] A “verdadeira feminilidade”, em nosso tempo, não é mais o semblante da maternidade como destino inevitável. Também entrou em desuso a inibição masoquista, de que se nutria o semblante da mulher dócil, submissa e abnegada. Esses semblantes – tão caros àquilo que chamamos de ordem simbólica tradicional, foram duramente questionados pelo feminismo e pelos movimentos sociais de inspiração freudiana a favor da liberação sexual. Em minha experiência como analista, verifico que as mulheres de hoje fazem assiduamente o que outrora foi o semblante de *garçon manqué*. A mascarada virilizante alcança talvez o efeito de acrescentar-lhe alguma coisa no esforço de encarnar o falo. Como afirma Lacan ([1971-1972]/2011, p. 16), esse pouco que falta para ser um menino “pode facilmente ser considerado um êxito na medida em que nada impede que se lhe impute, a esta falta, um suplemento de feminilidade”.⁵⁶⁹

Laurent indica que há uma denegação do amor que reflete na relação mãe e filho, na medida em que a criança ocorre através da relação sexual. Ela acredita que nos deparamos com vários graus de infanticídio, desde o não reconhecimento da gravidez até estranhas dissimulações.⁵⁷⁰

Somado a isso, recolhemos nos consultórios exemplos de mulheres que possuem filhos e que se demitem do lugar de sujeito suposto saber para os rebentos. Surpreendentemente, não sabem estabelecer uma relação com a criança cujo semblante de mãe seja sustentado. A demanda, muitas vezes, recai sobre o marido através da queixa de que eles têm que saber e ajudar igualmente a decifrar os pedidos de uma criança. Um completo esvaziamento da ideia tradicional do saber materno. Em muitos casos, a mulher não é mais um sujeito suposto saber para as crianças.

5.2.3 Procuram-se os homens

Lacan afirmou, conforme desenvolvemos no capítulo 3, que a mulher é a hora da verdade para um homem, uma vez que ela faz equivaler o semblante e o gozo. Por isso, encontramos, com certa frequência, mulheres que podem atribuir valor a um homem, ainda

⁵⁶⁸ COELHO DOS SANTOS, T. I can't get no satisfaction: a insatisfação das mulheres na nova ordem simbólica. **Curinga**, Belo Horizonte, v. 34, p. 165-177, 2012, p. 168.

⁵⁶⁹ Ibid., p. 169.

⁵⁷⁰ LAURENT, Dominique. Des souris et des femmes. **La Cause freudienne, Nouvelle revue de psychanalyse**, n. 70, 2008., p. 5.

que ele não o tenha. Do lado do homem, Lacan indicou que a mulher é alguma coisa que ele acredita que existe, seja uma ou mais. O questionamento que surge, quando estabelecemos que os semblantes estão frouxos, é se os homens ainda acreditam nas mulheres. Em outras palavras, por que as mulheres vivem a convocar: onde estão os homens? Cadê os homens com H (h maiúsculo!)?

Na medida em que a dupla moral sexual declina, quais são as consequências na vida amorosa? Afirmamos que a antiga moral sexual, com os papéis e as funções bem estabelecidas, destinava aos homens uma clássica divisão masculina entre a mulher para casar e a mulher de má fama. No entanto, contemporaneamente, assistimos o crescimento de homens que têm a “expectativa de encontrar uma mulher-síntese capaz de desempenhar, igualmente bem, todos os papéis. [...] Não se fixam ao objeto amoroso, são instáveis na vida profissional e se recusam a encarnar o semblante convencional de provedor.”⁵⁷¹

Recortamos fragmentos de casos clínicos para embasar nossas considerações. O primeiro caso é de Maurício. Ele teve uma namorada desde a adolescência. Em suas palavras: ela era bonita, inteligente, bem empregada e independente financeiramente. Mas, sexualmente não lhe animava muito. Ele busca uma mulher que seja sensual, bela e inteligente. Seus numerosos encontros fracassam, pois as mais bonitas não são muito “boas de cama”. Estas, por sua vez, não são muito inteligentes. E, por fim, estas não são as mais bonitas. Sempre falta a elas! Em contrapartida, ele nunca se pergunta se está à altura de encarnar esse semblante do que faltaria a elas.⁵⁷²

O outro caso é de Antônio João. Ele se acha um impostor. Isso porque se apresenta como um provedor, mas sua atração é dirigida para mulheres independentes. Ele vive sob a tentação de desmascarar os semblantes femininos e devastá-las. Ele sabe que, no fundo, elas querem ser amadas. Suas palavras são: “eu as deixo arruinadas e as abandono quando não têm mais nada. Bonitas, sexys ou inteligentes, tanto faz, são sempre um embuste, um engano, uma impostura.”⁵⁷³ Embora se mostre um provedor, ele não consegue “banciar o homem”.

Marcos é filho de pais separados, porém é um homem convencional. Tinha um casamento de papéis segregados: ela cuida dos filhos e ele provê a família. Estava feliz com ela até mesmo sexualmente. Mas passou a acreditar que ela estava fria e sem interesse sexual

⁵⁷¹ COELHO DOS SANTOS, T. Entre tapas e beijos: a vacilação dos semblantes da diferença sexual. **Latusa**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 201-213, 2008a., p. 207.

⁵⁷² *Ibid.*, p. 207.

⁵⁷³ *Ibid.*, p. 207-208.

por ele. “Sem a prova da verdade da conjunção entre o semblante e o falo, fica desorientado, perplexo, confuso, e se separa.”⁵⁷⁴

Por último, apresentamos Leonardo. É ambicioso, mas acomodado. Diz que sua mãe sempre apontou que ele ficava na média. Sua mulher trabalha, mas gasta mais do que ganha. Ele pensa que ela não deve levar o trabalho tão a sério, pois, caso ele seja convidado a trabalhar em outro Estado, ele quer que ela o acompanhe. “Sintomaticamente, queixa-se de se sentir inseguro, insatisfeito no trabalho. As palavras da mãe permanecem mais válidas do que as provas que sua mulher lhe oferece da conjunção entre o semblante e o falo.”⁵⁷⁵

Observamos claramente que há dois pontos que fazem um homem demandar uma análise. São vertentes que dizem respeito à posição viril: quando algo anda mal no relacionamento ou no trabalho.

A maioria deles declara que uma mulher deve ser independente. Quando um homem decide-se por encarnar o papel de provedor, prefere mulheres mais dependentes emocionalmente e economicamente. Esses homens estabilizam com mais facilidade uma parceria amorosa e não se perguntam muito sobre qual é a mulher que desperta desejo. Por outro lado, quando um homem se recusa a encarnar o semblante de provedor, tem mais dificuldade em perseverar em uma escolha amorosa.⁵⁷⁶

Crescem as queixas de que os homens se refugiam na paixão por seus objetos fetiches: eletrônicos, redes sociais, jogos, carros, entre outros. Uma reclamação essencialmente feminina, mas que toma maior proporção nos lamentos atuais das mulheres. Percebemos também um prolongamento da adolescência, tanto para homens quanto para as mulheres.

Recolhemos nas falas dos homens as inibições da virilidade que afetam as relações com as mulheres. A queixa é de que eles não sabem como agir. Sentem dificuldade em bancar o homem. As clássicas insígnias masculinas se enfraqueceram. A consequência é a desvirilização do homem.

Além disso, vivenciamos uma promoção da igualdade que visa a uniformidade entre os sexos. Sabemos que todos os avanços políticos e sociais não alcançam a totalidade da problemática entre homens e mulheres. Entendemos que os dois sexos não têm conseguido fazer um bom uso dos semblantes. O reflexo dessa falta de boa maneira no uso dos semblantes pode ser recolhido pelo comportamento vacilante de homens e mulheres. Levantamos a seguinte questão: como fica o amor diante do contexto de desvirilização e da promoção da ideologia da igualdade?

⁵⁷⁴ COELHO DOS SANTOS, T. Entre tapas e beijos: a vacilação dos semblantes da diferença sexual. **Latusa**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 201-213, 2008a., p. 207. p. 208.

⁵⁷⁵ *Ibid.*, p. 208-209.

⁵⁷⁶ *Ibid.*, p. 206-207.

5.2.4 O amor no tempo em que “todo mundo dorme com todo mundo”

Brousse extraiu a fórmula que ilustra o título acima do discurso analisante que caracteriza a vida sexual no século XXI. A era em que “todo mundo dorme com todo mundo” resulta em uma transformação qualitativa do encontro sexual. As principais mudanças podem ser resumidamente apresentadas: “a banalização, a legalização e a legitimação da homossexualidade, a mutação dos modos de procriação operada pela ciência, hoje cada vez mais radicalmente distinta da vida sexual, assim como o desenvolvimento de grande envergadura de uma imagética sexual, acessível a todos na web.”⁵⁷⁷

A analista destaca as principais consequências da mutação ocorrida na vivência sexual na contemporaneidade. Para ela, a vida sexual se distancia dos laços sociais tradicionais e, por isso, está liberada do discurso. Exceto do discurso do capitalismo ao qual ela continua atrelada. Consequentemente, a sexualidade passa a ter mais relação com a imagem do corpo, com o imaginário, do que com um dizer.

A sexualidade se aproxima da ideia freudiana de perversão. Quer dizer, a aproximação é com a noção freudiana de que a sexualidade infantil é perverso polimorfa. Brousse ressalta que a vida sexual adulta também vem sendo colorida por esse tom perverso com o acréscimo da dimensão do ato sexual. “[...] Se a sexualidade sempre foi organizada pela fantasia, ela própria perversa, hoje ela declara sem recalçamento suas próprias práticas no Outro e reivindica essa polimorfia.”⁵⁷⁸ Ela acredita que nos deparamos na contemporaneidade com uma vida sexual que é extensão da passagem ao ato.

O gozo parece liberado da crença na relação. Ora, o que se tornou a dialética do desejo e do amor? Esse questionamento de Brousse tem como norte a ideia de que o discurso analítico precisa refletir sobre esses novos modos de gozar que aparecem na fala e no dizer dos analisantes. Se “todo mundo dorme com todo mundo”, o que é o amor na contemporaneidade? Soma-se a essa questão, mais duas perguntas: “qual é a lição sobre o modo atual do laço impossível entre desejo e amor?”; “o que se torna o amor no tempo da vitória da perversão no campo do desejo?”⁵⁷⁹

Dominique Laurent acredita que o século XXI verifica uma nova configuração de saber, uma vez que há um avanço particular da biologia no campo científico. Ao longo do século, ela aposta que esse novo saber trará mudanças ainda mais significativas. Para ela, já

⁵⁷⁷ BROUSSE, Marie-Hélène. O amor no tempo do “todo mundo dorme com todo mundo”. In: ANTELO, M. (Org.). **Mulheres de hoje: figuras do feminino no discurso analítico**. Petrópolis: KBR, 1 ed. Digital, 2012, p. 151-152.

⁵⁷⁸ Ibid., p. 152.

⁵⁷⁹ Ibid., p. 154.

sentimos seus efeitos nas técnicas de laboratório que pretendem escrever cientificamente as condições subjetivas do amor, da felicidade e da relação sexual.

Nessas fantasmagorias, o IRM⁵⁸⁰ dos sujeitos em meditação fornece as condições da felicidade; os ratos dopados com oxitocina fornecem a chave da ligação amorosa, e a indústria farmacêutica anuncia constantemente o futuro lançamento no mercado do Viagra feminino, oferecendo a solução para o gozo.⁵⁸¹

Vivemos a era do sonho científico de uma escrita da relação sexual. Por outro lado, verificamos um afrouxamento dos laços sociais. A contradição aparece frente a sujeitos cada vez mais solitários, mas que insistem no desejo de encontrar um parceiro. Na medida em que os ideais e as tradições não servem mais como bússolas, surge um novo ideal: o de performance. “É preciso ser ‘mais’, amar ‘mais’, desejar ‘mais’, viver ‘mais’, encontrar o melhor parceiro. As formas institucionalizadas do casal, das famílias, são modificadas pelas novas formas de gozo sexual.”⁵⁸²

Ela acredita que os parceiros do gozo estão condenados ao não-encontro, já que sabemos que a relação sexual é impossível e não cessa de não se escrever. No entanto, está aberta a caça do parceiro fantasmático: aquele da pulsão e do objeto.

Os sites da internet são eloquentes. Do *meetic*, versão *soft*, aos sites especializados mais *hard*, cada um, homem ou mulher, homo ou heterossexual, busca seu parceiro. Além das escolhas conscientes do encontro, a análise desvela as condições pulsionais. A caçadora de homens, o avaro que nada quer perder, o exibicionista que se põe em cena, o maltratado que quer sê-lo, o perscrutador da presença do órgão masculino, os *voyerismos* de todo gênero comandam a cena.⁵⁸³

O parceiro fantasia imaginarizado está preso a um gozo autista. Ou ainda, para ela, nas masturbações à distância por meio virtual. Por isso, ele não fala. Os sujeitos se fazem objeto de um Outro que não faz suplência através da fala. Os encontros são cada vez mais múltiplos e efêmeros. O resultado é que há um fracasso generalizado.

A emancipação das mulheres permitiu generalizar as respostas à questão freudiana “o que quer uma mulher?”. As mídias expõem os modos de uso da vida amorosa, elas fazem cintilar os objetos fetichizados da sedução, e os *sex-toys* se propõem como remédio para a falta. Essas respostas soam como palavras vazias, porque universais e conciliadoras. Essa tagarelice se extingue no encontro silencioso na internet.⁵⁸⁴

⁵⁸⁰ Imagem de ressonância magnética.

⁵⁸¹ LAURENT, Dominique. Des souris et des femmes. **La Cause freudienne**, Nouvelle revue de psychanalyse, n. 70, 2008, p. 45-46.

⁵⁸² Ibid., p. 46.

⁵⁸³ Ibid., p. 46-47.

⁵⁸⁴ Ibid., p. 47.

A analista extrai dois tipos de demanda do discurso de seus analisandos. Uma delas diz respeito à troca sucessiva de parceiros. Ela denominou esse comportamento de *zapping* frenético. Homens e mulheres insistem na busca de encontros que podem realmente cativá-los. De outro lado, há um distanciamento entre os sexos que culmina em solidão. Esta pode ser preenchida por variados tipos de adições. Há um remodelamento do corpo, através da ciência, do esporte, de programas anoréxicos, pela cirurgia estética, pelos objetos de consumo e também pelo uso de drogas (legais ou não). Para Laurent, o objeto está no comando, tanto por sua evidente afirmação, quanto por sua denegação.

Pode ser visto no estilo de vida dos casais “fraternais” que colocam a sexualidade à distância, visando a homeostase. A regulação imaginária de um sobre o outro permite acreditar na unicidade do casal. Esta pode ser perturbada pela contingência de um encontro ocorrido em uma vida conjugal desértica ou pouco entusiasta há muito tempo, ou pela questão do compromisso no casamento, o pacs⁵⁸⁵, a maternidade, etc., para os mais jovens. Há uma imensa tolerância ao estilo de vida fraternal, a essa acomodação silenciosa que os libera das confusões do sexo e do desejo.⁵⁸⁶

O estilo de vida fraternal também tem sido encontrado em casais jovens. São aqueles casais que não se separam da turma de amigos. Prosseguiremos nossa pesquisa analisando as versões das relações amorosas contemporâneas. Nos guiaremos por dois fragmentos de casos clínicos publicados e que ilustram a posição feminina e a masculina:

A visão feminina: Carla, 28 anos, bonita e bem-sucedida. Ainda mora com os pais e revela que não quer casar para, simplesmente, sair de casa. Sonha em morar sozinha. Contudo, não quer perder o conforto que tem na casa dos pais. Todos os homens que ela ama, se apaixonam por outra mulher. Para não ficar sozinha, mantém os ex-namorados em *stand-by* e acredita que possa se reencontrar com algum deles. Não consegue esquecer o antigo namorado. Foi um encontro intenso e ele rompeu com ela. Segundo ele, eles eram muito diferentes. Ela se define como fofa. Diz que ele é *cool*. Ela nunca diz o que pensa. Não pode perder o controle sobre a imagem de “fofa” que ela quer que o outro tenha dela. Ou seja, ela não expõe sua castração. Ele envia emails para ela porque é *cool* se comportar como se nada tivesse ocorrido entre eles. Em outras palavras, “uma mulher, quando se decepciona com um homem, não pode mais dizer que ‘homem não presta’ ou que são todos iguais. Em momento algum ela se confessa uma mulher romântica, à espera do príncipe encantado.”⁵⁸⁷

⁵⁸⁵ Pacto civil de solidariedade.

⁵⁸⁶ LAURENT, Dominique. Des souris et des femmes. **La Cause freudienne**, Nouvelle revue de psychanalyse, n. 70, 2008, p. 47.

⁵⁸⁷ COELHO DOS SANTOS, T. Não existe pecado do lado de baixo do equador? **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro. v. 35, p.121-142, 2009, p. 6.

A visão masculina: Patrick, 27 anos, procurou a análise após o rompimento de um namoro de três anos. Eles eram feitos um para o outro. Mas a vida sexual era repetitiva e sem graça. Apesar de a namorada ser bonita e inteligente, ele não a desejava sexualmente. Ele busca outras experiências, mas os desencontros persistem: “quando encontra na mulher uma companheira, uma amiga, a vida sexual não lhe agrada. Quando o sexo é fantástico, a moça não satisfaz as condições para um relacionamento estável. E quando ambas as condições são satisfeitas, é impossível!”⁵⁸⁸

No primeiro caso, a analista se pergunta se é uma versão contemporânea de histeria. Entretanto, ela acredita que isso simplificaria a questão em jogo. Para ela, o desencontro vivido por Carla é fruto de uma expectativa impossível que permeia as relações contemporâneas. Tal esperança ilusória emerge, portanto, como consequência da difusão da psicanálise e da ideologia da igualdade radical entre os sexos. “As mulheres, na contemporaneidade, precisam fingir que não há diferença entre os sexos. A diferença entre ter o falo e ser o falo vem sendo lentamente apagada do imaginário social, aprisionando os jovens à representação enganosa de uma suposta relação igualitária.”⁵⁸⁹

No outro caso, a analista argumenta que temos um caso de neurose obsessiva. Quer dizer, temos um homem dividido entre a santa e a puta. Porém, ressalta que Patrick:

- não se considera mulherengo;
- não é compulsivamente infiel;
- não se vê como um machão;
- não se confessa atordoado por um monte de mulheres que despertam seu desejo;
- muito menos escolhe uma delas para casar-se.

A divisão clássica entre as duas formas de escolha de objeto não são encontradas nesse caso. “A clivagem do objeto, em jogo na antiga dupla moral sexual, não serve para interpretar esse caso. Ele espera reunir tudo de que precisa numa única mulher. Como isso é impossível, sua busca não termina nunca.”⁵⁹⁰

A hipótese é a de que assistimos a uma desconfiguração da diferença entre os sexos. Quando a ideologia igualitária é dominante, os homens e as mulheres não sabem mais como escolher um parceiro. Há uma ideia ingênua de que é preciso experimentar vários parceiros, muitas vezes dos dois sexos, para poder fazer uma escolha. O resultado que se repete, caso a caso, é que quanto mais se procura, menos se encontra.

⁵⁸⁸ COELHO DOS SANTOS, T. Não existe pecado do lado de baixo do equador? **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro. v. 35, p.121-142, 2009, p. 6-7.

⁵⁸⁹ Ibid., p. 6.

⁵⁹⁰ Ibid., p. 7.

O individualismo igualitário que predomina na mentalidade urbana atual não admite que o objeto que causa o desejo é inconsciente. É um objeto incomparável, arbitrário, inexplicável e incognoscível. Nenhum objeto possível, nenhum parceiro da realidade pode equivaler ao objeto causa do desejo. Por essa razão, nada do que se busca é da ordem do que se encontra. O igualitarismo, na medida em que suprime a diferença entre os sexos, alegando que não pode justificá-la racionalmente, destrói a bússola que orienta o desejo inconsciente e impulsiona os indivíduos no sentido da infinitização da busca do objeto do gozo absoluto. A diferença geracional, a experiência dos mais velhos e os papéis sexuais já não ensinam mais nada às novas gerações.⁵⁹¹

Observamos a “dessemblantização” da relação sexual. Ao longo dos capítulos, desenvolvemos que o significante falo é o que norteia o gozo possível a cada sexo, na medida em que este é o significante da diferença sexual. Ele é um semblante. Portanto, o comportamento de cada sexo frente ao outro tem o caráter de papel sexual.

O comportamento sexual humano orienta-se pelo semblante, ou seja, pelos papéis sexuais veiculados por meio do discurso. Graças ao semblante, o comportamento sexual é conduzido em direção ao real que não é da ordem do semblante. A dimensão real é que o gozo absoluto é impossível.⁵⁹²

Nossa cultura, aparentemente liberal e tolerante com a diversidade das parcerias sexuais, produzida pelo discurso do capitalismo, não foi capaz de ampliar a felicidade no amor.

Quanto mais alardeamos que nada é proibido, mais nada é permitido. Quanto mais apostamos na veracidade das palavras da canção – que “qualquer maneira de amor vale à pena, qualquer maneira de amor vale amar” – mais somos obrigados a admitir que a liberdade não é a garantia da felicidade.⁵⁹³

5.2.5 Esquecer a natureza?

Ao tratar da questão do casamento homossexual, Miller, em 2013, no “*Le Point*”, introduziu uma consideração que nos causou estranheza. Ele criticava a posição da tradição vaticana que fez um discurso de que há uma espécie de atentado à família autêntica que contraria a natureza e a sociedade. A visão dele sobre o discurso religioso pode ser resumido nas seguintes palavras:

O ideal da justa medida não é mais operatório. Se a ciência veicula a pulsão de morte que habita a humanidade, creem vocês que um comitê de ética, mesmo inter-

⁵⁹¹ COELHO DOS SANTOS, T. Não existe pecado do lado de baixo do equador? **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro. v. 35, p.121-142, 2009, p. 8.

⁵⁹² *Ibid.*, p. 9.

⁵⁹³ *Ibid.*, p. 12.

religioso, possa represá-la? Isto, hoje, é o patético da fé. Escutemos o poeta, quando ele se chama Paul Claudel: “Há outra coisa a dizer às gerações futuras além desta palavra enfadonha: ‘tradição’.”⁵⁹⁴

A partir desse debate que, segundo Miller, dividiu os psicanalistas, pensamos em recolher algumas considerações. Para iniciar, recordaremos uma citação de Lacan:

Antes ainda que se estabeleçam relações que sejam propriamente humanas, certas relações já são determinadas. Elas se prendem a tudo que a natureza possa oferecer como suporte, suportes que se dispõem em temas de oposição. A natureza fornece, para dizer o termo, significantes, e esses significantes organizam de modo inaugural as relações humanas, lhes dão as estruturas, e as modelam.⁵⁹⁵

É possível esquecer a natureza? É possível esquecer a transmissão de Lacan? Coelho dos Santos nos lembra ainda de outra consideração lacaniana importante para a reflexão sobre o tema que ela embasa na concepção do “O Seminário, livro 18”. Nas palavras dela:

A identidade de gênero não é senão o destino dos seres falantes de se repartirem, na idade adulta, em homens e mulheres. Para o rapaz, trata-se de bancar o homem, agente da corte tal como esta é definida no nível animal. O comportamento sexual humano consiste numa certa manutenção deste semblante animal. Entre os humanos, este semblante é o discurso sexual que o transmite. O discurso sexual é a passagem do real enquanto impossível de se imaginar. Para alcançar o outro sexo, é preciso não tomar o órgão masculino pelo real, pois ele somente se funda como o instrumento da cópula por meio do arranjo significante. A posição do psicótico ignora que a natureza não é o real, pois ela é o semblante. O que o transexual não quer mais, por exemplo, é o significante. Somente graças aos efeitos do significante, aquilo que está escrito no corpo como anatomia pode ser lido como destino. Para fazê-lo como convém, é preciso que a gente se engane pela via do ‘erro comum’ que é o de crer à natureza.⁵⁹⁶

A analista ressalta que a anatomia é um destino para os que acreditam na natureza. Apesar disso, ela reconhece que essa crença não é mais universal. Entende ainda que homens e mulheres cada vez mais desconsideram os semblantes que imitam a natureza. Paradoxalmente, uma incontestável verdade insiste: os discursos contemporâneos não produziram novos semblantes.

Os casais *gays* querem casar e ter filhos. Logo, isso não seria uma imitação dos amantes da natureza? “A luta pelo casamento para todos mostra que o movimento gay não

⁵⁹⁴ MILLER, Jacques-Alain. Casamento homossexual: esquecer a natureza. **Opção Lacaniana**, ano 4, n. 10, 2013, p. 3.

⁵⁹⁵ LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985, p. 26.

⁵⁹⁶ COELHO DOS SANTOS, T. A anatomia é um destino para os que acreditam na natureza. In: VI ENCONTRO AMERICANO DE PSICANÁLISE DA ORIENTAÇÃO LACANIANA E XVIII ENCONTRO INTERNACIONAL DO CAMPO FREUDIANO, 2013, Buenos Aires. **Textos**. Buenos Aires, 2013. Disponível em <www.enapol.com>. Acesso em: 02 dez. 2014.

reivindica mais o direito à exceção homossexual. Nos anos 1970, o discurso gay recusava o sonho naturalista de felicidade familiar com seus papéis *ready-made*: marido, mulher, papai, mães, bebês.”⁵⁹⁷

Contudo, não é mais o que vemos hoje. A liberdade pulsional defendida pelos *gays* deu lugar a uma busca pela tradição. Esta que foi duramente criticada por Miller. É, ironicamente, o que almejam os *gays* ao sonharem com a composição familiar. Sob formas cada dia mais conhecidas de duas mães ou dois pais. “Os significantes mestres produzidos pela fantasia da natureza agora são reivindicados por todos, neuróticos ou não. A única coisa que triunfa em nossos dias, aparentemente, é a vontade dos antigos rebeldes de ser igual a todo mundo.”⁵⁹⁸ Família para todos? Sob a máscara do direito, eis, portanto, o triunfo da tradição!

5.2.6 Qualquer maneira de amor valerá?

“Qualquer maneira de amor vale o canto. Qualquer maneira me vale cantar. Qualquer maneira de amor vale aquela. Qualquer maneira de amor valerá...”⁵⁹⁹.

Qualquer maneira de amar valerá? A psicanálise acompanha as mudanças da civilização, uma vez que não há clínica do sujeito sem clínica da civilização.⁶⁰⁰ Todavia, vivemos em uma época na qual as ideologias e os movimentos sociais propiciam aos psicanalistas o questionamento da consonância destes com os fundamentos e princípios psicanalíticos. “Hoje, quando os movimentos sociais nos impõem a representação de que a sexualidade psíquica e o sexo anatômico não guardam entre si nenhuma relação, precisamos dizer o que nossa experiência como analistas nos ensina sobre a diferença sexual.”⁶⁰¹

Recolhemos da experiência cotidiana e psicanalítica que as relações amorosas e sexuais comportam laços frouxos nos quais os parceiros são variáveis, pois podem ser homens ou mulheres. Parece que o sexo do parceiro é indiferente. O amor tem todas as cores. Um verdadeiro “arco-íris”. No entanto, “a moral sexual civilizada contemporânea reza que quanto

⁵⁹⁷ COELHO DOS SANTOS, T. A anatomia é um destino para os que acreditam na natureza. In: VI ENCONTRO AMERICANO DE PSICANÁLISE DA ORIENTAÇÃO LACANIANA E XVIII ENCONTRO INTERNACIONAL DO CAMPO FREUDIANO, 2013, Buenos Aires. **Textos**. Buenos Aires, 2013. Disponível em <www.enapol.com>. Acesso em: 02 dez. 2014.

⁵⁹⁸ Ibid.

⁵⁹⁹ VELOSO, C.; NASCIMENTO, M. Paula e Beбето. Interprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, M. **Native dancer**. Colúmbia (Estados Unidos): EMI/Odeon, 1975.

⁶⁰⁰ MILLER, Jacques-Alain. El Otro que no existe y sus comités de ética. **Seminário em colaboración con Eric Laurent**. Buenos Aires: Paidós, 2005, p. 46.

⁶⁰¹ COELHO DOS SANTOS, T.; ZUCCHI, M. A. O fantasma e o real: sobre a desigualdade entre os sexos. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 109-125, 2006, p. 110.

mais liberdade de trocar de parceiro, ou de sexo, maior a convicção de que todas as relações são iguais, um só e o mesmo desenlace.”⁶⁰²

Apesar de uma tendência a legitimar as relações homossexuais, como nos coloca acima Brousse, indicamos que a escolha homossexual deixou de ter seu caráter contestatório original. Os ideais do movimento *gay* fracassaram. Hoje, eles desejam repetir a mesma relação amorosa e sexual que os heterossexuais. Querem casar, ter filhos e formar famílias.

No canal de TV do Grupo Globo, GNT, há uma série intitulada “Família é Família” cujos enredos se justificam a partir do seguinte argumento:

Família é tudo igual, mesmo quando é diferente. A série mostra a história de famílias que fogem das composições tradicionais, mas que mantêm o amor que une os pais aos seus filhos. A segunda temporada da série acompanha a vida de pessoas que criaram novas formas de viver em família. E todas têm um objetivo em comum: serem felizes realizando seus sonhos familiares. Dirigida pelo premiado documentarista João Jardim, a série acompanha a intimidade dos mais diferentes arranjos familiares para mostrar que, no fundo, não somos tão diferentes assim.⁶⁰³

O episódio “Irmão de todo jeito” mostra uma família composta por duas mulheres e dois filhos. Primeiro, uma delas, através da inseminação artificial, teve um menino. O doador é desconhecido, mas sabe-se que ele não é brasileiro. Quatro anos e meio depois, a outra gerou também uma filha. A inseminação foi feita a partir do material do mesmo doador. O médico que realizou a inseminação da primeira mãe se recusou a fazer o procedimento na outra mulher, pois acreditava que a mesma mulher deveria ser inseminada. Elas fizeram o procedimento com outro médico, que aceitou a tarefa.

As mulheres argumentam: “eles são irmãos. Por dois motivos: primeiro, era nosso desejo ter filhos juntas, não importa da barriga de quem saísse; o segundo, é que eles foram do mesmo doador.”⁶⁰⁴ A relação homossexual não sobreviveu aos impasses amorosos. Elas se separaram e concluíram que cada filho ficaria com sua própria mãe e que elas revezariam as visitas, a cada final de semana. Cada uma delas refez sua vida amorosa com outras mulheres.

Segundo uma das mães, “eles têm o melhor dos dois mundos. Conseguem ser filhos únicos sendo irmãos”. Para elas, “as duas têm direitos a eles e eles têm direitos as duas.”⁶⁰⁵ Realmente, elas se organizaram com os direitos e os deveres de mães e filhos. No entanto,

⁶⁰² COELHO DOS SANTOS, T.; ZUCCHI, M. A. O fantasma e o real: sobre a desigualdade entre os sexos. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 109-125, 2006, p. 110.

⁶⁰³ FAMÍLIA É FAMÍLIA (Série Documental) Ep. 13 – Irmão de todo jeito. Produção de João Jardim. GNT, 19/11/2014

⁶⁰⁴ Ibid.

⁶⁰⁵ Ibid.

durante o episódio, elas revelam um problema que pareceu sem solução: como fica o dia das mães?

Elas contam que o menino, ao ensaiar uma apresentação na escola para o dia dos pais, perguntou: “Mãe, eu tenho pai?” A resposta: “Não, você tem duas mães!”⁶⁰⁶ Elas apresentaram a ele um dossiê no qual estão os dados referentes ao processo de escolha do doador. A família procurou um site no qual as mães ou as crianças se inscrevem com o código do doador. Eles passaram a ter contato com mais duas famílias compostas por mulheres que tiveram filho do mesmo doador. Eles foram a Orlando conhecer, então, nove irmãos.

Apresentamos essa configuração familiar para embasar nosso debate acerca da aplicação da psicanálise enquanto um instrumento de leitura das manifestações sociais. Propomos que há uma diferença em relação ao ponto de vista sociológico.

A psicanálise se orienta por um compromisso ético com a clínica sob transferência. Estão em jogo as ficções do inconsciente, o que nos impõe uma grande diferença quanto à perspectiva adotada pelos atores sociais. A psicanálise toma a diferença sexual como um dado de estrutura da experiência do ser falante. Desde o nascimento se é menino ou menina. Esse destino está escrito no corpo, é nomeado na linguagem e seus efeitos sobre as identificações e sobre a escolha de objeto não permitem que essas escolhas sejam livres. O ser falante repete, não escolhe livremente entre ser homem ou mulher.⁶⁰⁷

Enquanto psicanalistas, devemos nos atentar e questionar, por exemplo, o modelo de perfeição e felicidade que a série acima pretende legalizar e legitimar. Podemos acreditar que os nove filhos de “um pai-código anônimo” e de “duas mães” têm mesmo “o melhor dos dois mundos”? E mais: será que não importa mesmo de qual barriga saiu cada um deles? Como as crianças geradas nessa família se servirão da diferença sexual?

As novas configurações familiares têm como base fundamentos de um movimento político desenvolvido nos anos 1990, a partir das teorias “queer”. Essas teorias propõem uma nova visão do mundo ocidental pós-moderno. Segundo elas, a sexualidade desviante é um método inédito de repensar os padrões culturais estabelecidos. Assim, elas se opõem à norma.⁶⁰⁸

“Trata-se de uma política pós-identitária onde o foco é a cultura e suas estruturas discursivas e não a identidade. Tomam de empréstimo a Lacan a noção de que o sujeito se constitui no campo do Outro, logo, não há nenhuma identidade sexual, somente

⁶⁰⁶ FAMÍLIA É FAMÍLIA (Série Documental) Ep. 13 – Irmão de todo jeito. Produção de João Jardim. GNT, 19/11/2014.

⁶⁰⁷ COELHO DOS SANTOS, T.; ZUCCHI, M. A. O fantasma e o real: sobre a desigualdade entre os sexos. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 109-125, 2006, p. 111.

⁶⁰⁸ *Ibid.*, p. 114.

identificações.”⁶⁰⁹ Os corpos são indiferentes à diferença anatômica. Nesse sentido, eles podem ser afetados por qualquer forma de gozo.

Entretanto, nossa tese propõe uma visão contra cultural para abordar a sexualidade. Certamente, não é uma posição confortável, na medida em que nos colocamos como questionadores dos discursos sociais pós-modernos. Sabemos dos riscos de questionamentos, em especial, sob a noção de que há um conservadorismo e uma relação preconceituosa em nossa posição. Todavia, defendemos que os semblantes não são apenas produtos culturais. É preciso que haja um pai vivo, mas encarnado. Quais as consequências psíquicas que recolheremos em crianças cuja paternidade revela um “pai-código-anônimo”?

Não há sexualidade, ou não há sintoma, fora da cultura. Não há clínica do sujeito sem clínica da civilização. O corpo sexuado da era vitoriana na qual Freud inventa a psicanálise já não é o mesmo dos anos subsequentes à virada do milênio. Nesse sentido, o valor das fantasias homoeróticas, por exemplo, numa e noutra época, é bastante diverso. Não é possível negar o efeito político da difusão da cultura da ideia de descontinuidade entre sexo biológico, gênero e sexualidade. Difusão esta que é tributária também da psicanálise. Entretanto, parece ter havido um apagamento da materialidade do corpo como um referente essencial na determinação da sexualidade. Parece que o fato, trazido à luz por Freud, de que o fundamento infantil da sexualidade é perverso-polimorfo autorizou uma certa desconsideração da anatomia, ainda que para ele a anatomia fosse, sim, o destino.⁶¹⁰

Indicamos que não acreditamos que todos os semblantes são válidos. Os semblantes identitários não podem ser desconstruídos a favor da plasticidade de qualquer modo de gozo. Apontamos que, em um futuro próximo, colheremos as consequências psíquicas da indiferenciação entre os sexos. Para além de qualquer tentativa ingênua de moralizar ou naturalizar as relações amorosas, julgamos que nem “todas as maneiras de amar valem a pena”.

Nem tanto pelo fracasso que implicam, já que todo amor é, em sua essência, uma forma de recobrimento do impossível da relação sexual, mas porque para cada sujeito há um destino, um sentido a dar à sua anatomia, e o gozo daí derivado não é equivalente a qualquer outro, nem tampouco se pode escrevê-lo com quaisquer letras, ou cores.⁶¹¹

5.3 O ANALISTA NA CONTEMPORANEIDADE

As práticas dos psicanalistas devem ser analisadas a partir do paradoxo da norma na contemporaneidade, conforme trabalhamos na introdução deste capítulo. Relembramos que

⁶⁰⁹ COELHO DOS SANTOS, T.; ZUCCHI, M. A. O fantasma e o real: sobre a desigualdade entre os sexos. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 18, p. 109-125, 2006, p. 59-60.

⁶¹⁰ *Ibid.*, p. 120.

⁶¹¹ *Ibid.*, p. 112.

vivemos numa época em que há o imperativo de que todos sejam únicos, diferentes, singulares. Disso, recolhemos o rebaixamento da lei simbólica.

Observamos sujeitos que apresentam uma variedade de estilos e modos de gozar da vida e que reivindicam o direito de serem respeitados e legitimados. Nos capítulos anteriores, desenvolvemos o final de análise em Freud e em Lacan. A pergunta que nos guia agora é se as antigas concepções precisam se adequar a uma perspectiva mais contemporânea.

As instituições psicanalíticas, por exemplo, precisam definir quem é considerado analista e quem é considerado um analisando. Freud não acreditava que se passava de um estado ao outro em caráter irrevogável e absoluto. Lacan, sem romper com o paradigma freudiano da primazia do simbólico, apostou que era possível atravessar o enquadre simbólico/imaginário do fantasma e haver-se com o vazio de sentido do real. Ao final de uma análise, haveria analista sempre que um analisando pudesse reconhecer que sua defesa ante ao real, seu fantasma, obedece a uma lógica relativa à sexualização. Hoje é preciso um passo a mais para terminar uma análise? ⁶¹²

Coelho dos Santos estudou os relatórios da Associação Mundial de Psicanálise (AMP) sobre o dispositivo do passe para estabelecer o que se modificou nos finais de análise dos analistas. Para isso, ela comparou o relatório de 1994 com o de 2010 e 2011. O primeiro relatório, o de 1994, demonstra a universalidade da travessia do fantasma, ainda que, como citamos no capítulo 3, o fantasma não tenha a mesma consistência para as mulheres, como tem para os homens. Além disso, a medida fálica e o rochedo de castração fazem a norma. “Homens e mulheres precisam redimensionar sua relação com o sintoma/castração para arranjar-se com a inexistência da relação sexual e com a inconsistência do Outro.” ⁶¹³

Podemos classificar que ainda havia uma forma clássica de guiar a análise. No relatório de 1994, os membros da AMP declaravam que os conceitos lacanianos de travessia do fantasma e de identificação ao sintoma orientavam a pesquisa sobre o término das análises. Afirmamos que havia uma exaltação das diferenças entre os sintomas relativos a cada sexo e também sobre a incidência da sexualização, conforme ilustra a seguinte citação retirada do relatório:

Um homem e uma mulher não terminam suas análises da mesma maneira, este truísmo se impõe. É preciso distinguir ainda aquilo que se destaca da inegável distribuição das duas grandes neuroses conforme o sexo e aquilo que se deve à transformação da relação ao sexo obtida pela análise. Distinguir o lugar do fantasma na histeria e na neurose obsessiva permite avaliar a travessia. Situar quanto à

⁶¹² COELHO DOS SANTOS, T. Do supereu sujeitado à lei simbólica e a normatividade social dos corpos falantes. In: COELHO DOS SANTOS, T.; SANTIAGO, J. E MARTELLO, A. (Org.). **Os corpos falantes e a normatividade do supersocial**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014, p. 47.

⁶¹³ Ibid., p. 48-49.

sexuação a diferença de acesso ao fantasma e à inconsistência do Outro nos faz mensurar que o véu do pudor não tem a mesma função para os dois sexos.⁶¹⁴

Em 1994, encontramos a categoria do que pode ser universal. A avaliação no que diz respeito à conclusão de uma análise se centra na diferença da consistência do fantasma para homens e mulheres. Quer dizer, do lado do homem encontramos a densidade do objeto *a* e do lado da mulher a inconsistência real do simbólico derivada da lógica do não-todo.

No que se refere aos homens, destaca-se a série do horror no encontro com a castração da mãe, além do caráter unívoco da relação ao fantasma como condição de gozo. Razão pela qual a travessia do fantasma é especialmente difícil para os homens. Ele se apega a ele ou o desconhece à medida que o fim da análise se aproxima. Do lado da mulher observou-se uma grande leveza no que se refere à consistência do fantasma. [...] A relação ao fantasma, entretanto, não alivia as mulheres de uma relação com o Outro que suplemente a falta da relação sexual. Elas não se contentam com a resposta fantasmática, mesmo se ela tem um pé no Outro. O que muitas vezes é um obstáculo para o surgimento de um desejo novo de saber.⁶¹⁵

Entretanto, uma nova abordagem do final da análise surge no relatório de 2010-2011. A dimensão clássica, portanto, se esvazia. “A relação de cada um ao real não pode dispensar completamente a defesa contra ele. Os testemunhos de passe destacam que os analistas de hoje fazem em suas análises atravessamentos, mas não se concede ênfase ao atravessamento do fantasma fundamental.”⁶¹⁶ Há um resto irreduzível e não tratável, de acordo com a posição de Miller nesse relatório:

O passe do ser falante não é testemunhar sobre a travessia do fantasma, é a elucidação da relação com o gozo, de como o sujeito mudou sua relação com aquilo que não muda, seu modo de gozar, e como ele elaborou as variações da verdade, seu caminho de mentira. É o testemunho de um fracasso, muito mais do que de um sucesso, talvez, da obtenção de uma satisfação, da qual é preciso dizer que ela é, não se demonstra.⁶¹⁷

O novo relatório ressalta o resto de gozo indissolúvel. “A nomeação do analista pelo passe o eleva da condição de vício fantasmático (a ser atravessado) à dimensão da virtude narcísico/sublimatória (a ser depositada no pedestal).”⁶¹⁸ Portanto, a ordem é “estrelizar” o analisante.

⁶¹⁴ COELHO DOS SANTOS, T. Do supereu sujeitado à lei simbólica e a normatividade social dos corpos falantes. In: COELHO DOS SANTOS, T.; SANTIAGO, J. E MARTELLO, A. (Org.). **Os corpos falantes e a normatividade do supersocial**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014, p. 47.

⁶¹⁵ Ibid., p. 51-52.

⁶¹⁶ Ibid., p. 47.

⁶¹⁷ Ibid., p. 48.

⁶¹⁸ Ibid., p. 48.

[...] Não são justamente as formações reativas em jogo nos traços de caráter o que resta das pulsões autoeróticas e não foi sublimado pelo efeito metafórico do Nome do Pai? O que se pode fazer com elas? Apostar numa mutação do gozo do tipo sublimatória? Ou invertê-las no oposto do que valem, fazer do vício virtude e colocá-las no pedestal? ⁶¹⁹

Sabemos que Lacan, em “Função e campo da fala e da linguagem”, já advertia que o analista deve alcançar o horizonte da subjetividade de sua época. ⁶²⁰ No entanto, tal direção não pode ser entendida como uma orientação para o consentimento com o declínio científico na prática psicanalítica. Entendemos que com o progresso da teoria psicanalítica nos deparamos com uma espécie de esvaziamento do discurso científico. Porém, Lacan esperava que houvesse um surgimento do pensamento científico ao final de uma análise. Inclusive Miller reconhece, posteriormente, que o desejo de saber é um desejo científico.

Questionamos se, em função disso, os movimentos sociais originam laços sociais e institucionais que não têm mais a ciência como eixo da constituição subjetiva. A coletivização produz um apagamento da diferença e institui o amor pelo grupo. Ao nos depararmos com analistas que tomam movimentos sociais e políticos de forma partidária, refletimos sobre a pertinência de tal posicionamento. Acreditamos que não é apropriado que os analistas se ocupem de apoiar diretamente movimentos sociais e políticos, na medida em que tais defesas rompem com a lógica orientadora do caso a caso na prática psicanalítica.

Defendemos que os analistas devem se ocupar de resgatar minimamente a função dos semblantes. Sabemos que não é preciso acreditar absolutamente nos semblantes, pois, em nossa prática, trabalhamos com a noção de que eles são da ordem do significante. Porém, não podemos entender, com isso, que eles são desnecessários. Acreditamos, por outro lado, que nossas atividades clínicas e nossa inserção na cultura devam servir para a veiculação dos papéis que consideramos indispensáveis. São papéis que não podem ser dispensados e nem exercidos por qualquer um.

Quer dizer, defendemos que, nesse sentido, o analista deveria ser menos contemporâneo. Menos marcado pela exibição narcísica cujo apelo à exposição e ao voyeurismo aparece diariamente nas telas dos celulares e computadores. A característica da subjetividade atual conduz a um ponto de obscenidade e deve ser recalculada para o lugar de maior discricção por parte do analista.

⁶¹⁹ COELHO DOS SANTOS, T. Do supereu sujeitado à lei simbólica e a normatividade social dos corpos falantes. In: COELHO DOS SANTOS, T.; SANTIAGO, J. E MARTELLO, A. (Org.). **Os corpos falantes e a normatividade do supersocial**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014, p. 49.

⁶²⁰ LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem [1953]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 322.

6 CONCLUSÃO: o analista quando “uma gata não consegue encontrar seus filhotes!”⁶²¹.

Do moderno ao contemporâneo. Da moral sexual freudiana à nova moral sexual. A partir dessas direções, me propus a refletir sobre o amor e a sexuação. Freud fundou a psicanálise enquanto um novo campo de saber que objetivava a descoberta da causa sexual da neurose. Ele abordou a sexuação como derivada das consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos.

Subjetivamente, homens e mulheres se originam da primeira distinção infantil feita a partir do “ter” ou “não ter” o pênis. A afirmação freudiana de que a anatomia é o destino refere-se a um real localizado no corpo, mas com o qual, através de um processo lógico, cada um vai se localizar psiquicamente como homem ou como mulher. A assunção do sexo não é algo natural, portanto. Para Freud, o destino tem relação com uma realidade intransponível e não com uma significação prévia dos sexos. Homens e mulheres não mantêm a mesma relação com o falo.

A apropriação primária da sexualidade infantil precisa ser transposta na adolescência para que as identificações sexuais apareçam e possibilitem o que Freud nomeou de reencontro com o objeto. Somente esta passagem pode permitir o consentimento aos papéis sexuais na cena amorosa adulta. Ir mais além da castração permite a abertura para a parceria amorosa.

No que diz respeito à mulher, Freud abordou o complexo de masculinidade como uma negação histórica da diferença sexual. Ele acreditava que a superação da histeria ocorreria, caso se vivesse a herança do útero como vertente positiva da subjetividade feminina. Contudo, acreditamos que o enigma da feminilidade foi desvendado por ele de forma parcial porque ele reduziu a questão feminina à reivindicação fálica e tratou da sexuação pelo modelo masculino.

Ele também analisou as condições para amar e o comportamento no amor de homens e mulheres. Tratou dos impasses relativos a cada sexo e observou a dissimetria entre eles com uma grande precisão clínica e teórica. Realizou um esforço para pensar a relação sexual, a partir de seus impasses e dificuldades. A principal pergunta que extraí de suas obras foi: qual a relação entre amor e gozo? Todavia, sua teoria me colocou diante da seguinte questão: como lidar com a parceria amorosa na contemporaneidade, uma vez que nos deparamos com o fato de que a relação entre homens e mulheres parece ter deixado de se tornar um mal necessário?

⁶²¹ Essa frase foi extraída do “O Seminário, livro 10” quando Lacan relembra o livro de Rank sobre o Don Juan: “Uma gata não conseguiria encontrar seus filhotes naquela confusão.” (LACAN, Jacques. **O Seminário, livro 10: a angústia** [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005, p. 212).

Por isso, busquei as contribuições de Lacan. Ele retomou o inconsciente freudiano com as ferramentas da linguística. Para ele, o desejo tem uma referência fálica. Em psicanálise, ao falarmos de sexualização, entendemos que, para além do sexo biológico, temos a implicação subjetiva do sexo. A assunção fálica é constitutiva para a posição sexual dissimétrica de homens e mulheres. O complexo de castração funda uma posição inconsciente na qual cada um se identifica com o tipo ideal de seu sexo. Porém, a dissimetria sexual causa os impasses do amor. Em especial, o seguinte obstáculo: existe um desejo que seja realmente a sua vontade?

Lacan defendeu um olhar positivo diante das discordâncias nas relações entre os sexos. Entender que, entre homens e mulheres, há um mal necessário não equivale a estabelecer que fracassamos no amor. Muito pelo contrário, acreditamos que a dissimetria é o que possibilita a vivência do gozo.

A psicanálise lacaniana pode ser definida como um saber sobre os impasses do saber sexual. Para ele, por exemplo, a inveja do pênis na mulher não pode ser encarada como um impasse impossível de transpor. Por outro lado, ele acreditava que, em uma análise, os caminhos que inibem um homem de se dirigir à sua mulher deveriam ser iluminados.

Para o sujeito de desejo, corpo e linguagem participam de uma mesma estrutura inconsciente. Por isso, a análise deve levar cada um a inventar o saber relativo ao horizonte do sexual. De forma incomum, a psicanálise busca conjugar o saber e a verdade, a partir do axioma lacaniano “não há relação sexual”.

Longe de ser um “protetor cego dos casais”, o analista deve se basear nessas premissas. A inexistência da relação não impede a ligação amorosa. Ela é a condição para os relacionamentos. A castração, para Lacan, ultrapassa o entendimento acidental e instaura uma realidade lógica que origina a repartição sexual.

A impossibilidade da relação sexual é um tema do qual o discurso analítico deve se ocupar. Em relação ao amor, homens e mulheres se equivocaram, em todos os tempos, e acreditaram que “Há Um”. Desde a Antiguidade, há tentativas filosóficas de fazer existir a relação sexual. Analiticamente, Lacan reconsiderou que há “Um sozinho”. Essa é a essência do amor. O discurso analítico é aquele que fala de amor. Falar de amor é gozar. Por isso, o amor não funciona sem que aconteça a declaração.

Paulatinamente, em seu ensino, Lacan promoveu a significantização do gozo. Ele reduziu o gozo ao seu semblante. Ou seja, ao falo enquanto significante da diferença sexual. Com isso, a língua passa a vivificar o corpo. Há uma conjunção entre a ordenação psíquica da

sexualidade e o corpo com sua particularidade anatômica. Se, ao contrário, assistimos à disjunção dessas duas instâncias, não é sem consequências.

Na contemporaneidade, crescem os discursos que propõem a separação do corpo anatômico e da ordenação psíquica da sexualidade. Tendo em vista a leitura da lógica das fórmulas da sexuação de Lacan, entendemos que não podemos minimizar as consequências que advêm dessa disjunção.

Lacan aponta que a responsabilidade é sempre sexual. A responsabilidade diante da dissimetria sexual permite alcançar o amor. Quando não há equivalência entre os sexos, encontramos o amor. Ao analista, cabe a tarefa desafiante de deslocar o gozo que revela o sofrimento da repetição pulsional. Durante a tese, vimos que frente aos impasses do amor e da sexuação, podemos estabelecer uma nova aliança com a vida e a satisfação.

O campo do Outro estabelece os modos de satisfazer a pulsão através dos semblantes. Para Miller, o sintoma é um recurso para saber o que fazer com o outro sexo, já que não há fórmula programada da relação entre os sexos. Na relação do gozo com o parceiro-sintoma, a mulher tem uma forma erotomaníaca de satisfação. O homem, por sua vez, é fetichista. A dissimetria no corpo sexuado é ineliminável.

Nessa dialética binária, ressaltei, ao longo da tese, que as estruturas da sexuação articulam o gozo característico de cada sexo. Todos os enquadres psicológicos devem ser lidos e interpretados à luz das estruturas da sexuação. Miller acredita que Freud foi um “Lévi-Strauss da vida amorosa”, na medida em que apresentou as estruturas elementares da vida amorosa.

Miller situou que Lacan foi o psicanalista que ofereceu condições para tratar dos impasses da sexuação a partir da possibilidade criativa e positiva da invenção. O amor enquanto invenção. Inventar não é apagar o passado. Inventar consiste em tratar e curar o amor como repetição. Por isso, a psicanálise tem muito a ensinar sobre o amor.

Todavia, na contemporaneidade, os papéis sexuais vêm se transformando. Os homens se feminizam e as mulheres se masculinizam. Elas se permitem questionar o ideal da maternidade. O amor está desvalorizado. Os semblantes perderam a evidência lógica. A base argumentativa para essas transformações pode ser localizada no ideal de igualdade jurídica. Concomitantemente, os homossexuais almejam os tradicionais símbolos heterossexuais: casamento e filhos.

Vivenciamos a fluidez do amor e a incerteza dos papéis. Denominei o resultado desse processo de nova moral sexual. Frente à frouxidão dos laços na vida amorosa recolhemos que

os sujeitos abrem mão dos papéis sexuais. Porém, não acreditamos na legitimidade dessas transformações. Propusemos que assistimos a uma encenação moderna.

As mulheres continuam na busca de serem amadas. Não acreditamos na existência de uma mulher contemporânea. Tampouco, na possibilidade de um homem contemporâneo. O discurso jurídico vigente não pode fazer existir a relação entre os sexos. As consequências no nível do gozo podem ser recolhidas diariamente nos consultórios de psicanálise. A insatisfação feminina parece aumentar. Enquanto os semblantes vacilam, a devastação feminina cresce. Os homens parecem desistir da relação entre os sexos. O declínio do viril tinga o mundo com as cores femininas. Resíduos de semblantes.

Acredito que, na análise, essencialmente, tratamos das relações amorosas e dos impasses sexuais. Por isso, os debates dessa tese levam à aposta de que ainda há bastante o que trabalhar sobre o tema. As mulheres analistas foram convocadas e nos trouxeram considerações importantes e incomuns. Nesse ponto, humildemente, preciso discordar de Lacan: elas falam sobre o amor, a sexuação e também tentam desvendar os enigmas da feminilidade.

Certamente, Miller tem razão, ao acreditar que a psicanálise convém às mulheres. Elas, sem dúvida, se interessam pela sexualidade, pelo amor, pelo desejo e pelo gozo. Os temas da psicanálise se conjugam bem com as mulheres. Elas, de forma geral, embasaram o debate, ao propor que a diferença sexual é uma estrutura inconsciente. Por isso, falamos em papéis sexuais. Não abordamos os impasses a partir dos papéis sociais. Sexuação não se reduz a normas sociais. Nesse sentido, não podemos defender a igualdade entre os sexos.

Também por causa disso, acreditamos que a vacilação dos semblantes fez aumentar o mal-estar na vida amorosa. Os encontros não são mais possíveis do que antigamente, como alguns se iludem. Pelo contrário, assistimos a uma solidão generalizada. Os ideais de liberdade de desejo e de liberdade sexual fracassam.

A crise dos semblantes provoca profundas transformações no campo da subjetividade. O final de análise vislumbra um “saber fazer” com os semblantes. Propus que cabe à mulher dimensionar o limite de seu consentimento feminino ao lugar de objeto de gozo para o homem. Consentimento não é submissão. Por outro lado, sabemos que os homens são pouco interessados sobre o que a mulher é enquanto sujeito. Contornar os imperativos superegóicos, por parte deles, é uma desafiante tarefa feminina. De outro modo, a fala é o recurso que o homem tem para limitar o excesso do gozo feminino. A fala limita o fantasma da mulher.

Os modos de gozo, os estilos de vida e as razões para viver se pluralizam, mas a questão segue inalterada: é possível amar e ser feliz ao mesmo tempo? Acredito nas saídas

positivas para os impasses no campo do amor e da sexuação. Assim, posso recuperar a minha pergunta introdutória: seria o amor a quarta saída frente ao desamparo freudiano e ao real lacaniano? Sim, o amor pode aplacar o desamparo. Vimos que amar não dói. Amar não é sofrer. O amor sexuado é feliz quando mantém firme sua relação com os semblantes.

Mesmo sabendo que “uma gata não conseguiria encontrar seus filhotes nessa confusão!”, podemos esperar um pouco de orientação lacaniana? Aposto que sim. Por isso, insisti nessa tese. Apontamos que nem “toda forma de amor valerá!”. O gozo absoluto é impossível. A orientação para essas afirmações está centrada no fato de que entendemos que os papéis sexuais são veiculados por meio do discurso. O comportamento sexual dos seres falantes tem como bússola os semblantes. A preciosidade dos semblantes se resume no fato deles nomearem o real.

Sabemos que a anatomia como um destino não é mais uma crença universal. O paradoxo diante da “dessemblantização” da relação sexual está no fato de que os discursos contemporâneos não produziram novos semblantes. Pelo contrário, observamos uma busca pela tradição. Família para todos!

Por isso, frente à era que almeja o sonho científico de uma escrita da relação sexual, a tese propõe uma visão contra cultural. Questionamos os discursos sociais pós-modernos. Não somos ingênuos quanto ao incômodo que essa posição pode causar. Podemos ser taxados de conservadores e até mesmo de preconceituosos. No entanto, defendemos que os semblantes não são apenas produtos culturais. Não acreditamos também na validade de todo e qualquer semblante. Os modos de gozo não são tão plurais. A indiferenciação entre os sexos tem consequências na vida cotidiana. A desvalorização da diferença sexual e geracional desregula a relação com o corpo, a satisfação e o gozo.

Longe de ser o objetivo da tese o de defender a moralização ou a naturalização das relações entre os sexos. Mas a psicanálise nos ensina que há o gozo do homem e o da mulher. Independente de qualquer discurso de gênero. A sexuação tem essa essência. De nossa parte, não temos o menor indício de que o gozo ilimitado e exigente das mulheres sofreu alterações. As mudanças sociais trouxeram, sem dúvida, ganhos para os sexos. Ganhamos ou perdemos?

Acredito que ganhamos muito com os avanços sociais. Porém, defendo que as mulheres desejam o amor, como antigamente. E os homens continuam buscando as mulheres para casar. Aquelas que causem seu desejo a ponto de renunciar a uma parte de seu gozo.

Não compactuamos com nenhuma espécie de declínio científico na prática psicanalítica. O desejo de saber é um desejo científico. Apesar do rebaixamento da lei simbólica, é isso o que esperamos ao final de uma análise. A cada sexo, a orientação na

direção da cura é que estabeleçam uma relação positiva com a castração, com o desejo, o amor e o gozo.

Ao analista atento cabe reconhecer as estruturas discursivas em jogo na dinâmica da não relação sexual. Apostamos na direção de um tratamento que toma os casos clínicos contemporâneos sempre com uma orientação para o real. Cabe ao analista recolher os resíduos de semblantes e trabalhar na direção de responsabilizar o sujeito com o laço sexual e geracional através de “um desejo que não seja anônimo.”⁶²² Em outras palavras, sublinhamos a preciosa orientação lacaniana de que é função da psicanálise “reintroduzir na consideração científica o Nome do pai”.⁶²³

No entanto, o declínio da autoridade simbólica convoca que “[...] no lugar de buscar a função do Nome do Pai sob a forma do ideal, do indivíduo excepcional, rastremos os efeitos do complexo de castração, da diferença sexual e da dissimetria essencial entre a modalidade de gozo feminino e masculino.”⁶²⁴ Em função disso, exaltei os mestres para basear o principal argumento: o analista na contemporaneidade deve se ocupar em resgatar os semblantes. Eles são necessários, indispensáveis e intransferíveis. Analistas, um esforço a mais para serem menos contemporâneos!

⁶²² LACAN, Jacques. Duas notas sobre a criança [1969]. **Ornicar?** Revista do Campo Freudiano, nº37, abril-junho 1986, p. 13-14.

⁶²³ LACAN, Jacques. A ciência e a verdade [1965-1966]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988, p. 889.

⁶²⁴ COELHO DOS SANTOS, T. Finais de análise: sexuação e invenção. **Tempo Psicanalítico**, v. 40, p. 105-120, 2008, p. 110.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, M.C.C. Ser mulher dói? Os impasses da sexuação na análise de uma mulher. In: **aSEPHallus**, n. 10. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, 2006. Disponível em: <www.isepol.com/asephallus/numero_10/artigo_01_revista10.html>. Acesso em: 22 nov. 2014.
- AZEVEDO, A.V. A curtamão da lalíngua: um ponto de encontro entre Lacan e Guimarães Rosa. In: **Pulsional Revista de Psicanálise**, ano XVIII, n. 184, p. 5-15, 2005.
- BROUSSE, Marie-Hélène. O amor no tempo do “todo mundo dorme com todo mundo”. In: ANTELO, M. (Org.). **Mulheres de hoje: figuras do feminino no discurso analítico**. Petrópolis: KBR, 1 ed. Digital, 2012.
- _____. Uma dificuldade na análise de mulheres: a devastação da relação com a mãe. In: MILLER, J. (Org). **Ornicar?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.
- CARPINEJAR, F. **Por que você não arruma namorado?** Carpinejar. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<http://carpinejar.blogspot.com.br/2013/04/por-que-voce-nao-arruma-namorado.html>> Acesso em: 24 out. 2014.
- COELHO DOS SANTOS, T. Do supereu sujeitoado à lei simbólica e a normatividade social dos corpos falantes. In: COELHO DOS SANTOS, T.; SANTIAGO, J. E MARTELLO, A. (Org.). **Os corpos falantes e a normatividade do supersocial**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2014, p. 27-63.
- _____. A anatomia é um destino para os que acreditam na natureza. In: VI ENCONTRO AMERICANO DE PSICANÁLISE DA ORIENTAÇÃO LACANIANA E XVIII ENCONTRO INTERNACIONAL DO CAMPO FREUDIANO, 2013, Buenos Aires. **Textos**. Buenos Aires, 2013. Disponível em <www.enapol.com>. Acesso em: 02 dez. 2014.
- _____. I can't get no satisfaction: a insatisfação das mulheres na nova ordem simbólica. **Curinga**, Belo Horizonte, v. 34, p. 165-177, 2012.
- _____. Lá onde o inconsciente falassério, o real morre de rir. **Opção Lacaniana**, v.558, p. 141-159, 2010.
- _____. Não existe pecado do lado de baixo do equador? **Cadernos de Psicanálise**, Rio de Janeiro. v. 35, p.121-142, 2009.
- _____. Sobre a clínica da psicanálise de orientação lacaniana: dos impasses da sexuação à invenção do parceiro-sinthoma. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XII, n. 1, p. 9-26, jan.jun. 2009a.

_____. *Sinthoma: a arte de encarnar e sublimar o próprio sexo*. In: JORGE, Marco Antônio Coutinho; LIMA, Márcia Mello de. (Org.). **Saber fazer com o real: diálogos entre psicanálise e arte**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2009b, p.373-381.

_____. *Finais de análise: sexuação e invenção*. **Tempo Psicanalítico**, v. 40, p. 105-120, 2008.

_____. *Entre tapas e beijos: a vacilação dos semblantes da diferença sexual*. **Latusa**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 201-213, 2008a.

_____. *Do desejo do analista ao analista parceiro-sinthoma*. **Curinga**, Belo Horizonte, v. 27, p. 51-56, 2008b.

_____. *Sobre os princípios da psicopatologia psicanalítica: sexuação e invenção*. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 11, p. 55-68, 2008c.

_____. *1968: a vacilação generalizada dos papéis sociais*. In: SOUBBOTINIK, Olga Maria de Souza; SOUBBOTINIK, Michael (Org.). **Enlaces, psicanálise e conexões**. Vitória: Programa de Pós-graduação em Letras e História da UFES, 2008d, v. 1, p. 313-327.

_____. *O real em cacos: os objetos *a* na experiência analítica*. **Revista de Psicologia Plural**, v. XVI, p. 121-133, 2007.

_____. **Sinthoma: corpo e laço social**. Rio de Janeiro: Editora Sephora/UFRJ, 2006a.

_____.; ZUCCHI, M. A. *O fantasma e o real: sobre a desigualdade entre os sexos*. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 18, p. 109-125, 2006.

_____.; AZEREDO, Fábio André Moraes. *Um tipo excepcional de caráter*. **Psychê**, São Paulo, ano IX, n.16, p. 77-95, jul. dez. 2005.

_____. *A redução da lei à norma: efeitos sobre a singularidade dos corpos*. In: **aSEPHallus**, ano 1, n. 1. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, nov. 2005-abr 2006. Disponível em <www.isepol.com/asephallus/numero_01/editorial.htm>. Acesso em: 14 jan. 2015.

_____. **Quem precisa de análise hoje?: o discurso analítico: novos sintomas e novos laços sociais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

FAMÍLIA É FAMÍLIA (Série Documental) Ep. 13 – Irmão de todo jeito. Produção de João Jardim. GNT, 19/11/2014.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a histeria [1893]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. II, p. 13-308.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade [1905]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII, p. 129-237.

_____. Fragmento da análise de um caso de histeria [1905 [1901]]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1972, v. VII, p. 5-128.

_____. Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I) [1910] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. XI, p. 149-162.

_____. Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) [1912] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. XI, p. 163-178.

_____. Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálise I). [1913] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. 1. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1969, p. 169, v. XII, p. 164-192.

_____. Um caso de paranoia que contraria a teoria psicanalítica da doença [1915]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 297-310.

_____. Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico [1916]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIV, p. 351-380.

_____. O tabu da virgindade (Contribuições à psicologia do amor III) [1918 [1917]] In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1970, v. XI, p. 179-196.

_____. ‘Uma criança é espancada’: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais [1919]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVII, p. 225-258.

_____. A psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher [1920]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XVIII, p. 185-216.

_____. O ego e o id [1923]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX, p. 23-90.

_____. A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade [1923a]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XIX, p. 179-188.

_____. Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos [1925]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX, p. 303-322.

_____. A questão da análise leiga [1926]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XX, p. 211-300.

_____. Sexualidade feminina [1931]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI, p. 259-282.

_____. Conferência XXXIII: Feminilidade. [1932]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XXII, p. 139-166.

_____. Análise terminável e interminável [1937]. In: SALOMÃO, Jayme (Dir.). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1975, v. XXIII, p. 247-290.

GAY, Peter. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

INSTITUTO SEPHORA DE ENSINO E PESQUISA DE ORIENTAÇÃO LACANIANA (ISEPOL). Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.isepol.com/>. Acesso em: 13/12/2014.

JONES, Ernest. **A vida e a obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1989.

JOURNÉES DE L'ÉCOLE DE LA CAUSE FREUDIENNE, 44, 2014, França. **Être mère?: Fantasmata de maternité en psychanalyse**. França: ECF, 2014. Disponível em: <http://www.journeesecf.fr/etre-mere/>. Acesso em: 05 nov. 2014.

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem [1953]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 238-324, 1988.

_____. **O Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud [1953-1954]**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1986.

_____. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise** [1954-1955]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. **O Seminário, livro 3: as psicoses** [1955-1956]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1988.

_____. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto** [1956-1957]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

_____. Subversão do sujeito e dialética do desejo [1957]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 807-842, 1988.

_____. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente** [1957-1958]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

_____. A significação do falo [1958]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 692-703, 1988

_____. Diretrizes para um Congresso sobre a sexualidade feminina [1958a]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 734-748, 1988.

_____. **O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise** [1959-1960]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

_____. **O Seminário, livro 8: a transferência** [1960-1961]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. **O Seminário, livro 10: a angústia** [1962-1963]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** [1964]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. A ciência e a verdade [1965-1966]. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 869-892, 1988.

_____. Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. [1967]. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 248-264, 2003.

_____. **O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro** [1968-1969]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

_____. Duas notas sobre a criança [1969]. **Ornicar?** Revista do Campo Freudiano, nº37, abril-junho 1986, p. 13-14.

_____. **O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise** [1969-1970]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1992.

_____. **O Seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante** [1971]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

_____. **O Seminário, livro 19: ...ou pior** [1971-1972]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2012.

_____. **O Seminário, livro 20: mais, ainda** [1972-1973]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. **O Seminário, livro 22: RSI** [1974-1975). Trabalho inédito.

_____. **O Seminário, livro 23: o sintoma** [1975-1976]. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **O Seminário, livro 27: a dissolução** [1980]. Trabalho inédito.

LAURENT, Dominique. Desidentificação de uma mulher. **Opção lacaniana**, n. 29, dez. 2000.

_____. Desidentificação de uma mulher (adendo ao texto publicado em Opção Lacaniana n. 29). **Opção lacaniana**, n. 30, abr.2001.

_____. Des souris et des femmes. **La Cause freudienne**, Nouvelle revue de psychanalyse, n. 70, 2008.

_____. O sujeito e seus parceiros libidinais. In: **aSEPHallus**, ano 1, n. 2. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, mai-out. 2006. Disponível em <www.isepol.com/asephallus/numero_02/traducao.htm>. Acesso em: 22 nov. 2014.

MILLER, Jacques-Alain. Casamento homossexual: esquecer a natureza. **Opção Lacaniana**, ano 4, n. 10, 2013.

_____. **El partenaire-síntoma**. Buenos Aires: Paidós, 2011.

_____. O passe do falasser. **Opção Lacaniana**, n. 58, p. 31-42, out. 2010, p. 32.

_____. **Conferencias porteñas**: tomo I Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010a.

_____. **Conferencias porteñas**: tomo II Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010b.

_____. **Conferencias porteñas**: tomo III Desde Lacan. Buenos Aires: Paidós, 2010c.

_____. Entrevista. In: **Psychologies Magazine**, nº278, out. 2008.

_____. El Otro que no existe y sus comités de ética. **Seminário em colaboración con Eric Laurent**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

_____. Uma partilha sexual. **Clique**: Revista dos Institutos Brasileiros do Campo Freudiano. O sexo e seus furos, n. 1. Belo Horizonte: 2003.

_____. A teoria do parceiro. [1996-1997]. In: Escola Brasileira de Psicanálise (Org.). **Os circuitos do desejo na vida e na análise**. Rio de Janeiro: ContraCapa, 2000.

_____. O osso de uma análise. In: **Seminário do VIII Encontro Brasileiro do Campo Freudiano e II Congresso da Escola Brasileira de Psicanálise**. Bahia: Revista da Escola Brasileira de Psicanálise, 17 a 21 de abril de 1998.

_____. **Percorso de Lacan**: uma introdução. Rio de Janeiro: Zahar, 1988a.

MILLER, Judith. Um novo sintoma da mulher? In: ANTELO, M. (Org.). **Mulheres de hoje: figuras do feminino no discurso analítico**. Petrópolis: KBR, 1 ed. Digital, 2012.

PESSOA, Júlia. ‘Filhos? Melhor não tê-los!’. **Tribuna de Minas**, Juiz de Fora, 21 set. 2014. Disponível em <<http://www.tribunademinas.com.br/filhos-melhor-nao-te-los>>. Acesso em: 21 set. 2014.

QUEIROZ DE PAULA, Fernanda Oliveira. **Da castração como rochedo freudiano à vertente feminina da sexuação lacaniana**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGTP, 2013.

SUÁREZ, Esthela Solano. As mulheres e suas paixões. In: **aSEPHallus**, n. 3. Revista digital do Núcleo Sephora de pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo, 2006. Disponível em <www.isepol.com/asephallus/numero_03/artigo_01port_edicao03.htm>. Acesso em: 12 out. 2014.

VELOSO, C.; NASCIMENTO, M. Paula e Bebeto. Intérprete: Milton Nascimento. In: NASCIMENTO, M. **Native dancer**. Colúmbia (Estados Unidos): EMI/Odeon, 1975.